Salvador Borrego E.

Perfil Biográfico, Pintor, Soldado e Führer

Salvador Borrego E.

Perfil Biográfico, Pintor, Soldado, Führer

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Torreón, Coah. 24-X-05

Mui estimado amigo Sr. Salvador Borrego:

Ontem à noite terminei de ler a cópia de seu livro, que monopolizou minha atenção durante 4 dias. É sumamente original; apresenta centenas de dados (muito bem classificados) acerca de Hitler e da Guerra, com numerosas testemunhas de acusação e muito poucas de defesa. Também há promotores e juízes, mas Hitler não tem advogados de defesa, nem sequer o dativo. O senhor deixa que ele se defenda sozinho.

No entanto — e me perdoe —, sinto-me obrigado a pedir-lhe que me libere do encargo de fazer-lhe um prólogo. Na Europa já existe, embora arbitrariamente, o "crime de opinião". Temo que no México ele seja implantado em breve. Ligado de certa forma a seu livro, isso me traria dificuldades, mesmo entre pessoas que não divirjam de nossas ideias.

Desejo vivamente que o senhor não tenha dificuldades com essa nova contribuição à História. Desejo isso de todo o coração. Compreenda-me e continue considerando-me seu amigo, que o estima e lhe deseja todo o bem.

P.S. — Parece-me que a alusão que o senhor faz às ferrovias mexicanas no cap. IV está fora do tema.

(Por razões óbvias, omite-se o nome e o endereço do remetente).

Sumário

Capítulo I.....7
120.000 Escritos sobre uma mesma pessoa... POR QUÊ?.....7
Muitos escrevem porque querem ler.....7
Método barato de falsa investigação.....9
“Definições simples não são suficientes.....10
Inapropriado para ser chefe de estado.....12
Burleigh anuncia uma “Assombrosa Investigação”.....13
“POR QUÊ? Por quê?” Pergunta-se Kershaw.....15
Certo Processo Viciado de Origem.....18
Capítulo II.....23
“De onde ele saiu?”.....23
Da Infância até a Árvore Genealógica.....24
Uma Flor que para ela não significava nada.....30
5 Anos de Miséria e de Calamidade.....33
Viradas do Destino: PINTOR, NÃO! SOLDADO!.....35
Capítulo III.....43
A Guerra ia mal, e na Retaguarda surgem os “Sovietes” (1918 - 1933).....43
Rumo a uma Ditadura Marxista-Leninista.....43
O Exército fazia Investigações.....45
Como se origina o “Antissemitismo”?.....48
Voltar a Começar, mas sem Direito a Falar.....50
A ROTA AO PODER CONTINUAVA BLOQUEADA.....51
Recursos da Propaganda.....54
Capítulo IV.....56
Em 8 meses, Criação de 2 milhões e 250 mil novos empregos (1933).....56
Economia a Serviço do Povo, Não ao Contrário.....56
Unificar Esforços com uma meta comum.....59
União de Classes Sociais para Alcançar um mesmo fim.....60
Reconciliação com Direitos Iguais.....61
Economia e Moral devem-se complementar.....61
Boa Nóticia no dia 14 de Outubro.....66
Como um Historiador atual vê isso.....67
Nem tomar Empréstimos nem fazer desvalorizações.....70
Capítulo V.....75
Vasto Ressurgimento, mas depois um sismo ameçou arratar tudo (1934).....75
Conquistas a apenas um ano de distânciaONQUISTAS A APENAS UM ANO DE DISTÂNCIA.....75
Ao Mesmo Tempo, Uma Ameaça Mortal.....77
O Triunfo da Vontade.....82
Capítulo VI.....84
ALEMANHA, AINDA DESARMADA, FAZ UM APELO PELO DESARMAMENTO GERAL (1935).....84
O SARRE VOLTA AO SEIO DA ALEMANHA.....84
A Economia Liberal e a Nacional-Socialista.....86
Exortação a um Desarmamento Geral.....88
Podem ter rido em Londres e Washington.....93
Capítulo VII.....95
Alguns Biógrafos insultam, se contradizem e confundem o Leitor (1936).....95
CONFERIR COM LUPA OS BIÓGRAFOS.....95
Outro Tema de Contradições.....98
Soldados Alemães em Solo Alemão.....101

"PONTE AÉREA" Para ajudar a Espanha....103
As Olimpíadas de Berlim e a Inevitável Propaganda....104
Capítulo VIII....107
Áustria e os Sudetos se Incorporam à Alemanha (1937 – 1938)....107
Exposição sobre a Alemanha e a Europa....107
O Religioso como Elemento de Propaganda....109
Atividades Diplomáticas e Início do Rearmamento....110
Já Existia um Cerco e não era Nada Amistoso....111
Agrava-se em 1938 a Crise da Áustria....113
Nos Sudetos: POR QUE NÓS NÃO?....117
Capítulo IX....123
O Poder da Imprensa Empurra para a Guerra (1939)....123
Dois Efeitos da "Noite de Cristal"....123
"Sem a Propaganda Judaica haverá Compreensão Mútua"....124
Reclamações de Roosevelt a Hitler....125
Minas-Relógio deixadas na Polônia desde 1920....129
Hitler fala do Ódio contra a Alemanha....132
Se Rejeitam a Paz o que se deve fazer?....133
Atritos com o ESTADO-MAIOR GENERAL....134
Capítulo X....137
O que o Kaiser não conseguiu em 4 anos "O Cabo" conseguiu em 42 dias (1940)....137
Um País, Sozinho, Não faz uma "Guerra Mundial"....137
7 Meses só de Guerra Teórica....138
Grandes Preparativos nos dois Bandos....139
Terror sobre a População Civil....144
Turnê de Hitler, mas sem Resultados....145
Delicadíssimo Tema Histórico....149
Luta entre Dois Mundos....153
Capítulo XI....156
Em sua Verdadeira Meta (1941)....156
A Cabeça do Império Moscovita....156
Hitler teve muitos Problemas Imprevistos....157
Na Rússia seria uma Guerra Muito Diferente....159
O Dia 22 de Junho Iluminou-se de Fogo....160
Prejudicial Mudança no Plano Barbarossa....162
Como Hitler vivia em seu Quartel-General....164
4,5 Milhões de Baixas Soviéticas....167
Roosevelt, Preocupado com o Destino de Stalin....171
Hitler comenta a Guerra de Roosevelt....172
"Ordem do dia ao Exército"....172
Os Soviéticos Afirmam: "Leningrado era a Chave"....173
Capítulo XII....177
"O Minuto Perdido, nem a Eternidade o Devolve" (1942)....177
Os "Ouriços" Lutam e Conseguem Sobreviver....177
A Wehrmacht volta a Atacar....179
Restabelecimento de seu Plano Barbarossa....180
Atritos com os Estados-Maiores....181
Poucos Momentos de Vida Pessoal....184
A Esperança nas Armas Secretas....185
Preocupação nos Dois Lados....187
Anotou Segredos e Fugiu para Entregá-los ao Inimigo....187
Ideias que Repetia com Frequência....189

Melhorias nos Novos Tanques....190
Capítulo XIII....192
Só Armas fora do Comum seriam Decisivas (1943)....192
Mais um mês de Agonia para o 6º Exército....192
Arsenais de Stalin nos Estados Unidos....195
Seu lado Artístico voltou a Traí-lo....196
Onde era Possível matar Alemães....199
Em Números, a Derrota Alemã já era Vísivel....202
Assim, toda Façanha se torna Fácil....206
Três Forças do Mundo, Unidas....207
Discussões com Vários de seus Generais....209
Avaliações Estranhas dos Biógrafos....210
Capítulo XIV....212
“Retomaremos a Ofensiva e o Sol voltará a Brilhar” (1944)....212
“Ponto Crítico durante este Ano”....212
Hitler mostrava-se seguro do Triunfo....214
Três Frentes, e outro já ameaçava....215
A Invasão, Oportunidade para um Grande Triunfo....216
Apesar de Tudo, a Invasão podia ser Repelida....218
Merecedores de um Imenso Monumento....219
A Frente Ocidental foi Restabelecida....221
O Inglês quis vencer sozinho e não conseguiu....222
O Grave Atraso das Novas Armas....223
Um por um não seria problema....224
Situação muito crítica; Onde estava a Falha?....225
Capítulo XV....229
Cinco neses ainda Lutando contra o Destino (De janeiro a abril) (1945)....229
Frederico, O Grande, e a Força de Vontade....229
Seguindo os Passos de Frederico “O Grande”....231
Stalin consolida sua “Democracia”....234
A Polônia chora sob os Sovietes....237
Algumas Notícias ainda eram Favoráveis....238
Churchill visita Cidades em Ruínas....241
Sem avisar, Eva Braun chega à Chancelaria....243
“O 12º Exército já não existe”....246
O Testamento Pessoal....249
Do Testamento sobre Política....250
Despedida às Forças Armadas....252
Capítulo XVI....254
Desnazificação (1945–2006)....254
Cadáveres Nazistas não recebem Sepultura....254
O que significa a Rendição Incondicional?....256
Desnazificação em Âmbito Internacional....257
Leituras Adicionais....260
Bibliografia....261

Capítulo I

120.000 Escritos sobre uma mesma pessoa... POR QUÊ?

Muitos escrevem porque querem ler

Em fevereiro do ano atual (2005), Michael Burleigh apresentou sua obra “O Terceiro Reich” e diz que apenas um de seus capítulos se baseou na consulta de 55.000 títulos. Outro biógrafo, **Ian Kershaw**, publicou em 1998 seu livro “Hitler” e afirma que “o material escrito sobre o mesmo tema chega a 120.000 trabalhos”. No entanto, adverte que só há “um punhado de biografias que sejam completas e sérias e que alcancem nível acadêmico.” Além do que foi escrito, há centenas de filmes encenados e talvez milhares de “documentários” mais ou menos manipulados. Nada parecido ocorre com os “Três Grandes”, Churchill, Roosevelt e Stalin, embora tenham sido os vitoriosos. Esse fenômeno contraditório não foi esclarecido pelos milhares de historiadores e cientistas políticos que abordaram o tema. Por que se fala tanto de Hitler? Talvez porque o público o peça. Talvez porque não lhe tenham dito toda a verdade. Talvez porque persistam contradições e porque a propaganda — que estava justificada na guerra — já não o está durante a paz.

Uma das características de tantos biógrafos é que todos buscam um novo ângulo contra Hitler, sem que os 60 anos transcorridos desde sua morte lhes deem maior dose de objetividade histórica.

LIDDELL HART. O caso deste historiador oficial inglês é insólito, pois tão logo se desvinculou o último tiro da Segunda Guerra Mundial, transferiu-se para a Alemanha a fim de investigar o ocorrido no campo inimigo, e escreveu dois volumes sobre Hitler e a guerra, com um total de 804 páginas. A princípio chamou-os, em inglês, “The Other Side of the Hill” (Do Outro Lado da Colina).

O capitão Liddell Hart havia almejado, naturalmente, o triunfo da Inglaterra. No entanto, e apesar de ainda haver um ambiente de paixões populares, teve suficiente objetividade para consignar que Hitler não quisera a guerra com a Grã-Bretanha; que seu objetivo era liquidar "a ameaça comunista da URSS"; que os prisioneiros aliados foram bem tratados e que os exércitos britânicos derrotados em 1940 puderam escapar de Dunquerque devido ao fato de Hitler os ter deixado escapar, com a esperança de que a Inglaterra aceitasse fazer a paz.

Hart escreve: "Todos os desastres do Exército alemão foram atribuídos a Hitler, e todos os seus êxitos foram creditados ao seu Estado-Maior General. Esse ponto de vista não é correto, embora haja algo de verdade nele. Hitler esteve muito longe de ser um estrategista estudado. Antes, foi um homem muito brilhante, e padeceu das falhas naturais que acompanham o brilhantismo. "Tinha um profundo e sutil senso da surpresa, e era um mestre no aspecto psicológico da estratégia, o qual desenvolveu grandemente. Muito antes da guerra, havia descrito a seus associados como seria executada a captura da Noruega, e como os franceses poderiam ser manobrados para fora da Linha Maginot."[1]

"A intuição estratégica de Hitler — diz Hart — e o cálculo estratégico do Estado-Maior General eram uma combinação que poderia ter conquistado tudo. Em vez disso, produziram um cisma suicida que veio a ser a salvação de seus inimigos." (pág. 14).

Este historiador militar britânico considera que a Alemanha esteve, em várias ocasiões, a ponto de ganhar a guerra. Refere que "Hitler foi o primeiro a chegar à conclusão de que a Normandia era o lugar mais provável para a invasão aliada... É mais estranho que os generais alemães não tenham feito a dedução correta como Hitler a fez. Neste caso, não era questão de intuição, mas de uma dedução razoável." (págs. 372, 373).

1 "Os Generais Alemães Falam". (Edição em espanhol, pág. 13, de "The Other Side of the Hill.")

Método barato de falsa investigação

Outro historiador, **Walter Goerlitz**, muito minucioso, também investigou conscienciosamente assim que a guerra terminou, e diz o seguinte: “Escrever história significa, como a própria palavra já expressa, averiguar o que aconteceu... A investigação e a descrição das relações íntimas entre os acontecimentos pressupõem uma forte inclinação à objetividade e à veracidade, ainda que o homem dificilmente possa chegar a conhecer a verdade absoluta. Existe nessa atividade um método barato de falsas investigações históricas que avilta a história e a transforma em um campo de caça a criminosos e culpados.”[2] Com efeito, depois de sete anos do término da guerra, já existiam várias centenas de obras que tratavam de Hitler e das operações militares e que seguiam o “método barato” ao qual Goerlitz se referia.

Outro historiador, **Werner Maser**, precisou que em 1960 (15 anos depois da guerra) já existiam no mercado 50.000 títulos importantes sobre Hitler e a Segunda Guerra. Não obstante, Maser considerava que as inúmeras fontes consultadas não eram “suficientes para cobrir todas as lacunas. Muitos documentos relacionados com Hitler eram considerados perdidos ou inacessíveis, em arquivos dos vencidos.” De qualquer modo, “apaziguados os temores de represálias desnazificadoras, foram aparecendo novas fontes. Camaradas de guerra, amigos e inimigos, e parentes, foram colocando toda sorte de documentos à disposição dos pesquisadores... No celeiro da casa de uma prima de Hitler encontrou-se parte dos documentos que os historiadores e biógrafos haviam buscado em vão durante muitos anos. Pela primeira vez foi possível estudar grande quantidade de cartas e notas manuscritas de Hitler, além de numerosos desenhos que eram dados como perdidos... Chegou-se a localizar o registro feito pelo sacerdote católico Ignaz Prost, que o batizou *dois dias depois* de seu nascimento.”[3]

---

2 O Estado-Maior Alemão. W. Goerlitz. Pág. 7.- Edit. AHR. Barcelona 1954.

3 “Hitler”.- Werner Maser. Edições Acervo. Barcelona, 1971.

“Definições simples não são suficientes

Recentemente, no ano passado, 2004, a historiadora suíça **Marlis Steinert** deu a público seu livro “Hitler e o Universo Hitleriano”, de 708 páginas. Diz que sua obra só foi possível “depois de manter prolongadas discussões com historiadores especializados, além de ter contado com a ajuda do Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais de Genebra.” Comenta que é um desafio apresentar uma nova biografia de um fenômeno tão complexo como Hitler, pois a Biblioteca Britânica e a do Congresso já contavam com numerosos títulos concernentes ao Führer, obras de eminentes autores. Em 2004, o especialista Pierre Aycobarry disse que um único leitor, que dedicasse toda a sua vida a ler esse material, não terminaria de fazê-lo.

Marlis refere que decidiu escrever sobre esse tema ao ver a disparidade entre uma aparência insignificante (Hitler) e as consequências que produziu. Outra razão: “que Hitler, depois de ter sido considerado durante muito tempo como um demônio, perde-se cada vez mais nas sombras, transformando-se ora numa espécie de personagem fictício, ora em objeto de fascinação e até em uma emanação da sociedade de seu tempo. E por uma terceira razão: porque Hitler não é uma ficção. Não é nem um super-homem nem um psicopata, mas um ser de carne e osso que eu, como historiadora, desejaria reconstruir.” Depois acrescenta — para precisar qual é sua posição — que tratar desse tema “é necessário, a despeito da repugnância que se possa experimentar ao ‘ressuscitar’ uma força que destruiu Nero e Calígula como os maiores criminosos da história.” No entanto, reflete que “uma definição tão simples não deixa muitos satisfeitos.” Outra razão que Marlis teve para fazer tal biografia é que “continuam aparecendo novas fontes que permitem ampliar nossos conhecimentos e acrescentar novas facetas... Entre tantos historiadores, quem se aproxima da verdade?”

Esta historiadora suíça recorreu ao freudismo para remexer em possíveis transtornos psíquicos ou nervosos do menino Hitler. Sofria do complexo de Édipo, já que amava muito sua mãe e chorou

prolongadamente no dia de sua morte? Transferiu à Alemanha o complexo de Édipo?... Gostava dos pastéis e dos chocolates porque seu padrasto o deixou no peito por tempo demais? O amor materno lhe gerou sentimentos de onipotência? Os psicanalistas Erikson, Freud, Alice Miller e Erich Fromm foram levados em conta pela historiadora, mas ela concluiu que "essas divagações vão se esfumando por falta de base... Isso é dificilmente utilizável para o historiador porque se baseia em presunções muito questionáveis."[4]

Marlis Steinert chega às seguintes conclusões: que, a partir da conferência de Munique, em 1938, os alemães começaram a se enganar por ter sido evitada a guerra e porque Hitler já havia conseguido fazer da Alemanha uma grande potência. Que é de se duvidar que Hitler realmente amasse seu povo, pois alimentava sentimentos hostis contra a aristocracia e a alta burguesia, a quem acusava de serem materialistas ou oportunistas. Que certamente incentivava a inclinação dos humildes e se sentia à vontade entre eles. Que suas relações com os militares eram ambíguas e se tornaram hostis a partir do momento em que tentaram matá-lo em julho de 1944. Que não dava a devida participação às mulheres na vida do país, salvo raras exceções. E que, finalmente, "Hitler foi o produto das convulsões e das frustrações da história austro-alemã, da história de um povo ao qual custava integrar-se."

No entanto, vê-se que tudo isso não basta a muitos outros historiadores, pois continuam remexendo no tema.

Inapropriado para ser chefe de estado

O estadunidense **William L. Shirer** publicou em 1962 "Ascensão e Queda do III Reich". Dois tomos com um total de 1.278 páginas. Shirer foi correspondente da Columbia Broadcasting na Alemanha, até 1941, e se distinguiu por suas críticas ao nacional-socialismo. Em seu livro, diz que, "tendo em conta suas origens e a primeira parte de sua vida, Hitler era a

4 Hitler e o Universo Hitleriano. Pág. 22 e 23. M. Steinert; Editorial Vergara, 2004. Barcelona.

pessoa mais inadequada para ser chefe de Estado.” Shirer dedica numerosas páginas à história da Alemanha no século XIX e a todos os incidentes que se entrelaçaram no século XX até que Hitler chegou ao poder. Alguns aspectos ele analisa em detalhe, enquanto deixa de lado outros relacionados com a recuperação da Alemanha sob o nacional-socialismo.

Num traço de objetividade, consigna nomes de militares e funcionários alemães que passavam importantes segredos aos inimigos da Alemanha, com vistas a que ela fosse derrotada. Diz que “Hassell, com notável valor pessoal, transferiu-se para Arosa (Suíça), em 21 de fevereiro de 1940, para entrar em contato com um inglês chamado ‘Mr. X’, que era L. Lonsdale Bryans.” (Ulrich von Hassell era diplomata, supostamente adepto de Hitler, mas se entendia com o inimigo). Shirer menciona também Hans von Dohnanyi, o coronel Oster, o general Beck, Goerdeler e outros que faziam parte de um grupo que atuou contra a Alemanha, tanto antes da guerra como durante os anos de triunfos. Diversos historiadores saltam essa fase da guerra. Em outras passagens, Shirer já não é tão objetivo, pois julga “selvagem” a conduta do Exército alemão na campanha contra a URSS, ao passo que dá tratamento diferente à do Exército Vermelho na Alemanha. Com respeito a Hitler, concretamente, o resumo é que foi um mau estudante; que desconhecia a ciência econômica; que não tinha preparo nem como tático nem como estrategista militar; que carecia de realismo em questões políticas, e que foi um criminoso em tempos de paz e ainda mais durante a guerra.[5]

Burleigh anuncia uma “Assombrosa Investigação”

O livro intitulado “O Terceiro Reich”, do historiador **Michael Burleigh**, foi apresentado em fevereiro do atual 2005 por “The Sunday Times” como “assombrosa investigação que o deixará sem fôlego. Mais profunda que qualquer outra obra é o produto de um verdadeiro gênio.”

5 Ascensão e Queda do Terceiro Reich. W. Shirer. Caralt. Barcelona, 1962.

Burleigh foi pesquisador das universidades de Oxford e Cardiff, e oferece uma "visão radicalmente nova do Terceiro Reich" em seu livro de 916 páginas. "Aborda-se nele — diz — o colapso moral progressivo e quase total de uma sociedade industrial avançada, muitos de cujos cidadãos abandonaram a responsabilidade de pensar por si mesmos."[6] "Como disse o filósofo Eric Voegelin, uma turba malvada investiu contra a caridade, a razão e o ceticismo, depositando sua fé no personagem, em todos os demais aspectos ridículo, de Hitler."

A investigação "assombrosa" de Burleigh consiste em sua afirmação de que o nacional-socialismo tinha uma veia de religiosidade. Faz notar que Hitler pedia aos seus obediência cega e fanatismo, "tudo o que admirava na Igreja Católica como virtudes exemplares". Como base de sua "investigação assombrosa", Burleigh cita as seguintes palavras de Hitler: "Eu lhes garanto. Também nós colocaremos a fé em primeiro lugar, e não o conhecimento. Temos de ser capazes de crer em uma coisa. Só a fé cria um Estado. O que leva as pessoas ao combate e a morrer por ideias religiosas? Não o conhecimento, mas a fé cega." (pág. 130).

O diagnóstico de Michael Burleigh, de que o nazismo era uma política religiosa, já havia sido aplicado pelo historiador e filósofo francês Gustave Le Bon ao movimento comunista. Na década dos anos 30 — dizia —, o marxismo era uma pseudorreligião. A imensa maioria de seus seguidores não havia lido "O Capital" de Marx; não entendia as dissertações sobre a "mais-valia" nem as elucubrações de "tese-antítese e síntese". No entanto, eram comunistas virulentos e se baseavam em dogmas, dizendo que mudariam o destino do mundo com sua Revolução Mundial. Marx era o profeta. Lenin, Stalin, Kamenev etc. eram os evangelistas.

Le Bon dizia: "Não é com a razão que se edificam as criações capazes de comover o mundo. A lógica racional constitui a ciência, mas exerce apenas uma influência débil na gênese da história."[7] Burleigh aplica ao nacional-socialismo (embora não o diga) o mesmo diagnóstico que Le Bon fazia do marxismo. Mas há a grande diferença de que o marxismo se

6 El Tercer Reich. M. Burleigh. Taurus historia. México, janeiro de 2005.
7 Ayer y Mañana. Pág. 30 e 31. Le Bon. Edit. Aguilar. Madrid, 1933.

impôs aos russos pela força, e o nacional-socialismo, não. Outra diferença é que o comunismo ocasionou mais pobreza na URSS do que havia antes, enquanto o nacional-socialismo tirou a Alemanha da miséria. Por outro lado, Burleigh não considerou, no início de 2005, que o tema de Hitler estivesse esgotado, apesar de tudo o que havia sido escrito por "uma comunidade internacional de historiadores sociais, políticos, militares, intelectuais da economia e da diplomacia, cujo trabalho, minucioso e sintético, merece enorme respeito. Se meu livro levar outros a explorar alguns de seus temas com maior detalhe, terei alcançado um de meus objetivos." Além disso, afirma que já existem 55.000 títulos referentes a Hitler e à Segunda Guerra Mundial. Na última página de seu livro, faz um "balanço" e diz que Hitler e seus seguidores "negaram a negação de tudo o que é digno no ser humano."

"POR QUÊ? Por quê?" Pergunta-se Kershaw

Ian Kershaw, professor de história moderna na Universidade de Sheffield, Inglaterra, foi assessor da série da BBC sobre o nazismo e ganhou o prêmio BAFTA de 1998. Recentemente publicou seu livro intitulado "Hitler", em dois tomos que totalizam 1.450 páginas, com a ajuda de sete especialistas no tema. Kershaw diz que, em um período de 38 anos, até 1983, foram publicados 120.000 títulos sobre Hitler. E, segundo o especialista Guido Knopp, até 1995 haviam sido publicados 120.000 trabalhos sobre o mesmo tema em livros, revistas e jornais. Além disso, foram produzidos dois ou mais filmes por ano e, nas escolas de diversos países, deixaram-se tarefas sobre o assunto a mais de 800 milhões de jovens.

Isso é um fato, mas — pergunta-se Ian Kershaw — por que esse interesse por Hitler durante tanto tempo? Com efeito, por quê, se perdeu a guerra? Kershaw faz a seguinte reflexão: "Foi o século de Hitler? Não houve, é claro, outro indivíduo que tenha deixado uma marca mais profunda. Outros ditadores (Mussolini, Stalin e Mao sobretudo)

empreenderam também guerras de conquista, submeteram povos ao seu jugo, presidiram a perpetração de crueldades sem limites e gravaram sua marca indelével no caráter do século XX. Mas não houve nenhum deles cujo governo tenha afetado a consciência dos indivíduos fora de seus próprios países, em todo o mundo, como o fez o de Adolf Hitler. "Roosevelt, Churchill, Kennedy e, em data mais recente, Nelson Mandela ocupariam um lugar proeminente na lista das personalidades desse tipo. Mas a marca de Hitler no século XX foi mais profunda que a de todos eles." Antes de seguir adiante, convém esclarecer que Kershaw é decididamente anti-hitleriano e antinazista, como ele precisa em centenas de páginas, principalmente no que se refere ao tema do holocausto.

"Hitler — diz Kershaw — atuou em uma sociedade de um país moderno, culto, tecnicamente avançado... **O como e o porquê** de essa sociedade poder acabar galvanizada por Hitler requer uma análise detida, ainda mais porque suas ideias e seus planos haviam sido proclamados publicamente (por ele) quase oito anos antes de se tornar chanceler do Reich... Por que, sem os antecedentes proporcionados pelos altos cargos, sem nenhuma experiência de governo antes de se tornar chanceler, pôde, no entanto, chegar a ter uma repercussão histórica tão imensa, pôde fazer o mundo inteiro prender a respiração?... Por que era capaz de impressionar não só — como se poderia supor — sua corte de bajuladores, mas também diplomatas e estadistas frios, calejados e críticos, pela rapidez com que se inteirava dos problemas? Seu talento retórico era reconhecido, é claro, até por seus inimigos políticos... É possível que um Estado como a Alemanha nacional-socialista pudesse ter sido criado sem Hitler? Hitler não era intercambiável... O poder personalizado que exerceu levou até mesmo indivíduos agudos e inteligentes, eclesiásticos, intelectuais, diplomatas estrangeiros, visitantes ilustres, a se deixarem impressionar por ele."

Kershaw insiste que não é simpatizante de Hitler. Nem política nem ideologicamente poderia sê-lo. "Um possível perigo inerente a qualquer enfoque biográfico — diz — é que exige um nível de empatia com o sujeito, que pode facilmente deslizar para a simpatia, e talvez até para a admiração parcial ou oculta. As páginas que se seguem devem dar

testemunho de que esse risco foi evitado.” E coincide com a opinião do historiador Wolfgang Sauer, que diz: “No nazismo, o historiador se defronta com um fenômeno que não deixa outra via senão a da rejeição. Não há literalmente nenhuma voz digna de consideração que discorde dessa questão.” Ian Kershaw relata que até 1989 se deixou convencer a escrever a biografia do Führer. A princípio parecia-lhe muito difícil buscar verdades entre os múltiplos e acalorados debates historiográficos. Deixou Rauschning de lado por sua “pouca autenticidade”.

“Há diferenças abismais de interpretação entre os principais historiadores quanto ao papel de Hitler no sistema de governo nazista — diz Kershaw —. Este foi um estímulo que me levou a mergulhar muito mais nos diferentes enfoques. Outro motivo foi: como Hitler conseguiu ampliar seu poder até torná-lo absoluto, de tal forma que até os marechais de campo estiveram dispostos a obedecer sem vacilar às ordens de um antigo cabo?” Admite que Hitler estava “interessado na mobilidade social, em melhorias habitacionais para os trabalhadores, na modernização da indústria, na criação de um sistema de seguridade social alemão melhor, mais atualizado, menos classista.” Mas acrescenta que não está de acordo em retratar Hitler como um reformador social em um período de grave crise econômica, “pois isso contém, involuntariamente, o potencial para uma possível reabilitação de Hitler que poderia começar a vê-lo, apesar dos crimes contra a humanidade associados a seu nome, como um grande dirigente do século XX... ou seja, que poderia ter sido um herói.”

Este autor enfatiza que Hitler inicialmente não era ninguém e depois chegou a dirigir uma grande nação. Trata de descobrir como isso foi possível, mas imediatamente adota um juízo prévio, uma espécie de dogma ou “petição de princípio”, pois diz: “A ditadura de Hitler equivaleu ao colapso da civilização moderna, a uma espécie de explosão nuclear dentro da sociedade... A ditadura de Hitler tem, muito mais que a de Stálin ou a de Mao, o caráter de um paradigma do século XX.”

Tanto assim?... Ele deixa de lado que politólogos e etnólogos da Rússia e da França calcularam que, na URSS e na China comunista, morreram 136 milhões de pessoas (segundo “cálculo alto”), e pelo menos 95

milhões, segundo “cálculo baixo”. O professor Kershaw quis fazer, segundo diz, “uma nova biografia de Hitler, que exige uma abordagem nova”, mas não conseguiu. E deixou pairando a pergunta de por que Hitler continua atraindo a atenção de especialistas e de um público em geral. Por que ainda não se dissipa o fantasma de Hitler, apesar de não ter chegado a ter nem uma estátua nem sequer uma tumba? A questão é que, se se continua escrevendo sobre esse tema a partir de uns tantos juízos previamente estabelecidos, sempre se chegará às mesmas conclusões.

— Invariavelmente apresenta-se Hitler como um oportunista desejoso de poder. (Mas numerosos pesquisadores dizem que isso é um simplismo insuficiente.)

— Outros analisam Hitler freudianamente e sentenciam que o movia um “impulso destruidor”. (Mas muitos refutam: “explicação insuficiente”).

— Alguns falam que foi um impostor que enfeitiçou o povo alemão. (Tampouco isso convenceu numerosos historiadores).

— Do lado marxista, afirma-se que Hitler foi apoiado pelo grande capital. (Isso foi negado até por historiadores antinazistas).

— Abundam os historiadores que o apresentam como um louco que gritava e mordia tapetes. (A não poucos especialistas isso parece burlesco, mas não histórico).

— **Herman Rauschning** fez furor com seu livro “Hitler me disse”, segundo o qual ele lhe havia dito coisas terríficas, mas a poeira de seu livro baixou e viu-se que era pura invenção.

— O grupo de **Guido Knopp**, qualificado como autoridade na matéria, examinou dezenas de biografias e chegou à conclusão de que Hitler apresentava muitas facetas, mas que não passava de “um porco doente”.

Certo Processo Viciado de Origem

Invariavelmente se evita relatar com veracidade como foram se dando a origem e o desenvolvimento da guerra. Ocultando vários pontos, como “buracos negros”, toda história ou biografia resulta viciada de origem.

1.- Que Hitler invadiu a Polônia em 1º de setembro de 1939. Certo! Mas se cala que foi para ganhar fronteira com a URSS e depois liquidar o comunismo, que, por meio de sua Revolução Mundial, evidentemente ameaçava a Europa.

2.- Omite-se que, três dias depois dessa data, os Impérios inglês e francês declararam guerra à Alemanha, com o pretexto de defender a Polônia, mas na realidade para salvar a URSS, pois a Polônia foi abandonada ao domínio marxista.

3.- Que naquele momento não existia absolutamente nenhum problema real entre a Alemanha e os Impérios ocidentais que justificasse a guerra.

4.- Que reiteradamente Hitler ofereceu a paz e ela foi rejeitada, inclusive a Hess — chefe do Partido Nazista —, que voou para a Inglaterra antes do ataque à URSS.

5.- Que Roosevelt e Wall Street nunca foram neutros, pois enviavam armas a Churchill e Stalin. Roosevelt chamava Stalin de “tio Joe”, e chamava a URSS de “democracia”.

Os Vencedores não cumpriram suas promessas

Outro fator decisivo para que Hitler e a Segunda Guerra Mundial ainda não tenham sido sepultados é que os vencedores não cumpriram nenhuma das promessas que fizeram ao mundo em sua chamada **Carta do Atlântico**, firmada por Roosevelt e Churchill, à qual depois Stalin aderiu.

Essa Carta prometia, em 11 de agosto de 1941, o seguinte:

— Não haverá mudanças territoriais que não estejam de acordo com os desejos, livremente expressos, dos povos interessados. (Mas quatro anos depois várias nações foram devoradas pela URSS e outras se viram dilaceradas).

— Direito inalienável de todos os povos a escolher a forma de governo sob a qual queiram viver. (Isso foi letra morta para 9 países europeus. Agora o presidente Bush anuncia que imporá seu próprio sistema de governo onde assim o decidir, como está fazendo no Afeganistão e no Iraque).

— Depois de destruir a tirania nazista, a paz reinará em todas as nações. (Desde então, ocorreram dezenas de guerras e muitas nações se veem hoje ameaçadas).

— Haverá garantias para que todos os homens e, em todas as terras, vivam suas vidas livres do temor e da miséria. (Agora há mais temores e miséria do que antes da vitória aliada).

E, além disso, há outras coisas fundamentais que vêm piorando.

Oito anos antes da guerra, o **Papa Pio XI** denunciava em sua encíclica Quadragésimo Anno: “Em nossos dias acumulam-se não apenas riquezas, mas também se criam enormes poderes e uma supremacia econômica despótica nas mãos de muito poucos... Como donos absolutos do dinheiro, governam o crédito e o distribuem a seu gosto; dir-se-ia que administram o sangue do qual vive toda a economia, e que têm em suas mãos a alma da vida econômica, de modo que ninguém poderia respirar sem a sua vontade... Toda a economia se tornou extremamente dura, implacável... A especulação desenfreada faz aumentar e diminuir, conforme seu capricho e sua avareza, o preço das mercadorias...” (15 de maio de 1931).

Todos esses males decuplicaram com o Neoliberalismo “selvagem” e com o Globalismo em marcha. Até a Igreja perdeu o apoio terreno simbolizado pela Cruz e pela Espada e tem sido vista mais acossada pela infiltração e pelas desvios. Como consequência, o nome de Deus foi apagado da história oficial da Europa e, nas escolas de todo o mundo

cristão, ensina-se — como quer a UNESCO — que o ser humano não foi criado e, portanto, que não há Criador. Parece que os soldados de todas as frentes, que sacrificaram suas vidas por um mundo melhor, reclamam agora o trágico engano. ***Que a suposta vitória de uns, e a derrota de outros, se unem para continuar chamando a atenção sobre a Segunda Guerra Mundial.*** Será por acaso um chamado para que se decifre o que em verdade aconteceu então, e que se decifre antes que sobrevenha uma catástrofe maior, essa que as Escrituras chamam de Armagedom?

Tal poderia ser a explicação (até se isso parecer metafísico) de que se continue remexendo em Hitler e na guerra, mas com o propósito de ocultar ou deformar que existiu uma **Terceira Posição ideológico-político-econômica**, que teve êxito, e que por isso mesmo é vilipendiada e proibida por decreto, a fim de que, no orbe, só sejam válidas as direitas do grande capital ou as esquerdas do ódio de classes. Aquela Terceira Posição propôs que, para que uma nação prospere, precisa libertar-se da sujeição econômica usurária. (Ou seja, insurgência internacional). **Também assinalava que os empréstimos estrangeiros** afundam, em vez de ajudar, porque submetem os países endividados.

Ao mesmo tempo, demonstrava que a Economia não é um ente ao qual o povo tenha de servir, mas um instrumento para o progresso nacional. Esse ente não tem existência própria — como as estações do ano ou a força da gravidade —, mas é manipulado por especuladores que se escondem atrás de terminologias presumivelmente científicas.

Do mesmo modo, assinalava que o Estado tem a prioridade de dar pleno emprego realizando obras produtivas, cujo rendimento depois respalde o dinheiro emitido, sem necessidade de empréstimos externos.

E ensinava que se deve evitar a corrida desenfreada de uma democracia que esbanja dinheiro em partidos, os quais dividem a nação em mais pedaços do que o número desses partidos. O povo requer união, não dispersão.

Também proclamava que é prioritário encurtar a distância que separa uma elite rica minoritária de uma classe popular cada dia mais empobrecida.

E que certas liberdades podem ser restringidas sempre que isso seja um meio para alcançar um bom fim. Por exemplo, evitar que os meios de comunicação despejem contaminação aos borbotões sobre a infância e a juventude, em nome da liberdade.

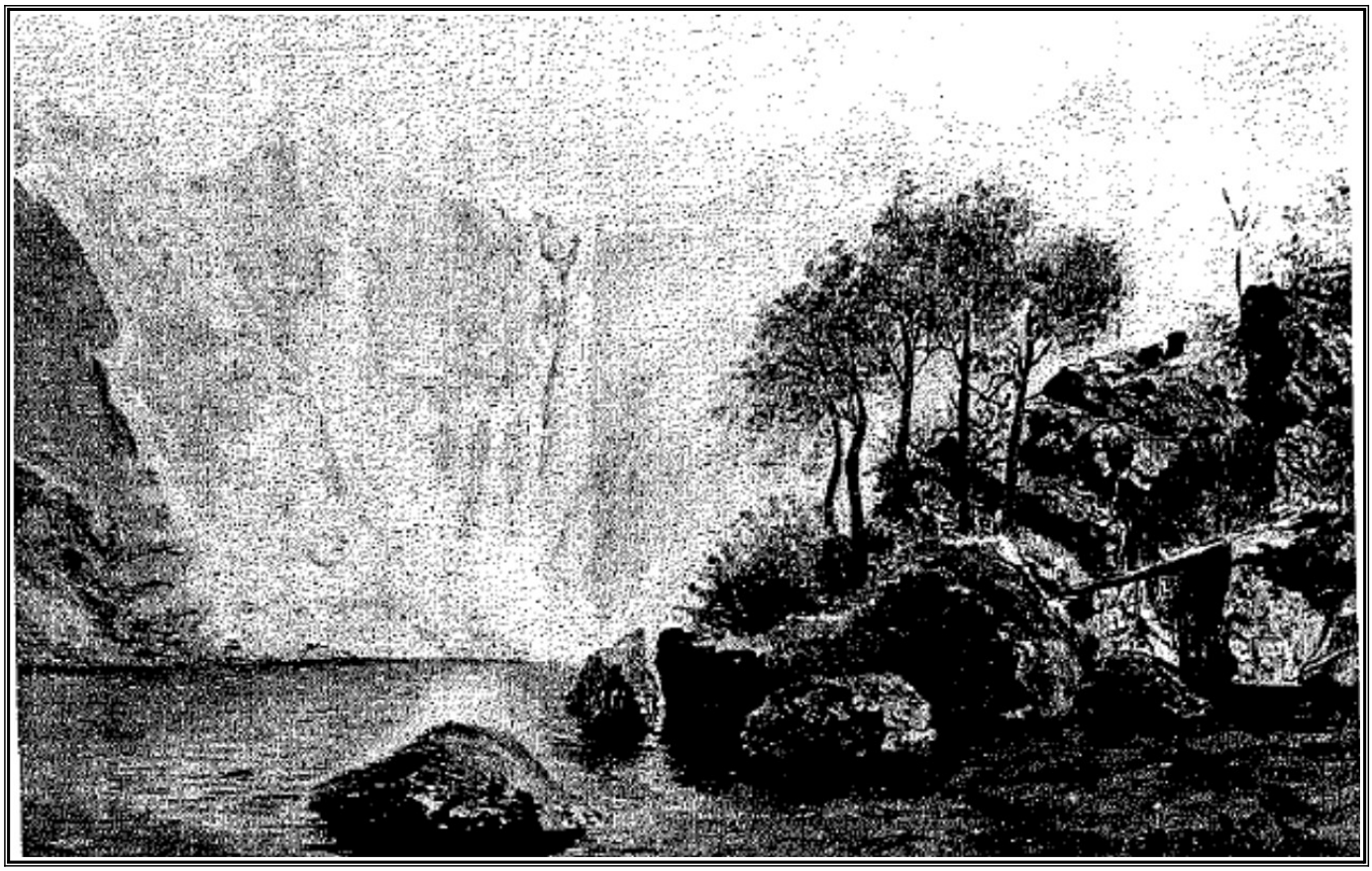
Em suma, que a Terceira Posição é uma ideologia nacional porque se fundamenta nas tradições nacionais e, ao mesmo tempo, é socialista na acepção original do termo, devido ao fato de buscar o progresso de todo o social.

Destruir essa Terceira Posição foi um motivo da guerra, mas, ao que parece, vencê-la não foi considerado suficiente. Sepultar definitivamente tal ideologia tornou-se uma tarefa laboriosa para numerosos biógrafos ou historiadores.

Com que se pode sepultar uma ideia? Supõe-se que com outras que deformem aquela que se trata de sepultar.

Tal parece ser a intenção de numerosos historiadores. Por diversos caminhos, chegam à conclusão de que as ideias políticas, sociais e econômicas de Hitler são “um ataque às raízes da Civilização” — como diz Burleigh —, ou então que “encarnam a negação de tudo o que é digno no ser humano.”

No entanto, outros biógrafos — como Ian Kershaw — surpreendem-se com o fato de o tema continuar atraindo a atenção, apesar de Hitler ter morrido há 60 anos e de sua doutrina ter ficado oficialmente excluída em todo o mundo.



Um cartaz pintado por Hitler quando tentava vencer a carreira de pintor.

Capítulo II

“De onde ele saiu?”

Da Infância até a Árvore Genealógica

Conforme Hitler começou a atuar na política e a ganhar adeptos e inimigos, tanto uns como outros se perguntavam de onde havia saído “esse” que provocava tão acirradas polêmicas.

A princípio, soube-se que nem sequer era alemão, mas cidadão austríaco.

Depois os “farejadores” investigaram que o pai de Hitler, chamado Alois, havia sido filho natural de Maria Anna Schicklgruber e que até 1876 seu pai (Johann Hitler) lhe dera seu sobrenome mediante autorização oficial.

Souberam também que Alois havia sido de origem camponesa, sem instrução, e que aprendeu a ler e escrever sozinho. Depois se preparou como autodidata para chegar a ocupar o cargo de inspetor aduaneiro.

No entanto, nada disso resultou de muita utilidade para os inimigos de Adolf Hitler.

Mais sensacional foi a publicação do “Daily Mirror”, de 14 de outubro de 1933, afirmando que Adolf Hitler era judeu. A versão foi repetida pelo jornal judaico “Forward”, dos Estados Unidos, e pelo “Haynt”, da Polônia. O “Daily Mirror” publicou a “prova”, que consistia no túmulo de um judeu Hitler sepultado em um cemitério de Bucareste, capital da Romênia.[8]

De repente, essas publicações causaram desconcerto entre alguns nacional-socialistas, mas logo desmoronaram. O judeu sepultado em Bucareste — pertencente à comunidade judaica “Filantropia” — não podia ser pai de Alois, porque havia morrido cinco anos antes de ele nascer.

8 Hitler. Werner Maser. Ed. Acervo. Pág. 14, Barcelona, 1974.

Toda a biografia escrita por Konrad Heiden, a esse respeito, era falsa. Alguns judeus da Romênia informaram que costumavam alterar seus nomes para escapar de seus concorrentes comerciais ou de seus adversários cristãos.

Outra versão, igualmente falsa, foi a de que o pai de Adolfo havia sido um bêbado incorrigível. Uma investigação minuciosa estabeleceu que havia sido um funcionário muito exemplar aposentado depois de 40 anos de serviço, que morreu de hemoptise (tuberculose).

Ao mesmo tempo, ficou claro que, na pequena população austríaca de Braunau (de apenas 4.000 habitantes), o matrimônio de Alois Hitler e Clara Pölzl Hitler teve seu primogênito Gustav, que morreu aos dois anos. Depois nasceu a menina Ida, que igualmente só viveu dois anos. Um terceiro filho, Otto, morreu dois dias depois de nascido. O quarto filho nasceu em 1889 e foi batizado com o nome de Adolf.

Cinco anos depois nasceu outro menino, chamado Edmund, que morreu aos 6 anos de idade, vítima de difteria.

Uma menina, a caçula, foi Paula, que sobreviveu à guerra.

O matrimônio de Alois e Clara vivia em harmonia com seus filhos Adolfo e Paula, nos quais concentraram seu carinho depois de haver perdido quatro filhos.

Outra versão, igualmente falsa, foi a de que o pai de Adolfo havia sido um bêbado incorrigível. Uma investigação minuciosa estabeleceu que havia sido um funcionário muito cumpridor, aposentado depois de 40 anos de serviço, que morreu de hemoptise (tuberculose).

Ao mesmo tempo, ficou claro que, na pequena população austríaca de Braunau (de apenas 4.000 habitantes), o matrimônio de Alois Hitler e Clara Pölzl Hitler teve seu primogênito Gustav, que morreu aos dois anos. Depois nasceu a menina Ida, que igualmente só viveu dois anos. Um terceiro filho, Otto, morreu dois dias depois de nascido. O quarto filho nasceu em 1889 e foi batizado com o nome de Adolfo.

Cinco anos depois nasceu outro menino, chamado Edmund, que morreu aos 6 anos de idade, vítima de difteria.

Uma menina, a caçula, foi Paula, que sobreviveu à guerra.

O matrimônio de Alois e Clara vivia em harmonia com seus filhos Adolfo e Paula, nos quais concentraram seu carinho depois de haver perdido quatro filhos.

Vários parentes concordaram que Adolf e Paula amavam ternamente seus pais e que, do mesmo modo, eram amados por eles.

Aos seis anos de idade, Adolf Hitler começou seu primeiro ano de aulas. Um ano depois ingressou na escola monástica de Lambach, de monges beneditinos, onde fez parte do coro infantil. Nas horas livres, assistia a aulas de canto e por algum tempo foi coroinha. Ficava impressionado com a solenidade dos serviços religiosos, a ponto de pensar em ser sacerdote. Três de seus companheiros chegaram a sê-lo.

Alois queria que seu filho Adolf Hitler viesse a ser funcionário público, mas este sempre se opôs a essa carreira.

Depois, a família mudou-se para o pequeno povoado de Leonding, a 4 quilômetros de Linz, e Adolf Hitler foi matriculado ali aos 14 anos de idade. Em desenho e ginástica, tirava “excelente”; em história e geografia, obtinha média muito boa, mas nas outras matérias, não. Para então, já havia nesse menino uma característica bastante definida: não gostava da escola!

Sua distração preferida era a ópera, e ele se inclinava entusiasticamente pela pintura. Quanto a esportes, gostava de caminhar. Segundo seus professores, não era de constituição forte. Parecia magro e sem cor. Havia sofrido de sarampo, e mais tarde teve de ser operado das amígdalas.

No primeiro ano do ensino médio, foi reprovado. Era considerado desleixado em ciências naturais, matemática e francês. Teve de repetir o ano, mas nunca chegou a terminar o ensino médio.

Nesses dias, seu pai morreu, e isso afetou profundamente Adolf Hitler, então com 14 anos de idade.

Meses depois, Adolf Hitler assistiu a uma apresentação de ópera (ao que parece, “Ein Sommernachtstraum”), em cujos entreatos fez amizade com outro jovem de sua idade, tapeceiro de ofício e desejoso de vir a ser músico, chamado **Augusto Kubizek**. Graças a ele, vieram a ser conhecidos muitos episódios da vida de Adolf Hitler em seus anos de adolescência. Ambos adoravam música.

Kubizek soube que seu amigo ia mal nos estudos. “Somente por amor à mãe havia consentido em fazer uma última tentativa”. Na escola de Linz, recomendaram-lhe passar para outra, de categoria inferior, o que o indignou. Sobre isso, comentou que, para aquilo que ele havia se proposto na vida, não precisava de mais estudos. Os conhecimentos que lhe faltavam — dizia — ele os iria adquirindo por seu próprio esforço. “Comparada com a arte — acrescentava —, a escola tinha um odioso sistema de ensino que afundava em cinzenta monotonia”.

Sua meta, decididamente, era a pintura. Recordando aquela época entre os 11 e os 15 anos de idade, Adolf Hitler escreveu posteriormente: “A única coisa certa, a princípio, era meu visível fracasso na escola. Aquilo que me interessava eu aprendia, sobretudo tudo o que, em minha opinião, poderia me ser útil mais tarde como pintor... Minhas melhores notas eram em geografia e, ainda mais em história universal, minhas duas matérias favoritas, nas quais eu superava o restante da turma.”

Aos 16 anos de idade, classificaram-no como “não apto para matemática” (que ele chamava de “áridas”) e “insuficiente” em geometria descritiva. Vários de seus professores consideravam que ele tinha capacidades, mas não empenho. Por sua vez, Adolf Hitler admirava seu professor Leopold Pötsch, de História, porque o fazia reter o essencial e esquecer o intranscendente.

Kubizek relata que Adolf Hitler não queria fazer a mãe sofrer abandonando os estudos, mas ao mesmo tempo tentava convencê-la de que

ele “queria seguir outro caminho na vida”. Mas qual?... Não se vislumbrava nem sequer um atalho.

Mas qual?... Não se vislumbrava nem sequer um atalho.

Na primavera de 1905, aos 16 anos de idade, ocorreu-lhe repentinamente um terremoto emocional. Caminhava junto com seu amigo Augusto e, de repente, segurou-o com força pelo braço e lhe perguntou: “O que você acha daquela bela moça que atravessa a rua de braço dado com a mãe? Eu a amo!”

Muito se falou dos amores “à primeira vista”. Só aqueles que não os viveram os negam. São um mistério.

É muito natural que exista em toda pessoa o amor filial, o fraterno ou o humano generalizado, mas é estranho que, de repente, surja amor por uma determinada pessoa, desconhecida, e que ela invada os sentimentos e acenda uma alegria insólita. É estranho encontrar alguém que não se havia visto nunca, que de repente se torna o eixo que atrai, que liga e que enternece.

Kubizek diz que aquela moça, aproximadamente da mesma idade que Adolf Hitler, costumava usar um coque e que seus olhos eram muito belos, claros e expressivos. Vestia-se com elegância e seu porte demonstrava que vinha de uma família abastada e distinta.

Era costume que, ao anoitecer, numerosas pessoas transitassem pela rua Landstrasse.

Adolf Hitler ia ao lugar por onde costumavam passar a mãe e a filha, isto é, a esquina da Schmiedtor. “Adolf Hitler não afastava nem por um só momento o olhar que dirigia à moça. Parecia como que transfigurado. No entanto, às vezes apareciam também alguns jovens oficiais que faziam companhia às duas mulheres. Ao lado desses jovens tenentes, com seus uniformes vistosos, um rapaz triste e pálido como Adolf Hitler se dava conta de... Em última instância, seu desgosto se manifestava numa repulsa radical a todo o corpo de oficiais... ‘Cabeças vazias e presunçosas’, costumava chamá-los.

A moça se chamava **Estefanía**.

Adolf Hitler tinha 16 anos.
Assim que a viu, disse: “Eu a amo!”

“Quando ela respondia com um sorriso ao olhar interrogativo de Adolf Hitler — acrescenta seu amigo —, ele se sentia feliz e mergulhava num estado de ânimo como eu jamais pude observar nele. Tudo no mundo era então bom, bonito e bem ordenado. Mas, se Estefanía desviava friamente o olhar — coisa que também acontecia com frequência —, ele se mostrava abatido.”

O curioso é que aquele rapaz, apesar de tudo, sentia que seu amor era correspondido, conforme este ou aquele encontro de olhares.

Kubizek sugeriu a Adolf Hitler que se apresentasse à senhora e à sua filha, mas ele respondeu:

— O que é que vou dizer se a mãe me perguntar sobre meu trabalho? Ao me apresentar, devo dizer minha profissão. O melhor seria dizer-lhe, imediatamente depois do meu nome, “pintor acadêmico”. Mas ainda não

cheguei a isso. Primeiro tenho de conseguir sê-lo. Para a mãe, a profissão é mais importante que o nome.

Em consequência, Adolf Hitler traçou para si um plano de quatro anos para triunfar como pintor e então pedir a mão de Estefanía.

Depois surgiu uma complicação. Acontece que Estefanía gostava de dançar, e ele não sabia dançar nem se decidia a aprender porque — dizia — era absurdo esse caminhar de pessoas que não as levava a lugar nenhum.

— Nunca dançarei! Estefanía dança somente porque a sociedade a obriga a isso. Assim que ela se tornar minha esposa, não sentirá mais a menor necessidade de dançar!

Uma Flor que para ela não significava nada

Assim transcorreu um ano de amor feito de olhares, às vezes mútuos, e em junho de 1906 (quando Adolf Hitler tinha 17 anos), realizou-se em Linz um desfile de batalha de flores. Depois da banda de um regimento, que tocava marchas militares, desfilavam várias carruagens. Em uma delas iam Estefanía e sua mãe. Levavam enfeites de florzinhas silvestres. Ela usava um vaporoso vestido de seda e, ao passar diante de Adolf Hitler, sorriu, pegou uma flor de seu buquê e a lançou para ele.

Kubizek relata: “Adolf Hitler contemplava, comovido, a flor. Parece-me ouvir ainda sua voz, trêmula de excitação: ‘Ela sente afeto por mim! Você mesmo viu! Ela sente afeto por mim!’”

Não se recapacitou de que o presente de uma flor, no contexto de um dia de festa e de “batalha de flores”, costumava ser dado a torto e a direito. Por enquanto, tinha aquela flor que vinha das mãos de Estefanía, a quem via como um sonho, e a guardou em um relicário.

Em seguida, tentou aprender a dançar. Sua mãe tinha um piano e ele tentava decifrar o mistério dos passos. A senhora — enfim, sua mãe — percebeu o que lhe acontecia, mas nada disse, porque viu que ele guardava

seu segredo. Temia ser visto como um sonhador ridículo. Diz-se que a timidez do homem apaixonado é coisa que raramente as mulheres compreendem.

A senhora Clara insistia com seu filho para que retomasse e terminasse os estudos. Um profundo carinho os unia, de tal maneira que Adolf Hitler sofria ao ver que sua mãe sofria por culpa dele. Mas, ao mesmo tempo, sentia aversão pela escola. Tudo se complicava.

Então Adolf Hitler adoeceu. Sua irmã Paula acreditava que ele havia vomitado sangue. Hitler disse que era uma doença do estômago. O Dr. Karl Keiss o atendeu, mas não revelou seu diagnóstico. Tempos depois, Hitler escreveu: “Felizmente, veio em meu auxílio uma doença e decidiu meu futuro... O médico aconselhou minha mãe a esperar um ano antes de eu voltar à escola. Aquilo que tanto havia desejado acabou, afinal, tornando-se realidade.”

Kubizek afirma que, tempos depois, Adolf Hitler sofria de catarros frequentes, especialmente nos dias úmidos e nebulosos. E acrescenta: “Até que ponto ele próprio contribuiu para essa doença? Até que ponto ela foi provocada por sua crise interna? É impossível decidir.”

Os médicos inclinados à psicossomática fazem afirmações como a seguinte: “Existe relação entre emoção e doença. O afetivo é o efetivo. O indivíduo, em vez de enfrentar sua emoção, adoece.” (“Medicina Psicosomática”, Franz Alexander).

Outros insistem que o que acontece nos altos níveis da mente afeta os níveis das funções orgânicas. Certas cargas psicológicas podem afetar os diversos plexos, e isso se traduz em transtornos físicos muito diferentes. Alguns psicossomatistas chegam a perguntar: “Que benefício o senhor está obtendo de sua doença?” Uma vontade forte, dirigida para o interior de si mesma — até alcançar o subconsciente —, é capaz de causar dano a si própria, ainda que, em seu nível de consciência, não haja nenhuma deliberação de fazê-lo.

O fato é que, quando o jovem se levantou da cama de enfermo — diz seu amigo —, havia deixado para trás a escola e, sem a menor dúvida,

iniciou sua carreira de artista. Tinha então 17 anos de idade. “Pode-se aprender muito melhor por si mesmo” — disse à mãe —, e inscreveu-se na biblioteca da Sociedade para a Educação Popular.

A primeira coisa que fez ao se recuperar foi ir ao lugar por onde Estefanía passava. Segundo seu amigo, Adolf Hitler teve a impressão de que, no olhar dela, havia um quê de surpresa (como se ela o houvesse estranhado), e isso lhe bastou para continuar sonhando que chegaria a fazê-la sua esposa e que construiria uma casa para ela.

Entretanto, na biblioteca, lia temas de índole muito diversa, de acordo com as ideias de seu professor Pötsch, que recomendava reter o essencial e descartar o intranscendente.

Dias depois, decidiu ir a Viena para prestar exame na Escola Geral de Pintura, da Academia de Belas Artes. Levou consigo numerosos desenhos seus, confiante de que chegaria a triunfar como pintor.

Havia 112 candidatos ao curso, dos quais apenas 28 passaram nos rigorosos exames. Adolf Hitler ficou entre os reprovados. Um examinador explicou-lhe que seus desenhos eram de edifícios e que em nenhum deles figurava a ação de pessoas ou animais. Tudo indicava — disse-lhe — que ele tinha mais talento para ser arquiteto.

Depois desse fracasso, fez gestões para se inscrever na Escola de Arquitetura, mas foi recusado por não possuir o certificado de ensino médio.

Foi assim que teve de regressar a Linz, onde sua mãe já se encontrava gravemente enferma. Por algum tempo, isso lhe havia sido ocultado para não preocupá-lo, mas já não foi possível continuar fazendo-o. Adolf Hitler, que então tinha 18 anos de idade, cuidava da mãe e de sua irmã Paula, 7 anos mais nova que ele. Ajudava a varrer, a fazer comida e assumia as funções de chefe da família, segundo o minucioso historiador **Maser**.

Semanas depois, a senhora morreu no dia 23 de dezembro. O médico Eduard Bloch, judeu, atendia a senhora Clara por causa de um câncer no seio. No Arquivo Federal de Coblença (no expediente 26/65), há uma nota manuscrita do Dr. Bloch que diz: “Em meus quase 40 anos de atividade

profissional, nunca vi um jovem tão destroçado e tomado de dor como Adolf Hitler.”

Frequentemente, o Dr. Bloch havia aliviado as dores da senhora e, em agradecimento por isso, Hitler lhe presenteou uma aquarela pintada por ele.

Até então, ninguém poderia tê-lo tachado de “antissemita”.

Quando o pequeno cortejo se dirigia à igreja para a cerimônia de corpo presente, e os sinos dobravam a finados, certamente por curiosidade Estefanía apareceu à janela. Horas depois, Hitler comentou a seu amigo o quanto o havia consolado ver a moça, como se ela realmente tivesse tido a intenção de lhe apresentar suas condolências.

Dias depois, Adolf Hitler pediu permissão a seu tutor Josef Mayrhofer para viajar a Viena, em busca de estudo e trabalho. (A maioridade só era adquirida aos 24 anos de idade, e Hitler tinha 18.)

5 Anos de Miséria e de Calamidade

O historiador Maser publica um relato pormenorizado dos 5 anos que Hitler viveu em Viena (até os 23 anos de idade). Fracassou em sua tentativa de ingressar na Academia de Belas Artes (pela segunda vez); durante meses passou as noites no albergue de Meidling; pintava quadros; fazia cartazes de propaganda; vendia seus próprios quadros.

Anos depois, Hitler escreveria: “Devo àqueles anos minha dura resistência e também toda a minha fortaleza. Mas, mais do que tudo isso, dou ainda mais valor ao fato de que aqueles anos me tiraram do vazio de uma vida cômoda para me lançar no mundo da miséria e da pobreza, onde tive de conhecer aqueles pelos quais depois lutei.”[9]

Kubizek esteve temporariamente em Viena, estudando música, e relata que Hitler lia muito, de tudo. De “Wilhelm Tell”, de Schiller, Schopenhauer, Nietzsche, Le Bon; de história e política, embora não

9 Mi Lucha. Pág. 25. Edit. Araluce, Barcelona, 1935.

desejasse participar dela. Falava em mudar e melhorar muitas coisas e depois se punha a pensar nos detalhes, como se essas mudanças ele mesmo fosse realizá-las. Visitava os bairros dos trabalhadores e pensava em pequenas e confortáveis casas para eles, com vista para o campo.

Ao mesmo tempo, continuava sendo fiel frequentador da ópera. *Rienzi*, *Tannhäuser*, *Lohengrin*, *Tristan und Isolde*, de Wagner; *Fidelio*, de Beethoven; "El Santo Grial" etc. Mozart também era seu preferido. Hitler tentou escrever uma ópera, "Wieland der Schmied", mas o prelúdio o decepcionou; o mesmo aconteceu com alguns poemas que compôs e rasgou.

Continuava pensando em Estefanía e dizia que teria filhos com ela e que viveriam uma vida familiar. Um dia escreveu-lhe uma carta e, pouco depois, comentou com seu amigo: "É inútil esperar por Estefanía. Não há dúvida de que sua mãe terá encontrado o homem com quem sua filha deve se casar. Amor? Isso não se pede. Um bom partido, é isso que importa. E eu sou um partido muito ruim, pelo menos aos olhos de sua senhora mãe."[10]

Kubizek relata que, na populosa cidade de Viena, havia muita prostituição, a respeito da qual Hitler dizia que a péssima situação econômica, culpa do governo dos Habsburgo, era a causa de as mulheres caírem nisso, mas que os homossexuais não tinham justificativa; eram seres sexualmente extraviados. Pensava que a relação sexual era "a chama da vida" e que o normal era que surgisse entre dois seres que tivessem se conservado puros de corpo e de espírito, mas que, para isso, era necessário criar condições sociais a fim de facilitar o matrimônio em idade mais precoce.

Por outro lado, Hitler tentou interessar seu amigo Kubizek pela política e o convidou a ir ao Parlamento, onde um deputado apresentou uma iniciativa, enquanto vários deputados abandonavam o salão e outros

10 Muitos anos depois da guerra, a arquivista Dra. Jetzinger, de conhecida minuciosidade científica, procurou e encontrou Estefanía, uma senhora idosa, viúva de um coronel, e lhe falou de um jovem delgado e pálido, como de 17 anos de idade, que a via passar insistentemente pela rua Landstrasse. A dama não recordava esse jovem. Mas de repente houve um relâmpago em sua mente e recordou ter recebido uma carta na qual um jovem lhe dizia que lhe reiterava sua fidelidade e lhe rogava não esperar passos posteriores do pretendente até que ele tivesse completado sua educação de artista e assegurado um futuro que lhe oferecer. A carta não tinha assinatura. Estefanía não saía de seu espanto quando lhe foi revelado que se tratava de Adolf Hitler.

discutiam acaloradamente, ao passo que o presidente da Câmara agitava sem cessar a sineta. Depois veio um discurso muito longo, e Hitler lhe explicou que era apenas um discurso de obstrução, porque o orador queria ganhar tempo. Enquanto isso, na rua havia agitação de alguns manifestantes que exibiam um cartaz com a palavra “Fome!”... Hitler compartilhava os anseios daqueles manifestantes, mas perguntava: Quem puxa os cordões e se oculta por trás desses homens duplamente enganados? Não são homens que compartilham a fome, mas políticos ambiciosos, ávidos de poder, que enriquecem com a miséria das massas e que as mobilizam para pressionar o Parlamento a favor ou contra uma ou outra lei. Os diversos partidos que mobilizam essas “massas” tinham seus próprios interesses. Por isso ele (Hitler) rejeitava todos esses partidos. Kubizek diz: “Eu não entendia nada!”

Enfim, Kubizek regressou a Linz, para junto de sua família, e temporariamente mantiveram comunicação postal, mas depois Adolf Hitler mudou de domicílio e perderam todo contato.

Hitler permaneceu temporariamente em Viena, onde viveu uma situação econômica aflitiva. Para subsistir, carregava malas, tirava neve da rua, pintava e vendia aquarelas e etc. A pensão de orfandade era enviada a sua irmã Paula, que residia em Linz. De maneira parecida, viveu depois mais de um ano em Munique, até completar 24 anos de idade. (1913).

Mesmo assim, sua meta era chegar a ser um pintor famoso.

Viradas do Destino: PINTOR, NÃO! SOLDADO!

Em 1914 começaram a soprar ventos de guerra. O exército austríaco procura o cidadão Adolf Hitler; localiza-o em Munique (Alemanha) e pede sua extradição para alistá-lo. Já em Salzburgo, ele não passa no exame médico e o declaram inapto para o serviço militar. Não está doente, mas o diagnosticam como desnutrido e fraco. Então Hitler volta a Munique e se apresenta como voluntário no Regimento de Infantaria 16, onde os médicos não foram tão rigorosos. Pode carregar e disparar um fuzil?... Adiante! Começava, em 1914, a pior guerra que a Humanidade havia

sofrido. De um lado, Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia e a pequena Bulgária. Do outro lado, 24 nações aliadas, incluindo as maiores potências e suas respectivas colônias, como Canadá, Austrália, Índia e mais da metade da África.

Depois de reunir diversos testemunhos, o historiador Kershaw considera que Hitler "teve alegria em ser soldado". Depois das vicissitudes de Viena — diz —, a vida de soldado foi "o segundo período formativo que moldou definitivamente sua personalidade".

1914.- Hitler esteve quase dois meses em instrução e depois foi enviado ao front em 21 de outubro. Oito dias depois, participava do combate de Yser e, em seguida, do combate de Ypern. Em 30 de outubro foi proposto para cabo e recebeu a Cruz de Ferro de 2ª classe em 2 de dezembro, apenas 3 dias após os combates. Dias depois, acompanhou a ofensiva de Flandres, já em solo francês. Recebeu a Cruz de Ferro porque, com risco iminente da própria vida, resgatou o tenente Georg Eichelsdörfer, ferido, arrastando-o para fora da linha de fogo.

A "arte da guerra" é para os chefes estrategistas. Para os soldados não há nenhum traço de arte; só trincheiras, fogo, lama, incerteza, angústia e morte.

Em consequência, a profunda veia artística de Hitler não tinha nenhuma função. Repentinamente, ele havia deixado de ser artista para se tornar soldado.

A historiadora **Marlis Steinert** diz que, "segundo múltiplos testemunhos dignos de confiança, Hitler foi um soldado muito bom, dos que fizeram um verdadeiro culto da morte em combate."[11]

1915.- Hitler participou da ofensiva de Neuve-Chapelle e depois dos combates de posição de Flandres.

Na Europa, era costume que, ao se declarar uma guerra, surgisse uma onda de patriotismo. Arengas com tons poéticos, lembranças de antigas façanhas etc. No entanto, ao viver a realidade da guerra, com a terra revolvida pelas granadas, os feridos e os mortos etc., surgia um choque

11 Hitler y el Universo Hitleriano. M. Steinert. Edit. Vergara. 2004.

psicológico, muito particularmente nos que vinham do recrutamento forçado, não voluntário.

Nas fileiras francesas houve soldados que infligiam ferimentos a si mesmos para serem retirados da frente, e o general Joffre ordenou numerosos fuzilamentos para restabelecer a disciplina. Também nas fileiras alemãs ocorreram casos parecidos, ainda que em menor número.

A propósito disso, Hitler escreveu em uma carta: “Chega um momento em que é preciso lutar entre o instinto de conservação e o dever. Depois de uma prolongada luta interior, triunfa o sentimento do dever. Já no inverno de 1915-1916, essa luta terminou em mim. A vontade, por fim, converteu-se em dona incontestável.”

Desde então, não existe o valor absoluto. Em todo soldado há momentos de vivo temor, e a bravura ocorre quando a esse temor se impõe o sentimento do dever e a disciplina.

1916.- Consta sua participação nas ofensivas do Somme e de Fromelles. Em 5 de outubro, foi ferido na perna esquerda. Passou um mês no hospital e voltou ao front.

1917.- Participou das batalhas de Arras, Artois, Flandres e Alsácia. Em 17 de setembro, foi distinguido com a Cruz de Serviço Militar de 3ª classe, e em outubro lhe deram sua primeira licença de 15 dias.

Nos momentos de trégua, escrevia a seu amigo Popp e lhe contava que havia adotado um cachorrinho fox-terrier que o seguia por toda parte, dormia a seu lado e compartilhava sua comida. Depois, o 17º regimento foi transferido de setor, e o cachorrinho se extraviou, perda que Hitler sentiu muito, tanto quanto a de uma caixa de lápis de cor que lhe servia para fazer desenhos.

“Custa bastante — comenta a historiadora Steinert — reconhecer nesse soldado valente, sério, afetuoso com seu cão (sempre teria um até seus últimos dias), o Hitler que a História considera um dos maiores criminosos.” (Obra citada, pág. 84).

O Soldado Hitler (à extrema direita, com seu cachorro).

A mesma historiadora acrescenta que, durante o mês que Hitler passou em convalescença em um hospital próximo a Berlim, soube que dentro do país — enquanto os soldados lutavam e morriam — circulava certa propaganda que tendia a criar divisões internas. Como aquilo era possível? A resposta podia estar em um censo que o Ministério da Guerra realizou em 1916, segundo o qual a maioria da comunidade judaica se encontrava na retaguarda ou em estados-maiores não combatentes, ao

passo que uns poucos figuravam no front, mas se mostravam relutantes em combater. Denunciara-se, ao mesmo tempo, que alguns hebreus faziam negócios especulativos com os materiais de guerra.

1918.- Em agosto, Hitler recebeu a Cruz de Ferro de 1ª classe e, 20 dias depois, a Medalha de 3ª classe por serviços destacados.

No ano anterior, o exército russo havia desmoronado, em grande parte devido à divisão criada em suas fileiras pelos ativistas marxistas judeus, como Lenin, Trotsky, Kamenev, Stalin etc., que lutavam para estabelecer a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Devido a isso —enquanto na Rússia grassava a luta intestina—, um número considerável de tropas alemãs ficou livre naquela frente e passou a reforçar a frente ocidental. Com grande otimismo, o general Ludendorff lançou em 1918 uma forte ofensiva contra os exércitos aliados, mas, ao mesmo tempo, na Alemanha —na retaguarda— a propaganda comunista havia se espalhado. Houve motins em Berlim, Kiel, Munique e outras cidades, assim como greves em fábricas de armas.

Essa agitação era liderada por Kurt Eisner, Hugo Haase, Otto Landsberg, Rosa Luxemburgo, Karl Kautski, Karl Liebknecht, Eduardo Bernstein, Paul Hirsch, Karl Radek, Walter Rathenau, Oscar Cohn e outros mais. Todos judeus e marxistas.

Em Berlim, realizou-se o primeiro congresso dos “sovietes” alemães, que exigiam a abolição do Exército, sua substituição por gendarmes civis e oficiais eleitos por eles mesmos (como acabara de ocorrer na Rússia). Na 213ª divisão de infantaria houve um motim. O caos brotava por todos os lados. Parte do Exército tentava restabelecer a ordem dentro da Alemanha.

O Kaiser **Guilherme II** abdicou e fugiu para o exterior.

Sem apoio na retaguarda, o Estado-Maior General pediu armistício ao inimigo. Depois, as novas autoridades civis entraram em negociações para a rendição e as condições de paz.

Enquanto isso, Hitler havia sido atingido pelo venenoso gás mostarda, lançado pelos ingleses, e, cego, foi transferido para o hospital de **Pasewalk** (15 de nov. de 1918).

Hitler soube da derrota quando estava no hospital e, mais tarde, escreveu: "... Deixei-me cair no leito, escondendo minha cabeça contundida entre as almofadas... Desde o dia em que me vi diante do túmulo de minha mãe, eu não havia chorado mais... Quando, nos longos anos da guerra, a morte arrebatava ao meu lado companheiros e camaradas queridos, teria parecido quase um pecado soluçar. Morriam pela Alemanha!... Quando, diante da horrível ideia de perder para sempre a visão, eu estava a ponto de me desesperar, a voz da consciência clamou dentro de mim: infeliz! Chorar enquanto milhares de camaradas sofrem mais do que tu?... Mas agora era diferente, porque todo sofrimento material desaparecia diante da desgraça da Pátria...

"Tudo havia sido, portanto, inútil... Infrutífero o sacrifício de dois milhões de vidas…"

E, nesse momento, Hitler tomou uma nova decisão: "Dedicar-me à política!"

Bruscas viradas do destino: de pintor a soldado, e de soldado à política.

O psicólogo e historiador **Rudolp Bionin** explica que a mudança ocorrida em Hitler é bastante clara "porque ele sentiu a derrota como um golpe profundo, tanto mais profundo porque idolatrava a Alemanha. Desmoronava tudo o que dava sentido à sua vida. Hitler, o soldado austríaco desconhecido, queria salvar a Pátria daqueles que a haviam empurrado para esse abismo."[12]

O mais estranho é que pensasse que essa portentosa tarefa pudesse ser realizável por ele.

12 *Hitler Among the Germar*, Publishing Com. Nova York, 1976.

Quadro a óleo pintado por Hitler, mas ele foi recusado pela Academia por não ter certificado de conclusão do ensino médio.

Embora não as classificassem como ruins, ele não preenchia o requisito de ter concluído o ensino médio.

Queria ter sido pintor. Aquarela.

Capítulo III

A Guerra ia mal, e na Retaguarda surgem os “Sovietes” (1918 - 1933)

Rumo a uma Ditadura Marxista-Leninista

A ofensiva alemã de julho de 1918 conseguiu pequenos avanços e a contraofensiva aliada de agosto recuperou com sobra o que havia sido perdido. Embora os aliados não tivessem nem um metro quadrado de território alemão, e embora os alemães continuassem combatendo em solo francês e belga, suas perspectivas eram desfavoráveis devido à superioridade numérica dos aliados.

Era uma situação bastante delicada, como reconhecia o Estado-Maior General alemão.

Mas mais grave era que, na retaguarda da frente, dentro da Alemanha, estavam surgindo focos rebeldes comunistas, tal como havia ocorrido dois anos antes na Rússia, para convertê-la em uma ditadura marxista-leninista.

Circulava uma incisiva propaganda contra personagens tão estimados como Hindenburg e o general Ludendorff.

“Os marinheiros se amotinaram na base naval de Kiel, e isso se espalhou pelas províncias alemãs antes que começassem a aparecer sinais semelhantes na capital, Berlim... Formaram-se Conselhos ou “Sovietes”, que podiam cantar o hino comunista da ‘Internacional’... Os social-democratas independentes queriam formar ‘conselhos de operários e soldados’, como havia ocorrido na nascente URSS.[13]

Alguns sublevados de Bremen e Hamburgo fundaram o Partido Comunista alemão, incentivados por Karl Radek, agente da Internacional Comunista, com sede em Moscou.

A proliferação das desordens precipitou a abdicação do Kaiser Guilherme II, que fugiu para a Holanda em 9 de novembro de 1918. Assim

13 *El Tercer Reich*. M. Burleigh. Pág. 60 a 64.- México, D. F. 2005.

terminou a existência do II Reich (Império) e teve início a "democratização" da Alemanha com a chamada República de Weimar (pequena cidade onde uma assembleia nomeou presidente Frederico Ebert em fevereiro de 1919).

Os mais exaltados da "esquerda" falavam que se pretendia governar a "escória da Igreja, a escória da burguesia e a escória do Exército"... Alguns grupos armados ocuparam as redações de diversos jornais importantes para acabar com a liberdade de imprensa.

Burleigh reconhece —coisa que outros historiadores ocultam ou deixam de lado— que muitos oficiais ingleses propagaram, inclusive fora da Alemanha, que "os bolcheviques estão todos organizados e dirigidos por judeus, e um general estadunidense que combatia na Rússia pensava que a maioria dos membros letões da Cheka, polícia política bolchevique, eram judeus... É certo que, na Rússia e na Hungria, alguns judeus radicalizados se destacaram e que também o fizeram nas tentativas de instalar regimes semelhantes na Alemanha. O revolucionário húngaro Bela Kun; Tibor Szamuely, chefe dos guardas vermelhos, e o ministro da Guerra húngaro Vilmos Böhm eram judeus, assim como muitos comissários políticos e membros dos tribunais revolucionários. E o fato de alguns desses personagens serem bastante atrozes pode ser avaliado pelo fato de Bela Kun ter atuado como chefe da Cheka na Crimeia, onde foram assassinados cerca de sessenta mil tártaros. Trotsky, cujo sobrenome era Bronstein; Luxemburgo e Eisner eram judeus... O chefe polonês da polícia secreta dos bolcheviques também o era…

"O primeiro-ministro **Kurt Eisner**, depois de cem dias no governo, durante os quais a Baviera mergulhou no caos (também era judeu), foi assassinado pelo conde Antón Arce-Valley…

"Os comunistas proclamaram a República soviética bávara. Seu chefe, **Eugen Levine**, recebeu a bênção de Lenin. Logo se fez evidente um toque classista. Racionalizou-se a escassez de leite com este argumento: 'Que importa?' De qualquer maneira, a maior parte dele vai para os filhos da burguesia. Não temos interesse em mantê-los vivos" (Págs. 66 a 69 da obra de Burleigh).

Hindenburg escreveu em suas Memórias que o colapso da frente ocorreu porque o interior lhe havia dado o golpe fatal.

A cada dia, o país afundava mais em um caos no qual até faltava tempo para chorar seus dois milhões e meio de mortos e atender seus quatro milhões de feridos de guerra.

Depois do desconcerto inicial, o Exército interveio nos nascentes "sovietes" e restabeleceu a ordem, não sem que se gerassem choques sangrentos. "Acabou-se o sonho revolucionário de formar uma cadeia de repúblicas bolcheviques que unissem Baviera, Áustria e Hungria, à maneira da União Soviética", relata Burleigh.

Eduardo Bernstein, Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo e Walther Rathenau, ministro das Relações Exteriores (judeus), foram acusados de traição e sucessivamente assassinados por nacionalistas alemães.

O historiador Burleigh diz que a população judaica na Alemanha era de apenas 1%, motivo pelo qual —acrescenta— a reação contra eles foi uma "ficção paranoica".

Simples "paranoia"?... Minorias igualmente pequenas (decididas e audazes) acabavam de se apoderar da Rússia e, por meio do terror da NKVD, impuseram uma ditadura que custaria mais de cinquenta milhões de vidas, coisa jamais vista na história.

O Exército fazia Investigações

O cabo Hitler não foi dispensado imediatamente após o fim da guerra e foi encarregado de investigar os antecedentes e as metas de numerosos grupos políticos que estavam surgindo em Munique, onde com frequência ocorriam desordens sangrentas.

Em um de seus percursos, Hitler visitou o chamado Partido Alemão dos Trabalhadores, dirigido por Anton Drexler, com aproximadamente 20 participantes. Depois de trocar opiniões, pareceu-lhe que ali havia

ingenuidade, embora muita boa-fé, e decidiu ingressar como prosélito de base com o número 7.

Em seguida, sugeriu fazer panfletos à mão para atrair mais participantes. Houve então 13 aspirantes. Uma semana depois, 11, que contribuíram com 300 marcos. Na semana seguinte, Hitler pôde falar diante de 170 pessoas. Basicamente, acusava os ativistas judeus de estarem impulsionando a agitação comunista para enfraquecer o país e subjugá-lo, como acabava de ocorrer na Rússia.

A imprensa começou a se ocupar desse partido, e um grupo de comunistas tentou dissolver a reunião seguinte, aos gritos e golpes. Hitler disse que "o terror se combate com terror" e formou uma "Seção de Proteção". Aos golpes, responderiam com golpes.

Na sessão de 24 de fevereiro de 1920, participaram dois mil homens, aos quais foram apresentados novos símbolos, como uma bandeira vermelha e branca e uma suástica girando para a frente.

Na reunião seguinte, já com 6.000 partidários, apresentou-se um grupo de comunistas violentos, que foram recebidos e expulsos a golpes. A "Seção de Proteção" transformou-se na S.A., inicialmente sob o comando do ex-piloto Hermann Goering.

Enquanto isso, havia caos econômico, e passou-se da inflação à deflação desenfreada. Os bancos recusavam depósitos de 80.000 e 100.000 marcos porque seu manejo lhes significava perdas. Um selo postal para uma carta chegou a custar cinco milhões de marcos.

O economista estadunidense **John Kenneth Galbraith** diz que, em 18 de junho de 1923, o marco despencou para 152.000 por dólar. Um sanduíche de presunto que um dia custava 14.000 marcos, no dia seguinte valia 24.000.[14]

O desemprego continuava crescendo. O caos econômico jogava carreiras no caos político, pois aos cinco grandes partidos se somaram

14 El Dinero. John K. Galbraith. Pág. 186. Ediciones Orbis, Barcelona, 1983.

outros 24, regionais, e todos lançavam dezenas de candidatos a deputados ou prefeitos. A decepção dos eleitores chegava a limites de desespero.[15]

Hitler acusava os partidos de colocarem seus interesses sectários acima dos interesses da nação. Os partidos —dizia— dividem o povo; urge formar um Movimento Nacional que restaure a autoridade e a ordem. Isso viria a ser um Partido autenticamente nacional, ao qual se acrescentaria o termo socialista porque buscava a prosperidade de todos os setores sociais.

Ao que parece, o rápido desenvolvimento do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores fez Hitler e seus seguidores acreditarem que poderiam chegar ao poder por meio de um golpe de força. No plano para consegui-lo, participou o prestigioso general Ludendorff, que havia sido chefe do Estado-Maior General durante a guerra.

O fato é que, em 9 de novembro de 1923, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores (NSDAP) realizou uma concentração em Munique —não autorizada pelo governo local—, e Hitler sacou sua pistola, disparou para o alto e proclamou: “A revolução nacional estourou!...”

A seguir, a S.A. deteve alguns funcionários que proibiam o comício, mas em seguida o 19º regimento de infantaria acudiu para sufocar o “golpe”. Houve um tiroteio, 15 mortos, vários feridos e numerosos detidos, inclusive o general Ludendorff, Hitler, Hess e mais seis chefes. Goering, ferido, conseguiu escapar e se refugiou na Áustria.

Ludendorff foi posto em liberdade. Hitler e Hess ficaram presos na fortaleza de Landsberg, onde foi aberto um processo contra eles, enquanto o Partido Nacional-Socialista foi oficialmente proibido.

Hitler encarregou-se de sua própria defesa. “Muito me admira —disse— que aqueles que incorreram em traição à Pátria não estejam sentados ao

15 No Tratado de Paz, concertado em Versalhes, figuravam as assinaturas de Melchior, Preuss e Warburg, a quem os nacionalistas acusavam de traição à Pátria. Dito Tratado obrigava a Alemanha a ceder partes de seu território à França, Bélgica, Dinamarca e Polônia; todas as suas colônias à Sociedade das Nações, e sua província do Sarre passava a ser administrada pela França durante 15 anos. Também deveria entregar aos vencedores todos os barcos mercantes de mais de 1.600 toneladas, a metade dos de menor tonelagem e a quarta parte dos pesqueiros. Além disso, pagar-lhe 152.000 milhões de marcos-ouro. Seu exército se reduziria a 100.000 homens, com a proibição de ter tanques e aviões. Da mesma forma, construiria para os vencedores 200.000 toneladas anuais de novos barcos, até chegar a um total de um milhão de toneladas.

meu lado. Aqueles acusados de alta traição que queriam separar a Baviera da Alemanha."

Enfim, sua condenação a 5 anos de prisão foi reduzida a seis meses, embora com a proibição de pronunciar discursos quando ficasse livre. (Ele aproveitou o confinamento para escrever seu livro "Minha Luta", de 358 páginas).

A imprensa acusava Hitler de ser aventureiro, egocêntrico, maníaco, pintor fracassado, agitador, sem instrução e, sobretudo, de ser antissemita. Isso último foi o que mais se enfatizou nos meios de informação.

Como se origina o "Antissemitismo"?

Na realidade, não se pode dizer que Hitler tenha inventado o antissemitismo. Lembre-se de que, quando criança, o médico judeu Bloch atendia sua mãe, e Hitler lhe presenteou uma aquarela pintada por ele mesmo.

A historiadora **Marlis Steinert** relata que "até sua chegada a Viena, aos 18 anos de idade, o judeu era para Hitler um ser abstrato. Havia pouquíssimos em Linz; além disso, estavam muito europeizados exteriormente e procediam como os demais vienenses."[16]

O conceito de "antissemitismo" não tem existência por si mesmo, já que é uma reação (ou resposta) diante do fundamentalismo racista político-religioso da comunidade hebraica. Ou, pelo menos, de sua cúpula dirigente.

O "antissemitismo" foi inicialmente provocado pela assembleia de rabinos que julgou, esbofeteou e condenou Cristo a ser crucificado. O historiador francês **Félix Vernet** diz que "os judeus começaram mal. Ao crucificar Jesus, converteram-se em agressores; os cristãos replicaram, e assim se continuou por séculos."[17]

16 *Hitler y el Universo Hitleriano*. M. Steinert. 2004.
17 *Judíos y Cristianos*, pág. 227 e 232. Edit. Tradición, 1974.

A reação dos cristãos (antissemitismo) teve apoio depois, durante séculos, da legislação da Igreja, que restringia a liberdade dos judeus, embora também freasse os abusos contra eles.

A reação “antissemita” na Espanha chegou ao auge em 1492, quando os Reis Católicos expulsaram os judeus que, durante 700 anos, haviam estado do lado do invasor muçulmano.

Na França também surgiu uma forte reação contra os semitas ou hebreus porque eram apontados como impulsionadores da sangrenta Revolução de 1789. Ainda no fim do século XIX e no início do XX, setores militares e católicos se enfrentavam contra a comunidade judaica a propósito do caso Dreyfus, condenado por traição.

Na Rússia, o semitismo e o antissemitismo se chocaram a partir do ano 970, segundo especifica **Martin Gilbert** em “Jewish History Atlas”, editado em Oxford em 1969. Durante o século XIX, houve sangrentos pogroms.

O triunfo da Revolução Bolchevique na Rússia foi mundialmente atribuído a ativistas judeus como **Trotsky, Lenin, Kamenev, Zinoviev, Dzerzhinsky, Yesov**, etc., que sacrificaram milhões de cristãos, inclusive milhares de sacerdotes.

Algo semelhante ocorreu na Hungria, onde Bela Kun tentou dominar o país em uma luta de 133 dias.

Quanto à Alemanha de 1918 a 1923, no novo governo democratizador de Weimar, Rosenfeld foi instalado no Ministério da Graça e Justiça; Hirsch, na Governança; Simón, na Fazenda; Futran, na Educação; Kastenberg, em Letras e Artes; Wurm, na Secretaria de Alimentação; o dr. Hirsch e Stadthagen, no Ministério do Fomento; Cohen, como presidente temporário do Conselho de Operários e Soldados; Rathenau, no Ministério das Relações Exteriores, além de Wassermann, Mendelshon, Bartoldy, Warburg, Deutsch e Oppenheimer, como negociadores do Tratado de Versalhes, que tão oneroso foi para a Alemanha.

Hitler insistia que era inadmissível que uma minoria de 1% tivesse tanta influência no governo da nação.

Outra acusação que sempre se faz a Hitler é a de ser racista. Observando os detalhes de seu racismo, vê-se que era seletivo, especificamente dirigido à comunidade judaica, como resposta ao tradicional racismo judaico que data do Antigo Testamento. Hitler usava os termos “raça” ou “ariano” como antípoda do judaísmo. Não se referia a franceses, belgas, italianos, romenos etc., nem a ingleses, apesar das duas guerras mundiais. Dos espanhóis, sempre se expressou elogiosamente, e havia antigos casamentos entre alemães e espanhóis, ou ao contrário, desde a época de Carlos V.

Esse racismo oposto ao semita não operava, por exemplo, com os milhares de franceses, belgas, holandeses, estonianos, romenos etc., que se alistaram na Waffen S.S. e que combateram por Hitler, a quem viam como um líder da Europa, não como um racista discriminador.

É injusto falar do racismo de Hitler sem compará-lo com o do Japão, de Israel ou de dezenas de países.[18]

Voltar a Começar, mas sem Direito a Falar

Depois que Hitler foi libertado, em dezembro de 1924, as autoridades permitiram que o Partido Nacional-Socialista voltasse a atuar, embora com o paradoxo “democrático” de que Hitler não poderia falar em público.

No entanto, isso foi contraproducente porque suscitou controvérsias. Por que temiam aquilo que ele pudesse dizer? Por que, se o que ele dizia era falso, não o refutavam adequadamente?... Enfim, pouco tempo depois, seu direito de falar em público foi restituído.

Naquela época, Hitler começou a admirar Mussolini, que, depois de sua marcha sobre Roma (1922), tornou-se ditador. Sua doutrina (fascismo) buscava unir as classes sociais, recuperar antigos territórios e dignificar a família.

18 No México celebrava-se o Dia da Raça com certo orgulho pela síntese étnica do mexicano, até que os comunistas fizeram um escândalo porque isso os incomodava, e o presidente López Portillo cancelou a data.

O Partido Nacional-Socialista continuou crescendo. Já não buscava o poder pela força, mas pelos próprios caminhos democráticos marcados pelo regime oficial.

Em julho de 1926, houve uma concentração de dez mil partidários. Trabalhadores mineiros viajaram de muito longe para assistir ao comício. “Há motivo para se orgulhar de uma nação —disse Hitler— até que ela já não tenha que se envergonhar de nenhum setor que viva miseravelmente.”

Um ano depois, o Partido reuniu em Nuremberg 30.000 “camisas-pardas” e, pouco depois, 100.000.

Em maio de 1928 houve eleições para deputados. O Partido Nacional-Socialista obteve apenas 12 cadeiras de um total de 500. A imprensa zombou dessa insignificância e disse que o nacional-socialismo jamais chegaria ao poder. Por sua vez, as autoridades proibiram o uso das “camisas-pardas”. Hitler comentou: “Muito bem! Desfilaremos com camisas brancas.”

Na concentração seguinte, os comunistas recorreram à ação direta para tentar dissolvê-la, mas a S.A. (seção de proteção) os repeliu furiosamente. Em várias ocasiões, repetiu-se o mesmo, e houve centenas de feridos e milhares de espancados, inclusive quatro ou cinco mortos.

Em setembro do mesmo 1928, culminou uma crise governamental com a dissolução do Congresso, motivo pelo qual houve então novas eleições para deputados. Os resultados foram uma surpresa, pois os nacional-socialistas obtiveram 107 cadeiras, de um total de 577. Na vez anterior, haviam conseguido apenas 12.

O Movimento Juvenil do Partido conquistou dezenas de milhares de jovens.

A ROTA AO PODER CONTINUAVA BLOQUEADA

Durante os quatro anos seguintes, até dezembro de 1932, Hitler continuou ganhando terreno, mas não o suficiente. O general Pablo von

Hindenburg, herói da guerra, havia sido eleito presidente da Alemanha em 1925. Nas eleições seguintes, de 1932, foi reeleito, ainda com o voto dos comunistas, que assim calcularam fechar totalmente o caminho a Hitler, pois se dizia que Hindenburg via Hitler como “o Cabo Boêmio”.

Em junho daquele ano (1932), Hindenburg nomeou chanceler Franz Von Papen, do Partido do Centro, que dissolveu o Reichstag (Congresso) diante da crise de ingovernabilidade. No entanto, não conseguiu manter-se no cargo e foi substituído pelo general **Schleicher**, simpatizante do comunismo e inimigo decidido de Hitler.

Schleicher manifestou ao presidente Hindenburg que, para consolidar seu governo, era urgente que ele lhe desse plenos poderes para usar o Exército e reprimir Hitler e seus partidários.

Hindenburg respondeu que isso seria afundar a Alemanha em uma guerra civil e que ele não estava disposto a assumir tal responsabilidade. Como consequência, o chanceler Schleicher renunciou em 28 de janeiro. (Já era 1933).

Seguiram-se 24 horas de intensas negociações entre diversos grupos. Tentou-se que Von Papen voltasse à Chancelaria e que adotasse Hitler como vice-chanceler, na reserva de “enquadrá-lo” e anulá-lo, mas Hitler respondeu que só iria como chanceler e que aceitaria que Von Papen fosse seu vice-chanceler. “Eu estendo meus braços ao povo”, acrescentou.

Nas altas esferas políticas havia desconcerto e intrigas. Von Papen e a Liga Agrária predispuseram Hindenburg contra Schleicher; este entrava em entendimentos com o embaixador da França e com Roehm, chefe da S.A. Von Papen pensava que, ainda como vice-chanceler, poderia marginalizar e derrubar Hitler. “Seu maneirado maquiavelismo subestimava —diz Burleigh— a astúcia de rato de Hitler.”

Outros políticos também acreditaram que se poderia domesticar Hitler e aceitaram que ele fosse chanceler e Von Papen vice-chanceler. Comunicaram esse “arranjo” ao presidente Hindenburg, que aceitou (em 30 de janeiro de 1933) nomear Hitler chanceler e Von Papen vice-chanceler.

A entrega formal da nomeação foi realizada depois na Igreja da Guarnição de Potsdam. Os sinos repicaram, e o coro da Catedral de Berlim entoou “Agora minha alma exalta o Senhor”.

Em seguida, o marechal Hindenburg diz a Hitler:

“Difíceis e múltiplas são as tarefas que o senhor, senhor chanceler, tem diante de si.”

O antigo Cabo responde referindo-se à Alemanha pobre, traída, dividida pelo processo do marxismo e pela luta de classes. “Queremos captar —disse— todas as forças realmente vivas do povo como fatores de sustentação do futuro. Em vez de camponeses, burgueses e trabalhadores, deve voltar a formar-se um só povo alemão... Diante de nós encontra-se uma cabeça sábia, senhor marechal... Que a Providência nos conceda aqui, aos pés do mausoléu do rei Frederico, o Grande, aquele valor e aquela perseverança que, neste recinto sagrado para todo alemão, sentimos ao nosso redor.”

O pintor que, aos 25 anos de idade, deixou o pincel para se tornar soldado; que quatro anos depois deixaria o fuzil para dedicar-se à política, agora se tornava chanceler, imediatamente abaixo de um presidente envelhecido que, com seus 83 anos de idade, viveria apenas mais 17 meses.

Com a morte de Hindenburg —segundo sua vontade— Hitler seria ao mesmo tempo presidente, como Führer da Alemanha, embora sujeito a um plebiscito que o confirmasse ou não.

A popularidade de Hitler não a tivera ninguém desde o rei Frederico, o Grande.

No entanto, os inimigos de Hitler não acreditavam ter perdido tudo. O habilidoso Von Papen não havia conseguido conservar a Chancelaria; tampouco o impetuoso general Schleicher, apesar de sua amizade com os comunistas. Por que Hitler teria melhor sorte, ele que nunca havia sido sequer prefeito de lugarejo; que não era economista para resolver a miséria do povo; que, nos altos comandos do Exército, continuava a ser visto como

cabo; e que, nos círculos dos ricos, era guardado sob suspeitas como se fosse um demagogo?

Não faltava quem lhe augurasse um rápido fracasso, depois do qual a Alemanha ficaria mais arruinada para ser submetida.

Foi vantajoso para Hitler que seus inimigos (uns já identificados e outros não) o subestimassem tanto, baseados em razões tão evidentes quanto lógicas.

No dia seguinte ao de sua posse, Hitler pediu um prazo de quatro anos para tirar o campo da pobreza e dar pleno emprego a mais de seis milhões de desempregados. “Nada se livrou da perniciosa influência comunista — disse—, que afetou a família, todas as noções de honra e lealdade, povo e Pátria, cultura e economia, até chegar a debilitar as bases da moralidade e da fé... Será restaurada a unidade nacional, baseada no cristianismo como fundamento de toda a nossa moralidade, e a família como o germe do nosso corpo de nação e de Estado.”[19]

Recursos da Propaganda

Totalitarismo é aquilo que pretende ser absoluto. Quando um regime submete seus cidadãos a um controle político, antirreligioso e ateu, é adequadamente chamado de “totalitário”. Tal era o caso da URSS e, posteriormente, o de algumas democracias que agem sorrateiramente, mediante a educação compulsória que impõe a “evolução” sobre a fé na Criação divina.

Em contrapartida, o Nacional-Socialismo era absoluto em relação à política e ao administrativo. No espiritual ou religioso, não impunha nada. Mais ainda, baseava-se no cristianismo, de acordo com a fé evidentemente majoritária do povo alemão.

19 Kershaw comenta que “tal Llamado al Pueblo esteve cheio de retórica, mas vazio de conteúdo.”

No entanto, a propaganda não demorou a qualificar o nacional-socialismo com o termo pejorativo de “totalitário”, e a URSS como “democracia”.

Só o domínio total, sobre o físico e o espiritual, é totalitarismo.

Capítulo IV

Em 8 meses, Criação de 2 milhões e 250 mil novos empregos (1933)

Economia a Serviço do Povo, Não ao Contrário

Entre as desgraças mais graves que a Alemanha sofria estavam o colapso da agricultura e a miséria de mais de sete milhões de desempregados nas cidades.

Grande parte da terra estava hipotecada, às vezes até mesmo as casas. A colheita era objeto de especulação nas mãos de intermediários. Na Bolsa de Valores, fixavam-se preços sem importar a sorte dos camponeses, muitos dos quais estavam indo para as cidades e aumentavam o número de desempregados.

A importação de alimentos deprimia os preços dos produtos nacionais e desanimava os agricultores.

Hitler disse: “Ai do povo que se esquece de seus lavradores!... O campo é o alicerce de uma nação!”

Consequentemente, evitou que a Bolsa ou os especuladores continuassem fazendo os preços oscilarem. A intermediação era necessária, mas sem especulação.

Além disso, o Estado começou a facilitar o uso de máquinas aos camponeses de menores recursos.

A importação de alimentos foi contida, em benefício da produção nacional, e aumentaram-se os créditos com juros baixos.

Ainda assim, isso não era suficiente, pois era preciso alimentar 138 habitantes por quilômetro quadrado.[20]

Era necessário fazer muito mais para resgatar o camponês.

---

20 Naquele tempo, o México (com o quádruplo da superfície da Alemanha) tinha 10 habitantes por quilômetro quadrado. A ninguém, na Alemanha, ocorreu dizer a seus camponeses que aprendessem algo para que fossem para o estrangeiro.

Cinco anos antes, o coronel Constantino Hierl havia idealizado uma **Frente do Trabalho**, com rapazes de 14 a 18 anos de idade. Segundo seu plano, essa Frente seria uma continuação do ensino obrigatório e do serviço militar. Ou seja, um serviço de honra que estreitaria os vínculos sociais, ajudando o camponês em suas tarefas.

Em questão de meses, Hitler deu impulso a essa Frente. Os rapazes recebiam alimento, roupa e 25 centavos por dia. Assim se empreendeu a recuperação de três milhões de hectares de terra cultivável. Para isso, fizeram-se diques e tomou-se terra do mar; abriram-se canais para secar pântanos ou nivelaram-se terrenos, além de abrir milhares de quilômetros de estradas vicinais. Ao mesmo tempo, o Estado começou a fornecer fertilizantes.

Emitiu-se certa quantidade de dinheiro para reabilitar o campo, e o consequente aumento da produção serviu de apoio a esse dinheiro novo, que na realidade não tinha nenhum respaldo em ouro ou divisas. E, como entre ambas as etapas se mantiveram firmes os preços e os salários, evitou-se a inflação, tão profetizada pelos economistas da escola liberal.

Impulsionou-se a construção de moradias para o camponês.

O camponês sentiu que não estava sozinho. Sua depressão transformou-se em entusiasmo. Deu-se grande destaque à “festa da colheita”. A oeste de Hanover, realizou-se uma concentração de mais de meio milhão de aldeões, diante dos quais Hitler falou:

“Vossos olhares constituem para mim a mais bela recompensa! Sempre que me separo de vocês, levo comigo uma força duas ou três vezes maior do que aquela que tinha ao vir até vocês.”

As coisas começaram a melhorar visivelmente no campo.

O Nacional-Socialismo pôs em jogo uma nova fórmula econômica, tão afastada da economia liberal quanto da comunista. Consistia no seguinte: “O povo não vive para a economia —dizia Hitler—, e a economia não vive para servir ao capital, mas o capital serve à economia, e esta ao povo.”

Em outras palavras, o povo não seria submetido a tais ou quais tabus da Economia; ao contrário, esta deveria moldar-se para servir ao povo.

Para o primeiro ano de governo, decretou-se a isenção de impostos para os veículos que entrassem em serviço naquele ano, inclusive caminhões destinados à agricultura e à indústria. Também foram isentas de impostos a construção de casas próprias e de moradias. Reduziram-se os impostos para a ampliação de oficinas e para aqueles que produzissem novos materiais que ajudassem a reduzir as importações. Os fretes para o transporte fluvial ou ferroviário foram reduzidos em benefício do transporte de materiais.

Vários economistas se alarmaram e disseram que o Fisco receberia menos recursos, ao que Hitler respondeu que tais reduções de arrecadação seriam amplamente recuperadas porque a economia em geral seria ativada. E assim foi. O ministro da Fazenda, Von Schwerin Krosigk, dizia que “Hitler concebia os assuntos financeiros com assombroso bom senso e era um cético em relação ao que se considera uma ciência econômica intocável.”

Os fornecedores do Estado emitiam letras de câmbio que podiam ser descontadas no Reichsbank, mas, como rendiam juros de 4% ao ano, nem

todas eram cobradas imediatamente, de tal modo que, quando eram cobradas, as novas obras já haviam reativado a produção, e esta respaldava o aumento do dinheiro em circulação. O poder aquisitivo da moeda conservava assim seu equilíbrio.

Unificar Esforços com uma meta comum

Em 23 de março, Hitler compareceu perante o Reichstag para defender uma lei que lhe concedesse poderes especiais a fim de combater a crise. “Trata-se —disse— de unificar esforços em uma mesma direção. É urgente deter a decadência da nação, alentada por incontáveis e opostas ideologias que nascem do marxismo. A dissolução ataca todos os fundamentos da ordem social, moral, familiar e econômica... Apesar de sua indústria e de seu amor ao trabalho, de sua inteligência e boa vontade, milhões de alemães buscam o pão de cada dia. A vida econômica definha. Queremos restabelecer a unidade de pensamento e de vontade.”

Ao mesmo tempo, quis antecipar algo a respeito da Concordata que negociava com o Vaticano e manifestou: “O governo do Reich, que vê no Cristianismo o fundamento inabalável da moral e dos bons costumes do povo, concede grandíssimo valor às relações amistosas com a Santa Sé e procura dar-lhes expressão.”

A seguir, o deputado **Wells**, pró-comunista, suscitou um debate ao pedir igualdade de direitos. Hitler respondeu que, quando os marxistas “puderam evitar a traição, não o fizeram, e não evitaram que a nação recebesse uma Constituição segundo os desígnios do estrangeiro... Agora pedem igualdade de direitos. Durante 14 anos vocês nos negaram essa igualdade! Procritas: fomos nós, durante o tempo em que vocês governaram. Agora o senhor diz que a crítica é construtiva. Naturalmente, aquele que ama a Alemanha tem o direito de nos criticar, mas quem adora a Internacional, esse não pode nos criticar... O que acontece com vocês? Não estão, acaso, aqui sentados, e nós ouvindo seus discursos?... Mas seus

frutos nós os conhecemos. A Alemanha que levantaram durante 14 anos é o espelho do seu socialismo marxista.”

A lei de plenos poderes foi aprovada por 441 votos a favor e 94 contra, contando as abstenções.

União de Classes Sociais para Alcançar um mesmo fim

Por ocasião do Dia do Trabalho, Hitler falou diante de dois milhões de trabalhadores. “Espantosa é a miséria que o povo alemão tem atrás de si. E não porque tenha faltado empenho. Não! Milhões de nosso povo continuam trabalhando como antes, milhões de camponeses seguem atrás do arado como antes, e outros milhões anseiam trabalhar, mas não podem! E nós nos perguntamos: por quê?... Porque uma loucura foi defendida durante 70 anos. No entanto, não devemos desanimar. Aquilo que a insensatez humana inventou uma vez pode ser vencido por uma prudência sensata…

“O necessário é ensinar a cada classe social a importância da outra. Vamos à cidade proclamar a essência do camponês alemão; saiamos ao campo e vamos buscar nossos intelectuais para fazê-los ver a importância do operário e dos trabalhadores alemães.

“O marxismo, como conceito universal da decomposição, viu, com olhar perspicaz, no movimento das organizações operárias, a possibilidade de empreender a agressão e a luta de classes contra o Estado e a sociedade humana com uma arma absolutamente aniquiladora. Não para ajudar o operário. O que importa ao operário de qualquer país que seja, a estes apóstolos internacionais? Nada! Absolutamente nada!”

Depois relatou como os marxistas provocaram greves em 1918 e, assim, contribuíram para a derrota da Alemanha, tal como haviam feito na Rússia. Por isso —acrescentou— “ao declarar, 15 anos atrás, e repetir desde então, que minha missão perante a história era a destruição do

marxismo, não disse uma frase vazia, mas um juramento sagrado que penso cumprir enquanto circular uma gota de sangue em minhas veias.”

Reconciliação com Direitos Iguais

Dezessete dias depois, voltou a falar, no Reichstag, sobre o desarmamento que foi imposto à Alemanha em 1918, quando se disse que também os vencedores se desarmariam, coisa que não haviam cumprido nos 15 anos transcorridos. Enumerou as grandes quantidades de armas alemãs entregues ao inimigo ou destruídas. “Diante disso, a França tem 3.046 aviões em serviço; a Bélgica, 350; a Polônia, 700; a Tchecoslováquia, 670, e milhares de tanques. Enquanto isso, o Tratado de Paz de Versalhes proíbe a Alemanha de construir aviões e tanques.

“A Alemanha está disposta a aceitar um período de transição de 5 anos, na expectativa de que, transcorrido esse período, ocorra a equiparação real da Alemanha com os demais Estados. A Alemanha está igualmente disposta a renunciar às armas ofensivas, desde que, dentro de um período, as nações armadas, por sua parte, também destruam as armas dessa classe e o emprego delas fique proibido por uma convenção internacional.

“A Alemanha deseja a reconciliação com base na igualdade de direitos.”

Economia e Moral devem-se complementar

Como havia falta de ouro e divisas, o regime deu estímulos a quem apresentasse ideias a fim de diminuir as importações. Usaram-se plásticos para suprir alguns metais; sapatos de couro de peixe; gorduras extraídas da semente de uva; açúcar de beterraba; recuperação de tubos vazios de dentifrício; gás em vez de petróleo; borracha sintética em vez de borracha importada; das batatas extraíam-se açúcares; plásticos endurecidos em vez

de cobre; purificação do óleo já usado; proteínas de peixe como complemento alimentar; gasolina extraída da hulha etc.[21]

Nessa tarefa, o ministro Hermann Goering foi muito eficaz, também como diretor dos planos quinquenais para administrar os recursos materiais.

A economia tem algo a ver com a moral? O Nacional-Socialismo respondia que sim. A especulação era um veneno econômico, presumivelmente justificado com a frase mercantilista do "deixar fazer; deixar passar". Consequentemente, não se devia "deixar fazer" impunemente se isso beneficiava uns poucos e prejudicava a maioria.

A economia tem algo a ver com a vida psíquica? Os liberais (e ainda mais os neoliberais) dizem que absolutamente nada. Em contrapartida, o pensamento nacional-socialista, inspirado por Oswaldo Spengler e adotado por Hitler, afirma que "toda vida econômica é a expressão de uma vida psíquica". Max Weber acrescentava que "a atividade econômica é um fato espiritual".

Com efeito, se o regime começava sua gestão fazendo algo em favor do agricultor e dos desempregados, despertava esperança, entusiasmo e fé. E isso era uma nova força, metafísica, em apoio à economia em geral.

Foram reduzidos os impostos das fábricas que modernizassem seus procedimentos. Também aos particulares que iniciassem qualquer pequena indústria ou construíssem casas.

Médios e pequenos poupadores que tinham **depósitos** no exterior começaram a trazê-los de volta à Pátria.

Os líderes sindicais (que enriqueciam com as cotas dos operários) foram destituídos e, ao mesmo tempo, melhoraram-se os benefícios.

As relações entre operários e patrões ficaram sujeitas a um código de honra e a tribunais mistos, com o lema de que o patrão deve atender às demandas justificadas do operário e que este deve levar em conta as possibilidades da empresa, de cujo êxito depende o seu próprio.

---

21 Economía Nacionalsocialista. Maxine Y. Sweezy, antinazista, bolsista do Radcliffe College, dos EUA, para fazer uma investigação sobre o particular.

Criou-se um Organismo da Empresa Modelo, com incentivos para aqueles que melhorassem salários e benefícios e, assim, eliminassem os resquícios da "luta de classes". **A "produtividade" devia ser alcançada com métodos e máquinas melhores, não explorando mais o operário.**

Desde que tomou posse, Hitler ordenou o início dos trabalhos para chegar à construção de 7.000 quilômetros de superestradas, obra que chegou a criar 400.000 empregos. Como complemento, pediu ao engenheiro Porshe a fabricação de um automóvel barato, que o povo pudesse adquirir em prestações, e assim surgiu o Volkswagen.[22]

Os desempregados que iam obtendo trabalho começavam a comprar bens e serviços, de tal maneira que os fornecedores tinham de produzir mais e, por sua vez, davam trabalho a outros desempregados. Foi uma cadeia que multiplicava os empregos.

Por sua vez, o aumento do emprego aumentava o otimismo, e assim surgiam novas obras da iniciativa privada.

O impulso dado à produção de aço —a fim de não depender do exterior— foi tão decidido que, em quatro anos, chegou-se a produzir 9,2 milhões de toneladas, ou seja, mais do que os 9,1 milhões que os Estados Unidos produziam.

Desse modo, a produção foi aumentando em todos os setores, até que a Alemanha chegou a ser a segunda potência em produção industrial, depois dos Estados Unidos.

22 *La Alemania de Hitler Vista por un Extranjero*. Cesare Santoro. Internationales Verlag, 1939.

A construção de superestradas foi um meio de gerar emprego.

Em 20 de julho (1933), Hitler e o Vaticano surpreenderam o mundo com a assinatura de uma Concordata. Em Roma e em Berlim celebrou-se o acontecimento. Um dos pontos da Concordata estabelecia que o Estado respeitava o culto e que os sacerdotes não atuariam na política.

O historiador Kershaw registra uma carta que o **cardeal Michael von Faulhaber** dirigiu a Hitler em 24 de julho daquele mesmo ano (1933), menos de 7 meses de sua gestão, na qual lhe dizia: "O que o velho parlamento e os partidos não conseguiram em sessenta anos, vossa clarividência de estadista conseguiu em seis meses". (Obra citada, de Kershaw, pág. 481, tomo I).

É curioso que o regime estivesse conseguindo, por meio da política e da economia, a realização da Doutrina Social da Igreja, consistente em fazer justiça às classes desvalidas, em que não se use o capital para especular e extorquir, em que se propicie o amor ao próximo e em que se conservem os bons costumes.

Como a crise havia provocado a queda do número de casamentos, o regime concedeu 960.000 empréstimos pré-matrimoniais, e isso favoreceu, em seguida, o nascimento de 825.000 crianças. O aborto era proibido.

Para as jovens, organizou-se uma dependência especial com as seguintes finalidades: praticar esporte, conservar-se saudáveis e puras para cumprir sua missão de esposas e mães. Recebiam educação sobre o cuidado dos bebês de peito, a organização do lar e a economia doméstica. A mulher nunca seria chamada a formar nas fileiras de combate, porque isso não seria igualdade de direitos —como se dizia em outros países—, mas inferioridade de direitos.

A reorganização do artesanato produziu um aumento de 50% na produção.

Como sobre a rede de 22.000 quilômetros de ferrovias pesava uma hipoteca, começaram a ser feitos pagamentos até que ela fosse totalmente resgatada.[23]

23 Para fortuna dos alemães, lá não tiveram um Zedillo que declarasse "extintos" os Ferrocarriles Nacionales, em favor de estrangeiros, nem um Fox que o confirmasse.

Para os que ainda não obtinham emprego, criou-se a Ajuda do Partido Nacional-Socialista, com o chamado “prato único”, que consistia em que, semanalmente, cada família que tivesse a possibilidade de fazê-lo deixasse de comer algo e o encaminhasse aos que não tinham emprego. Hitler dizia que era mais fácil criar um imposto e que o Estado desse essa ajuda, mas que queria que um setor do povo estendesse a mão a outro mais necessitado. E repetia o lema: “O que acontece com os demais também nos interessa.”

Pelo mesmo motivo, criou em outubro a Ajuda de Inverno. O historiador Burleigh admite que “circularam de um lado para outro quantidades prodigiosas de bens materiais, que incluíam roupas, carvão, lenha e batatas; 33% da pesca de alto-mar do país levou peixe fresco a habitantes de regiões do interior. No Natal, presentes para as crianças... e 3,7 milhões de ingressos de cinema e de teatro doados aos desempregados ou aos subalimentados.” (O Terceiro Reich. M. Burleigh, pág. 257).

Por sua vez, Hitler dizia: “Quando vejo meninas pobres, malvestidas e passando frio, mas mesmo assim arrecadando ajuda para pessoas ainda mais necessitadas, sinto que elas representam o cristianismo verdadeiro: uma fé sincera demonstrada por atos, não apenas por palavras.”

Boa Nóticia no dia 14 de Outubro

“Conduzimos durante 8 meses —disse Hitler— uma campanha corajosa contra o comunismo que ameaça toda a nossa nação, nossa cultura, nossa arte e nossa moral pública. Afastamos aqueles que negam a Deus (as lojas maçônicas). Devemos agradecer humildemente ao Todo-Poderoso por nos ter permitido que nossa luta contra o desemprego não tenha sido em vão.

“Dentro do programa para o qual havíamos pedido um prazo de 4 anos, conseguimos, em oito meses, reintegrar ao processo produtivo dois milhões e duzentos e cinquenta mil dos seis milhões de desempregados.”

Como as agências internacionais de notícias difundiam pelo mundo uma imagem negativa da Alemanha nacional-socialista, Hitler acrescentou: “O mundo, ao qual não fazemos mal algum e ao qual só pedimos que nos deixe trabalhar em paz, mergulhou-nos durante meses em um mar de mentiras e calúnias. Na Alemanha, realiza-se um movimento de reconstrução, ao contrário do que ocorreu durante a Revolução Francesa, que cometeu massacres e assassinatos... O Nacional-Socialismo não destruiu edifícios nem obras de arte como nos tempos da Comuna de Paris ou das revoluções vermelhas da Baviera e da Hungria…”

“No entanto, apresentam a Alemanha como brutal e agressiva. Nós conhecemos apenas um inimigo, e esse inimigo é o comunismo.

“Queremos pôr fim às lutas e disputas mantidas durante séculos e estamos dispostos a construir de novo uma comunidade melhor de nações.”

Como um Historiador atual vê isso

Em março do corrente ano de 2005, foi apresentado o livro de Michael Burleigh intitulado “O Terceiro Reich” (916 páginas). Como ele vê o regime de Hitler no que diz respeito às mudanças sociais que implantou? Ele simplesmente diz que foi “a política do farisaísmo”, ou seja, “hipocrisia!”

Quanto ao fato de se promover entre as moças a educação para serem mães; de não abortarem, não fumarem nem terem amantes, Burleigh diz que assim a mulher era rebaixada “ao nível de vacas ruminando nos prados”. (Págs. 263-264).

Acrescenta que o auxílio aos desempregados “se transformou mais em um meio favorito de mobilizar o sentimentalismo.” (pág. 251)

Além disso, denuncia que, no Terceiro Reich, chegou-se “a uma intolerância absoluta em relação às formas heterossexuais de sexualidade. Não era um bom momento para ser homossexual. (Pág. 265).

Naturalmente que não... Nem no teatro, no cinema, nas revistas ou nos jornais eram permitidas “faltas à moral”. Impôs-se a censura para evitar “que diariamente se despejasse veneno aos borbotões”. Burleigh diz que o mais estranho é que o grande público aceitava isso, muitas vezes com demonstrações de aprovação.

Esse mesmo autor critica as concentrações anuais realizadas pelo Nacional-Socialismo. Assinala que o documentário “O Triunfo da Vontade”, de Leni Riefenstahl, combina festa, desfiles e celebração sagrada, além do juramento da S.S. “Esses exercícios multitudinários — diz— em que se passava bruscamente do sublime ao ridículo eram o aspecto mais visível do culto ao Führer... um homem simples, um Charlie Chaplin uniformizado.”

E a tese desse historiador é que “o Nacional-Socialismo constituía um ataque contínuo aos valores cristãos fundamentais, apesar de, por motivos táticos, render homenagem à influência que o cristianismo exercia... e apesar também de Hitler afirmar que o Nacional-Socialismo era essencialmente um movimento popular e, sob nenhuma circunstância, um movimento de culto.”

A respeito das “juventudes hitleristas”, Burleigh diz que, “em suma, os meninos pareciam ter se tornado mais brutais, mais saudáveis e mais estúpidos do que eram antes.”

E, sobre a construção de superestradas, Burleigh comenta: “Os nazistas aproveitaram planos anteriores para construir uma rede de autoestradas. Em 1936, empregaram 120.000 trabalhadores e tinham de alojá-los em cabanas desoladas, em zonas desabitadas, longe de suas famílias. (Pág. 273),”

Naturalmente, é justificável que o historiador faça certa interpretação pessoal sobre este ou aquele fato pouco claro, mas não que recorra a saltos dialéticos para distorcê-lo.

Em 1918, quando marxistas judeus incentivaram greves e lideraram a formação de “sovietes” em diversas cidades alemãs —com o enfraquecimento da frente de guerra—, as relações entre judeus e

nacionalistas alemães tornaram-se muito tensas. Em março de 1933, com a chegada de Hitler ao poder, as relações pioraram, e a **Comunidade Judaica Mundial** declarou boicote às exportações alemãs.

Por esse motivo, Hitler falou em 24 de outubro: “Voltamos a impulsionar a religiosidade —disse— porque estamos convencidos de que o povo alemão precisa dela. Por isso acabamos com as organizações que não eram de Deus.

“Uma grande rede de autoestradas está sendo construída na Alemanha. Começamos a renovação de nossas finanças. Eliminamos a corrupção onde quer que a tenhamos encontrado. Corrigimos o injusto. Os salários baixos foram reduzidos... E o mundo, o que fez? Nestes oito meses, limitou-se a nos humilhar. Por que não nos deixam em paz? Andam dizendo: Ali acontecem coisas terríveis!... Quantas bandeiras, quantas insígnias honradas da Alemanha não foram arrancadas dos consulados alemães? Mas qual é o Estado que pode dizer que alguma bandeira sua foi ultrajada em nossas cidades?”

“Os elementos mais indesejáveis foram expulsos da nação. Mas acontece que, no resto do mundo, também não os querem. Na Inglaterra, disse-se que receberiam de braços abertos todos os que estivessem em apuros, como era o caso dos judeus que fugiam. A Inglaterra pode fazer isso porque tem regiões grandes e é rica. Nós somos pequenos e superpovoados. Mas ficaria muito melhor se a Inglaterra —para acolhê-los— não tornasse indispensável que cada um levasse mil libras, e se dissesse: ‘Todos podem entrar!’ Como nós fizemos durante 40 anos, embora eles não trouxessem mil libras. Com isso, demonstramos que nós, os bárbaros, somos novamente os mais humanos.

“Alegra-me que, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, esse boicote tenha cada vez menos seguidores. Mas até quando vai durar esta discriminação contra nosso povo?”

Nem tomar Empréstimos nem fazer desvalorizações

Foi notável a queda de braço que existiu entre Hitler e o famoso economista **Hjalmar Schacht**. Este havia conduzido a economia da Alemanha durante seis anos, até três anos antes de Hitler chegar ao poder.

Hitler havia proibido a maçonaria por considerá-la “um veículo para promover ideias e objetivos judeus”. No entanto, depois houve uma “anistia”, e os “mestres” mais hábeis a aproveitaram para mergulhar na clandestinidade e continuar trabalhando em suas atividades.

Como Schacht era maçom e hostil ao nacional-socialismo, não se podia imaginar que Hitler o chamasse para seu governo. Mas, cinco semanas depois de chegar ao poder, convidou-o a voltar à presidência do Reichsbank, isto é, o banco central (Banco dos Bancos).

Schacht perguntou se era requisito pertencer ao Partido —coisa que ele não aceitaria—, e Hitler respondeu que não. Então, com a ideia de que era mais eficaz combater o regime por dentro do que por fora, aceitou o cargo, como confessa em suas Memórias. Seu propósito, diz ele, era “conduzir” Hitler.

Por sua vez —ao que parece—, Hitler queria aproveitar a vasta informação que Schacht havia acumulado durante seus anos à frente daquele banco. E talvez também pensasse em “conduzir” Schacht.

Estabeleceu-se uma espécie de duelo entre duas inteligências.

Durante sua gestão anterior (1924-1930), Schacht havia obtido créditos para pagar indenizações aos vencedores da guerra. Tinha ótimas relações com banqueiros tão poderosos como Max Warburg; Montagu; o chefe dos rabinos, Wise, e outros mais. Não lhe seria difícil conseguir novos créditos para Hitler, e assim ele lhe propôs. Mas Hitler respondeu que os créditos estrangeiros não eram a solução, e sim uma armadilha. “Fica-se continuamente diante da ameaça: ‘se vocês não fizerem isto, então apertaremos a corda; se não fizerem aquilo, puxaremos as rédeas por este lado; se não fizerem aquilo outro, fecharemos a torneira’ etc.

Schacht chamava a atenção para a grave escassez de divisas; a redução de impostos que Hitler vinha concedendo; o aumento do dinheiro em circulação etc., e dizia que, segundo a ciência econômica, caminhava-se para uma inflação grave.

Mas Hitler continuava irredutível.

A situação deve ter ficado muito tensa para Schacht depois de um ano, e ele já queria ir embora. Talvez Hitler —para mantê-lo— o tenha promovido nada menos que a ministro da Economia. Talvez Schacht tenha calculado que, dali, conseguiria "conduzir" Hitler, e aceitou. (VI-1934).

Então Schacht insistiu para que se fizesse uma desvalorização do marco. Quase todos os países estavam fazendo desvalorizações, em consequência da crise que havia se instalado nos Estados Unidos a partir de 1929-1933. A Alemanha tinha muito menos divisas do que os Estados Unidos; por que Hitler insistia em não desvalorizar sua moeda? Era preciso fazê-lo, e já!

Mas todos os raciocínios de Schacht não convenceram Hitler. Ele insistia em que **a desvalorização era roubar do povo uma parte de seu trabalho ou de sua poupança**, e manteve a política de conservar sua moeda firme. O trabalho e o consequente aumento da produção —dizia— eram a verdadeira riqueza de um povo.

Seguiu-se mais um ano de quedas de braço. Schacht disse a Hitler que lembrasse a frase de Schopenhauer: "Se pisam no pé de um judeu em Frankfurt, toda a imprensa judaica, de Moscou a San Francisco, levanta vivas manifestações de dor."

No entanto, as previsões de Schacht sobre inflação ou deflação não se confirmavam na Alemanha.

Schacht não diz por que renunciou ao Ministério da Economia nem por que aceitou continuar novamente no Reichsbank.

Depois, após a anexação da Áustria à Alemanha, Hitler ordenou a reavaliação da moeda austríaca. Schacht insistiu que isso não podia ser feito, segundo as regras econômicas, e relata assim o diálogo seguinte:

Schacht.- O senhor tem entre seus colaboradores um especialista em questões monetárias que goza de fama no mundo inteiro, e o senhor, pelo contrário, ignora os conselhos desse homem.

Hitler.- Faço isso por motivos políticos.[24]

O fato é que a moeda austríaca foi reavaliada e nada aconteceu. Hitler aplicou ali a fórmula de dar mais trabalho aos desempregados e aumentar a produção.

Por outro lado, e evidentemente porque no campo da economia não podia prejudicar Hitler, Schacht começou a conspirar em outros setores:

"Comecei a meditar, na companhia de meus amigos, sobre o que se poderia fazer para eliminar o regime de Hitler. Fui visitar o comandante supremo do Exército, Von Brauchitsch; o comandante militar de Berlim, Von Rundstedt; o almirante Raeder, comandante da Marinha, e o ministro da Justiça, Guertner, mas em toda parte encontrei ouvidos moucos."

Apesar disso, continuou conspirando. Já tinha contato com o general Witzleben e tramavam formar um novo Governo. Depois falou com o Dr. Von Dohnanyi, que cooperava com o almirante Canaris. (Memórias, pág. 457)

Entretanto, a Gestapo não tinha o menor indício das atividades secretas de Schacht. O que, sim, já estava acontecendo é que Hitler percebia algo particularmente hostil em Schacht e o convocou à Chancelaria. Segundo relata o próprio Schacht, Hitler lhe disse:

— Mandei chamá-lo, senhor Schacht, para entregar-lhe o documento de sua destituição do cargo de presidente do Reichsbank. O senhor não se encaixa dentro do nacional-socialismo... E aquilo em que o senhor acredita, senhor Schacht, não acontecerá. A inflação não virá.- (1- 20-39)

E, na realidade, a inflação não chegou, apesar dos autorizados augúrios de Schacht.

---

24 Memórias. — Schacht. — A.H.R. Barcelona, 1954. Pág. 421.

Evidentemente, Hitler o estava demitindo, mas, para preservar as aparências, nomeou-o “ministro sem pasta”, o que na realidade não era nada, e depois também foi despedido desse cargo.

Schacht refere que suas articulações contra Hitler conseguiram outro contato valioso, por meio de seu filho Jens. Falou com o coronel Gronau, que por sua vez o apresentou ao general Lindemann, encarregado do fornecimento de material de artilharia para todos os exércitos e, portanto, com acesso ao quartel-general de Hitler. “Toda vez que Lindemann voltava de seu posto de comando no Leste, discutíamos os preparativos para o atentado, instando-o em cada ocasião a agir com a máxima urgência possível.” (Pág. 458).

Schacht diz textualmente em suas Memórias: “Hitler não teve uma educação escolar suficiente, mas posteriormente leu muito, adquiriu muitos conhecimentos novos e os utilizava todos com grande virtuosismo durante as discussões e conferências. Não resta a menor dúvida de que, de certo modo, *foi* um homem genial. Tinha ideias que não ocorriam a mais ninguém e das quais se valia, graças a uma brutalidade desconcertante, para superar as dificuldades que enfrentava.”[25]

No duelo aberto entre Hitler e Schacht, este não conseguiu “encaminhá-lo” nem submetê-lo à economia de Londres e Wall Street. Em compensação, Hitler aproveitou Schacht para as manobras das letras de câmbio “mefo”, que lhe serviram para os malabarismos contra a inflação durante o período inicial de seu regime.

A Economia que Hitler estava aplicando era **uma mistura insólita de economia, política, moral e forças psicológicas de confiança popular.** Essa Economia Nacional-Socialista violava os sagrados princípios da Economia Liberal e os evidenciava como falsos.

Isso era perigoso para a Economia Liberal, que se tem apresentado como a única via para todo o mundo, apesar das crises e misérias que provoca.

25 Memórias. Pág. 509. H. Schacht. Edit. AHR. Barcelona, 1954.

E mais perigoso ainda seria se a Economia Nacional-Socialista perdurasse, pois seria uma barreira para o Neoliberalismo e, mais ainda, para a Globalização.

Era urgente, portanto, abater a Economia Nacional-Socialista em seu berço.

Schacht havia falado em fazê-lo "por dentro", segundo seu plano e o de seus amigos de Londres e Wall Street. Seria necessário que a guerra o fizesse a sangue e fogo.[26]

26 Sobre a Economia, dois anos antes o papa Pio XI havia denunciado: "Salta aos olhos que, em nosso tempo, não apenas se acumulam riquezas, mas também se criam enormes poderes e uma supremacia econômica despótica nas mãos de muito poucos... Esses potentados são extraordinariamente poderosos; como donos absolutos do dinheiro, governam o crédito e o distribuem a seu gosto; dir-se-ia que administram o sangue do qual vive toda a economia, e que, desse modo, têm em suas mãos, por assim dizer, a alma da vida econômica, de tal forma que ninguém poderia respirar contra a sua vontade... ou seja, o imperialismo internacional." (Encíclica Quadragesimo Anno, 15-V-1931).

Capítulo V

Vasto Ressurgimento, mas depois um sismo ameçou arratar tudo (1934)

Conquistas a apenas um ano de distânciaONQUISTAS A APENAS UM ANO DE DISTÂNCIA

Ao Hitler completar seu primeiro ano de governo, a imagem da Alemanha havia mudado consideravelmente. Quase três milhões de antigos desempregados já tinham trabalho. Seu poder aquisitivo demandava produtos e serviços; os fornecedores aumentavam sua produção e, por sua vez, precisavam ampliar seu pessoal. Paralelamente, por meio de uma série de incentivos, colhia-se mais no campo.

Ian Kershaw — que em alguns aspectos se mostra objetivo — afirma que “o número de desempregados quando Hitler chegou ao poder era, na verdade, de 8,7 milhões de pessoas, levando em conta os trabalhadores eventuais e o desemprego encoberto. Isso significava que cerca de metade da mão de obra estava total ou parcialmente desempregada.” (Pág. 402, tomo I).

Muitas outras coisas haviam mudado também. Cessou a hostilidade em relação aos casos em que marido e mulher trabalhavam. Já não existia a luta entre dezenas de partidos, em que cada um propunha caminhos diferentes. O único partido era o Nacional-Socialista, que ia conjugando diversos interesses rumo à finalidade única de engrandecer o país e de dar a todos um melhor nível de vida.

Havia cessado, igualmente, a inimizade entre diversos grupos que se culpavam mutuamente pela má situação. Agora, ao começar 1934, existia otimismo entre os que já tinham trabalho e esperança entre os que ainda não o tinham. O desespero e a amargura iam diminuindo.

Consequentemente, a moral também se recuperava. Os sentimentos humanitários renasciam e já não prevalecia o “salve-se quem puder”.

As diversas confissões religiosas perceberam que também havia recuperação dos valores morais. Depois da felicitação dos hierarcas católicos a Hitler, seguiu-se a dos bispos evangélicos, que ratificaram “sua absoluta fidelidade ao Terceiro Reich e a seu Führer”, ao mesmo tempo em que criticavam “as maquinações contra o Estado”.[27]

Os velhos privilégios de classe eram empurrados para o desaparecimento. O Estado — não o capitalismo ou o “mercado” — era quem conduzia a economia.

A ideia de possuir um automóvel (carro do povo) deixou de ser uma utopia. Seria possível com pouco mais de mil marcos, pagos em prestações. E as novas autoestradas abriam rotas em todas as direções. Nos últimos quatro meses de 1933, produziu-se o dobro do que no mesmo período de 1932.

Por ocasião da inauguração da Cruzada do Trabalho (21 de março de 1934), Hitler anunciou: “Enquanto estamos aqui, lá no norte da Alemanha, em Niederfinow, inaugura-se o maior elevador de barcos do mundo, uma obra gigantesca da engenharia e da capacidade criadora. Vós estais aqui reunidos no início da construção de uma das grandiosas e novas estradas destinadas a proporcionar à economia alemã as rotas de tráfego mais modernas. O Governo concebeu a obra. Engenheiros, topógrafos, mestres de obras e construtores realizam os trabalhos preliminares. Um exército de trabalhadores a levará a cabo…

“É preciso rememorar a situação em que nos encontrávamos em janeiro do ano passado. O peso dos impostos insuportáveis. O número de falências crescendo constantemente. Uma legião de agentes executivos ocupados em cobrar coercitivamente dívidas públicas e particulares. As finanças do Reich, dos Estados e dos municípios completamente desequilibradas. A capacidade aquisitiva em contínuo descenso. A isso se somava, como mal maior, **a falta de esperanças em uma mudança das coisas. E, para onde quer que se olhasse, a luta dos partidos, a eterna dissensão, a disputa, a corrupção, o suborno, a imoralidade e a indisciplina…**

27 Memórias. H. Schacht. Pág. 353-354.

“Assim, com o espírito desta grande empresa de solidariedade, queremos começar a nova cruzada do trabalho de 1934. Trabalhadores alemães! Mãos à obra!”

Ao Mesmo Tempo, Uma Ameaça Mortal

Em 1920, Hitler havia fundado uma seção (S.A.) para proteger seus primeiros seguidores dos agressores comunistas. Depois deixou as S.A. nas mãos de Ernest Roehm, bom organizador, que as fez crescer. Quando Roehm viveu temporariamente na Bolívia, ficou em seu lugar o chefe Stennes, que provocou uma crise porque tramava uma insurreição nacional.

Stennes e outros acusavam Hitler de ter sido “covarde demais para lutar ilegalmente em 1930”, e ele respondia: “Não sou covarde demais para isso, naturalmente. Sou apenas covarde demais para levar a S.A. a enfrentar o fogo das metralhadoras.” Era necessário — acrescentava — uma guerra aberta contra o Estado. Chegaria pacificamente ao poder, como de fato ocorreu em janeiro de 1933.

Hitler destituiu Stennes e seus principais colaboradores e restituiu Roehm ao cargo de chefe do Estado-Maior das S.A.

Mas o vírus de uma rebelião continuou incubando-se.

Até o historiador W. L. Shirer — que chamava Hitler de “caudilho de opereta” e “demagogo” — relata que Roehm aspirava a fundir o Exército à S.A., sob as ordens de um ministro da Defesa, que seria ele mesmo. Também diz que o ministro da Defesa, general Von Blomberg, teve conhecimento de que Roehm estava armando sua gente. O chefe do Exército, Von Fritsch, e o almirante Raeder, chefe da Marinha, estavam preocupados com o que ocorreria nas S.A.[28]

28 Auge y Caída del III Reich. Pág. 342-343. Shirer.

Roehm, em contato com os generais Schleicher e Witzleben, queria uma “revolução” de tipo marxista, como a da URSS, contra os credos religiosos, “a burguesia e os reacionários”.

O que acontecia com Roehm, que fora tão eficaz nos primeiros anos de luta do Nacional-Socialismo? Roehm era profundamente instável, de costumes homossexuais notórios, e foi caindo na soberba porque a S.A. já contava com 4,5 milhões de membros, que, embora ainda sem armas suficientes, eram um poder massivo diante dos 100.000 soldados do Exército. Além disso, havia ido eliminando chefes de diferentes regiões e substituindo-os por indivíduos de sua mesma seita homossexual.

O presidente Hindenburg e o Alto Comando do Exército estavam positivamente preocupados. Um levante da S.A. seria uma devastadora guerra civil. Então pressionaram Hitler para que resolvesse o problema por meios políticos. Para isso, ele era o Chanceler.

Hitler convocou Roehm e o ministro da Defesa, general Blomberg, para uma reunião. Em resumo, instou-o a não pretender fazer da S.A. uma milícia, mas sim a contribuir para a reconstrução do país. Roehm, evasivo, não se comprometeu com nada.

Pelo contrário, em outra reunião com os seus, Roehm comentou: “O que esse cabo ridículo disse não se aplica a nós. Hitler carece de lealdade e é preciso mandá-lo, no mínimo, de licença. Se não é possível fazer as coisas com Hitler, serão feitas sem ele.”

Um dos presentes, Victor Lutze, achou que Roehm estava indo longe demais e comunicou tal comentário a Hitler e ao Exército.

Por outra via, houve informes de que Roehm e o general Schleicher mantinham comunicação com o embaixador francês, a fim de conquistar a simpatia da França para um golpe contra Hitler.[29]

A embaixada da Itália em Paris também teve informação sobre tais tratativas.

Outros grupos políticos se preparavam para utilizar a crise da S.A. para tentar enfraquecer o regime.

29 El Tercer Reich. — M. Burleigh. Pág. 187. Tomo I.

O presidente **Hindenburg** chamou Hitler e lhe disse que não se podia viver em estado de inquietação constante, e advertiu-o de que o Exército não seria utilizado porque isso afundaria o país em uma luta intestina.

Hitler dispunha apenas de seu regimento S.S. Leibstandarte, composto por 700 homens, mas sem armas, porque portar armas ainda era direito exclusivo do Exército.

Então Hitler resolveu enfrentar o problema pessoalmente. Não podia confiar em ninguém. Seria preciso surpresa e decisão. Sabia que Roehm não era um homem tímido, mas rude, impulsivo e corajoso, como já havia demonstrado em várias ocasiões.

Decidiu, portanto, tomar seu avião oficial, pilotado por Hain Baur, e empreendeu o voo para Munique, nas proximidades de onde Roehm residia. Mas o avião teve falhas em um de seus dois motores e desceu em Bonn.

Enquanto se conseguia rapidamente outro avião, embora fosse privado, Baur esteve perto de Hitler e diz que o viu particularmente preocupado e até com os olhos marejados. Talvez pensasse que toda a sua obra podia estar a ponto de terminar tragicamente.

Às duas da madrugada (30 de junho), o voo foi retomado. Acompanhavam Hitler dois ajudantes, quatro policiais, seu criado e seu motorista.

(Horas antes, havia sido realizado um comício em Munique, com dois mil membros das S.A., no qual houve gritos de que o Führer estava contra eles, razão pela qual tomariam a rua. No entanto, não se foi além disso, porque Roehm tinha uma festa à noite).

Por volta das cinco da manhã, o aparelho em que Hitler viajava aterrissou em Munique, cuja torre de controle tinha ordens de Roehm para comunicar a chegada de qualquer avião oficial. Mas, como não se tratava senão de um avião comercial, nada lhe foi informado.

Hitler dirigiu-se ao hotel Hanselbauer, no centro turístico de Tegernsee, às 6h30 da manhã, seguido por seus acompanhantes, que já não

o viram preocupado, mas irado. Nos corredores do hotel havia guardas de Roehm. Alguns dormiam e dois — que estavam acordados — ficaram surpresos, imobilizados, ao ver Hitler. O motorista Schreck os desarmou e os trancou. Nisso apareceu o chefe Uhl, da gente de Roehm, e, ao ver Hitler, sacou sua pistola, mas o policial Hoegh o desarmou por meio de uma manobra de judô.

O hoteleiro foi interrogado e disse em que apartamento Roehm se encontrava. Então Hitler subiu ao primeiro andar e bateu à porta. Quando esta se abriu, Hitler viu Roehm, nu, em uma cama, com um homem igualmente nu.

Pistola na mão, Hitler irrompeu no quarto e acusou Roehm de traidor; "você sabe muito bem por quê", e o deteve junto com o jovem nu com quem estava na cama.

O piloto Baur diz que — de acordo com o que Hitler lhe contou depois — "nunca na vida havia visto um espetáculo tão repugnante!... Vista-se imediatamente, gritou a Roehm. Você está detido... Roehm quis fingir-se de inocente, dizendo que não sabia de nada. Hitler não o deixou falar. Com o chefe de polícia, Roegl, ele o apreendeu, coisa que depois foi fazendo com outros."[30]

Entretanto, Goering e Goebbels receberam a senha combinada e procederam a imobilizar os chefes das S.A. da Prússia e de Berlim, informando-lhes que, eliminado Roehm, Hitler reassumia diretamente o comando.

O historiador Kershaw coincide substancialmente com o relato anterior. Acrescenta que Hitler, empunhando uma pistola, deteve no quarto contíguo outro par de subchefes de Roehm que também se encontravam nus.

Em contrapartida, o historiador Michael Burleigh evita o caso e simplesmente diz: "Os assassinatos do fim de junho de 1934 gozaram de ampla aprovação ou tolerância, considerando-se que o Fuehrer havia feito uma purga dos homossexuais sibaritas de Roehm." (Pág. 298)

---

30 Yo fui Piloto de Hitler. Pág. 91 e 97. Edit. Vergara, Buenos Aires, 1980.

A seguir, durante dois dias, ocorreram 71 fuzilamentos, segundo o relatório oficial. Kershaw diz que, na realidade, foram 85, e que “há quem calcule que o total oscile entre 150 e 200. A Roehm foi entregue uma pistola para que se executasse a si mesmo, na prisão. Depois de 15 minutos sem tê-lo feito, ele foi morto com vários disparos.”

Diante do Reichstag, Hitler disse: “Se me censurassem por não ter recorrido aos tribunais pedindo uma sentença, só posso dizer: naquele momento eu era responsável pelo destino da nação alemã”, e comparou sua atuação à do capitão de um navio que sufoca um motim: uma situação de emergência em que era necessária uma ação imediata. “Roehm, à frente de 4,5 milhões das S.A., teria atendido à intimação de um juiz quando já se dispunha a um levante?”

O presidente Hindenburg felicitou Hitler, assim como o ministro da Guerra, general Blomberg. O general Von Reichenau lhe escreveu: “Estimamo-lo porque demonstrou ser um verdadeiro soldado.” Vários chefes que o haviam visto como um simples cabo agora o admiravam por ter evitado uma desastrosa luta civil, enfrentando diretamente Roehm em seu próprio reduto.

Vários historiadores, inclusive Kershaw, surpreendem-se com o fato de que a opinião pública “não só aceitou a versão oficial, como aplaudiu as atuações rápidas e decididas de seu caudilho.”

A eliminação de Roehm pode ser analisada dentro da chamada Razão de Estado, segundo a qual “há momentos em que se apresenta ao político apenas um caminho estreito para que sua atuação seja efetiva em favor da nação, acima inclusive do Direito, já não apto em circunstâncias especiais de emergência... Há momentos em que o Estado não age imoralmente, mas de acordo com uma ética superior e situada acima da moralidade geral e ordinária.”[31]

31 Razón de Estado. Friedrich Meinecke. Câmara dos Deputados, México, D.F. 2003.

O Triunfo da Vontade

Um mês depois do dramático fim de Roehm, morreu o presidente da Alemanha, marechal de campo Paul von Hindenburg, e um de seus últimos acordos foi que os cargos de presidente e Chanceler fossem fundidos, se um plebiscito nacional assim o ratificasse. Da mesma opinião eram os generais Blomberg, ministro da Guerra, e Von Reichenau.

Em 19 de agosto realizou-se o plebiscito, com uma participação de 99% dos eleitores, dos quais 90% votou a favor de Hitler.

Desse modo, Hitler ficou — pela via democrática — convertido em ditador, e foi chamado Führer (líder). Paradoxalmente, em nenhuma democracia se havia obtido uma aprovação tão elevada.

Quando, em 1918, terminou a Primeira Guerra Mundial com a derrota e a dissolução social do Segundo Reich, o cabo Hitler havia decidido — utopicamente — dedicar-se à política “para salvar a Alemanha.”

Depois, a partir de um minúsculo partido de 7 membros, fez seu Partido Nacional-Socialista, com uma nova filosofia de vida. Uma filosofia hostil ao marxismo e ao capitalismo especulador; uma filosofia afastada do positivismo materialista.

A seguir, vencendo grandes resistências, proibiu todos os partidos e deixou como único o seu. Em quase dois anos de Governo, estava demonstrando que um Partido único que concentra todas as vontades em direção a um mesmo fim de benefício comum é melhor do que dez partidos que disputam dinheiro e privilégios; que o Partido único é preferível, mas sempre desde que não tolere o abuso e o enriquecimento de seus chefes.

Criar assim uma alma nacional inflamada para dar trabalho a todos; para acabar com os desprezos de classe, para unir em um mesmo caminho operários, camponeses, classe média, pensadores, inventores e artistas.

E tudo isso transformado em realidade com o esforço da vontade. Há indícios de que Hitler leu, durante os anos de guerra — nas trincheiras — Schopenhauer e Kant. Schopenhauer afirma que a Vontade é a essência do

homem. Kant a chama de “a coisa em si” do homem (o númeno). Os sentidos nos dão uma imagem do mundo que nos rodeia, mas a Vontade goza da capacidade de modificar essa imagem. “A Vontade — diz Schopenhauer — não apenas cria sua própria conduta, mas também seu próprio mundo”.[32] Parece que Hitler, ao se converter em Führer, viu confirmada essa colossal capacidade da Vontade, e da sua própria.

O general Guderian dizia que “a qualidade mais notável de Hitler era sua força de vontade”. Nisso coincidiam o marechal Manstein e muitos outros.

O pesquisador francês A. Zoller considera que “antes de tudo foi um monstro de vontade”.

Leni Reinfenstahal chamou de “O Triunfo da Vontade” o documentário que produziu por ocasião da concentração do Partido realizada no campo Zeppelin, de Nuremberg, na semana de 4 a 10 de setembro.

Ali, diante da “bandeira do sangue” (que os nacional-socialistas carregavam em 1923 quando tentaram tomar o poder pela força), as S.A. juraram fidelidade ao Führer e ficaram enquadradas como reserva do Exército.

32 El Mundo Como Voluntad y Representación. Arturo Schopenhauer. Biblioteca Nueva. Buenos Aires, 1942.

Capítulo VI

ALEMANHA, AINDA DESARMADA, FAZ UM APELO PELO DESARMAMENTO GERAL (1935)

O SARRE VOLTA AO SEIO DA ALEMANHA

O território alemão do Sarre (1.900 km²) havia sido violentamente ocupado pela França ao terminar a Primeira Guerra Mundial, com inenarráveis vexações para a população alemã. A Liga das Nações decretou naquela época que esse território ficaria em poder da França durante 15 anos, sob a reserva de que fosse devolvido à Alemanha se um plebiscito assim decidisse.

Em janeiro de 1935 cumpria-se o prazo. Esperar que a França o entregasse ou forçar a situação? O dilema implicava perigos imponderáveis, pois o exército francês era consideravelmente mais poderoso que o alemão naquele momento. Hitler correu o risco, enviou tropas ao Sarre e procedeu a um rápido plebiscito. 91% dos habitantes concordaram em voltar a pertencer ao Reich alemão.

A França cumpriu o acordo com a Sociedade das Nações.

Semanas depois do plebiscito, Hitler percorreu o Sarre.

“Creio que podemos dar graças a Deus — disse — por este nosso terceiro encontro. Por fim, por fim estais outra vez entre nós! Esperamos que, por meio deste ato de sensatez, a relação entre a Alemanha e a França entre em caminhos bons e razoáveis. Quinze anos de luta, e se agora avalio os resultados, devo dar graças ao céu.”

A sorte estava ajudando Hitler.

Mas, quanto às relações com os judeus, estavam surgindo novas discrepâncias. Ao completar-se seis meses de Hitler ocupar a Chancelaria, a **Federação Mundial Econômica Judaica**, encabeçada por Samuel Untermeyer, declarou de Nova York “uma guerra santa pela humanidade, que estamos levando a cabo. Trata-se de uma guerra que deve ser travada

sem descanso nem quartel... Nossa campanha consiste, em um de seus aspectos, no boicote contra todas as mercadorias alemãs, navios e demais serviços.” (17- IX- 1933).

Por trás dessa Federação havia gigantescos capitais nos Estados Unidos e na Inglaterra, bem como redes internacionais de notícias e propaganda.

Entretanto, na Alemanha, alguns chefes regionais declaravam um boicote semanal contra os comércios judeus, embora consideráveis setores sociais o julgassem inoperante.

Rudolph Hess — segundo chefe do Partido Nacional-Socialista — proibiu a campanha antijudaica e indicou que o boicote não estava autorizado por Hitler. Não obstante, em abril de 1935 apareceram cartazes que declaravam: “Aqui não queremos judeus”. Ao que parece, era obra de autoridades locais.

O Dr. Gerhard Wagner, dirigente dos Médicos do Reich, defendia que se proibissem os matrimônios entre judeu e alemã, ou vice-versa, sob pena de que os contraentes perdessem sua nacionalidade alemã. Wagner argumentava que o judeu não era apenas uma religião, mas uma nacionalidade peculiar que não se perdia pelo fato de nascer neste ou naquele país.

A esse respeito, recordava-se que, 2.400 anos antes de Cristo, os judeus consideravam os casamentos mistos “gravíssimo pecado”.

O livro judaico de **Esdras**, 550 anos antes de Cristo, dizia: “Fomos infiéis ao nosso deus ao tomar mulheres estrangeiras, e o que se deve fazer é separar do sagrado de Javé os estranhos dos povos do país e as mulheres estrangeiras.” (10, 11. Antigo Testamento).

“Tomou então a palavra **Sacanías**, e disse a Esdras: fomos infiéis ao nosso deus tomando mulheres estrangeiras... Façamos agora um pacto com deus, despedindo todas essas mulheres e os filhos delas.”

E **Nehemías** (445 A.C.) dizia: “Amaldiçoei-os; golpeei alguns deles e arranquei-lhes os cabelos, por tão grande maldade de pecar contra deus

tomando mulheres estrangeiras... Prometemos não dar nossas filhas aos povos do país nem tomar suas filhas para nossos filhos.” (Nehe. 10, 30, e 10, 25).

Dessa maneira — dizia-se —, proibir agora os casamentos mistos na Alemanha era simples reciprocidade. As Leis de Nuremberg assim o estabeleceram em 1935, coisa que foi muito criticada no exterior. Em Nova York ocorreu a queima de uma bandeira alemã do vapor Bremen.

O alemão **Wilhelm Gustloff**, representante alemão na Suíça, foi assassinado por um judeu em 1936. Hess proibiu manifestações de protesto e Hitler apenas enviou uma nota protocolar para queixar-se do homicídio.

O controle que se deu a Goebbels sobre os meios de informação, encaminhado particularmente contra a campanha antinatal, o divórcio, a pornografia e a homossexualidade, afetou certos autores ou comerciantes judeus.

No entanto, em geral foi diminuindo o boicote mútuo e, temporariamente, houve uma espécie de armistício.

Era paradoxal que, em torno de uma população judaica de 0,76% da população da Alemanha, se desenvolvessem tantas fricções, inclusive internacionalmente.

Nessa época, também se criticou muito a Alemanha no exterior pela lei que tornava obrigatória a esterilização daqueles que padecessem de doenças transmissíveis por herança, como a sífilis e a demência. A eugenia não era de todo nova, pois já era aplicada antes de Hitler, só que apenas aos enfermos que a solicitassem.

A Economia Liberal e a Nacional-Socialista

Enquanto na Alemanha a economia continuava se consolidando, sem empréstimos, sem desvalorizações, sem inflação, sem deflação, no

Ocidente persistia, em 1935, a queda provocada pelos desajustes causados pela grande depressão de 1929-1933.

Havia repercussões em toda a Ibero-América. Milhares de mexicanos residentes nos Estados Unidos foram expulsos em massa, e os salários mexicanos foram reduzidos em 20%.

Nos Estados Unidos, várias sutilezas de diversas disciplinas econômicas se embaralhavam; adotava-se ou se prescindia do padrão-ouro; recorria-se a Keynes para gerar trabalho inflacionário etc. Em contrapartida — paradoxalmente — as coisas marchavam melhor na Alemanha. **John Kenneth Galbraith**, que foi mestre de uma geração de políticos estadunidenses e de funcionários de economia de guerra dos EUA, em 1942, afirma: "Hitler havia encontrado a maneira de curar o desemprego antes que Keynes tivesse acabado de explicar por que isso ocorria. Em 1936, ao elevar os preços e os salários por meio de uma pressão para cima, Hitler tomou outra medida: combinar a política de emprego expansivo com amplos controles de preços. É preciso observar que a política econômica nazista foi uma resposta ad hoc ao que parecia uma circunstância avassaladora... Em 1936, a depressão havia terminado substancialmente na Alemanha, quando estava longe de terminar nos Estados Unidos."[33]

Ainda hoje, nas universidades e em diversos textos de economia, continua-se afirmando que o que foi alcançado na Alemanha se deveu à "sua economia de guerra", coisa absolutamente falsa. O próprio especialista Galbraith demonstra que até 1941 (dois anos após o início da Segunda Guerra Mundial) havia mais economia de guerra na Grã-Bretanha do que na Alemanha.

Especifica que nesse ano os ingleses produziram 20.100 aviões de guerra, contra 10.775 aviões alemães; 4.843 tanques ingleses, contra 3.779 tanques alemães; e 16.700 canhões, contra 11.200 da Alemanha.

33 El Dinero. J.K. Galbraith. Pág. 265. Edit. Orbis, 1983. Barcelona. — Y The New Deal, National Socialism, and the Great Depression, por John A. Garrity, em "The American Economic Review". Vol. 78, pág. 944.

Quando os alimentos começaram a subir na Alemanha até 8%, Hitler interveio e ordenou a Goering e a Darré (ministro da Agricultura) que importassem oleaginosas e certos víveres.

Quanto ao desemprego, em 1935 já tinham trabalho 4 milhões de alemães e faltava empregar mais 2,5 milhões.

Por outro lado, a solidariedade de classes, tão promovida pelo regime, e o chamado "socialismo de ação" contribuíram em grande medida para melhorar a situação econômica na Alemanha. Os empréstimos aos casais para que se casassem; a proteção às mães; a melhoria das moradias; a ajuda de inverno; a Força pela Alegria etc. infundiram confiança no futuro, e a confiança foi uma força criadora. A Força pela Alegria chegou a ter nove barcos para viagens de férias, por 32 marcos, tudo incluído. O "empréstimo nupcial" aumentou os nascimentos em mais de 70.000 crianças por ano.

A falácia sobre a economia Nacional-Socialista ainda se sustenta em 2005. O tratado de Economia de Samuelson, com 986 páginas, dedica dez linhas a descrever o que foi alcançado por essa Economia como simples "economia de guerra". Como se fabricar armas pudesse dar prosperidade a uma nação!

Na realidade, um dos motivos da guerra foi destruir e sepultar — em silêncio — a economia Nacional-Socialista, que havia demonstrado muitas das falácias da economia liberal do "deixem fazer, deixem passar", à sombra da qual se exploram os povos por meio de especulações que enriquecem determinadas cúpulas financeiras internacionais. Essa situação foi ampliada pelo Neoliberalismo e é agravada ainda mais pelo processo de Globalização.

Exortação a um Desarmamento Geral

Por ocasião de Hitler restabelecer o serviço militar obrigatório — coisa habitual em toda a Europa — e de Goering começar a criar uma

força aérea (Luftwaffe) com aviões biplanos como os da Primeira Guerra Mundial, as agências internacionais de notícias começaram a falar da "ameaça alemã" para a paz mundial.

Com esse motivo, Hitler falou longamente no Reichstag em 21 de maio (1935). Foi uma mensagem dirigida a todo o mundo, com propostas concretas. "Muitas vezes ouço lamentarem-se nos países anglo-saxões de que a Alemanha se afastou precisamente daqueles princípios políticos democráticos que são especialmente sagrados para esses países. A Alemanha também tem sua Constituição democrática. O atual Governo do Estado Nacional-Socialista tem também o mandato do povo. Não importa o número de votos que, nos diferentes países, corresponda a um deputado…"

Depois recordou que os vencedores da Primeira Guerra Mundial haviam imposto à Alemanha exigências econômicas fora de toda realidade. Isso a afundou na miséria e no desemprego. O que se fez em dois anos e meio para ressurgir foi considerado impossível até pouco tempo antes.

Quanto ao desaparecimento dos Partidos e dos sindicatos de operários e patrões, foi uma medida de saneamento que se discutiu e se aprovou na nova Constituição. Agora há tranquilidade — acrescentou — e trabalha-se em uma mesma direção, sem desperdícios nem lutas estéreis intestinas.

Acerca da paz, manifestou o seguinte: "A paz não deve ser uma paz de direito unilateral, mas uma paz de igualdade para todos... Quando se ditou, em 1918, a Paz de Versalhes, estabeleceu-se uma classificação de vencedores e vencidos. Esse tratado foi cumprido pela Alemanha escrupulosamente. No Exército alemão foram destruídos:

59.000 tubos de canhão.

130.900 metralhadoras.

1 milhão de fuzis.

243.000 canos de metralhadoras.

38,7 milhões de projéteis.

16,5 milhões de granadas de mão.

491 milhões de munições.

1.072 lança-chamas.

115.714 aviões de caça e bombardeio.

27.757 motores de aviação.

53 navios de guerra.

315 submarinos.

“Pois bem, realizado o desarmamento da Alemanha, todos deveriam ter procedido pelo menos da mesma maneira para o restabelecimento da igualdade. O Tratado de Paz continha a obrigação do desarmamento, não somente para a Alemanha, mas também para os demais Estados.

“Agora nos encontramos diante do seguinte dilema: ou as outras nações reduzem seus exércitos em proporção ao exército de defesa alemão, ou o Tratado de Paz fica sem efeito, e a Alemanha pode exigir para si o direito de possuir forças militares capazes de defender a integridade de seu território.

“Enquanto a Alemanha cumpriu o que foi pactuado, os vencedores ainda não o fizeram. Pelo contrário, completaram e aperfeiçoaram seus armamentos de maneira extraordinária.

“Em vez de destruir os aviões de bombardeio, aperfeiçoaram-nos. A capacidade de carga, que ao terminar a guerra era de 500 a 1.000 quilos, elevou-se a 2.400.

“A Alemanha destruiu seus carros de combate, em cumprimento ao Tratado, enquanto os vencedores aperfeiçoaram os seus. A velocidade era de 4 a 12 quilômetros por hora, e hoje desenvolvem até 30, 50 e 60 km/h. A França passou do tipo médio de 10 toneladas para o tipo pesado de 90.

“Não foi a Alemanha que fez fracassar o plano de um exército de 200.000 homens para todos os Estados europeus, mas as outras nações. A França rompeu as negociações em 17 de abril de 1934.

“Não é admissível que um grupo de nações veja em seu próprio armamento a pomba da paz e, no dos contrários, o raio de Júpiter. ¡Tanque é tanque e bomba é bomba!

“A Alemanha é um Estado nacional-socialista. Esta ideologia é diametralmente oposta à da Rússia soviética. O nacional-socialismo é uma doutrina exclusiva do povo alemão. O bolchevismo é internacional.

“O bolchevismo prega a criação de um Império mundial. Nós reconhecemos a cada povo o direito de viver sua própria vida.

“O bolchevismo sustenta teorias que todos os povos têm de aceitar, qualquer que seja sua natureza etc. O bolchevismo prega a luta de classes internacional e a revolução mundial. O nacional-socialismo combate o nivelamento e busca a solidarização de todos para empreendimentos comuns.

“O bolchevismo combate as religiões. Nós não pretendemos que nossos templos se convertam em clubes ou cinemas. Não queremos irreligião nem falta de fé.

“O bolchevismo não apenas destrói a propriedade privada, mas mata também a iniciativa. Dessa maneira, a URSS, o maior país agrícola do mundo, não conseguiu evitar que milhões de seres humanos morram de fome.

“O bolchevismo se apresenta como uma ideia e um movimento revolucionário universal. (A seguir mencionou 18 países onde o marxismo provocou revoluções e desordens).

“O nacional-socialismo livrou a Alemanha e, ao mesmo tempo, talvez toda a Europa, da catástrofe mais horrível de todos os tempos... sem luta ele teria fracassado.

“Nosso partido comunista, com seis milhões de adeptos, era manejado a partir do exterior. Isto o mundo inteiro sabe, mas parece não se ter impressionado.

“Voltando ao Tratado de Versalhes, não foi a Alemanha que o violou... O Governo alemão está disposto a participar de um sistema de colaboração coletiva para assegurar a paz europeia... Por terra, mar ou ar, a Alemanha não ameaçará nenhuma outra nação. No entanto, este Governo está disposto a limitar seus armamentos da mesma forma que outros países...

Uma cifra máxima que a Alemanha se obriga, desde agora, a não ultrapassar. A limitação de nossa Marinha a 35% da frota inglesa... Em relação à francesa, 15% menos.

"Do mesmo modo como foram proibidas as balas dum-dum, também poderia ser evitado o emprego de outras armas determinadas... A proibição de lançar bombas incendiárias, com gases e explosivos, fora da zona de combate propriamente dita. Essa limitação pode levar à completa repudiação internacional do bombardeio aéreo.

"Se a Convenção da Cruz Vermelha conseguiu um dia impedir a morte dos feridos indefesos ou dos prisioneiros, também deverá ser possível proibir o bombardeio da população civil indefesa.

"A Alemanha está disposta a aceitar toda limitação que possa conduzir à supressão das armas mais eficazes para o ataque. Essas armas compreendem a artilharia de grosso calibre e os tanques de grande peso.

"Se os povos do mundo pudessem chegar a um acordo para destruir em comum todas as suas bombas incendiárias e explosivas, isso valeria mais do que utilizá-las para se destruírem mutuamente.

"Que a Alemanha possa contribuir para essa grande obra com uma contribuição imperecível é nossa firme esperança e fé!"[34]

É notável o vazio quase total que se fez no exterior em torno da extensa e minuciosa mensagem de Hitler, particularmente dirigida à Inglaterra e à França. Foi uma exceção que o "Times" de Londres a qualificasse como "sincera e compreensiva". "É de esperar — acrescentava — que o discurso seja acolhido em toda parte como manifestações sinceras e bem ponderadas, que querem dizer precisamente aquilo que dizem."

Quanto aos biógrafos ou historiadores, Steinert dedica a essa mensagem oito linhas, de passagem, e nem sequer menciona a data. ("Hitler e o Universo Hitleriano").

34 O texto completo é muito extenso. Aqui só se transcrevem, textualmente, alguns dos parágrafos mais destacados.

Shirer lhe dedica três páginas de citações vagas e comentários desfavoráveis, tachando-o de “falso” e de ser uma chamada “perorata”. (“Ascensão e Queda do III Reich”).

Ian Kershaw passa rapidamente por esse tema, dedicando-lhe 25 linhas que não dão ideia do que Hitler realmente disse. (“Hitler”, pág. 543).

Outros fazem o mesmo, e alguns o ignoram totalmente.

Por outro lado — embora talvez não exista nenhuma relação entre uma coisa e outra —, três meses depois de Hitler fazer sua proposta de paz, a Conferência de bispos reunida em Fulda enviou-lhe um telegrama dizendo que lhe manifestava “o sentimento de fidelidade e respeito que, segundo a lei divina, devemos ao poder e à dignidade mais elevada do Estado.” (20- VIII-1935).

Podem ter rido em Londres e Washington

A proposta de Hitler — de que, assim como a Cruz Vermelha havia impedido que se matassem os feridos ou os prisioneiros — se poderia chegar a proibir o bombardeio da população indefesa das cidades, pôde ter causado riso nos círculos de Churchill e Roosevelt. Porque precisamente naqueles dias já estavam projetando aviões de grande alcance, para os quais cem por cento das zonas residenciais da Alemanha ficariam sob seu raio de ação. E tratava-se de quadrimotores capazes de levar seis mil ou mais quilos de bombas explosivas e incendiárias.

Enquanto isso, Goering e Udet — veteranos pilotos da Primeira Guerra Mundial — projetavam uma nova aviação alemã (Luftwaffe) com aviões específicos para as zonas de combate, como o Stuka e o Me-110. Este último, com pouca capacidade para carregar bombas, só poderia chegar, no melhor dos casos, à décima parte do território britânico.

Se a proposta de Hitler caiu no vazio nos altos círculos de Londres e Washington, foi porque o ressurgimento da Alemanha era malvisto. Já se

sabia que Hitler se propunha acabar com o marxismo da URSS, como havia anunciado desde 1923, em “Minha Luta”, e como acabara de reiterar em sua mensagem de 21 de maio. Desde então, nem Churchill nem Roosevelt queriam que isso chegasse a acontecer.

Além disso, uma Alemanha vencedora na URSS se converteria em um obstáculo colossal à iminente chegada do Neoliberalismo, fase prévia do processo globalizador.

Não era a paz o que a Europa esperava, mas uma Segunda Guerra Mundial, pior que a primeira, de 1914 a 1918.

Capítulo VII

Alguns Biógrafos insultam, se contradizem e confundem o Leitor (1936)

CONFERIR COM LUPA OS BIÓGRAFOS

Quem lê uma biografia de Hitler, de um autor reconhecido pelos meios de comunicação, pode ficar bastante longe da verdade e, se depois lê outro autor igualmente famoso, ficará mais confuso do que no início.

Um recurso muito utilizado é que, de trecho em trecho, intercala-se um qualificativo condenatório contra o biografado, e alguns termos depreciativos para aqueles que lhe foram leais. Enfim, peccata minuta.

O historiador Maser diz que, em 1961, havia registrado 50.000 títulos sobre o tema da guerra, mas as biografias eram relativamente escassas.

Em 2005, outro historiador, Michael Burleigh, afirmou que já se havia tido acesso a novas fontes informativas e que ele pôde consultar 55.000 fontes.

Kershaw especificava que as biografias registradas chegavam a 1.500.

No entanto, as contradições vão aumentando. A desestabilização vivida na Alemanha depois da guerra e o longo processo de "desnazificação" forçosamente imposto nas escolas, universidades e meios em geral fizeram correr muitas versões. Por isso é necessário, ao ler sobre esse tema, cotejar com lupa os biógrafos.[35]

Mesmo em temas relativamente secundários há exageros ou contradições. Alguns historiadores descrevem Hitler como um sujeito sem controle, que dava gritos diante de seus colaboradores ou que insultava e gritava. Em contrapartida, outros dão crédito a pessoas que estiveram próximas do Führer (como o ex-sargento Fritz Wiedmann), que afirmam que ele sempre os tratava amavelmente.

35 Em 8 de maio de 2005, a "desnazificação" chegou ao extremo de comemorar oficialmente o 60º aniversário da derrota como "o dia da libertação".

O historiador Maser relata que Hitler beijava a mão de suas secretárias casadas. Nunca erguia a voz para elas, ainda que cometessem algum erro, e as chamava de “preciosa” ou “minha pequena”. Cedia-lhes a passagem e não se sentava antes delas, coisa que não fez com os premiês Chamberlain e Daladier durante sua entrevista de 1938.

O embaixador francês François-Poncet — diz a historiadora Steinert — referia que Hitler era cortês em suas conversas com os diplomatas estrangeiros; “era muito diferente do demagogo gesticulador que gritava diante do microfone. Experimentava-se uma surpresa bastante agradável, e ela não deixava de produzir efeito... Parece ter atribuído grande importância a adaptar-se às diversas atitudes que se esperavam dele. Ao se identificar com elas, convertia-se cada vez em um personagem diferente.”

Maser afirma que muitas mulheres que esperavam encontrar-se com um homem grosseiro e sem modos saíam encantadas da entrevista. Com frequência permitia que as mulheres fumassem em sua presença, coisa que não tolerava nem a seus altos funcionários, como Goebbels, Speer e Borman.

Kershaw refere que o influente arcebispo de Munique, **cardeal Faulhaber**, teve uma entrevista de três horas com Hitler e se convenceu de que este era profundamente católico. “É indubitável — comentou — que o Chanceler vive na fé de Deus. Reconhece que é o cristianismo que edificou a cultura ocidental.” (Tomo II, pág. 69).

Em certos temas, as contradições resultam historicamente graves. Por exemplo, alguns biógrafos recolhem a versão de que Hitler já estava seriamente enfermo a partir de 1923, ou seja, dez anos antes de chegar à Chancelaria, e que foi piorando ano após ano, a ponto de que, em 1935 (apenas no terceiro ano de seu mandato), padecia de estomatite, pressão alta, dilatação do ventrículo esquerdo, anormalidade dos batimentos da aorta, inchação facial e transtornos digestivos.

Tal coisa não condiz com a realidade, pois durante 1936 ele desenvolveu grande atividade pública e teve entrevistas com funcionários estrangeiros.

Foi publicada, como digna de crédito, a versão do “médico” massagista Félix Kersten, de que seu paciente Himmler possuía um expediente de 28 páginas sobre as enfermidades que Hitler padecia, entre as quais figurava a sífilis.

O Dr. Max de Crinis afirmava que Hitler sofria do mal de Parkinson, e assim o disse ao general Heinz Guderian, que chegou a acreditar nisso, tanto que em suas Memórias diz: “É de presumir que o germe dessa terrível enfermidade não deve ser buscado em doenças venéreas, mas que ela foi precedida por um forte resfriado e por uma encefalite. Essa enfermidade (o Parkinson) foi sua desgraça, mas também a de seu povo.”[36]

Pois bem, acontece que o **Dr. Crinis** jamais examinou Hitler, e sua suposição — já que não diagnóstico — se baseou em... uma simples fotografia!

Do médico de cabeceira de Hitler, Dr. Theo Morell, escreveu-se um livro acusando-o de ter envenenado Hitler durante anos, por meio de uma lista de vinte diversos medicamentos. De início, foi uma versão sensacional.[37]

Mas, examinando tais medicamentos por outros especialistas, viu-se que, na maioria dos casos, tratava-se de substâncias leves, para resfriados ou transtornos digestivos, bem como de diversas vitaminas. Especificou-se que, dada sua dieta peculiar de verduras, e sobretudo por suas preocupações, ele com frequência tinha digestão pesada. Só se constatou que lhe ter receitado em certa ocasião Cardiazol e Coramina não tinha justificativa. Mas não era um erro grave.

Por outro lado, considera-se muito natural que Hitler tivesse com frequência incômodos de tipo psicossomático. Talvez fosse uma defesa natural para atrair para si uma atenção que se mantinha exageradamente voltada para todos os problemas e personagens que o rodeavam.

Depois da guerra, as autoridades aliadas investigaram todo tipo de detalhes sobre Hitler, inclusive sua vida íntima. Reuniram históricos clínicos, exames de laboratório, interrogaram os médicos que o haviam

36 Memorias de un Soldado. Pág. 274. Caralt, Barcelona, 1953.
37 Hitlers Letzte Tage. — Trevor-Roper.

atendido e chegaram à conclusão de que jamais teve sífilis nem mal de Parkinson. Existiam reações negativas de Wassermann e de Kahn, de janeiro de 1940.

Que finalidade podem buscar os biógrafos que retratam um Hitler cheio de doenças desde antes de chegar ao poder?... Possivelmente a de induzir no leitor a ideia de que Hitler tinha uma mente patológica, ou seja, de um desequilibrado.

Outro Tema de Contradições

Vários biógrafos entram também em contradições acerca da vida sentimental de Hitler em relação à mulher. O coronel belga Léon Degrelle —que faz uma biografia mais literária que histórica— o descreve como um homem casto: “Em sua vida —diz— a mulher foi apenas um relâmpago de beleza em meio à sua vida de trabalho intenso, em sua vida política, que representava tudo para ele. Sua única mulher era a Alemanha.”

Em grande parte era assim, mas Degrelle se contradiz algumas linhas mais adiante e acrescenta: “Nem uma só das mulheres que tiveram nos braços o homem mais importante da Europa terminou seu romance sem um drama horroroso. A primeira (sem especificar quem nem quando) enforcou-se num quarto de hotel”.

Leviandade inexplicável de Degrelle, pois essa dama apenas fez uma tentativa de enforcar-se. Heinrich Hoffmann explica que seu nome não foi citado porque ela se casou mais tarde e poderia ter problemas familiares.

“A segunda —prossegue Degrelle— era Geli, filha de uma meia-irmã de Hitler, suicidou-se em seu apartamento em Munique. Hitler ficou como louco.” (Mas omite que Hitler não teve relação com esse suicídio, embora muito provavelmente gostasse mesmo de Geli.

Degrelle também diz que “a inglesa Unity Mitford, aparentada com Oswald Mosley, chefe dos fascistas ingleses, havia imaginado que ela e

Hitler poderiam encarnar a aliança germano-britânica com a qual Hitler sempre sonhou. Unity seguia Hitler por toda parte quando este passava entre as massas para chegar à tribuna. Ali estava ela, resplandecente, transfigurada."

Acrescenta que Hitler e Unity se encontraram na casa de Wagner, em Baneuth, e que ele a seguia com o olhar, algo emocionado, mas que o idílio se limitou a isso.

Quando a Inglaterra declarou guerra à Alemanha, Unity "compreendeu que seu amor naufragava, passou pelos canteiros de rosas que floresciam sob as janelas do gabinete do Führer, tirou a pistola da bolsa e disparou um tiro, mas não morreu.

Hitler chamou os melhores cirurgiões para que a atendessem e —em plena guerra— todos os dias lhe enviava flores. Semanas depois, mandou transportá-la num trem especial, através da Suíça, até o porto francês de Dunquerque, de onde um navio a conduziu até sua pátria.[38]

Por sua parte, o historiador Maser menciona como possíveis amigas íntimas de Hitler 17 mulheres, das quais dá nomes e sobrenomes, mas logo esclarece que não se pode afirmar com qual ou com quais ele realmente tenha tido relações.

O piloto Hans Baur —que pilotava o avião de Hitler— relata que certa vez algumas belas moças foram aclamar o Führer às portas de um hotel. Do balcão, Hitler as saudou e depois comentou com Baur: "Tenho que me resignar a admirá-las de longe. Se o senhor se desvia um pouco, ninguém diz nada, mas, se eu fizesse uma coisa dessas, depois não poderia mais aparecer em público. As mulheres são incapazes de manter a boca fechada."

Baur comentou isso depois com uma bela senhora —que temia ficar solteira porque comparava todos os homens a Hitler e ninguém lhe parecia satisfatório—. "Ela me olhou fixamente e me disse: 'Ele disse isso mesmo? Diga-lhe, por favor, que de mim ninguém arrancará uma palavra; antes eu deixaria que me cortassem a língua…'"

38 Hitler Para 1000 Años. L. Degrelle. Ed. Solar, 2003. Em três edições, mudaram o título e a capa, como se fossem diferentes. Marketing?

Quanto a Eva Braun, é claro que ele a conheceu em 1929, na casa de seu amigo Heinrich Hoffmann, embora só no fim de 1930 tenha começado a convidá-la para ir ao cinema, jantar e à ópera. Werner Maser diz, na biografia que publicou em 1974, que a partir de 1932 Hitler e Eva viveram como casal.

A esse respeito, o general Guderian considera que "a Hitler faltava a capacidade de amar profundamente uma mulher; o carinho pelos próprios filhos, tudo isso lhe era e continuou sendo estranho. Caminhou sozinho pelo mundo, preocupado com seus planos gigantescos."

Vários historiadores dizem que Hitler e Eva quase não tinham vida social, embora o inglês David Irving cite diversas datas em que receberam convidados, inclusive visitantes estrangeiros.[39]

Por sua vez, o dentista Hugo Blaschke afirmou: "Nada permite supor que Hitler estivesse apaixonado por Eva. Sempre se comportava com ela como um pai com uma filha travessa. Tratava-a com indulgência e muitas atenções."

Os investigadores anglo-americanos esquadrinharam até as relações íntimas de Hitler e Eva. O Dr. Morell foi submetido a um interrogatório, no qual disse que eles efetivamente tiveram tais relações, em intervalos cada vez mais longos conforme a guerra ia sendo perdida, e que certa vez Eva lhe pediu que receitasse a Hitler algum tônico específico. Só em uma ocasião ele lhe deu desoxicorticosterona, que é um dos hormônios suprarrenais.

Sempre se deixou passar despercebido que talvez a paixão mais profunda de Hitler tenha ocorrido quando ele tinha 16 anos, por aquela moça chamada Estefanía. Durante meses, ele a seguia até o lugar onde a jovem passava algum tempo com a mãe. À medida que foi conhecendo detalhes da vida de Estefanía, passou a vê-la como inalcançável. Ela vinha de uma família abastada, enquanto ele era pobre; ela terminou seus estudos secundários quando ele não conseguia fazer o mesmo. E algo muito especial: foi a única ocasião em que Hitler pensou em casamento e em ter filhos; em construir uma casa e formar uma família. Então ainda não

39 La Guerra de Hitler. D. Irving. Planeta, 1978.

pensava em salvar a Alemanha, que em 1905 era uma potência. Ele ainda era livre.

Se Estefanía tivesse estado ao seu alcance para formar uma família (em 1910 ou 1912), é impossível calcular qual teria sido o curso da história. Assim, foi decisivo o fato de ela ser mulher. (Hitler talvez nem tivesse ido à guerra. Recorde-se que o Exército austríaco rejeitou seu alistamento).

Jetzinger, autor de um livro sobre Hitler, trata o caso de Estefanía com fórmulas freudianas e fala de um "complexo de Édipo". A historiadora Steiner considera absurdas tais elucubrações.

Depois de tudo isso, ponto e parágrafo.

Grande Atividade Neste 1936

Soldados Alemães em Solo Alemão

Em 30 de janeiro, Hitler completou três anos no poder e, por esse motivo, falou no antigo Museu de Berlim: "Eu fundei as tropas de assalto e marchei à frente de suas colunas. Aprendi a conhecê-los. Sei tudo o que vocês são e tudo aquilo em que se transformaram por mim, e sei tudo aquilo em que me transformei por vocês. Na história, nenhum outro chefe esteve unido a seus partidários como nós. Juntos percorremos o caminho desde o nada até este orgulhoso patamar…

"Sabemos que nosso nascimento e nossos antecedentes familiares mais nos separam do que nos unem. Mas nós nos sentimos uma nação e devemos estabelecer contato uns com os outros..."

"Nunca houve, no curso da história alemã, um período de três anos em que se tenha feito tanto e se tenha chegado tão longe…

"Esta Alemanha surgiu porque nós estávamos dispostos a fazer sacrifícios. Assim, se alguém nos disser que o futuro exigirá sacrifícios, responderemos: Sim!

“O nacional-socialismo não é uma doutrina de quietude; é uma doutrina de luta.”

Semanas depois, deu um passo que abalou a Europa. Foi o caso da Renânia.

Ocorre que, ao final da Primeira Guerra Mundial, a paz imposta à Alemanha estipulava que esta não poderia ter tropas em todo o território à esquerda do rio Reno, nem em uma faixa de 50 quilômetros à direita do próprio rio, ainda que toda essa região pertencesse à Alemanha.

Em compensação, a França podia ter tropas em sua fronteira com a Alemanha. Essa situação permaneceu assim 17 anos depois de terminada a guerra...

Hitler decidiu enviar tropas à sua própria região da Renânia. O general Fritsch, chefe do Exército, e o general Ludwig Beck, chefe do Estado-Maior General, consideravam isso muito perigoso, porque o Exército francês era muito mais forte e também porque a França acabara de assinar um tratado de amizade com a URSS, formando assim uma espécie de cerco a leste e a oeste da Alemanha.

Para suavizar a situação, Hitler ofereceu à França um tratado de não agressão, pensou que os franceses não tinham justificativa nem disposição para entrar numa guerra pela Renânia e, em 7 de março, ordenou que suas tropas começassem a ocupar a Renânia. Eram apenas três batalhões, com aproximadamente 2.100 soldados.

O ministro alemão da Defesa, general Blomberg, pensava em ordenar a retirada se os franceses viessem se opor.

Por sua vez, o Estado-Maior francês concentrou 13 divisões (aproximadamente mais de 150.000 soldados) em sua fronteira. Mas não passaram disso. A França havia pedido apoio à Inglaterra, mas em Londres disseram: “Afinal, os alemães estão entrando em seu próprio território.”

O Dr. Paul Schmidt —da confiança de Hitler— diz que o ouviu dizer: “Se os franceses tivessem entrado na Renânia, teríamos tido que nos retirar com o rabo entre as pernas; não tínhamos recursos nem sequer para uma

resistência moderada. As 48 horas que se seguiram à ocupação da Renânia foram as mais angustiosas da minha vida.”

Enquanto isso, as tropas alemãs já haviam cruzado a ponte Hohenzollern e penetrado na cidade de Colônia para depois se expandirem por toda a Renânia. O jornalista norte-americano William Shirer diz que os habitantes deram uma recepção delirante a seus soldados. O cardeal Schulte elogiou Hitler “por enviar novamente o nosso exército”, e a ele se uniram até os bispos Galen e Speyer.

O biógrafo Kershaw qualifica Hitler como “fora da lei da política internacional”. (Pág. 576).

Passado o susto, Hitler falou em Munique diante de trezentas mil pessoas: “Conseguimos o que outras nações sempre haviam tido: um conceito de nacionalidade e um único emblema. Houve um tempo em que a nação alemã duvidava de seus próprios direitos e perdia a fé no futuro... Muitos pensaram que a Alemanha havia decaído porque era inferior a outras nações... Minha primeira tentativa foi mobilizar a fé na nação.

“No dia 7 do corrente mês (Renânia), decidi dar um passo grave porque vi que os outros não apreciavam a oferta de paz da Alemanha. Mas acima de todos os juízes está Deus, o juiz eterno. Só ele pode determinar o que é o mal e o que é o bem. A voz de Deus é a dos povos. Vocês, meu povo alemão, são meus juízes”…

“PONTE AÉREA” Para ajudar a Espanha

No mês de julho, Hitler se divertia no festival musical wagneriano da cidade de Bayreuth, como fazia todos os anos, e, a pedido de Rudolf Hess, recebeu um desconhecido chamado Eberhard Franz Bernhardt, que lhe levava uma urgente solicitação de auxílio, da parte do general Franco, que se encontrava na África e não podia se transferir para a Espanha, onde se instalara uma tremenda luta entre comunistas e nacionalistas.

O secretário de Relações, von Ribbentrop, já havia recebido notícias sobre o caso e opinava que a Alemanha não deveria intervir na Espanha. Hitler disse: “Não podemos dar de ombros quando os comunistas queimam igrejas, assassinam bispos, freiras e religiosos” (13.487 no total), e ordenou que se estendesse uma ponte aérea da África à Espanha (a primeira da história).

Vinte bimotores alemães, escoltados por seis caças, transportaram Franco e seus 13.328 soldados, com armamento e munições, até o território dos nacionalistas espanhóis. Depois foram chegando os contingentes da Legião Condor alemã, composta por 18.000 homens, incluindo pilotos e soldados.

Hitler continuou atento para que fossem enviados a Franco até um total de 170 navios com apetrechos, durante os três anos que durou a guerra na Espanha, até o triunfo final. Mussolini também enviou ajuda, consistente em vinte mil soldados. Ali foram derrotados os contingentes enviados por Stalin e uma divisão comunista internacional.

As Olimpíadas de Berlim e a Inevitável Propaganda

Hitler queria que as Olimpíadas de Berlim fossem melhores que as de 1932, realizadas em Los Angeles. Foi construído um estádio superior ao estádio americano, e Hitler assistia diariamente às competições, nas quais a Alemanha ganhou 89 medalhas e os Estados Unidos, 56, ficando em segundo lugar.

No primeiro dia das competições, Hitler cumprimentou pessoalmente cada um dos vencedores, o que provocava atrasos; por isso, o presidente do Comitê Olímpico, conde Baillet-Latour, pediu-lhe encarecidamente que não cumprimentasse pessoalmente os vencedores, porque isso causava muitas interrupções.

Então aconteceu que o corredor negro **Jesse Owens**, que participava da delegação dos Estados Unidos, venceu várias competições e imediatamente um correspondente de imprensa lançou a seguinte frase:

“Owens humilhou a Alemanha nazista!”. Outro acrescentou: “Hitler não quis apertar a mão de Owens!” As agências internacionais de notícias difundiram ambas as afirmações pelo mundo todo.

No entanto, pouco se soube de um comentário feito posteriormente por Owens: “Quando passei por onde estava o chanceler, ele se levantou, acenou com a mão para mim de onde estava e eu retribuí a saudação. Acho que os jornalistas demonstraram mau gosto ao criticar o homem do momento na Alemanha.”

Depois do pedido que o presidente do Comitê Olímpico havia feito a Hitler, ele já não cumprimentava de mão nenhum dos vencedores, fossem brancos ou negros.

E curiosa paradoxo: enquanto Owens não podia se misturar nos Estados Unidos com brancos, nem em cinemas, nem em igrejas, nem em restaurantes ou banheiros públicos (nem quando voltou triunfante), na Alemanha não foi discriminado em lugar nenhum. No estádio, o público o aclamava: “**Yes-see Owens!**”... Lawrence N. Snyder, treinador de Owens, declarou: “Jesse Owens foi aclamado tão ruidosamente quanto qualquer alemão”.[40]

Por outro lado, nunca se soube que o presidente Roosevelt tivesse cumprimentado Owens, muito menos lhe concedido alguma distinção pessoal. A discriminação nos Estados Unidos continuou rigidamente estrita até a década de sessenta.

Ian Kershaw diz que a organização das Olimpíadas foi magnífica, que pela primeira vez se fez uma transmissão de T.V., embora apenas local, mas logo adverte ao leitor que “até nos casos de **Lenin, Stalin, Mao, Mussolini** e **Franco**, o nível de condenação não é tão unânime nem moralmente tão esmagador quanto no caso de Hitler... Hitler me parece pessoalmente um personagem detestável, e desprezo tudo o que seu regime significou.”[41]

A fim de não serem boicotadas, todas as biografias de Hitler devem ser assim.

---

40 The Saturday Evening Post, 7 de nov. de 1936.- EUA. E “Os Jogos Olímpicos”. Richard D. Mandell.

41 “Hitler”. Ian Kershaw. Pág. 12, 38, 40. Tomo II.

De modo nenhum voltar o olhar para os 50 milhões de vidas ceifadas na URSS, os 80 milhões na China ou o milhão de civis atomizados ou cancerizados no Japão.

Todas as biografias devem convergir para um mesmo ponto, ainda que com aparências variadas e novas. Assim, desde o fino humorismo de “A Vida é Bela” até a recente de Joaquín Fest, levada ao cinema (“A Queda do III Reich”), que concede ao líder nacional-socialista a possibilidade de acariciar um cachorro ou de cumprimentar uma secretária (em vez de morder o cachorro e de esbofetear a secretária).

E acabou acontecendo que Fest foi acusado de apresentar um Hitler “que tinha algo de humano”.

Capítulo VIII

Áustria e os Sudetos se Incorporam à Alemanha (1937 – 1938)

Exposição sobre a Alemanha e a Europa

Ao completar seu quarto ano de governo, Hitler falou da situação da Alemanha e da Europa. Disse que o movimento nacional-socialista não era uma simples mudança de Governo, mas de todo o modo de governar, mediante o qual já se avançava. O mundo — afirmou — tinha a ideia de que toda revolução teria necessariamente de ser sangrenta, mas com o Nacional-socialismo não foi assim; houve apenas um mínimo de vítimas.

Referiu que a Inglaterra havia intercedido por um indivíduo sobre o qual se falava em um campo de concentração alemão, apesar de se tratar de um dos sujeitos mais criminosos de Moscou. Isso contrastava com o que acontecia na Espanha, onde o número de assassinatos passava de 170.000 e ninguém se preocupava. “Nossas simpatias pelo general Franco e seu governo emanam de um sentimento de humanidade, em busca da ordem naquele país.

“Fala-se de democracias e ditaduras e não se viu que na Alemanha se realizou uma mudança democrática no mais alto significado da palavra... Havia uma classe de lavradores condenada a desaparecer, pois a área total das terras agrícolas embargadas era maior que todo o país da Turíngia. Assim, não podia surpreender que, diante de uma redução geral da produção, por um lado, e da capacidade aquisitiva, por outro, a imensa maioria da nossa classe média estivesse condenada à catástrofe…

Acrescentou que o resgate do campesinato havia sido alcançado, assim como dar trabalho a mais de seis milhões de desempregados, dentro do prazo de quatro anos que ele havia pedido. Isso, graças ao fato de se ter prescindido dos dogmas econômicos.

“**Nas relações entre economia e povo, a única coisa inalterável que existe é o povo. Não existe nenhum conceito de economia que possa**

reivindicar infalibilidade. O Nacional-socialismo é o adversário mais ferrenho do conceito liberal de que a economia existe para servir ao capital e o povo para servir à economia... É equivocado que a economia goze de vida própria, livre e sem fiscalização; a comunidade popular não vive do valor fictício do dinheiro (papel), mas da produção real, que é o que dá valor ao dinheiro. O Estado nacional-socialista não tolera na economia o direito do mais forte..."

Acerca das críticas feitas no exterior à forma como certas coisas eram conduzidas na Alemanha, Hitler declarou:

"O livro, a imprensa, o teatro, o cinematógrafo e a literatura estão hoje dirigidos exclusivamente por alemães... Quantas vezes ouvimos que a eliminação dos judeus dessas instituições de educação levaria à sua ruína e ao empobrecimento! E o que aconteceu? Em todos esses campos observamos um imenso florescimento…"

Por outro lado, condenou "a pretensão comunista de impor sua revolução em todo o mundo... Aceitar na Europa essa teoria em igualdade de direitos políticos equivaleria a entregar-se a ela…"

Quanto ao desarmamento, disse que sua proposta de reduzir a 300.000 homens os exércitos da Alemanha, da França e da Inglaterra havia sido rejeitada em três ocasiões.

Depois, referiu-se a grandes obras que se propunha iniciar e terminou dizendo: "Que Deus todo-poderoso nos dê a paz para terminá-las!" (30- I-1937).

Semanas depois, referiu-se ao início do serviço militar obrigatório: "Não é uma carga inútil... O rapaz terminará muito mais saudável do que quando começou, e as moças também haverão de ficar satisfeitas... Creio que um povo só deve desfrutar de um repouso: o da paz interior. Mas fora disso não pode haver outra coisa senão esforços. É preciso sempre propor novas tarefas depois das já alcançadas. Povo alemão, mantenhamo-nos sempre voltados para a realização de novas conquistas! Continuarás sendo jovem enquanto continuares realizando novos projetos... Este é o segredo mais importante da saúde humana…

Também lembrou que, quando na Alemanha havia muitos Partidos, nada se conseguia, "**e o povo estava escalado e já não acreditava em nenhum Partido.**" (24-II-37).

Dois meses depois, fez uma análise pública da democracia: "A democracia é, em suas últimas consequências, a destruição da concentração e, por conseguinte, o contrário da razão." (29-IV-37).

O Religioso como Elemento de Propaganda

Os meios maçônicos deram as boas-vindas à Encíclica Mit Brennender Sorge (Com Viva Preocupação), do Papa Pio XI, e a interpretaram como uma condenação do Nacional-socialismo. Na realidade, não era assim em seu momento. Concretamente, falava-se do perigo de que se criasse na Alemanha uma Igreja separada de Roma, dada a publicação de dois livros nesse sentido, cujos autores eram Ernst Bergman e G. Cogni. Nenhum deles tinha cargo no Governo.

Também se censurava o livro "El Mito del Siglo XX", de Alfredo Rosenberg, classificado como "pagão". Hitler havia descartado esse livro como "confuso".

Nenhum dos três autores representava o Nacional-socialismo. Se de filosofia se trata, apenas era oficial a de Hitler, contida em "Mi Lucha" e em seus discursos. Outra crítica feita ao sistema era seu "racismo", conceito bastante relativo, pois havia racismo entre judeus, ingleses, etc.

A Concordata, assinada entre Hitler e o Vaticano, manteve-se vigente até que Hitler morreu. Tanto assim que Monsenhor Orsenigo, núncio apostólico, visitou Hitler em 24 de julho de 1944 para felicitá-lo por ter sobrevivido a um atentado.[42]

Pois bem, 5 dias depois de publicada a "Mit Brennender Sorge", o Papa Pio XI deu publicidade à "Divini Redemptoris", que depois de outras encíclicas de Pio IX e Leão XIII era a terceira que condenava — direta e

42 A "Mit Brennender" foi publicada em 14- II- 1937, e a contrária ao comunismo cinco dias depois. (Documentos Pontificios, Biblioteca de Autores Cristianos. Madri, 1958.

especificamente — a ideologia marxista-comunista como “intrinsecamente perversa”.

Naturalmente, a encíclica sobre o nazismo foi deformada e difundida maciçamente, ao passo que a outra permaneceu quase ignorada.

Atividades Diplomáticas e Início do Rearmamento

Praticamente em 1937 Hitler considerou abolidas as limitações militares que lhe haviam sido impostas à Alemanha em razão de sua rendição de 1918. Argumentava que, se os aliados não haviam cumprido o Tratado de Versalhes, a Alemanha não tinha por que continuar cumprindo-o.

Por isso, havia sido iniciado o serviço militar obrigatório na Alemanha e a criação de uma aviação militar (a Luftwaffe), inicialmente com aparelhos antiquados, biplanos, como os da Primeira Guerra Mundial.

Além dessas mudanças, Hitler realizou persistentes gestões diplomáticas. Convidou Mussolini a visitar Berlim, deu-lhe uma gigantesca boas-vindas e conquistou sua amizade. Ao mesmo tempo, manteve conversas com lord Halifax, representante do governo britânico. Em Londres, considerou-se que essa entrevista havia sido muito positiva, segundo publicou Mr. Keith Feiling em seu livro “The Life of Neville Chamberlain”

Durante 1937, Hitler falou com frequência. Pela quinta vez, fez isso em 27 de junho: “Minha missão, agora, é a de semear no povo a fé na possibilidade de um ressurgimento, de propagar essa fé e consolidá-la... O milagre é o filho mimado da fé... Tudo o que há de débil no ser humano resulta, em sua essência e em suas obras, quando pretende opor-se à Providência do Todo-Poderoso e à sua vontade, da mesma forma que adquire uma força incomensurável quando trabalha seguindo as diretrizes dessa Providência. No mesmo momento, desce sobre ele essa força que sempre presidiu aos grandes acontecimentos. E agora, ao voltar os olhos

para trás e contemplar as realizações destes cinco anos, creio poder afirmar: não foi unicamente obra de um homem!”[43]

Pela sexta vez, falou em 19 de julho, durante a exposição de Arte Alemã, e censurou a ideia de que a arte seja uma simples questão de moda. Mediante “slogans” — disse — pretendeu-se creditar “impressionismo, futurismo, cubismo, dadaísmo, etc.”. Pretendeu-se liquidar tudo aquilo que não concordasse com “os ignóbeis propagandistas desta degeneração”. “A arte autêntica é e permanece sempre em suas criações como uma arte eterna... não se submete à avaliação sazonal das produções de alfaiataria…”

E, um mês mais tarde, falou em Nuremberg sobre a alta de preços e salários que se costuma ver nas democracias, sem que os salários jamais alcancem os preços. E pôs como contraste que o nacional-socialismo não considerava decisiva a nota de banco, mas aquilo que se podia comprar com ela... “Daí que o volume total da produção nacional determine o nível de vida da nação... Por isso, nós conseguimos manter a estabilidade, não apenas dos salários, mas, de modo geral, também dos preços...”[44]

Já Existia um Cerco e não era Nada Amistoso

Em 5 de novembro, Hitler convocou para uma reunião o ministro da Guerra, marechal Werner von Blomberg; o chefe do Exército, general Von Fritsch; o chefe da Luftwaffe, coronel-general Hermann Goering; o chefe da Marinha, almirante Erich Raeder; e o ministro das Relações Exteriores, barão Von Neurath.

Do que foi tratado nessa reunião, restaram apenas as notas tomadas pelo coronel Hossbach, ajudante de Hitler. São notas bastante incompletas, que foram interpretadas de diversas maneiras pelos historiadores. No entanto, logicamente se deduz que Hitler falava de um cerco, nada amistoso, que já rodeava a Alemanha.

43 Hitler. Habla el Fuehrer.- Plaza Janés. 1973.
44 Hitler. El Drama de Alemania a Través de sus Discursos. Frank Lauric. Buenos Aires. Cronos. 1945.

A URSS (a leste da Alemanha) havia celebrado em 1935 um pacto com a **França** (situada a oeste da Alemanha). A sudeste (numa região chamada "baixo ventre alemão"), a **Checoslováquia** tinha um pacto de amizade com a **URSS** e outro com a **França**. A noroeste, **Noruega** e **Holanda** eram governadas por Casas Reais nada afeiçoadas ao III Reich.

A leste também se encontrava **Polônia**, com a qual haviam sido iniciadas conversas muito promissoras enquanto vivia o marechal Pilsudski, mas, com a morte deste, chegou um governo claramente hostil à Alemanha.

Quanto à Inglaterra, o governo de Chamberlain não parecia hostil, mas o grupo tão influente de Winston Churchill o era. Hitler havia enviado Ribbentrop para falar com Churchill, mas ambos fizeram "curto-circuito". (Ribbentrop não tinha nenhum traquejo diplomático).

Em consequência, era necessário preparar-se para exercer a força armada em lugares alternativos, conforme as circunstâncias. Isso não podia esperar muito tempo. **Mais além de 1942 seria muito tarde porque as potências aliadas já teriam adquirido uma força avassaladora.**

Tal exposição alarmou sobretudo o marechal Blomberg e o general von Fritsch, e mais ainda o ministro das Relações Exteriores, Von Neurath, que supunha que toda possível hostilidade poderia ser resolvida por meios diplomáticos.

Blomberg e Fritsch encontraram decidido apoio no general Ludwig Beck, chefe do Estado-Maior General, que se ofereceu para apresentar resoluta oposição aos planos de Hitler.

Formava-se, pois, uma coalizão dos altos comandos militares contra o Führer. Já corriam rumores de que se preparava um golpe militar, e eles aumentaram quando se adiou a reunião do Reichstag, na qual Hitler falaria por ocasião de seu quinto ano de governo. Em favor de Hitler, apareceria Cupido, o fabuloso deus do amor. Acontece que, naqueles dias, o marechal Blomberg, viúvo, andava namorando a senhorita Erna Gruhn, e decidiu casar-se. Hitler e Goering foram testemunhas da boda, realizada em 12 de janeiro de 1938.

Dias depois, antigas companheiras da senhorita Gruhn fizeram ligações para os escritórios da Polícia de Berlim para dar maus antecedentes da recém-casada. Um funcionário procurou no arquivo e descobriu que Erna Gruhn estava fichada como prostituta, que havia posado nua para cartões pornográficos e que sua mãe administrava uma "casa de massagens", que tinha fama de ser outra coisa muito diferente.

O escândalo estourou, **Blomberg** renunciou e foi para a Itália com sua mulher. Não voltou a aparecer no Exército. O general Jodt exclamava: "Quanta influência uma mulher pode chegar a ter!"

Pouco depois, estourou outro escândalo quando a Polícia de Himmler apresentou a Hitler um chantagista de homossexuais e o acareou com o general Fritsch na presença de Hitler. Quando o sujeito acusou Fritsch, este quase perdeu a fala e depois negou tudo. Certamente, abriu-se contra ele um julgamento de honra, que depois o absolveu, mas ele já havia perdido seu posto de chefe do Exército.

O cargo de ministro da Guerra foi substituído por um Alto Comando das Forças Armadas, a cargo do marechal Wilhelm Keitel, fiel a Hitler.

Em consequência, ficou vigente, em 1938, o plano de que era necessário preparar-se para exercer a força armada, conforme as circunstâncias. E que isso não podia esperar muito tempo, segundo os cálculos do próprio Hitler.

Agrava-se em 1938 a Crise da Áustria

Desestabilizada desde sua derrota na Primeira Guerra Mundial, a Áustria não conseguia encontrar seu rumo na década dos anos 30. Ao ver como o nacional-socialismo triunfava na Alemanha, precisamente sob o governo de Hitler (que era austríaco), essa mesma corrente política ganhou força na Áustria.

Cabe mencionar que, desde fins do primeiro milênio, a Áustria havia começado a ser colonizada por alemães. Depois da derrota de 1918,

dissolveu-se o Império Austro-Húngaro; a Áustria perdeu territórios e ficou reduzida a um país de 7 milhões de habitantes e 83.800 quilômetros quadrados. Então tentou unir-se à Alemanha, mas França e Inglaterra não permitiram. Sangue, idioma, religião e costumes eram semelhantes aos da Alemanha. Praticamente, tratava-se de uma mesma nacionalidade.

Em 12 de fevereiro de 1938, Hitler convidou o chanceler austríaco, Schuschnigg, a examinar a situação. A entrevista realizou-se em Berchtesgaden. O Führer falou longamente e queixou-se da forma como os nacional-socialistas eram tratados pelo governo. Schuschnigg manteve-se na defensiva e conciliador. Depois foram comer e não se falou de política.

Na sessão da tarde, Ribbentrop apresentou a Schuschnigg um "esboço de acordos", segundo o qual se deveria legitimar o Partido Nacional-socialista na Áustria; libertar os presos nazistas e incluir no Gabinete o Dr. Fischbeck, a fim de assimilar as finanças austríacas às alemãs para reabilitá-las.

Schuschnigg concordou, mas disse que tal documento só poderia ser assinado pelo presidente Miklas.

Miklas aceitou anistiar os nazistas presos e nomear Seyss-Inquart, antigo partidário da união da Áustria com a Alemanha, ministro da Segurança. No entanto, Miklas não estava disposto a fazer mais concessões.

Hitler falou perante o Reichstag em 20 de fevereiro e disse significativamente: "Mais de dez milhões de alemães vivem em dois dos Estados situados junto às nossas fronteiras.[45] Não deve haver dúvida sobre uma coisa: a separação política do Reich não deve conduzir à privação dos direitos de autodeterminação. É intolerável para uma potência mundial saber que há camaradas seus ao seu lado que estão sendo constantemente afligidos com sofrimentos severos por sua simpatia ou irmandade com a nação inteira e com seu destino. Ao Reich alemão corresponde a proteção desses povos alemães…"

45 Tratava-se de 7 milhões de austríacos e 3 milhões de alemães da região tchecoslovaca dos Sudetos.

Quatro dias depois, uma multidão de austríacos hasteou a bandeira nacional-socialista na praça de Viena, a capital austríaca. Crescia a ingovernabilidade para o presidente Miklas, que buscou apoio na Itália, mas Mussolini não quis lhe dar.

Em 11 de março, Hitler ordenou ao general Beck, chefe do Estado-Maior General, que fizesse preparativos para que tropas alemãs entrassem eventualmente na Áustria. A conduta dessas tropas — disse — "deve dar a impressão de que nós não queremos empreender uma guerra contra nossos irmãos austríacos."

No momento, tratava-se apenas de "guerra de nervos". Mas isso foi suficiente para que o chanceler Schuschnigg renunciasse... Os acontecimentos se precipitaram, Seyss-Inquart ficou praticamente como chanceler e pediu a intervenção da Alemanha na Áustria, onde os nacional-socialistas já haviam tomado as ruas.

Enquanto isso, o príncipe italiano Felipe de Hesse transmitiu a Hitler uma mensagem de Mussolini, segundo a qual a Itália manteria as mãos fora da Áustria. Hitler lhe respondeu assim:

"Nunca poderei esquecer isto que ele fez, aconteça o que acontecer! Se algum dia precisar de qualquer ajuda ou estiver em algum perigo, pode estar convencido de que o apoiarei, aconteça o que acontecer."[46]

Em 12 de março, Hitler cruzou a fronteira austríaca e foi recebido por multidões que não paravam de aclamá-lo. Passou pela ponte de Braunau am Inn, pequeno povoado onde havia nascido 49 anos antes.

Todas as crônicas (inclusive as dos jornais estrangeiros) relataram que o povo transbordava júbilo e "se encontrava em um êxtase de alegria, enquanto Hitler se via profundamente comovido e lágrimas lhe corriam pelo rosto." Isso ocorria em Linz, onde Hitler havia vivido na infância. Horas depois, foi levar flores ao túmulo de seus pais no cemitério de Leonding.

Em Linz, disse publicamente: "Quando, anos atrás, saí desta cidade, trazia dentro de mim a mesma profissão de fé que hoje enche meu coração.

46 E anteriormente o havia apoiado durante a crise da Itália com a Inglaterra.

Julguem a profundidade da minha emoção quando, depois de tantos anos, hoje posso cumprir essa profissão de fé. Se a Providência um dia me chamou para longe desta cidade, ao fazê-lo deve ter-me confiado uma missão, e essa missão não podia ser outra senão devolver minha querida terra natal ao Reich alemão…”

Dois dias depois, chegou a Viena, a capital. O **cardeal Innitzer** ordenou que repicassem os sinos de todos os templos. Depois, em uma Carta Pastoral, dava seu apoio ao regime, “com a convicção de que, mediante o movimento nacional-socialista, será posto um freio ao perigo do bolchevismo ateu, que tudo destrói.” Diz Kershaw que o cardeal acrescentou, de próprio punho: “Heil Hitler”.

Em Viena, Hitler havia vivido vários anos em angustiante pobreza, carregando fardos ou removendo neve. Shirer diz que era “como um rato de esgoto”. Logicamente, ao presenciar o desfile das tropas alemãs e austríacas, declarou: “Esta é a hora mais feliz da minha vida!... Há um ordenador mais alto e nós não somos nada além de seus agentes... Quando Schuschnigg rompeu seu acordo, então, naquele mesmo segundo, senti que o chamado da Providência havia chegado até mim. Quero agora agradecer a Deus, que permitiu minha volta à minha pátria natal para que eu pudesse agora conduzi-la ao meu Reich alemão!…”

O embaixador Von Papen diz que “a fantástica ovação havia levado os chefes do Partido, já calejados, a um estado de êxtase... Quando Hitler se voltou para mim, sua voz parecia sufocada pelos soluços: ‘que tarefa imensa temos diante de nós!’, disse.

O biógrafo Kershaw comenta que possivelmente os psicólogos encontrem respostas para a conduta de Hitler, cujo comportamento “lembra o menino mimado que ele foi, transformado em aspirante a ‘homem macho’... A importância que atribuía à própria imagem e ao seu prestígio era um traço extremamente narcisista.” (Pág. 327, II Tomo da biografia que escreveu sobre Hitler). (Segundo a mitologia grega, Narciso se apaixonou por si mesmo ao se contemplar nas águas de uma fonte).

Em 10 de abril, realizou-se um plebiscito, e mais de 99% votou a favor da anexação da Áustria à Alemanha.

Kubizek, o amigo de juventude de Hitler, conseguiu vê-lo no dia do plebiscito e foi coberto de atenções. Hitler concedeu bolsas a seus 3 filhos e se ofereceu como tutor. (Até aí. Não era costume dar suculentos contratos de obras aos amigos).

Nos Sudetos: POR QUE NÓS NÃO?

Ao terminar a Primeira Guerra Mundial, os aliados ordenaram que certos territórios alemães, austríacos, húngaros, poloneses e eslovenos fossem fundidos —incluindo seus habitantes— para inventar um novo país, ao qual chamaram **Tchecoslováquia**.

Nesse país ficou incluída a região dos Sudetos, de 29.110 quilômetros quadrados, habitada por três milhões e 396.000 alemães. Em 1938, eles já estavam havia 18 anos vivendo forçadamente como "minorias" dentro de um país inventado.

Pois bem, ao ver as conquistas do nacional-socialismo, formaram um partido afim e começaram a pedir que fossem devolvidos à Alemanha, como havia ocorrido na Áustria.

Consequentemente, Hitler iniciou negociações com o governo tcheco, mas o presidente **Benes** apresentou decidida oposição, confiante em que já tinha alianças com **Iugoslávia, Romênia, França e a URSS**. Se a Tchecoslováquia fosse agredida, seria o começo de outra guerra mundial.

No entanto, como o povo inglês não queria a guerra, o premier Chamberlain foi conversar com Hitler. Pedia-lhe calma, ao que Hitler respondeu que era Benes quem havia feito uma mobilização militar, não ele. Ao mesmo tempo, manteve sua posição de que deveria ser respeitada a "autodeterminação" dos povos.

Chamberlain voltou a Londres para realizar consultas e marcou uma segunda entrevista com Hitler em 22 de setembro. A maior parte da

imprensa internacional estava a favor da Tchecoslováquia. Nessa segunda entrevista também não se chegou a nenhuma solução. Um correspondente lançou a versão de que Hitler estava tão furioso que mordia a borda dos tapetes. A frase foi depois repetida por inúmeros jornais e, mais tarde, por vários biógrafos.

Goering teve a ideia de pedir a mediação de Mussolini, pois a Alemanha não queria a guerra.

Mussolini propôs uma reunião em Munique, entre ele, Hitler, Chamberlain e Daladier, primeiro-ministro francês. Todos aceitaram e, no fim, decidiram pressionar o presidente Benes para que os Sudetos e seus habitantes alemães fossem devolvidos à Alemanha.

Com efeito, entre 30 de setembro e 10 de outubro, os 3,4 milhões de alemães ficaram reincorporados ao Terceiro Reich. Houve outra grande celebração, parecida com a da Áustria.

Chamberlain foi aclamado nas ruas de Munique e, horas mais tarde, nas de Londres, já que ninguém queria a guerra.

Por sinal, naqueles dias esteve a ponto de estourar uma conspiração na Alemanha, impulsionada pelo general Beck, chefe do Estado-Maior, Canaris e Goerdeler. Estes já haviam conquistado o apoio de três generais com comando de tropas (Witzleben, Brockdorff e Von Helldorff). Ao verem que a crise se resolvia satisfatoriamente, consideraram que ninguém mais os seguiria e suspenderam o golpe contra Hitler.

Enquanto isso, o caso da Tchecoslováquia tinha efeitos secundários: o presidente Benes não aceitou o acordo e renunciou. Isso criou um desequilíbrio. Os eslovacos também exigiam sua independência. O país se via ameaçado de desintegração. O novo presidente, Emil Hacha, resistia à demanda da Eslováquia e foi ver Hitler, que lhe anunciou sua simpatia pelos eslovacos, já que ninguém os havia consultado quando foram anexados à nova nação.

Hacha, doente, já não pôde se opor e aceitou que a Eslováquia se independizasse, encabeçada pelo sacerdote católico Jozef Tiso.

Depois, Hacha sentiu que o que restava de país desabava sobre ele e colocou suas províncias da Boêmia e da Morávia sob a proteção da Alemanha, a fim de evitar desordens e uma guerra interna. Como consequência, as tropas alemãs cruzaram a fronteira e chegaram a Praga, capital tcheca, encabeçadas por Hitler.

A imprensa internacional recolheu declarações de diversos setores, no sentido de que Hitler queria o domínio do mundo. Houve nervosismo, e França e Grã-Bretanha aceleraram seu rearmamento.

Tudo isso foi contagioso. Acontece, também, que ao terminar a Primeira Guerra Mundial, a França determinou que a cidade alemã de **Memel** (nas costas do Mar Báltico) ficasse anexada à **Estônia**, incluindo seus habitantes. Pois bem, em **Memel** formou-se um movimento que exigia sua reintegração à Alemanha. A **Estônia** não quis conflitos e, sem disputas, aceitou devolvê-la pacificamente. Hitler permaneceu três horas em **Memel**, festejando o acontecimento. A cidade tinha 47.000 habitantes e havia sido fundada em 1252 pela Ordem Teutônica.

Isso redobrou a campanha internacional da imprensa. Não havia dúvida —dizia-se— de que Hitler pretendia dominar o mundo.

Para completar, também poderiam ter acrescentado que Hitler estava invadindo a esfera matrimonial de seu ministro Goebbels. Acontece que Goebbels (“nos demônios dos quarenta”, diz Maris Steinert) havia se apaixonado pela atriz tcheca Lída Barova, e sua esposa Magda queria se divorciar. Hitler (que não queria outro escândalo como o do general Blomberg) falou com os dois, insistindo que, se o povo era exortado a preservar os bons costumes, não se podia dar exemplos em contrário. Goebbels queria ir embora como embaixador para o Japão, mas, por fim, Hitler conseguiu acalmá-lo e tranquilizar Magda, que acabou perdoando o marido. Ao que parece, fez isso de verdade, pois anos depois o acompanhou até a morte. Hitler concedeu a Magda a condecoração de ouro do Partido. Não há dúvida de que ela é a mulher que definitivamente salva um matrimônio. A historiadora Marlis comenta que o anterior “esclarece um pouco a personalidade de Hitler, pois não foi unicamente a ‘moral

burguesa’ que o moveu, mas que tanto ele quanto Goebbels compartilhavam uma **brutalidade cínica**.” (Conclusão ilógica).

Outro triunfo do Führer em 1938 foi conseguir, depois de seis anos, que o Exército aceitasse que as S.S. (criadas por ele) também portassem armas, direito que o Exército sempre havia conservado como exclusivamente seu. Assim começaram (tarde demais) as SS “armadas” (Waffen). Os soldados S.S. eram voluntários, submetidos à ideologia nacional-socialista. Isso marcava uma diferença, pois no Exército se conservava a velha escola segundo a qual o militar devia ser apolítico.

Depois ocorreu um fato sangrento que teve grande transcendência. Em 7 de novembro, o judeu Herschel Grynszpan assassinou em Paris o diplomata alemão Ernst von Rath.

Dois anos e meio antes, outro judeu (David Frankfurter) havia matado na Suíça o dirigente nazista Wilhelm Gustloff, e tudo havia ficado no plano dos protestos diplomáticos. Mas à morte de Von Rath seguiu-se uma repentina ação tumultuada contra comércios judeus em diversas cidades alemãs. Formaram-se turbas que quebraram vitrines de centenas de comércios e incendiaram sinagogas.

Isso ocorreu na noite de 9 para 10 de novembro (1938), e em todo o mundo houve violentas condenações à chamada “noite de cristal.”

O historiador Burleigh alude a informes de Moscou, segundo os quais Hitler e Goebbels foram os autores intelectuais dos excessos. Ian Kershaw considera isso provável, mas não tem muita certeza.

A historiadora **Ingrid Weckert** —que pesquisou na Alemanha e em Israel— afirma: “A noite de cristal não foi promovida de cima, e os dirigentes do Partido nem as S.A. participaram. Há um altíssimo grau de certeza de que o assassino, Grynszpan, foi incentivado por alguém da ‘Liga Internacional Contra o Antissemitismo’, que lhe ofereceu poderoso apoio sob a condição de que guardasse silêncio. Imediatamente foi defendido pelo eminente advogado Moro-Giafferi (o mesmo defensor do homicida Frankfurter). E, em seguida, membros da mencionada Liga

atuaram como provocadores das desordens, aproveitando-se do estado de ânimo inflamável de numerosos cidadãos alemães.”

Ingrid acrescenta que o Dr. Goebbels, que se encontrava em Munique, foi chamado a Berlim e que, ao presenciar os estragos, comentou, indignado, a seu colaborador Dr. Nauman: “É isso que os muniquenses pensam ser o nacional-socialismo!?... Isso é um cúmulo de estupidez!” E mais tarde, segundo a testemunha Schaumburg, afirmou: “Toda essa questão é atroz! Essa não é a maneira de resolver o problema judeu. De modo algum. Não dessa maneira... Dessa forma, apenas se faz deles mártires, e depois? Nós teremos prejudicado a nós mesmos perante o mundo inteiro. É possível que nós mesmos tenhamos feito à propaganda inimiga um grande serviço.”[47]

Wilfred von Oven, que foi secretário de Goebbels, afirmou que a historiadora Ingrid Weckert havia desmentido de maneira conclusiva a mentira de que Goebbels teria tramado a “noite de cristal”.

No entanto, à Gestapo cabe a culpa de não ter identificado os promotores dos distúrbios, embora isso seja difícil nos motins de massa, porque todos acabam sendo culpados e ninguém em concreto.

Considerável número de judeus havia começado a fugir da Alemanha desde 1935, e o número aumentou em consequência da “noite de cristal”. O presidente Roosevelt reuniu em Evian-les-Bains (França) representantes de 32 nações para procurar acomodação para os judeus. Mas o principal obstáculo era que todos os países tinham cotas fixas para a imigração, inclusive os Estados Unidos, e não foi possível, naquele momento, aumentá-las em número considerável.

Deu-se o caso de o navio St. Louis, com 930 emigrantes judeus, ser rejeitado nos Estados Unidos e ter de voltar à Europa, onde lhes deram asilo Inglaterra, Bélgica, Holanda e França.[48]

Hitler enviou Hjalmar Schacht a Londres para que negociasse abrigo para uma vanguarda de 150.000 judeus, em um período de três anos, mas

47 Flash Point. L. Weckert. Institute for Historical Review. Pág. 96, 131 e seguintes. Costa Mesa, Cal. EUA. Grynszpan, o assassino de Von Rath, ficou em poder da Alemanha quando a França caiu, em 1940, e foi instaurado processo contra ele. Ao término da guerra ficou livre e foi para a Palestina, depois de quase 7 anos de prisão.

48 Atlas de la Historia Judía. pág. 94. Martín Gilbert. 1978. Impresso em Israel.

durante 1938 só aceitavam receber criadas. Naquele ano, a reunião de Evian conseguiu pouco.

O Serviço de Segurança alemão propunha um plano de financiamento para os emigrantes, condicionado à suspensão do boicote às exportações alemãs.[49]

49 El Tercer Reich. Michael Burleigh. Taurus. México, D.F. (págs. 350-351). 2005.

Capítulo IX

O Poder da Imprensa Empurra para a Guerra (1939)

Dois Efeitos da “Noite de Cristal”

Por um lado, numerosos comércios sofreram danos na “noite de cristal”. Por outro, Hitler e o Nacional-Socialismo foram submetidos a intenso descrédito internacional pelo **poder da grande imprensa**. Esse poder havia começado a se constituir com capital judeu no século anterior, entre 1835 e 1848.

As agências de notícias “Havas” (convertida depois na France Press), a Associated Press (com sede em Nova York) e a “Reuter”, estabelecida em Londres, tinham como associados mais de 1.500 jornais em 165 países. Depois foi fundada uma quarta agência, a United Press, também com sede em Nova York.[50]

Não ficaram jornais de primeira ou segunda categoria alheios aos serviços informativos dessas agências. Por isso Schopenhauer pôde dizer que “se se pisa no pé de um judeu em Frankfurt, toda a imprensa judaica, de Moscou a São Francisco, levanta vivas manifestações de dor.” E não é que todos os jornais importantes fossem judeus, nem de longe, mas sim as agências que lhes forneciam a informação internacional.

“A pólvora e a imprensa —assinalava o filósofo Oswaldo Spengler— guardam uma relação íntima, porque ambas são os grandes meios para atacar e conquistar à distância... O que é a verdade? Para a massa, é aquilo que lê e ouve diariamente. O leitor toma conhecimento ‘do que deve saber’, e uma vontade superior forma a imagem de seu mundo.”

Assim, desde o fim de 1938 e o início de 1939, a chamada “grande imprensa” foi formando na “opinião pública” a ideia de que Hitler queria apoderar-se do mundo para submetê-lo a desmandos como a “noite de cristal”.

---

50 Tema mais detalhado em “La Cruz y la Espada”, 3ª edição. México, 2001.

Hitler referiu-se a esse fenômeno em seu discurso de 30 de janeiro (1939) perante o Reichstag. Começou assinalando que, ao longo de seis anos, o povo alemão havia realizado seus anseios de unidade. Onze milhões de habitantes da Áustria e dos Sudetos estavam novamente no Terceiro Reich.

“**Se o mundo insiste em deduzir desse fato que a Alemanha ameaça outros povos pela violência —afirmou—, incorre numa evidente tergiversação da realidade**, já que o Reich não fez, nesse caso, outra coisa senão restabelecer o princípio que proclama o direito dos povos a dispor de si mesmos. Aplicando esse princípio a dez milhões de alemães, a Alemanha não ameaçou ninguém.

“Por isso nos alegramos quando, graças à iniciativa de nosso amigo Benito Mussolini e à jamais suficientemente elogiada disposição e boa vontade de Chamberlain e Daladier, se conseguiu um acordo de solução pacífica.”

Quanto à situação econômica, observou que na Alemanha havia 138 habitantes por quilômetro quadrado, apesar do que se havia conseguido trabalho para todos. Que, se outros países criticavam o regime nacional-socialista e apregoavam as virtudes de suas democracias, desejava-lhes a melhor sorte, embora algumas democracias só pudessem se sustentar mediante a corrupção eleitoral. Acrescentou que supor que o Todo-Poderoso concedeu a determinados povos o direito de se apropriar do mundo e defender sua pilhagem com teorias morais seria muito cômodo.[51]

Quanto ao fato de o Reichsbank já ser administrado exclusivamente por alemães, em vez de ser uma entidade bancária influenciada por interesses estrangeiros, disse que isso era um simples princípio de soberania nacional, que injustamente era lamentado ou criticado no exterior.

---

51 Alusão ao “Destino Manifesto” calvinista, segundo o qual alguns nascem predestinados a dominar e outros à perdição.

“Atacar os Estados como totalitários, semear ódio contra eles — afirmou— é envenenar a opinião pública com toda espécie de informações tendenciosas destinadas a causar dano, e isso parece ser um privilégio reservado às democracias... Nosso povo não abriga nenhum sentimento de ódio contra a Inglaterra, contra a América do Norte nem contra a França. O que deseja é paz. Mas, em contrapartida, nesses povos existe uma constante excitação contra a Alemanha, animada por provocadores judeus.

“É um espetáculo vergonhoso ver como todo o mundo democrata estremece de compaixão diante do pobre povo judeu (que vive na Alemanha), mas se recusa a acolhê-lo, apesar de as democracias disporem de vastos territórios e riquezas... Sinceramente, acreditamos que, se fosse possível pôr fim à propaganda judaica na imprensa internacional, seria fácil chegar à compreensão mútua entre os povos.”

Quanto às acusações de que na Alemanha havia perseguição antirreligiosa, afirmou que no Estado nacional-socialista nenhuma igreja havia sido fechada, nem impedido o exercício de qualquer culto, e que tais acusações eram duplamente mal-intencionadas, pois os acusadores jamais haviam se comovido com as reais e trágicas perseguições ocorridas na URSS e na Espanha.

Reclamações de Roosevelt a Hitler

Dois meses e meio depois do mencionado discurso de Hitler, o presidente Roosevelt tornou público um documento em que fazia reparos e críticas a Hitler porque no mundo —dizia— havia temores de guerra. Contrariando os preceitos diplomáticos, tal documento foi publicado antes de ser entregue a seu destinatário. (15-IV-1939).

Hitler respondeu no dia 28 do mesmo mês e leu sua resposta perante o Reichstag, também antes que ela fosse entregue ao presidente Roosevelt.

“Deus me fez encontrar o caminho para libertar nosso povo de sua angustiosa situação sem derramar sangue... Não quis outra coisa senão

restabelecer o que outros um dia haviam destruído violentamente, e reparar o que a perversidade satânica destruiu. Por isso não dei um só passo que ferisse direitos alheios; pelo contrário, não fiz outra coisa senão reparar o direito infringido há 20 anos. **Não há no atual território da Alemanha uma região que não tenha pertencido a ela desde tempos remotos e que não tenha estado unida a ela.**

Referindo-se ao fim da Primeira Guerra e às condições de paz impostas à Alemanha em Versalhes, acrescentou:

"Naquela época revelou-se pela primeira vez a desgraça de que a política era feita por homens que não haviam lutado na guerra. Porque os soldados não conheciam o ódio, mas sim aqueles velhos políticos que haviam protegido cuidadosamente sua própria e preciosa vida dos horrores da guerra e que depois, como espíritos enlouquecidos de vingança, caíram sobre a humanidade. O ódio e a maldade foram os autores do ditado de Versalhes. Povos que desde tempos imemoriais estavam unidos foram violentamente separados.

"Não foram os soldados vencedores, mas apenas políticos insensatos que despojaram violentamente cerca de 115 milhões de homens do direito de autodeterminação, arrancando-os arbitrariamente de suas antigas coletividades... Assim se quebrou a ordem estabelecida durante dois mil anos.

Depois mencionou os danos econômicos e sociais infligidos à Alemanha em 1920: "E que fique claramente estabelecido: não se tratava então da Alemanha nacional-socialista, mas da Alemanha democrática. Judeus parasitas, que por um lado exploravam a nação sem o menor escrúpulo enquanto agitavam, por outro, as massas empobrecidas... Assim, a revolução bolchevique conseguiu conquistar para sua causa os indivíduos inapropriados entre as fileiras sempre crescentes dos sem-trabalho. A decomposição da ordem política, fomentada pela imprensa judaica, conduziu a crises cada vez mais agudas…

Mais adiante, aludiu às indiretas acerca do ocorrido na Áustria: "A antiquíssima Marca oriental do povo alemão foi, por um tempo, a defesa

da nação alemã no sudeste... Pertenceu à Casa Imperial germânica existente há quinhentos anos, e Viena, por conseguinte, foi a capital do império germânico de então... Eu mesmo sou filho da Áustria. Os criminosos de Versalhes não apenas destroçaram o Reich alemão e dissolveram a Áustria, como também proibiram os alemães de aderir àquela comunidade à qual haviam pertencido durante mais de mil anos.

“Teria pecado contra o chamado que a Providência me fez se tivesse traído o propósito de devolver ao Reich minha pátria e meu povo alemão da Marca do Oriente. Restabeleci o direito de autodeterminação para 7,5 milhões de alemães”

Quanto à Tchecoslováquia, disse que ela havia sido inventada artificialmente a fim de ameaçar a Alemanha pelo sudeste, para o que foram arrancados territórios e populações, entre os quais figuravam quatro milhões de alemães.

“Felizmente —disse— o problema se resolveu pacificamente... Aos instigadores da guerra, isso pareceu o mais pernicioso. Lamentam que não tenha sido derramado sangue. Mas não o sangue deles, naturalmente, pois esses agitadores não estão onde soam os disparos... À Hungria, à Polônia, à Eslováquia, à Ucrânia e à Alemanha foi devolvido o que era deles…

Assinalou que as medidas tomadas pela Inglaterra na Irlanda do Norte nunca haviam sido objeto de críticas por parte da Alemanha, porque ele sempre quis uma amizade germano-inglesa.

“Considero impossível estabelecer uma amizade duradoura entre o povo alemão e o inglês se este não reconhecer que não existem apenas interesses ingleses, mas também alemães... Não queremos nada que nunca tenha pertencido a nós. Nenhum país jamais será despojado por nós daquilo que é seu... A cidade de Memel quis voltar ao seio da Alemanha. Também ali não exigi uma milha quadrada a mais do que antes havíamos tido e que nos fora arrebatado. E essa solução é benéfica para a Alemanha e a Lituânia...”

Quanto à Polônia, disse que o Tratado de Versalhes infligiu deliberadamente a ferida mais grave ao dividir a Alemanha,

desnecessariamente, para dar à Polônia uma saída para o mar justamente em Danzig, em vez de fazê-lo rumo ao nordeste, sem cortar a comunicação da Alemanha com sua província da Prússia. Agora ele respeitava essa saída para o mar (“corredor polonês”) em troca de que lhe fosse permitido construir uma ferrovia e uma estrada para se comunicar com a Prússia. Mas o novo governo do presidente Joseph Beck se recusava a negociar. Por esse motivo “há uma onda de inquietação.

A responsabilidade é exclusivamente dessa propaganda que conhecemos, posta a serviço dos incitadores internacionais... que tentam levar a Europa a uma catástrofe.”

Mais adiante referiu-se à Espanha: “A Alemanha presenciou nestas semanas e celebrou com viva simpatia o triunfo da Espanha nacional. Quando um dia, respondendo ao chamado do general Franco, decidi fazer chegar-lhe a ajuda da Alemanha nacional-socialista para contrapor ao auxílio internacional dos assassinos e incendiários bolcheviques à Espanha vermelha, fomos caluniados da maneira mais infame pelos mesmos agitadores internacionais. Diziam então que a Alemanha tinha o propósito de se estabelecer na Espanha, que pensávamos ficar com colônias espanholas, e inventou-se aquela vil impostura de 20.000 homens desembarcados no Marrocos. Em uma palavra, não se omitiu nada para tornar suspeita nossa ajuda... O povo espanhol aclamará o general Franco como seu salvador, como seu libertador dos bandos incendiários que, segundo cálculos, têm sobre a consciência mais de 775.000 pessoas executadas ou assassinadas. Degolou-se a população de cidades e povoados sob a tácita condescendência e proteção de apóstolos humanitários das democracias da América do Norte e da Europa Ocidental... A Alemanha sabe com que coragem seus filhos lutaram também ali pela liberdade de um povo nobre e, com isso, pela salvação da civilização europeia...

“O senhor Roosevelt é da opinião, que eu também compartilho, de que no mundo há temor de uma nova guerra... De 1919 a 1938, foram travadas catorze guerras, em nenhuma das quais a Alemanha participou... Só os Estados Unidos realizaram, desde 1918, seis intervenções militares. A

Rússia soviética levou a cabo dez guerras sangrentas... Tampouco nisso a Alemanha teve participação.

“A razão do temor à guerra, agora, encontra-se exclusivamente em **uma agitação de imprensa desenfreada, tão mentirosa quanto indigna…**

“O Sr. Roosevelt manifesta que duas nações na Europa perderam sua existência independente... Não sei que nações se deve entender por essas duas da Europa. Se se trata das províncias reincorporadas ao Reich, então tenho de chamar a atenção do Sr. **Presidente para um erro histórico: Essas nações não perderam agora sua existência independente, mas sim em 1918, quando, quebrantando a palavra solenemente dada (pelo Presidente Wilson), foram arrancadas das comunidades às quais pertenciam...**

“Como ocorre ao Sr. Roosevelt pedir ao chefe do Estado alemão uma declaração sobre sua política, sem que também os outros Governos sejam convidados a fazer uma declaração semelhante?... Supondo que a distância da Europa à América seja a mesma, nós também poderíamos pedir ao presidente dos Estados Unidos quais são suas intenções de fundo em sua política diante dos países sul-americanos e centro-americanos. O Sr. Roosevelt apelará, nesse caso, à Doutrina Monroe.”

Enfim, é possível que a mensagem de Roosevelt —e a forma de enviá-la— fosse um sinal para que os povos europeus entendessem que os Estados Unidos entrariam na guerra contra a Alemanha. É possível que já estivesse se delineando o Pearl Harbor indispensável para dar esse passo.

Dentro das chaves da política internacional, para o regime polonês foi publicamente um respaldo com vistas ao que estava por vir.

Minas-Relógio deixadas na Polônia desde 1920

Em 1920, da Alemanha vencida foi retirada uma faixa de território e cedida à Polônia, incluindo seus 3,5 milhões de habitantes alemães. Além

disso, tirou-se dela outro pedaço de território e o entregou à Polônia para que tivesse uma saída para o mar. (Chamou-se isso de “corredor polonês”).

O pior foi que o “corredor” cortou a continuidade territorial da Alemanha e a separou de sua província da Prússia. De ter feito o “corredor” mais a nordeste, isso não teria ocorrido, mas presumivelmente os ditadores da paz de 1920 queriam deixar uma “mina-relógio”.

Em meados de 1939, Hitler começou a insistir junto ao governo polonês para que, através do “corredor”, lhe permitisse construir uma ferrovia e uma estrada a fim de ligar-se à Prússia. No fundo, queria assim preparar seu acesso à fronteira com a URSS, para invadi-la em 1940 e acabar com o comunismo. Isso ele havia antecipado desde 1923 em seu livro “Minha Luta”, no qual só havia faltado precisar o ano.

Inglaterra e França haviam dado garantias à Polônia de que, se a Alemanha a agredisse, ambas as potências acudiriam em seu auxílio. Depois, o presidente Roosevelt concedeu-lhe um crédito para que se sentisse mais segura.

Depois de várias tentativas de negociar, o presidente polonês Joseph Beck disse: “A Polônia não tem nada a negociar sobre o Corredor nem sobre nada”

Hitler fez uma última tentativa em 31 de agosto e acabou iniciando a invasão da Polônia no dia primeiro de setembro.

Três dias depois, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha.

Mussolini, que tinha uma aliança com Hitler, comunicou-lhe que não podia apoiá-lo porque lhe faltavam muitas coisas. Hitler perguntou-lhe o quê, e o Duce fez uma lista tão longa que não se podia suprir. Na realidade, o Eixo Roma-Berlim não existia.

A campanha militar foi “guerra relâmpago”, e a Polônia ficou derrotada em 14 dias. A cúpula governamental ordenou que Varsóvia (a capital) fosse defendida como fortaleza, não como “cidade aberta”, o que prolongou as hostilidades por mais dez dias. Mas o presidente Beck e seu Gabinete já haviam ido a Londres instalar seu “Governo no exílio”.

Praticamente haviam condenado a Polônia a ser uma trincheira avançada da URSS, embora lhes tenha surpreendido que isso só tenha ocorrido por tão pouco tempo.

Inglaterra e França não ajudaram a Polônia porque ela ficava muito longe, e também porque ainda não haviam enardecido seus povos para atacar a Alemanha em sua frente ocidental.

A Alemanha denunciou que os poloneses haviam assassinado 5.400 civis alemães e pediu à Cruz Vermelha que enviasse delegados para confirmar isso. Segundo o historiador Kershaw, os mortos foram 4.000. "Cometeram-se tropelias contra as minorias alemãs em muitos lugares. Nunca se determinou satisfatoriamente quantos morreram assim."[52]

O mesmo autor acrescenta que, por sua vez, os alemães exerceram represálias selvagens e que a Polônia ficou impedida de realizar qualquer resistência.

No entanto, isso não coincide com a realidade, pois os generais poloneses Rowecki, Sosnkowski e Tadeusz Komorowski ("Bor") relatam como, durante 4 anos, estiveram combatendo os alemães. Em auxílio da URSS, chegaram a realizar 10.000 sabotagens na retaguarda alemã. Destruíram 6.930 locomotivas e 19.000 vagões, e mataram 760 policiais da Gestapo. O general "Bor" chegou a ter um exército de 380.000 homens.[53]

Foi trágica a sorte da Polônia, pois metade de seu território foi invadida pelos soviéticos em 1939, que executaram 21.000 oficiais, médicos, advogados, juízes e professores universitários por "não serem assimiláveis", enquanto aos soldados foi concedida a cidadania russa e eles foram enquadrados no Exército Vermelho. Inglaterra e França não protestaram. Sua política tinha como meta salvar a URSS.

Hitler explicava isso como uma "aliança do judeu-comunismo".

---

52 "Hitler". Ian Kershaw. pág. 341, tomo II.

53 Historia de un Ejército Secreto. T. Komorowski. E "El Crimen de Katyn", do general Wladyslaw Anders. Edic. Mundo Libre. México.

Hitler fala do Ódio contra a Alemanha

Falou diante do Reichstag, enquanto o exército lutava na Polônia. “Agora mais do que nunca —disse— minha vida inteira pertence ao povo alemão. Neste momento não quero ser outra coisa senão o primeiro soldado do Reich. Por isso, voltei a vestir aquela farda que, para mim, era a mais sagrada e a mais querida. Eu a levarei até o triunfo ou não chegarei ao fim... Se a nossa vontade for tão forte que nenhuma dificuldade possa vencê-la, então essa nossa vontade, unida ao nosso aço, vencerá e arrasará toda espécie de obstáculos”.

Dezenove dias depois, já derrotada a Polônia, Hitler falou em Danzig. Mencionou que pisava pela primeira vez um solo que fora colonizado por alemães cinco séculos antes de os europeus se estabelecerem no que hoje é Nova York; que Danzig havia sido ilegalmente arrebatada da Alemanha; que ele havia querido resolver esse abuso por meio de negociações; que o governo polonês respondera mobilizando seu exército; que as minorias alemãs eram cruelmente hostilizadas por esse governo; que a aviação alemã só atacava objetivos militares; que não exigia nada da Inglaterra e da França, e que pedia ao Todo-Poderoso que iluminasse essas potências para que percebessem o quanto era inútil continuar a guerra.

Mais tarde, na concentração comemorativa dos antigos combatentes, Hitler disse que, se a Inglaterra lutasse pela liberdade e pela justiça, como afirmava, já lhes teria dado liberdade a 480 milhões de homens que mantinha sob seu domínio. Acrescentou que os verdadeiros motivos da guerra declarada contra a Alemanha eram o ódio.

“O que fizemos a eles? — perguntou. — Absolutamente nada! O que eles odeiam é a Alemanha que, para eles, representa um exemplo perigoso, a Alemanha social, a Alemanha da nossa legislação social trabalhista que eles odiavam antes da guerra mundial, e que odeiam também hoje. Esta Alemanha da previdência social, do equilíbrio social, do desaparecimento das diferenças de classe, é esta Alemanha que eles odeiam!”

A Alemanha que, ao longo de sete anos, se esforçou para tornar possível uma vida digna para seus cidadãos. **É isso que eles odeiam! A Alemanha que acabou com o desemprego que eles não conseguiram eliminar com toda a sua riqueza. É isso que eles odeiam!**

São os seus magnatas do dinheiro, os judeus e os não judeus de sua banca internacional, que nos odeiam porque veem nesta Alemanha um mau exemplo que poderia agitar outros povos e, talvez, também o seu.” (8 - nov. 1939)

Se Rejeitam a Paz o que se deve fazer?

Em 19 de setembro, isto é, 16 dias depois de a Inglaterra e a França lhe terem declarado guerra (e já com a Polônia derrotada), Hitler lhes fez uma oferta de paz. “Não tenho — disse-lhes — nenhuma intenção agressiva em relação à Inglaterra e à França. Minhas simpatias estão com o soldado francês, que não sabe muito bem por que deve combater. Invoco o Todo-Poderoso, que agora abençoou nossos exércitos, para que faça os demais povos compreenderem quão inútil seria o prolongamento desta guerra, e para que os incite a refletir sobre os benefícios da paz.” Essa oferta foi rejeitada.

Dezenove dias depois, em 6 de outubro, Hitler fez um segundo pedido de paz. Em um longo discurso, disse, entre outras coisas: **“Sempre manifestei à França meu desejo de enterrar para sempre a velha inimizade. Fiz todo o possível para extirpar do povo alemão a ideia de uma inimizade hereditária, inculcando-lhe, em seu lugar, o respeito pelos grandes feitos do povo francês e de sua história, e todo soldado alemão guarda o máximo respeito pelas proezas do exército francês.**

“Não foi menor o meu esforço para chegar a um acordo germano-inglês e até mesmo a uma amizade germano-inglesa... Nem à França nem à Inglaterra a Alemanha fez qualquer reivindicação. Esta guerra no oeste não resolve problema algum... Oxalá aceitem minha palavra os povos e os

governantes que pensam da mesma forma. E que rejeitem minha mão aqueles que acreditam ver na guerra a melhor solução.”

Ambos os apelos de paz foram rejeitados categoricamente.

Sem deixar de insistir em um terceiro apelo, como depois faria, Hitler ordenou preparativos para enfrentar a guerra. O tempo trabalhava contra ele, pois a cada dia chegavam à França mais tropas britânicas. A Inglaterra tinha grandes recursos no Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia, na Índia e na África. A França também dispunha de vastas colônias.

Era necessário ir ao encontro dos aliados, no mais tardar em novembro.

Atritos com o ESTADO-MAIOR GENERAL

O fato de que apenas uma parte das forças armadas alemãs tivesse vencido, em duas semanas, 600.000 soldados poloneses (enquanto outros contingentes haviam ficado guarnecendo a frente ocidental) poderia ter acendido a confiança do Estado-Maior General alemão. Mas não foi assim.

A explicação é que muitos generais haviam acreditado que a Inglaterra e a França não chegariam a declarar guerra, e depois pensaram que os apelos de paz levariam a negociações. Evidentemente, a questão da Polônia era uma coisa, mas lutar contra os Impérios inglês e francês era algo muito diferente.

Comparando cerca de vinte historiadores, é possível formar o seguinte quadro do que ocorria no Alto Comando alemão:

— Reconhecia-se que a Linha Maginot, francesa, era a muralha defensiva mais poderosa da história. Perfurá-la custaria um milhão de vidas, e isso era apenas o começo.

— Hitler e vários generais pensavam em contorná-la pela Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

— A isso se opunham outros generais, como Ritter von Leeb, que julgavam aquilo “um ataque demencial que viola a neutralidade da Holanda e da Bélgica.”

— Ele os refutava dizendo que, na prática, elas não eram neutras. Seus governos tinham compromissos com a Inglaterra.

— O general Halder, chefe do Estado-Maior General, dizia: “Ainda não estamos preparados”. Hitler respondia: “O inimigo também não está; por isso não ataca.”

— O general Brauchitsch, chefe do Exército, insistia que fazia mau tempo. Hitler lhe respondia que também fazia mau tempo para o inimigo.

— Brauchitsch disse a Hitler: “Falta disciplina e houve surtos de descontentamento entre as tropas.” Isso enfureceu Hitler, que pediu dados concretos. “Onde isso acontece? ‘Eu mesmo resolvo isso’.” Mas Brauchitsch não conseguiu precisar nada e saiu da entrevista visivelmente perturbado, segundo relatou depois o general Halder.

— O general Westphal conta que Hitler gritou: “Que tipo de generais são estes que precisam empurrar para a guerra, em vez de serem eles a tomar a iniciativa?…”

— Em outra ocasião, Hitler comentou: “Antes de ser chanceler, eu acreditava que o Estado-Maior era um cão de açougueiro que precisava ser segurado pela coleira para não atacar, mas agora vejo que é qualquer coisa, menos um cão de açougueiro.”

— Outro fator de desconfiança era o fato de Hitler não ter passado por nenhuma Academia de altos estudos militares e estar dando diretrizes sobre estratégia. Aos militares de vasta preparação, não se conseguia apagar a imagem de um Hitler cabo.

Várias vezes foi dado o alerta para iniciar a ofensiva, mas outras tantas ela foi adiada. Assim se passariam seis meses, até maio de 1940. É incalculável o que a Alemanha teria conseguido se tivesse atacado em novembro de 1939. Neste ponto se abre o mistério insondável do “teria sido”.

A propósito das divergências que Hitler tinha com seus generais, é interessante lembrar como Stalin resolvia situações parecidas. Em meados de 1937, quando desconfiou de seu marechal Tukhachevski, chefe do Exército, simplesmente mandou fuzilá-lo. Imediatamente depois, foi mandando fuzilar os amigos ou possíveis amigos do marechal. Numa gigantesca "purga", caíram generais, comandantes de batalhão, coronéis, majores e até capitães. Houve casos em que também se eliminaram parentes próximos dos executados, pois, logicamente, ficariam ressentidos com Stalin.

Winston Churchill refere em suas Memorias que "ocorreu a implacável, **mas talvez não desnecessária** purga militar e política na Rússia. Não fica abaixo de cinco mil o número de funcionários e oficiais com o posto de capitão para cima que foram liquidados." Outras fontes calculam que foram vinte mil. E, como a "purga" atingiu eminentes líderes políticos, também alcançou milhares e milhares de seus simpatizantes, que foram levados aos "gulags", ou campos de concentração.

Tais acontecimentos foram "prudentemente" mencionados, em parte, pelas agências internacionais de notícias.

Ainda agora os historiadores oficiais falam de Stalin como o líder de "uma utopia que não pôde se realizar". Roosevelt se referia a Stalin como "o tio Joe". E, em pleno século XXI, as universidades ensinam marxismo-leninismo, cujos militantes são designados como "de esquerda".

BALANÇO DE 1939.— Hitler terminava o ano com a ideia de que a Inglaterra poderia aceitar negociações de paz assim que se acalmasse o belicismo do grupo de Churchill e pudesse se impor o grupo de Neville Chamberlain. Caso isso não ocorresse, a Wehrmacht estaria mais bem preparada em 1940 para um confronto armado.

Capítulo X

O que o Kaiser não conseguiu em 4 anos “O Cabo” conseguiu em 42 dias (1940)

Um País, Sozinho, Não faz uma “Guerra Mundial”

É um dogma, repetido pela maioria dos biógrafos e historiadores, que Hitler foi o autor intelectual da Segunda Guerra Mundial. É raro quem considere que não foi assim. Seguindo uma sequência cronológica, constata-se que Hitler atacou a Polônia como claro preâmbulo para tornar possível a invasão da Rússia soviética, que ele considerava um perigo mortal para a Europa.

Tratava-se, portanto, de um conflito regional, de uma inimizade ideológica entre o nacional-socialismo, que se opunha à pretensão comunista de dominar o mundo, confessada oficialmente por este: “A Revolução Comunista não será uma revolução puramente nacional. Será uma Revolução mundial e deverá ter, em consequência, um terreno mundial.”[54]

Foram os impérios britânico e francês que puseram em marcha uma contenda mundial ao declarar guerra à Alemanha em 3 de setembro de 1939. A Inglaterra arrastou seus domínios, tais como Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Índia e grande parte do continente africano. Com a França se somaram os recursos humanos e materiais de numerosas colônias. Ambos os impérios dominavam 50 milhões de quilômetros quadrados em suas diversas colônias (25 vezes a superfície do México), do Canadá até a Austrália, a Nova Zelândia e grande parte da África. Só eles tinham a possibilidade de fazer uma Guerra Mundial, não a Alemanha, com apenas 600.000 quilômetros quadrados (pouco mais de um quarto do México).

54 Principios de Comunismo.- Engels. 1848, reiterados por Marx, Lenin, Stalin e pelos demais líderes marxistas.

7 Meses só de Guerra Teórica

Desde 3 de setembro de 1939, quando Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha, até o início de abril de 1940, passaram-se sete meses sem que ocorresse choque armado. Em ambos os lados da fronteira francesa, uns e outros faziam preparativos para atacar, enquanto havia apenas disparos esporádicos contra as avançadas de reconhecimento. No fim de março de 1940, a Inglaterra se preparava para invadir a Noruega a fim de cortar à Alemanha seus vitais suprimentos de ferro procedente da Suécia e, ao mesmo tempo, deixar sua frota encurralada no mar Báltico. Hitler soube desses preparativos e preparou um golpe da Marinha e da Luftwaffe para se antecipar aos britânicos, o que conseguiu com uma margem de 48 horas.

Pelo menos cinco biógrafos coincidem em que Hitler, como "estrategista amador", organizou essa operação, até mesmo à margem do Estado-Maior General. Sigilo absoluto. Tropas aerotransportadas e paraquedistas tomaram três cidades, e os aliados (ingleses, franceses e poloneses), outras três.

Ian Kershaw descreve "um Hitler transformado em farrapo humano pela luta que se travava na Noruega, e que já nem sabia o que fazer". No entanto, o fato é que os aliados foram desalojados de suas posições e a Noruega ficou firmemente em mãos alemãs.

Em contrapartida, Winston Churchill escreveu: "A rapidez com que Hitler realizou a conquista da Noruega foi um notável feito de guerra e de política, e um exemplo imperecível da minúcia, da astúcia e da brutalidade alemãs."

Churchill parece melhor biógrafo que Kershaw.

Grandes Preparativos nos dois Bandos

Os anglo-franceses já dispunham de mais de dois milhões de soldados para atacar a Alemanha, presumivelmente pela Bélgica, a fim de penetrar no setor do Sarre. Por sua vez, Hitler dispunha de quase um milhão e meio de combatentes. Ele pensava compensar essa inferioridade numérica com a têmpera de seus oficiais e soldados e com o fator surpresa. Hitler havia lido muito sobre estratégia e tática, desde o grego Tucídides (*Historia de la Guerra del Peloponeso*, 300 a.C.) e Xenofonte (*La Retirada de los 10,000*) até o notável tático francês Guibert e os alemães Scharnhorst, Gneisenau, von Bülow, Schlieffen e, naturalmente, Napoleão e Clausewitz (*De la Guerra*). De acordo com o que costumava fazer desde muito jovem, gabava-se de saber reter o essencial e descartar o resto. O Estado-Maior General havia preparado um plano de ataque muito parecido com o que Schlieffen traçara contra a França na Primeira Guerra Mundial. A Hitler pareceu que lhe faltava o fator surpresa. Por sua parte, pensava em levar tanques através do terreno inadequado das Ardenas, penetrar até Sedan e depois lançar-se até a costa francesa. Enquanto isso, outro grupo de exércitos, à maneira de uma bigorna, imobilizaria o inimigo bastante ao norte, a fim de envolvê-lo.

Considerava que só uma guerra relâmpago (“blitzkrieg”) poderia ter êxito, para não dar tempo ao inimigo de mobilizar seus enormes recursos em homens e material, já que praticamente dispunham de quase todo o mundo. Precisamente por isso, as potências aliadas eram as que verdadeiramente podiam configurar uma Guerra Mundial. A Alemanha, com seus recursos reduzidos, deveria usar ao máximo o fator surpresa. Muito distante de Hitler, o general von Manstein, chefe de um corpo de exército, tinha ideias muito parecidas. Conta que, em 17 de fevereiro, foi convocado a Berlim, junto com outros comandantes, para serem apresentados a Hitler. “Depois de tomarmos alguns refrescos —diz— Hitler me surpreendeu com o convite para que o acompanhasse até seu gabinete, onde tive de lhe expor, porque assim ele me ordenou, minha opinião sobre como deveria ser disposta a ofensiva no Ocidente, que eu havia comentado com seu ajudante Schmundt. Ignoro se, por meio de seu

ajudante, ele estava a par do plano e até que ponto estaria. O que, por outro lado, percebi no momento foi a extraordinária rapidez com que ele se inteirava dos pontos de vista do meu Grupo de Exército... Tampouco é impossível que a Hitler ocorresse a mesma ideia, já que às vezes ele nos desconcertava com seu certeiro instinto das possibilidades táticas e, além disso, mergulhava no estudo dos mapas. Portanto, pode ter lhe ocorrido que o ponto mais favorável para cruzar o Mosa estava em Sedan."[55]

O fato é que Hitler modificou o centro de gravidade da ofensiva, o que foi decisivo, pois "pareceu dar asas aos nossos tanques em sua assombrosa corrida até chegar à costa do Canal, pelas costas do inimigo." Por sua vez, Hitler havia feito sugestões sobre a forma de anular as grandes fortificações belgas de Eben-Emael e as pontes de vários rios, que foram executadas por pequenos grupos de paraquedistas e forças aerotransportadas.

A derrota dos exércitos francês, inglês, belga e holandês se consumou em 42 dias.

Hitler permitiu que escapassem por Dunquerque 312.000 britânicos e 26.000 franceses, ao ordenar que três divisões blindadas se abstivessem de atacá-los quando já haviam abandonado suas armas numa longa retirada. O general Guderian conta que, ao receber essa ordem em suas forças panzer, "ficamos sem fala!"... que não fazia sentido, mas foi ratificada. "Nós a acatamos com grande dor no coração"…

Naquele momento, Hitler não parecia ser o guerreiro que buscava chegar às últimas consequências, mas sim aquele jovem de 18 anos que sonhava em se tornar pintor. Por que deixar o inimigo partir para a Inglaterra?

O marechal Von Manstein e outros generais dizem que ele agiu assim porque pensava que, desse modo, seria mais fácil chegar a um acordo com a Inglaterra.
O biógrafo **Kershaw** comenta: "Se a força expedicionária inglesa tivesse sido perdida, teria sido praticamente impossível que Churchill sobrevivesse à crescente pressão das poderosas forças que estavam

55 Victorias Frustradas. Marechal Von Manstein. Pág. 106. Caralt, Barcelona, 1956.

dispostas dentro da Inglaterra a chegar a um entendimento de paz.” (Tomo II, pág. 412).

A historiadora antinazista Marlis Steinert diz que Hitler redigiu um texto para que o marechal Keitel o lesse ao ser assinada a rendição da França. Diante do general francês Huntziger, Keitel disse: “Não quero deixar, como soldado, de expressar ao senhor minha simpatia pelo triste momento que, como francês, o senhor viveu. Sua pena pode ser aliviada pela convicção de que os soldados franceses lutaram valorosamente, segundo desejo manifestar-lhe expressamente. O senhor, general, representou os interesses de sua pátria com grande dignidade nestas difíceis negociações”. E deu a Huntziger um aperto de mãos.

Além disso, Hitler não exigiu da França a entrega da frota, nem tampouco lhe pediu território ou bases em suas colônias da África, que tão úteis lhe teriam sido para a continuação da guerra contra a Grã-Bretanha. Entretanto, Churchill ordenou bombardear a desprevenida frota francesa que se encontrava ancorada na Argélia, e morreram 1.240 marinheiros franceses. Temia que mudassem de lado.
Hitler percorreu “com nostalgia” alguns lugares onde havia combatido como soldado na Primeira Guerra Mundial. Dificilmente ocultava sua emoção, pois aquilo que o Kaiser não havia conseguido em 4 anos de combates, ele acabava de conseguir em 42 dias. Acompanhavam-no seu ex-sargento Max Amann e Ernst Schmidt, também camaradas daquela contenda. Depois fez uma visita de três horas a Paris, aonde chegou quase incógnito com uma dezena de acompanhantes, às 5h30 da manhã. Dizem que não queria “ofender” o vencido. Visitou o teatro da Ópera, a Tumba de Napoleão, a Torre Eiffel (à distância), a Tumba do Soldado Desconhecido, parte dos Campos Elíseos e, finalmente, a Basílica do Sagrado Coração.

Em 14 de julho, 22 dias depois da rendição da França, Hitler reiterou ao jornalista estadunidense Wiegand que “não desejava destruir o Império britânico.” E cinco dias depois falou ao mundo inteiro da tribuna do Reichstag: “Ainda hoje lamento —disse— que, apesar de todos os meus esforços, eu não tenha conseguido chegar àquela amizade com a Inglaterra que, como acredito, teria sido uma bênção para os dois povos. Não tive

sucesso, apesar de todos os meus esforços honrados.” **“Nesta hora considero meu dever, diante de minha própria consciência, apelar mais uma vez à razão e ao senso comum, o mesmo na Grã-Bretanha que em outras partes (Estados Unidos). Considero-me em condições de dirigir este chamado, já que não sou um vencido que solicita favores, mas um vencedor que fala em nome da razão. Não vejo motivos para que esta guerra tenha de continuar... Livrei minha consciência em relação às coisas que virão.”**

O “Times” de Londres publicou uma grande manchete: “Um desdenhoso silêncio foi a resposta de Churchill.” Churchill escondia três ases na manga. Dois eram a URSS e os Estados Unidos.

Em 3 de novembro, Roosevelt enviou à Inglaterra 50 contratorpedeiros para intensificar a guerra contra os submarinos alemães.

Por outro lado, Hitler arranjou tempo para continuar assistindo ao festival de música de Wagner, em Bayreuth, que durou dez dias. Assim como no ano anterior, teve como convidado seu amigo de juventude, August Kubizek, a quem disse: “Esta guerra me rouba meus melhores anos. O senhor já sabe, Kubízek, quais são meus projetos... Os planos que me dominam desde a juventude e que só pude realizar em parte... Quero a ampliação das autoestradas, os canais de navegação, as viagens de férias para trabalhadores e empresários... Ainda estou preso à guerra. Mas espero que não por muito tempo, e então poderei voltar a criar e construir”.

Após a campanha da França, regresso de Hitler a Berlim.

Segundo Kubizek, Hitler continuava pensando em grandes projetos arquitetônicos. Não havia perdido sua sensibilidade artística.[56] O arquiteto e escultor Arno Breker —que o acompanhou durante seu percurso por Paris— dizia que Hitler tinha conhecimentos surpreendentes sobre o tema e senso estético.

Terror sobre a População Civil

Quatro anos antes de a guerra começar, em 21 de maio de 1935, Hitler fez um apelo a todos os países para que renunciassem às bombas incendiárias e explosivas "fora das zonas de combate... Se a Cruz Vermelha conseguiu impedir a morte dos feridos indefesos ou dos prisioneiros, também deverá ser possível proibir o bombardeio da população civil indefesa."

Ninguém respondeu, nem a favor nem contra.
Mas a Inglaterra e os Estados Unidos começaram a projetar quadrimotores capazes de chegar a todos os confins da Alemanha, enquanto esta apostou tudo numa aviação poderosa no campo de batalha, e não além dele. Seus bombardeiros bimotores (com reduzida capacidade de bombas) só poderiam alcançar a décima parte do território britânico.

Assim, ao começar a campanha da França, Churchill tomou posse como primeiro-ministro e ordenou que a cidade alemã de Freiburg fosse bombardeada. Em seguida, vieram seis ataques a Berlim, de proporções limitadas porque as defesas aéreas alemãs ainda eram muito fortes.

Muitos dos biógrafos de Hitler afirmam que ele iniciou os bombardeios de terror, mas contra isso fica o testemunho de **J.M. Spaight, secretário do Ministério do Ar britânico**, que escreve: "Nós começamos o bombardeio de objetivos em território alemão antes que os alemães começassem o bombardeio de objetivos em território inglês. Este é um fato histórico que foi publicamente admitido... **No entanto, tivemos medo do**

56 Adolfo Hitler, mi Amigo de Juventud. A. Kubizek. Ediciones América. B. Aires, 1953. Ao terminar a guerra, Kubizek foi detido pelos norte-americanos e lhe perguntaram: O senhor falou com o Chanceler? — Sim. Quantas vezes? — Com frequência. — A sós? — Sim. — Nesse caso, o senhor poderia tê-lo assassinado. — É verdade. E por que não o matou? — Porque era meu amigo.
Ficou dois anos preso.

efeito psicológico e, em consequência, decidimos ocultar nossa iniciativa da ofensiva estratégica; assim, encolhemos os ombros e não demos a publicidade que correspondia à nossa grande decisão de maio de 1940. Foi, sem dúvida, um erro. Havia sido uma decisão esplêndida.”[57]

O general inglês Fuller precisa que o primeiro ataque contra Londres ocorreu em 4 de setembro de 1940, quase quatro meses depois do primeiro bombardeio inglês sobre Freiburg e Berlim.

Em todo caso, o pecado de Hitler foi não oferecer a outra face, mas atacar Coventry, que era um objetivo militar por suas numerosas fábricas produtoras de armas, como os motores Rolls-Royce para aviões. Liddell Hart diz: “Hitler manteve-se notavelmente reticente a lançar-se contra as cidades de seus adversários... Em nós dominava somente o impulso de aniquilar o nazismo, sem nos importarmos com o que fosse destruído junto com ele.”[58]

Churchill é às vezes extraordinariamente claro e escreve: “**Em tempo de guerra, a verdade é tão preciosa que deve ser sempre assistida por uma guarda pessoal de mentiras.**”[59] Hitler anunciou que, se esses ataques de terror persistissem, bombardearia a Inglaterra com até 400.000 toneladas de bombas. Ou era “blefe”, ou ele não estava informado das grandes limitações da Luftwaffe, que não havia sido concebida para esse tipo de ataque. Só era eficaz sobre campos de batalha entre forças armadas. (4 de setembro de 1940).

Turnê de Hitler, mas sem Resultados

Enquanto a Inglaterra continuasse em guerra, Hitler tinha de conservar a costa ocidental europeia para impedir que as tropas britânicas retornassem. Assim, houve uma França “ocupada” e outra livre, sob o governo do marechal Pétain.

---

57 Bomber Vindicated. Págs. 68 e 74.- Londres, 1955.
58 Lluvia de Fuego Sobre Alemania. H. Lumpt. Pág. 23.- Herrero, 1965.
59 La Segunda Guerra Mundial. Winston Churchill. Tomo II. Pág. 338.

Aliás, quando estava para começar a campanha na França, Mussolini voltou a dizer que não podia participar porque lhe faltavam muitas coisas, como na campanha da Polônia. Hitler compreendeu o amigo e não disse nada. Dias depois, aconteceu que, em 14 de junho, Paris caiu e ficou claro que a França estava vencida. Então Mussolini proclamou que "o amigo deve marchar com o amigo" e declarou guerra à França. Em seguida quis exigir territórios coloniais na África, ao que Hitler se opôs porque tentava alcançar a reconciliação com a França.

O jornalista espanhol **Ismael Herraiz** relata que, enquanto em Berlim os sinos repicavam pela vitória na França ocupada, "o soldado alemão andava na ponta dos pés sobre a terra de sua recente vitória... Creio que nunca existiu uma vitória com menos alarde...

Nunca se viu neles ostentação de sua força, então colossal." Conta como uma francesa chorava junto ao túmulo do Soldado Desconhecido e um jornalista estadunidense se preparava para fotografá-la, quando "um soldado alemão pôs-lhe amavelmente a mão na lente." —Está proibido? —perguntou, contrariado, o americano. —Proibido, não; mas para quê? —respondeu educadamente o alemão.[60]

Enfim, as linhas anteriores são antecedentes para entender melhor a turnê que Hitler empreendeu por mil quilômetros para ir se encontrar com o Generalíssimo Francisco Franco em Hendaye, às portas da Espanha. Foi pedir-lhe autorização para que uma coluna alemã atravessasse a Espanha a fim de arrebatar dos ingleses o Rochedo de Gibraltar (que era da Espanha) e devolvê-lo a ela. Em troca, fecharia aos ingleses a passagem do Mar Mediterrâneo.

Franco —já "manipulado" pelo almirante Canaris e outros— falou e falou, para que o tempo passasse. Falou mais que Hitler (que tinha fama de fazer monólogos) e, em resumo, afirmou que lhe faltavam muitas matérias-primas e adiava sua decisão para mais adiante. Hitler, aturdido pela conversa de uma manhã e uma tarde, retirou-se de mãos vazias. De Hendaye foi a Montoire, para se entrevistar com o **marechal Pétain**, chefe da França não ocupada. A pouca assistência (poucos, como havia

60 Europa a Oscuras.- Ismael Herraiz. Madri, 1945.

pedido o mandatário francês) causou-lhe impressão no encontro. Ali estava Hitler, como vencedor naquele momento, recordando aquele soldado derrotado 22 anos antes pelo marechal Pétain, que agora era o derrotado. O francês André Brissaud diz que “era difícil, à primeira vista, distinguir o vencedor do vencido”.

O francês André Brissaud diz que “à primeira vista era difícil distinguir o vencedor do vencido”.

“Não quero uma paz de represália —disse Hitler—; pelo contrário, estou disposto a favorecer a França.”

O objetivo do encontro era conquistar a amizade do marechal, por quem sentia respeito. Uma amizade para unificar a Europa contra o perigo soviético.

O encontro durou duas horas. Mas Pétain não conseguiu atravessar a barreira do ressentimento francês e chegar à amizade com o vencedor. Falou em termos diplomáticos, mas sem concretizar nada.

O ministro francês das Relações Exteriores comentou: “Tenho que dizer, com toda sinceridade, que a França não teria se comportado tão bem se tivesse derrotado a Alemanha”. Claro que não! E já havia demonstrado isso na guerra anterior.

O historiador inglês David Irving diz que, 17 dias depois desse encontro, realizavam-se em Nova York conversas secretas entre emissários de Pétain e Churchill.[61]

Enquanto isso, o almirante Canaris e seu grupo comemoravam que, em ambos os encontros, Hitler “**havia sofrido uma derrota total**”.

A isso se somou o fato de Mussolini ter lançado suas tropas para invadir a Grécia, sem necessidade alguma, simplesmente porque sentia ciúmes dos triunfos alemães e acreditava que seria fácil derrotar os gregos. O ataque começou em 28 de outubro (1940) e, três meses depois, ele já começava a recuar derrotado.

---

61 La Guerra de Hitler. Pág. 170. D. Irving. Planeta. 1977.

Hitler havia tentado evitar essa aventura e viajou a Florença para pedir a Mussolini que não atacasse, mas chegou tarde. Von Ribbentrop relata que Hitler estava “fora de si”, mas que, diante de Mussolini, se conteve.

A invasão da Grécia era um passo de consequências nefastas para o ano seguinte.

Em atitude desafiadora, Stalin havia mandado o Exército Vermelho invadir o território romeno da Bessarábia e avançava sobre o norte da Bucovina. O general Antonescu pediu ajuda a Hitler, que enviou tropas à Romênia. Stalin entendeu o recado, e seus soldados não penetraram mais. Depois, enviou seu ministro Molotov, em 12 de novembro, para falar com Hitler e “esclarecer posições”. A Alemanha se opunha a que Moscou reivindicasse influência nos Bálcãs? Resposta: claro que sim!... Foi uma espécie de acareação em que se tratava de saber até que ponto o outro estava disposto a dar o próximo golpe.

Por outro lado, Hitler se dedicou a aumentar e melhorar o Exército. Três divisões das Waffen SS haviam se destacado na campanha da França. Inicialmente, eram malvistas por antigos generais, mas, ao vê-las combater, foram mudando de opinião.

Os integrantes das Waffen SS eram exclusivamente voluntários e, além de seu ímpeto militar, contavam com o complemento de sua motivação nacional-socialista. Era isso que Hitler queria para todo o Exército, algo com o que o tradicionalmente apolítico Estado-Maior General não concordava. À margem dele, Hitler completou, em 1940, cinco divisões Waffen SS, aproximadamente 75.000 combatentes.

Ao terminar o ano, disse: “O Exército alemão é bom. Ele demonstrou isso. Mas no ano que vem será ainda melhor.”

Delicadíssimo Tema Histórico

O caso dos judeus residentes na Alemanha tornou-se muito complexo. Em princípio, porque o judeu nascido em qualquer país conserva escrupulosamente seu sangue, sua ideologia, suas tradições, sua religião e seus costumes. Para efeitos práticos, formava um Estado dentro de outro Estado.

Essa situação se tornou embaraçosa, tanto para judeus quanto para alemães, quando o Congresso Mundial Judaico declarou à Alemanha uma guerra de boicote comercial, em março de 1933, ou seja, seis anos antes de começar a guerra armada. Em 1935, a relação ficou mais tensa porque a Alemanha tirou dos judeus o controle do sistema bancário (nacionalizando-o) e dos meios de comunicação (imprensa, rádio, cinema, teatro), **argumentando que os bancos influem no nível de vida e que os meios de informação influem na formação e na educação do povo.**

Pois bem, ao se formalizar a guerra no fim de 1939, e mais ainda no fim de 1940 (quando a Inglaterra rejeitou a paz), o judeu passou a ser considerado (com argumentos jurídicos) como um estrangeiro na Alemanha.

Todo país em guerra considera que os cidadãos do país inimigo devem emigrar ou ser internados, e vice-versa. A razão é que assim se prevê a possibilidade de que o residente estrangeiro atue como sabotador ou espião.

Mas para onde poderiam ir os judeus se Israel ainda não existia? Simplesmente, para países que os admitissem como asilados. No entanto, todas as nações tinham uma certa cota anual para receber estrangeiros, e os judeus residentes na Alemanha e **em sua zona de influência** eram muitos. Segundo o **Atlas Judío**: 546.000 na Alemanha; 3,2 milhões na Polônia e 360.000 na antiga Tchecoslováquia. **Total, 4 milhões e 105.000.**

De acordo com o mesmo Atlas, os Estados Unidos receberam 240.000; o Canadá, 8.000; a Palestina, 90.000; a Inglaterra, 71.000; a

Ibero-América, 130.000; Xangai, 25.000; e a China, 5.000. Total, 569.000. Ainda faltava acomodação para 3,6 milhões.

Razoavelmente, não se podia pensar em internar apenas os adultos, pois isso desintegraria famílias. Então começaram a construir campos de concentração que naturalmente deveriam contar com mobiliário, água, luz, serviços sanitários, alimentação, assistência médica etc. Um grupo de judeus se encarregaria de manter a ordem, enquanto a Polícia de Hitler evitaria as fugas.

O humanitarismo resiste a ver como natural a existência de tais campos, embora se diga que "guerra é guerra" e que ela sempre traz em sua essência uma grande dose de crueldade. Quando duas nações se enfrentam até a morte, a alternativa é: sua vida ou a minha.

Muitas famílias se compadeciam dos judeus e os ocultavam, dando-lhes asilo, mas, relativamente, o número desses casos era reduzido.

Construir campos de concentração exigia, além disso, dotá-los de equipamentos para que os internados trabalhassem, pois não era possível, em plena guerra, subsidiar todas as suas necessidades. Eles trabalhariam produzindo uniformes, roupas civis, peças de reposição etc.

A construção desses campos foi sendo feita de maneira gradual e com interrupções, e o internamento de judeus começou no fim de 1940. No ano seguinte houve milhões de prisioneiros soviéticos; milhares deles foram incorporados aos serviços de logística; outros aceitaram trabalhar no campo, e um grande número foi para os campos de concentração.

Além disso, esses campos existiram em todos os países beligerantes. Na Inglaterra, foram internados até cidadãos ingleses, como o grupo de Oswald Mosley (barão e ex-deputado), porque simpatizava com a ideologia nacional-socialista. Nos Estados Unidos, houve campos para "todo aquele que tivesse uma gota de sangue japonês", ainda que fosse cidadão americano. No México, foram internados italianos e alemães na Fortaleza de San Carlos, situada em Perote, Veracruz.

No que se refere aos judeus mortos nos campos de concentração, os arquivos alemães —formados com meticulosidade germânica— caíram

íntegros nas mãos dos aliados. O historiador inglês David Irving teve acesso a eles e afirma que Hitler falava muito mal dos judeus, mas que nunca incentivou nem ordenou que se cometessem assassinatos. Seu plano era levá-los para a enorme **ilha de Madagascar** (mais extensa que a própria Alemanha), o que ele chamava de "a solução final", mas que sempre esteve ocupado com os problemas da guerra e "não queria tratar desse assunto até que a guerra terminasse".[62]

Himmler e Eichmann eram os que se ocupavam dos campos de concentração. (Depois da guerra, o segundo foi capturado por um comando judeu e executado em Israel).

Outro historiador contrário a Hitler (**Ian Kershaw**) afirma o mesmo que o inglês Irving e acrescenta que o projeto de Madagascar foi concebido inicialmente por **Paul Lagarde** em 1885; que a ideia foi desenterrada pelo inglês **Henry Hamilton Beamish** em 1920 e, finalmente, adotada pelos nazistas em 1939. Durante 1940 —acrescenta— Hitler se dedicava a preparar o ataque contra a Rússia e "considerava a questão judaica como assunto secundário".[63]

No entanto, todos os historiadores (salvo pouquíssimos) concordam que nos campos de concentração ocorriam massacres de judeus, deliberadamente. O correspondente norte-americano **William L. Shirer** (que, aliás, dá por certos muitos horrores) relata —com certa dose de contradição— que um comandante de Buchenwald, Koch, foi processado pela própria polícia alemã, devido a seus abusos, e condenado à morte ou a servir no front antissoviético, mas que, antes que pudesse escolher, o novo chefe do campo (de sobrenome Waldeck) mandou executá-lo.[64]

Enfim, se ainda hoje alguns historiadores discutem o número de judeus mortos, isso se deve ao fato de que os processos posteriores à guerra tiveram a falha de ser "juiz e parte". Se, com a abundante informação de que se dispunha, tivessem sido formados tribunais mistos de judeus e juízes neutros, teria sido feita uma contribuição decisiva para a precisão histórica.

---

62 La Guerra de Hitler. D. Irving. Pág. 279 e seg. 1978.
63 "Hitler". I. Kershaw. pág. 443, 447. Tomo II.
64 Auge y Caída del Tercer Reich. W.L. Shirer. Tomo II, pág. 354. Barcelona, 1962.

Porque nos campos de concentração havia muitos judeus, mas, ao mesmo tempo, muitíssimos russos, mongóis, armênios, turcomenos, quirguizes etc. Durante cinco anos, ocorreram mortes por idade, por tifo e até um número indeterminado de pessoas morreu devido aos bombardeios noturnos aliados, os chamados "bombardeios de alfombra".

Outra circunstância que contribuiu para obscurecer ainda mais o assunto foi que os tribunais judaicos puseram preço na vida daqueles que, segundo sua própria falha, haviam morrido nos campos. Não se fez distinção entre os mortos de diversas raças. As indenizações correspondentes já passam dos cem bilhões de dólares.

Diante da cifra judaica dos 6 milhões, aventaram-se cifras de 775.000 (segundo o francês Jean-Claude Pressac) ou de 500.000 (segundo o Dr. Ustojewski), mas sem sequer se preocupar em fazer cálculos aproximados das diferentes causas de morte.

De qualquer modo, ninguém pode negar que a situação dos judeus residentes na Alemanha foi particularmente desventurada desde que se formalizou a guerra mundial.

Muito significativo foi o fato de eles próprios terem feito o filme "Der Vandermar Yid" ("O Judeu Errante"), em iídiche, queixando-se do antissemitismo.

O tema é uma lenda cristã, cuja versão ocidental afirma que "houve um judeu chamado **Ashaverus**, que era sapateiro e tinha uma pequena loja à entrada de Jerusalém, perto do lugar por onde Cristo passou com a cruz às costas. Tendo solicitado ao judeu que o deixasse descansar por um momento, este se recusou e, enfurecido, golpeou-o com uma ferramenta, enquanto lhe dizia: **anda!** Por esse ato, Ashaverus recebeu a condenação do Filho de Deus, que lhe disse: "**Eu logo descansarei, mas tu andarás sem cessar até que eu volte.**" Desde então, aquele judeu começou a percorrer a Terra, e seus pés cansados jamais puderam parar, porque, cada vez que queria fazê-lo, as palavras de Cristo eram a força que o impulsionava a continuar.

Essa mesma lenda, em versão oriental, afirma que “o nome do judeu era Cartófilo, e que ele trabalhava como porteiro de Pôncio Pilatos. Quando tiraram o Messias da presença do governador romano, ele lhe deu uma facada pelas costas, dizendo-lhe “anda!”. Jesus Cristo lhe respondeu: “O Filho do homem vai embora, mas tu esperarás até que volte”... Há quem afirme tê-lo visto em vários lugares, e até um autor da Idade Média chegou a estabelecer que, a cada cem anos, ele sofre uma terrível doença, mas se recupera, pois não pode morrer senão no fim dos tempos.”[65]

Tais lendas dão o que pensar à vista da saída dos judeus da Faixa de Gaza, em 2005, depois de ocupá-la durante três décadas.

Luta entre Dois Mundos

Em um discurso de quase uma hora, Hitler lhes falou sobre as Democracias e o Nacional-socialismo: Entre alguns de seus numerosos conceitos, figuram os seguintes: “Estamos em um conflito no qual estava em jogo algo mais que o triunfo de um país ou de outro. **Trata-se da luta de dois mundos diferentes.**

“Ou seja, 37 milhões de franceses dominam e governam um complexo de 10 milhões de quilômetros quadrados; 46 milhões de ingleses dominam um complexo de 40 milhões de quilômetros quadrados. E 85 milhões de alemães dispõem apenas de 600.000 quilômetros quadrados.

“A Providência não pôs os homens no mundo para que um reivindicasse para si 40 ou 80 vezes mais que o outro... Ou é razoável chegar a um acordo justo, ou o oprimido tomará um dia aquilo que lhe corresponde.

“A grande tarefa que atribuí a mim mesmo em meu país foi resolver esse problema fazendo um apelo à compreensão de todos para salvar o abismo entre uma grande riqueza, de um lado, e uma grande pobreza, de outro... Não se trata de esmolas, mas de reconhecer direitos.

65 Sobre esse tema, foi publicado um impresso em 1602 na cidade holandesa de Leyen, assinado por Christoff Crutzer, embora possa se tratar de um pseudônimo.

“Ao começar essa tarefa, comecei por meu próprio povo, propondo nossa unidade nacional. Sem conquistar a fusão, não teria sido possível mobilizar as forças para impor as necessárias reivindicações alemãs... Essa unidade nacional era a primeira reivindicação, e nós a alcançamos. **A Alemanha se encontrava dividida em partidos, estamentos, classes, ideologias e confissões... Entre nós, cada um andava com seu distintivo particular, esquecendo que esse seu “eu” era apenas uma parte da coletividade, e que, quando isso se relaxa, não pode acontecer outra coisa senão o desmoronamento nacional…**

“Democracia é igual a plutocracia. Diz-se que, na democracia, o povo é soberano... Quem instrui o povo, quem o forma? **Nesses países, quem governa é o capital, ou seja, em última instância, um grupo de algumas centenas de homens que possuem capitais incalculáveis...** Esses homens dizem: “aqui temos liberdade”; e, ao dizê-lo, pensam antes de tudo na economia livre; e, ao dizer economia livre, pensam na liberdade não apenas de fazer capitais, mas de empregá-los livremente. E isso significa estar livres de toda vigilância do Estado, isto é, do povo, tanto na aquisição do capital quanto em seu emprego.

“**Também falam de liberdade de imprensa.** Na realidade, cada um desses jornais tem um dono, e esse dono é sempre aquele que fornece o dinheiro. Se o redator quisesse escrever algo de que o dono não gostasse, seria posto para fora. Essa imprensa, criação sem caráter, é a que molda a opinião pública e, por sua vez, a mobiliza em direção aos partidos. **E vós já conheceis os velhos partidos: um é conservador, o outro, liberal, e o terceiro é trabalhista. Na realidade, os três se sentam juntos, e a oposição, a rigor, também é a mesma, pois, em todas as questões fundamentais nas quais a oposição deveria se fazer notar, estão sempre de acordo.**

“Deveria acreditar-se que, nesses países da liberdade e da riqueza, o povo vivesse em um bem-estar inaudito. Mas ocorre o contrário... **Uma ampla massa muito pobre e uma minoria imensamente rica...** Os capitalistas ingleses ganham de 76 a 160% em dividendos... Eu não consentiria isso, pois creio que 6% é suficiente... Além desses dividendos,

existem os conselheiros de administração. Viajam em primeira classe, reúnem-se, opinam sobre o que disse o informante, voltam em primeira classe e recebem, cada um, de 60.000 a 100.000 marcos. Nós suprimimos isso, mas, quando alguém, devido à sua genialidade, descobre ou inventa algo importante que traz utilidade à sociedade, então somos esplêndidos.

"**Nosso marco**, atrás do qual não se encontra ouro algum, manteve-se estável. Por que ele carece de cobertura em ouro? É por vocês, pelo trabalho de vocês que está por trás dele. Estes são os dois mundos que hoje se encontram frente a frente.

Acrescentou que, com a educação, acontecia o mesmo. Nas democracias, só os filhos de ricos têm a possibilidade de chegar aos estudos superiores e, assim, em seu futuro levam vantagem sobre o restante da sociedade. No nacional-socialismo, as oportunidades de ascensão são iguais para todos.

Depois afirmou que se queria vencer a Alemanha para que seu exemplo não desacreditasse o modelo predatório do capitalismo internacional. (10-XII-40).

ATITUDE PSICOLÓGICA.- Tudo indica que Hitler e toda a Alemanha consideravam definitivamente ganha a guerra ao terminar 1940. A França estava fora de combate. A Inglaterra, com seu exército que havia fugido por Dunquerque, mas sem armas pesadas.

Quanto à campanha da Rússia, para 1941, calculava-se que praticamente terminaria em meados de setembro ou, no mais tardar, em outubro.

Capítulo XI

Em sua Verdadeira Meta (1941)

A Cabeça do Império Moscovita

Começava janeiro de 1941. Hitler havia terminado de dar os últimos retoques ao Plano Barbarossa para a invasão da URSS. Só esperava que chegasse maio e que os caminhos secassem —depois do degelo— para iniciar a maior das batalhas da história.

Antes, pelas circunstâncias, vira-se empurrado às campanhas da Polônia, Noruega e França. Essas eram as guerras que não havia desejado. Tampouco queria que continuasse aquela que o Império Britânico lhe declarara em 1939, mas tudo havia falhado para conjurá-la.

O que ele de fato havia almejado, desde 20 anos antes, era liquidar o comunismo. Em 1941, completavam-se 18 anos desde que o anunciara em "Mi Lucha".

É claro que era uma tarefa gigantesca, pois enfrentava um regime implacável que, em apenas uma década, havia dominado pela força 10 nações de línguas e raças diferentes, com 30 milhões de habitantes e 4 milhões de quilômetros quadrados.

A URSS era a maior nação do mundo, com **22 milhões de quilômetros quadrados (onze vezes maior que o México).**

Era como uma jiboia gigantesca, mas com a relativa fraqueza de ter a cabeça ao alcance da Alemanha. Em uma faixa de mil a mil e quinhentos quilômetros, situavam-se suas principais cidades, seus maiores centros industriais, seus poços de petróleo, suas terras mais férteis, seus estratégicos entroncamentos ferroviários e 75% das matérias-primas de sua indústria de guerra.

O Plano Barbarossa tinha por objetivo esmagar essa cabeça do Império moscovita. Na Sibéria, que vinha a ser a cauda, o Japão poderia participar do butim. Tóquio já havia assinado o Pacto Tripartite

Anticomunista, e assim se formava o Eixo Roma-Berlim-Tóquio. Na Sibéria havia tropas soviéticas, mas em quantidade muito menor do que na “cabeça”, de modo que seria fácil para os japoneses derrotá-las.

Hitler teve muitos Problemas Imprevistos

Antes que chegasse maio, Hitler teve muitos problemas imprevistos e, de certa forma, alheios à sua vontade. Na segunda quinzena de janeiro, as tropas italianas estavam recuando, derrotadas, em sua colônia tripolitana da África. O oitavo exército inglês avançava de maneira avassaladora. Hitler acudiu em auxílio de seu amigo Mussolini e lhe enviou duas divisões blindadas e duas de infantaria (60.000 soldados), sob o comando do general Erwin Rommel, bem como várias esquadrilhas aéreas.

Três semanas depois, os ingleses batiam em retirada e perderam tudo o que haviam conquistado. No entanto, Rommel não recebia regularmente suprimentos porque os navios que os transportavam eram afundados pela frota inglesa. Mussolini dispunha de modernos encouraçados e cruzadores, mas tinha muito medo de enviá-los para proteger os navios que levavam gasolina e munições para Rommel. Consequentemente, este não conseguia consumar a derrota total do inimigo.

Por outro lado, Hitler assinou, em 25 de março, um Pacto de Amizade com o governo da Iugoslávia, país com o qual não tinha nenhuma dificuldade, nem vice-versa. Assim ficava coberto um flanco da investida contra a URSS.

Mas, ao mesmo tempo, o coronel Donovan (enviado por Roosevelt à Iugoslávia) e o embaixador Campbell, britânico, conseguiram que o príncipe Paulo fosse derrubado e que assumisse o poder um regime inimigo da Alemanha e partidário de Stalin. O pacto com a Alemanha foi rompido. Churchill o anunciou triunfalmente.

Rapidamente, a Iugoslávia se somava à Grécia, onde havia tropas inglesas e neozelandesas. Uma nova frente, de 650.000 soldados, se abria para Hitler no momento mais delicado.

Irado, Hitler ordenou que o 12º Exército, que estava posicionado para o ataque à URSS, se lançasse contra a Iugoslávia.

Em 18 dias de combates furiosos, o inimigo foi vencido desde o norte da Iugoslávia até a Grécia.

Em 5 de maio, Hitler informou ao Reichstag tudo o que havia ocorrido.

"É intolerável —disse— firmar um tratado exclusivamente no interesse da outra parte e vê-lo ser rompido da noite para o dia... Deus sabe que eu quis a paz! As forças armadas se superaram nesta campanha. A justiça histórica me obriga a dizer que o inimigo, particularmente os soldados gregos, lutaram com valor e desprezo pela morte. Capitularam somente quando a resistência se tornou impossível e, portanto, inútil. Como alemão e como soldado, considero o adversário caído digno de respeito... Com os olhos voltados para o Altíssimo, agradeçamos-lhe por ter tornado possível alcançarmos tantos êxitos. Só podemos pedir que ele não abandone nosso povo no futuro... Na era do judaísmo e do capitalismo, o nacional-socialismo luta pela justiça social."

E nem tudo terminava aí, pois 56.000 soldados aliados que fugiram da Iugoslávia e da Grécia se entrincheiraram na ilha de Creta e, como ela podia servir de base aérea para atacar os poços petrolíferos romenos (que abasteciam a Alemanha), Hitler ordenou ao XI Corpo Aéreo, de paraquedistas e tropas aerotransportadas, que atacasse Creta. Depois de sete dias de combate, apoderaram-se da ilha e fizeram 40.000 prisioneiros.

Churchill comenta em suas Memórias: "Nenhum ataque lançado pelos alemães havia sido mais ousado nem mais implacável."

Mas, dos 5.000 paraquedistas que formavam a "ponta" do ataque, 4.000 pereceram.

Toda essa crise fez com que o ataque à URSS fosse adiado. Em vez de 7 de maio, começaria apenas em 22 de junho.

As surpresas continuaram se sucedendo uma após a outra. Em 10 de maio, Rudolph Hess, chefe do Partido Nazista, a quem alguns consideravam “vicefuehrer”, voou para a Inglaterra pilotando um avião e lançou-se de paraquedas perto da residência do duque de Hamilton. Sua intenção era que este movesse sua influência em favor de negociações de paz. Hess supunha que seu arrojo convenceria os britânicos de que Hitler só queria a guerra contra o bolchevismo.

Segundo a suposição do biógrafo Kershaw, “quando Hitler soube, soltou um grito quase animal. Depois berrou: Que venha Bormann!”...

Hitler considerou que Hess não conseguiria nada. De fato, Churchill mandou prendê-lo e, anos mais tarde, ele seria julgado como “criminoso de guerra” e condenado à prisão perpétua, embora jamais tivesse intervindo na guerra.

O mesmo biógrafo diz que Hitler era um bom ator e que talvez estivesse, sim, de acordo com Hess. “Se foi assim —diz— merecia um Oscar de Hollywood.”

Na Rússia seria uma Guerra Muito Diferente

Hitler realizou reuniões com os comandantes dos 12 exércitos que participariam da campanha contra a URSS. O caso da Rússia —disse-lhes — seria muito diferente da guerra na França. O Exército Vermelho não se prendia a nenhuma das leis da guerra nem a nenhuma tradição militar. Os “comissários políticos”, exclusivamente judeus, marchavam atrás de cada unidade e a faziam combater fora de toda consideração humana. O russo, por si mesmo, até o civil, não estava de acordo com o regime, mas a NKVD e os “comissários” mantinham o controle por meio do terror.

Portanto, Hitler ordenava que os “comissários” fossem tratados como terroristas, não como militares, e que fossem fuzilados ao cair prisioneiros.

Os comandantes alemães não protestaram, mas quase todos iludiram essa ordem. O marechal Manstein diz que havia muito que dizer contra esses "comissários", e não precisamente em seu favor, já que seu procedimento era repugnante às mais arraigadas tradições militares, mas que "**chocava nossa sensibilidade de soldados fuzilá-los sem mais nem menos**".[66]

O único comandante que coincidiu, em parte, com a "ordem dos comissários", foi o general Georg von Küchler, chefe do 18º Exército, que disse que procedia submetê-los a um tribunal de campanha e condená-los com base nos testemunhos dados pelos habitantes russos.

O Dia 22 de Junho Iluminou-se de Fogo

Horas antes de 22 de junho, Hitler dirigiu uma proclamação aos dois milhões e cem mil soldados alemães que iam iniciar a invasão da URSS. "Quando esta linha, a maior concentração da história do mundo, começar seu avanço, não o fará somente com o fim de pôr termo, de uma vez por todas, a esta grande guerra, nem somente para defender os países afetados na atualidade, mas também para salvar a cultura e a civilização europeias em sua totalidade. Soldados alemães! Ides entrar em um combate duro e difícil, pois o destino da Europa, o futuro do Reich Alemão, a existência de nossa nação depende somente de vós. Que Deus Nosso Senhor nos ajude a todos nesta luta!"

Depois, o fogo iluminou grandes trechos da imensa frente de 1.800 quilômetros de extensão.

Stalin tinha em sua fronteira 2,5 milhões de soldados e, na retaguarda, de forma escalonada, mais 4,4 milhões. Sua superioridade numérica era tremenda.

Quanto aos tanques, a Alemanha lançava à batalha 2.475, contra 14.000 tanques soviéticos.

66 Semanas depois, ao saber que estavam em guerra, mudou totalmente de opinião, embora o oculte em suas Memórias, publicadas em 1956.-

Só que os alemães possuíam uma técnica superior de comunicações entre tanque e tanque, e entre infantaria-tanques e aviação, que lhes permitia realizar uma guerra de movimentos muito superior à tática inimiga.

A frente soviética foi rompida em diversos pontos.

As coisas iam tão bem que o general Halder, chefe do Estado-Maior General, anotou que talvez não fosse exagerado dizer que a campanha já havia sido ganha em duas semanas.

Desde logo, não era assim. Do lado alemão, não se sabia muito bem quais eram os recursos mobilizados por Stalin. Em compensação, para Stalin não existiam segredos alemães.

Hitler havia pretendido que nada transcendesse sobre seu plano Barbarossa. Nem Eva quis dizer-lhe, quando se despediu para ir ao seu quartel-general de campanha, o grande acontecimento que se aproximava.

Mas Stalin já conhecia esse plano. Se, nos primeiros meses, não conseguiu tirar dele o máximo proveito, foi porque o Exército Vermelho ficou desestabilizado desde os primeiros golpes. No entanto, depois foi se beneficiando dos informes que recebia de Berlim, por meio da Suíça.

Existia na Alemanha um grupo de conduta muito estranha, pois, sob o uniforme alemão, tinha a palavra de ordem de “evitar o triunfo da Alemanha”. Fantástico assim!

Nesse grupo militavam o almirante Canaris (chefe da Contraespionagem); o general Oster (segundo de Canaris); o general Ludwig Beck, ex-chefe do Estado-Maior General; o financista Schacht; o general Stieff, com acesso ao Quartel-General de Hitler; o general Thomas, chefe da Economia de Guerra; o general Thiele, com acesso às comunicações do Alto Comando; e dezenas de chefes de diversos Estados-Maiores. Nenhum deles era combatente. Estavam estrategicamente situados nos lugares onde podiam inteirar-se de tudo e transmitir a Moscou, via Suíça.

Fabián von Schlabrendorff relata como ele e seus cúmplices ficavam preocupados quando havia um triunfo alemão, e como se alegravam quando algo dava errado para Hitler.[67]

Prejudicial Mudança no Plano Barbarossa

O plano de Hitler estabelecia muito claramente que o objetivo número um era que a ala esquerda de seus exércitos avançasse até capturar Leningrado, no norte, enquanto a ala direita avançaria até Rostov e a bacia do Donetz, no sul. O segundo objetivo seria Moscou, que "podia esperar".

Isso foi repetido por Hitler ao general Brauchitsch, chefe do Exército, e ao general Halder, chefe do Estado-Maior General.

Leningrado era uma cidade de 5 milhões de habitantes, onde se fabricavam armas (inclusive tanques), e ali eram recebidas matérias-primas enviadas pela Inglaterra através de Murmansk. Sua captura significaria o cancelamento do setor norte da frente, e ao menos dois exércitos ficariam livres para depois convergir sobre o noroeste de Moscou. A ala direita chegaria pelo sul da capital soviética.

Era uma tática de "aproximação indireta" sobre Moscou, em vez de um assalto frontal.

Mas acontece que Hitler adoeceu de disenteria em 1º de agosto (38 dias depois de iniciada a campanha). Durante duas semanas —refere Irving— "teve diarreia, dores de estômago, náuseas, dores musculares, calafrios e febre alta. Precisamente quando sua capacidade de dominar seus generais se encontrava diminuída pela fraqueza física."

E isso foi aproveitado pelo general Brauchitsch (chefe do Exército), pelo general Halder (chefe do Estado-Maior) e pelo general Von Bock (chefe de um grupo de exércitos) para modificar o plano de Hitler. Em vez

67 La Oposición Bajo Hitler. Von Schlabrendorff. Publishing Corporation. Nova York, 1967.
E "Resistencia Contra Hitler". Zimmermann e Jacobsen. Editado pelo Governo Alemão. Bonn. 1960.

de considerar Leningrado como o objetivo número um, deixaram-na em terceiro lugar e deram preferência ao assalto frontal contra Moscou.[68]

Esses três chefes tentaram conquistar para seu plano o general Jodl, muito ligado a Hitler, mas ele se recusou e lhes disse que as instruções do Führer eram acertadas de modo geral.

Quando Hitler se restabeleceu, os exércitos se encontravam em um novo desdobramento que, além disso, naqueles dias vinha dando resultados muito promissores.

Os três chefes mencionados, que modificaram o plano Barbarossa, não agiram de má-fé. Simplesmente confiaram que sua vasta preparação acadêmica era superior às "intuições" de Hitler. (As consequências fatais seriam vistas mais tarde, com a chegada do inverno).

Por outro lado, vários comandantes, como o marechal Rundstedt, surpreenderam-se ao ver que suas tropas eram bem recebidas pela população civil, ainda mais quando se permitiu a reabertura dos templos e quando foi anunciado que os camponeses seriam tratados como donos de suas terras.

Isso Stalin já havia previsto e preparara contramedidas. Uma delas foi lançar grupos de agentes provocadores nas zonas já ocupadas pelos alemães. Com roupas civis, infiltravam-se entre a população e cometiam sabotagens ou mutilavam e assassinavam soldados alemães.

Outra artimanha consistiu em lançar grupos que atacavam guarnições alemãs isoladas levando à frente mulheres e crianças, como "escudo". Se não se atirasse contra eles, os atacantes aniquilavam a guarnição, e, para que isso não ocorresse, era preciso disparar contra o "escudo vivo".

Hitler disse que a alternativa era dolorosa, mas que, em legítima defesa, era preciso abrir fogo.

Tudo isso rompeu a cordialidade nascente entre alemães e russos. Os "gauleiters", ou governadores alemães, desconfiavam de todos os russos e começaram a tratá-los com violência.

---

68 Três meses mais tarde, o ataque a Moscou careceu do apoio de dois exércitos que estavam imobilizados ao redor de Leningrado, que não havia sido oportunamente capturada.

O governador Rosenberg queixou-se a Berlim de que Sauckel e Koch recrutavam russos como se fossem escravos. Hitler lhes ordenou que moderassem sua conduta, mas, na prática —no caráter anormal de toda situação de guerra—, já não aumentou o entendimento mútuo que havia começado nas primeiras semanas.

Outros acontecimentos que chamaram a atenção dos chefes alemães foi ver que, em diversos povoados da Lituânia e da Ucrânia, a população se lançava contra os judeus para matá-los, o que conseguiu fazer várias vezes, particularmente na Lituânia.

Ali não havia havido propaganda antissemita e, no entanto, os judeus eram malvistos. Depois se soube que a população se queixava de que os hebreus se beneficiavam do regime comunista e, com frequência, participavam de cruéis ações de repressão.

Como Hitler vivia em seu Quartel-General

Normalmente se levantava às 10 da manhã, fazia a barba e tomava café da manhã com um copo de leite, pão torrado, chá de camomila ou de tília (para os nervos) e, às vezes, queijo.

Em seguida, reunia-se com o marechal Keitel e dois ou três generais mais próximos para examinar os relatórios de guerra, estudar a situação e tomar decisões.

Almoço às 2 da tarde. Sopa de lentilhas ou de vagens; frutas; diversas verduras; batatas sem descascar e com manteiga. Às vezes havia cozido e bolo.

À tarde, outra reunião com temas do dia.

Às 9 da noite, jantar: ovos cozidos, batatas com queijo e pão torrado.

A reunião noturna, para examinar os relatórios de novidades e a situação militar, prolongava-se até as duas ou três da madrugada.

Alguns dos que o trataram durante essas reuniões têm as seguintes opiniões:

Von Ribbentrop: “Emitir um juízo sobre o caráter de uma figura tão excepcional e genial como Adolf Hitler é muito difícil. Não se pode medi-lo pela medida normal que empregaríamos para os demais seres.”

Christa Schroeder, secretária: “O chefe volta mais uma vez ao velho tema de como fumar é prejudicial. Voltou seriamente à ideia de proibir o fumo na Alemanha.” Hitler costumava fazer brincadeiras. Uma noite, em que os mosquitos incomodavam, disse-lhe que chamasse a Luftwaffe para abatê-los. Em outras ocasiões, ao tratar de temas formais, explicava-lhe que, se estava causando dano aos russos, era para evitar que eles o causassem a nós.

General Alfred Jodl: “Sua vida no Quartel-General não era outra coisa senão dever e trabalho. Não era nenhum tagarela, mas uma personalidade gigantesca.”

General Neusinger: “Nos planos que Hitler realizou, a audácia das ideias estratégicas se manifesta sempre.”

Marechal Keitel: “Todo soldado profissional confirmaria, sem hesitar, que os dotes de comando e estratégia de Hitler causavam admiração. Muitas noites de guerra passávamos estudando tratados militares, e seu assombroso conhecimento não só dos exércitos, mas também das armadas do mundo, denotava seu gênio.”

Marechal Kesselring: “O exame da situação, que se prolongou por horas, demonstrou que Hitler estava perfeitamente a par de todos os detalhes.”

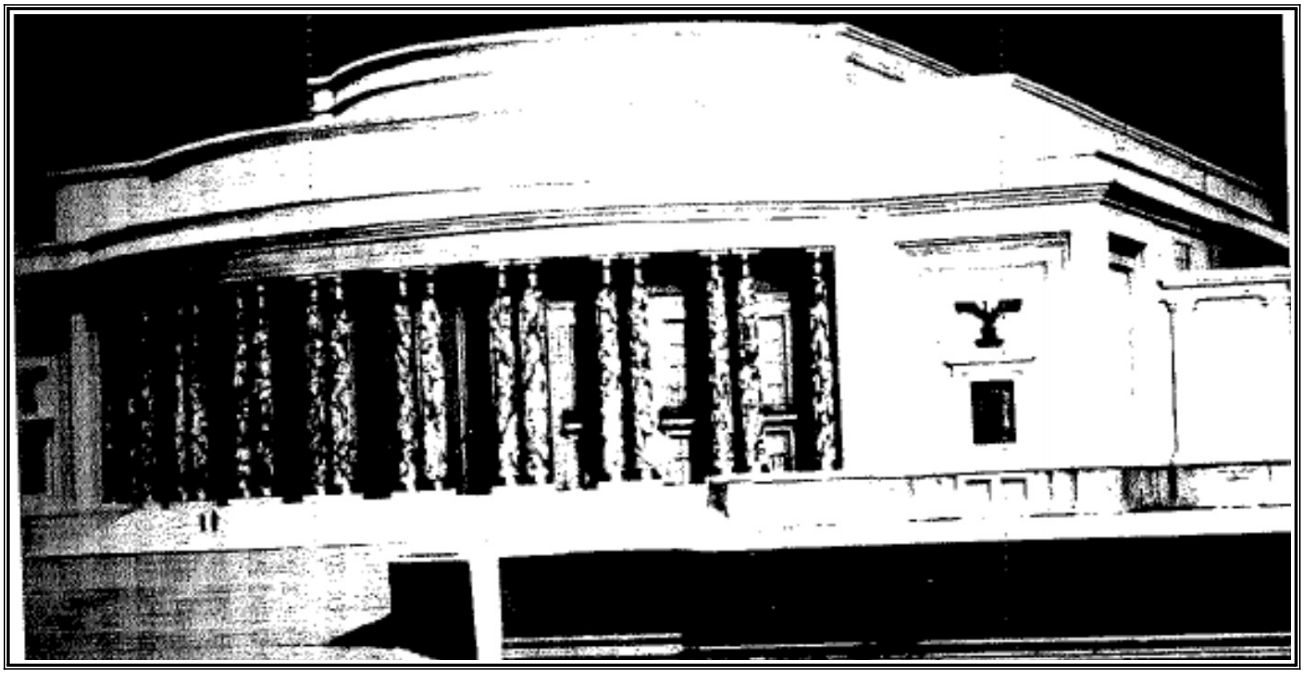
General Heussinger: “Hitler desconcertava os oficiais com seus excelentes conhecimentos das técnicas das armas. Conhecia todos os modelos. Não se podia lhe dar lições.”

Já na hora de se deitar, Hitler procurava pensar em temas diferentes da guerra: em como construir estufas a vapor para ter sempre verduras e

frutas frescas; em como melhorar a cidade de Linz, em construções arquitetônicas etc.

Em dias críticos, o exame da situação militar terminava às seis da manhã.

O Quartel-General, opinou o general Jodl, parecia, ao mesmo tempo, mosteiro e campo de concentração.



Para conter a tensão, desenhava edifícios e pedia que fossem feitas maquetes, como esta de um novo museu em Munique.

Segundo todos os seus próximos, Hitler não tinha contas bancárias, nem na Alemanha nem no exterior, coisa que seus biógrafos não refutaram.

Por outro lado, não costumava enriquecer ninguém com contratos de obras públicas. Sua única irmã, Paula, trabalhava incógnita em um hospital militar, sob o pseudônimo de senhora Wolf. Talvez não quisesse receber tratamento preferencial ou evitar que lhe pedissem recomendações.

A propósito de hospitais, a Alemanha foi acusada de que neles se praticava a eutanásia. A guerra implica terríveis tragédias pessoais. Soldados cegos e sem braços; outros, com graves ferimentos na coluna vertebral, ficavam totalmente paralíticos e sem remédio etc. E, nesses casos, era-lhes dada a morte sem dor. O bispo Von Galen denunciou isso e

o condenou. A historiadora suíça Marlis Steinert diz que Hitler ordenou a suspensão dessa prática em 24 de agosto (1941), mas que alguns médicos e enfermeiras a seguiram fazendo às escondidas. Ao ver rapazes de 19 ou 22 anos em tão terrível situação, pensavam em uma morte misericordiosa, em vez de um futuro de interminável dor.

Algo parecido ocorria no outro lado, mas disso não se falava.

O menor incidente local era aproveitado pelo bispo Galen para criticar o regime, crítica que depois chegava ao adversário e este a amplificava no exterior como se houvesse na Alemanha "perseguição à Igreja". No entanto, três anos depois —ao conhecer melhor o que era o comunismo— monsenhor Galen teve uma mudança notória.

4,5 Milhões de Baixas Soviéticas

Em três meses e dez dias de campanha contra a URSS, haviam sido ganhas cinco grandes batalhas de "cerco", e em 2 de outubro iniciavam-se outras duas que se acreditava seriam as definitivas. Por esse motivo, Hitler falou às suas tropas e lhes fez um resumo dos grandes contingentes que haviam sido destruídos do inimigo. "Agora —meus camaradas— vistes com vossos próprios olhos esse 'paraíso de operários e camponeses'. Nesse país que, por sua extensão e ferocidade, poderia alimentar o mundo inteiro, reina uma pobreza inconcebível... Este é o resultado de 25 anos de dominação judaica, já que o bolchevismo é basicamente uma variante do capitalismo, pois seus dirigentes são, em ambos os casos, os mesmos: judeus e somente judeus…

"Foram lançadas as bases para o último e gigantesco esforço destinado a esmagar o inimigo antes que chegue o inverno. Começa hoje a última grande batalha. Será um golpe aniquilador…

"O povo alemão estará, nas próximas semanas, mais do que nunca, ao vosso lado... Prendendo a respiração, a Pátria toda vos acompanhará com suas bênçãos nos dias graves que virão."

A dupla batalha ocorreu nas zonas de Briansk e Viazma, nas cercanias de Moscou. Ali, o total de baixas inimigas subia a um milhão de soldados, incluindo 648.000 prisioneiros.

Em quase quatro meses de luta, o Exército Vermelho havia perdido um total de quatro milhões e meio de combatentes, praticamente quase todos os efetivos conhecidos. Foram destruídos ou capturados 17.500 tanques e 21.600 peças de artilharia, e foram abatidos ou destruídos em terra 14.200 aviões. Só restavam na frente 24 divisões consideravelmente dizimadas.

Hitler disse: “O Exército Vermelho foi destruído e não voltará a levantar a cabeça.”

Stalin e seu Gabinete fugiram de Moscou para Kuibyshev, a mil quilômetros de distância.

Por sua vez, as forças alemãs haviam tido um total de 162.000 mortos; 571.000 feridos e 34.500 desaparecidos.

Para dar uma ideia da magnitude daquela luta, Hitler informou que haviam sido construídas 405 pontes e reparados 25.500 quilômetros das ferrovias soviéticas. E 15.000 quilômetros de vias férreas foram adaptados à bitola europeia.

O correspondente norte-americano William L. White telegrafava que os habitantes de Moscou começavam a destruir tudo o que pudesse provar que haviam simpatizado com o comunismo. Havia focos de rebeldia e de antissemitismo. Acreditava-se que a capital cairia nos primeiros dias de dezembro.

Mas, em 7 de novembro, teve início, de forma surpreendente, uma contraofensiva com um milhão de soldados vindos da Sibéria, equipados para o inverno, enquanto os alemães não dispunham de vestuário de inverno adequado.

Haviam ocorrido, portanto, duas falhas muito graves. Quanto à primeira, o coronel Reinhard Gehlen (chefe do Serviço Alemão de Inteligência) não havia detectado a aproximação dos inesperados reforços

siberianos. Acreditou-se que eles fossem extraordinariamente hábeis em se camuflar. Mas não era assim[69].

Quanto ao equipamento de inverno, Hitler teve de visitar a Intendência em 1º de nov. para acelerar o envio. Os cinco exércitos do front próximo a Moscou haviam recebido apenas um terço do que era indispensável[70].

O ministro Goebbels fez um apelo urgente à população para que todo agasalho que ainda restasse nos lares fosse enviado ao front. “Nossos soldados precisam disso mil vezes mais do que nós!”

Visita de Hitler ao front na Rússia soviética. Hora da refeição.

Pairava a ameaça de uma catástrofe pior que a de Napoleão na Rússia, em 1812.

O marechal Von Leeb perdeu o ânimo, afirmou que era necessária uma retirada de mil quilômetros e foi destituído do comando. O general Blumentritt considerava que, numa retirada dessas, o equipamento pesado

69 Ao terminar a guerra, Gehlen foi tratado pelo alto-comando dos Estados Unidos como “general de três estrelas” e, depois, o premier Moshe Dayan o recrutou para o Serviço de Inteligência de Israel. É o que consta em “Memorias”, de Gehlen, p. 23 e seguintes. Ed. Noguer, 1972. Foi muito bem recompensado.

70 Três anos depois, descobriu-se que o chefe da Inteligência, general Eduard Wagner, fazia parte do misterioso grupo que, desde antes da guerra, havia jurado trabalhar para impedir que a Alemanha vencesse a guerra.

seria perdido e os soldados cairiam exaustos após dois ou três dias marchando na neve.

O comandante do Exército, marechal Brauchitsch, pediu afastamento por se sentir doente. O marechal Von Bock, comandante do grupo de exércitos em dificuldades, também adoeceu e foi substituído pelo marechal Kluge. No setor do general Guderian, houve um recuo não autorizado, e ele foi afastado do comando. O general Hoeppner insubordinou-se, realizou uma retirada por conta própria e foi destituído.

Também foram afastados os generais Straus e Foerster.

Na retaguarda, Ulrich von Hassell e vários conspiradores (Oster, Dohnanyi, Popitz, Witzleben e outros) se alegraram com a crise e já esperavam uma rebelião em massa contra Hitler.

Enquanto isso, Hitler assumiu pessoalmente o comando e ordenou: “O exército não recuará um único passo. Cada homem deve lutar onde estiver.” Ao mesmo tempo, determinou que fossem formados núcleos de tropas em formação de ouriço, capazes de se defender de ataques vindos de qualquer direção. E transmitiu-lhes por rádio uma mensagem: “Meus soldados: conheço a guerra pelos quatro anos da luta gigantesca de 1914 a 1918 e vivi seus horrores como soldado raso. Compreendereis, portanto, que meu coração está convosco e que minha vontade e minha incansável capacidade de trabalho estão a serviço da grandeza de minha Pátria e da vossa, e que meu pensamento e minha determinação têm como único objetivo o aniquilamento do inimigo. Tudo o que puder ser feito por vós, soldados, será feito. O Deus Todo-Poderoso não negará a vitória aos seus mais valentes combatentes.” (21-XII-1941).

Enquanto isso, os soviéticos investiam contra os ouriços e não encontravam por onde penetrá-los. Como sofriam baixas consideráveis, preferiam seguir adiante, afastavam-se de suas bases e se expunham a ser cercados.

À noite, o frio chegou a 51° abaixo de zero.

Roosevelt, Preocupado com o Destino de Stalin

Embora naquele mês de dezembro os soviéticos estivessem na ofensiva, Roosevelt havia calculado que não conseguiriam se salvar sozinhos. Em 7 de dezembro (por ocasião do ataque japonês a Pearl Harbor), os Estados Unidos se alinharam contra a Alemanha e, na guerra, a prioridade seria a Alemanha, antes do Japão.

O milhão de siberianos que Stalin lançou à luta ia se desgastando contra os "ouriços" e, depois, ele poderia mobilizar mais homens, mas lhe faltavam equipamentos, combustíveis, locomotivas, caminhões, petróleo, matérias-primas e até botas para suas tropas. Desde junho, vinha recebendo alguma coisa, mas precisava de mais.

A ajuda norte-americana que chegava a Stalin por Murmansk, ao norte, não era suficiente, devido ao aperfeiçoamento dos submarinos alemães. Por isso, os aliados invadiram o Irã, no Oriente Próximo, a fim de abastecer Stalin também pelo sul.

A URSS tinha a vantagem de ser atacada por apenas doze exércitos alemães (cada um composto por 150.000 ou 180.000 soldados), enquanto outros seis exércitos eram obrigados a permanecer de guarnição desde a Noruega até o sul da França, na fronteira com a Espanha, e outros contingentes combatiam na África (ajudando Mussolini) ou na Iugoslávia, contra as guerrilhas. Ainda assim, Stalin exigia que se abrisse outra frente contra a Alemanha. Não se sentia seguro, e com toda a razão.

Roosevelt calculou — e calculou corretamente — que a entrada direta e total de seu país na guerra era indispensável para derrotar a Alemanha. Nem mesmo a ajuda daqueles que atacavam por dentro (transmitindo segredos) constituía garantia suficiente, pois corriam o risco de ser descobertos.

Hitler comenta a Guerra de Roosevelt

Quatro dias depois de os Estados Unidos entrarem na guerra, Hitler declarou diante do Reichstag que, em 1939, houve um momento em que a Polônia esteve disposta a negociar com a Alemanha, mas Roosevelt impediu que isso acontecesse porque, desde então, queria a guerra.

Afirmou que essa atitude se devia ao fato de Roosevelt ter um truste de cérebros formado por elementos da mesma classe que era combatida na Alemanha, por seus membros serem “parasitas da humanidade”.

Disse que, desde 7 de outubro de 1937, em Chicago, o presidente Roosevelt começara a incitar contra a Alemanha.

“Em 15 de maio de 1940 — especificou —, ofereceu a Paul Reynaud, primeiro-ministro francês, duplicar a ajuda à França, desde que ela continuasse a guerra contra a Alemanha... Depois invadiu a Groenlândia para instalar bases contra a frota alemã e, violando todo o direito internacional, bloqueou bens pertencentes a alemães nos Estados Unidos.”

(Em seguida, continuou apontando dezenas de fatos que, segundo afirmou, revelavam que Roosevelt já vinha agindo como se estivesse em guerra contra a Alemanha).

“Ordem do dia ao Exército”

Em 31 de dezembro, Hitler dirigiu uma Ordem do Dia às tropas alemãs que combatiam com tanta dificuldade na URSS. Queria infundir-lhes ânimo e dizia que elas não lutavam apenas pela Alemanha, mas por toda a Europa; comunicava-lhes ainda que já estavam sendo feitos os preparativos necessários para retomar a ofensiva no ano seguinte. “Voltaremos a apanhar esse inimigo — dizia — e o golpearemos até que tenha sido quebrada a vontade de aniquilamento do mundo judaico-capitalista e bolchevique…”

No mesmo dia, Hitler transmitiu pelo rádio uma mensagem ao povo. Entre outras coisas, dizia que “a eficaz política econômica e social da Alemanha era uma das razões pelas quais queriam esmagá-la... pois também abre os olhos de outros povos para as verdadeiras causas de sua crescente miséria, já que, na nova Alemanha, desaparece a legião dos desempregados, enquanto nas democracias aumentava o número de milionários, mas diminuía o de pessoas que encontravam trabalho.”

Os Soviéticos Afirmam: “Leningrado era a Chave”

Sobre a alteração que os generais fizeram no Plano Barbarossa de Hitler, o general Grigori Zukov, chefe do Estado-Maior General, disse que o plano de Hitler estava correto, e não a mudança feita para tentar tomar Moscou. E acrescentou: “As tentativas dos historiadores de culpar Hitler pela derrota são insustentáveis.”

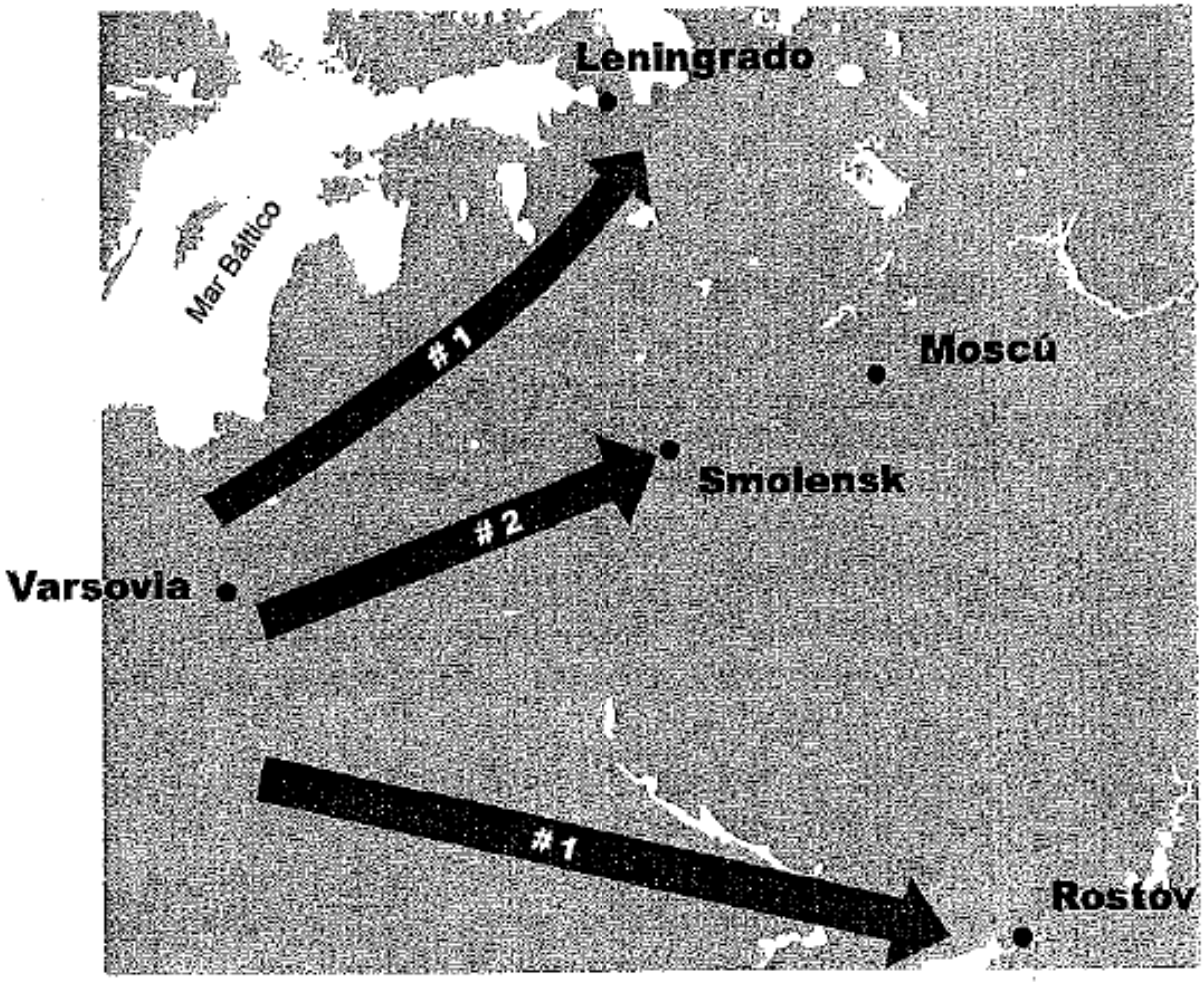
Por sua vez, o marechal russo Konstantin Rokossovski afirmou que o plano de Hitler, de tomar primeiro Leningrado, estava correto, e não a retificação feita por seu Estado-Maior General.

E o marechal Vassili Sokolovski, chefe do Estado-Maior da frente soviética, afirmou que a decisão de Hitler era a mais conveniente para os interesses alemães, e não a tese de seus generais.”[71]

Diante disso, parece justificada a indignação de Hitler contra o general Brauchitsch, comandante do Exército; o general Halder, chefe do Estado-Maior; e o general Von Bock, comandante de um grupo de cinco exércitos.

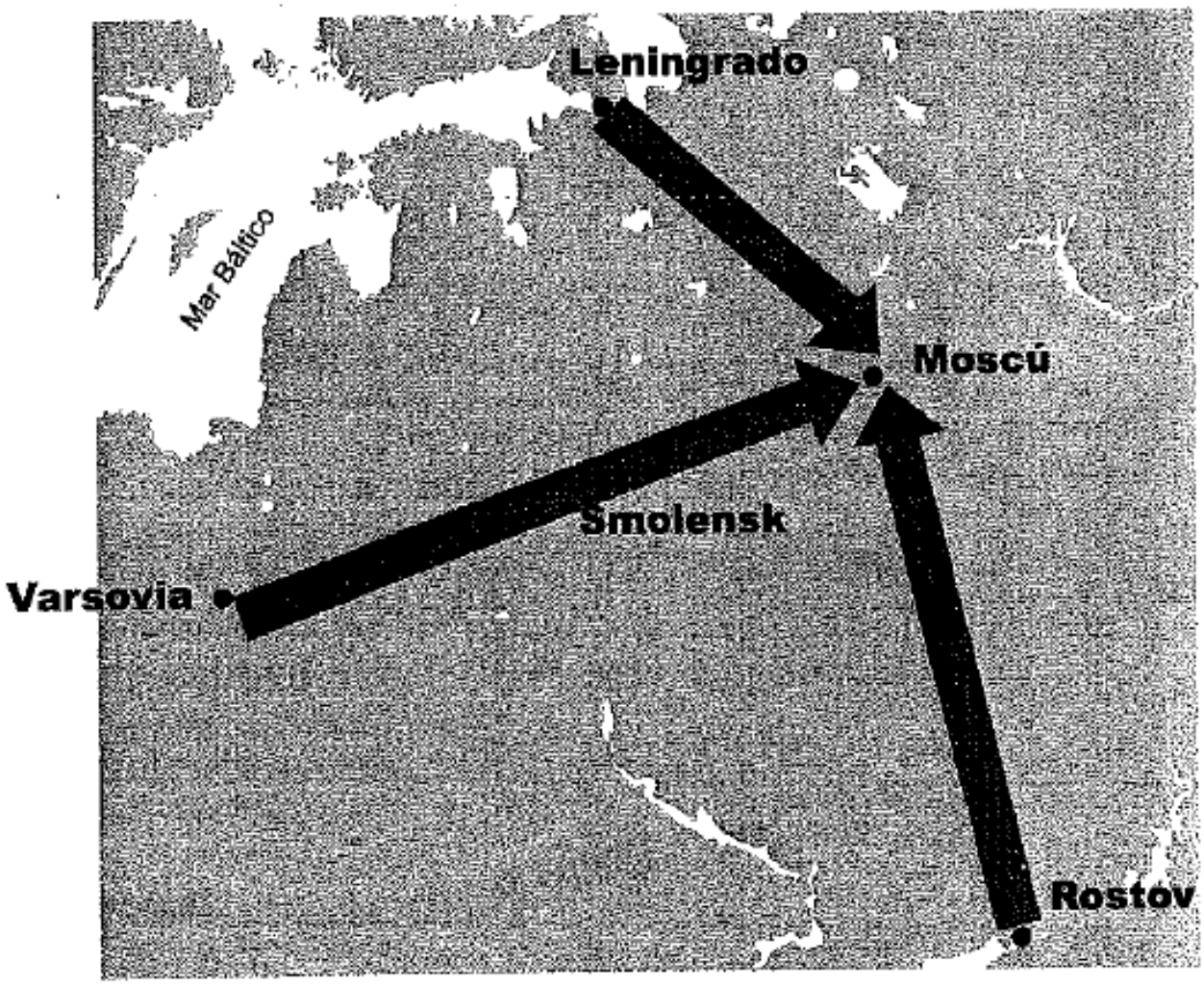
71 Hitler. W. Maser. Pág. 379-380.- Acervo, 1971.

Mapa N. 1



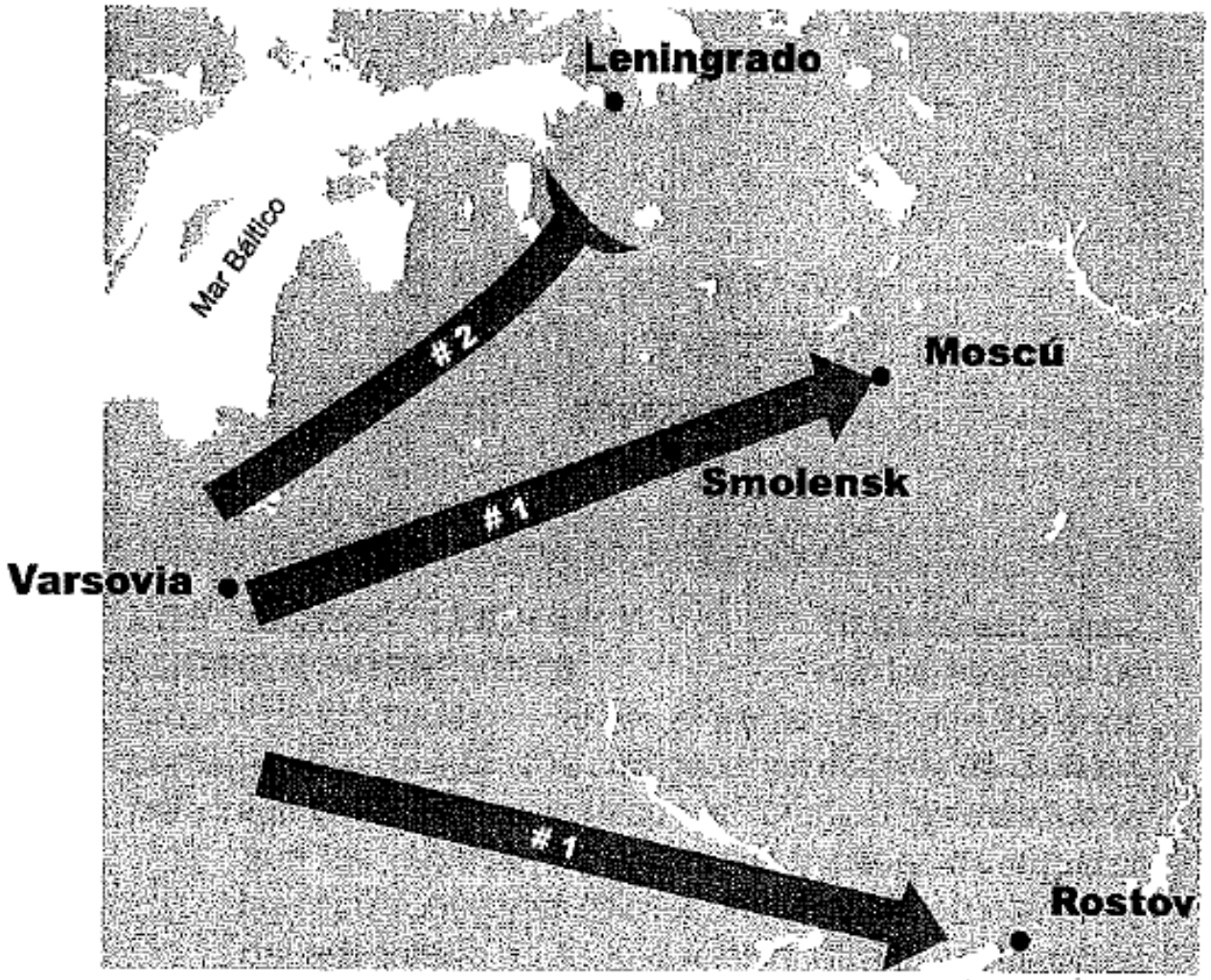
Segundo o plano de Hitler, Leningrado e Rostov eram prioritárias, e Moscou ficava como objetivo nº 2.

Mapa N. 2



Segundo o plano de Hitler, uma vez tomada Leningrado,
Moscou seria atacada a partir de três direções.

Mapa N. 3



Alteraram o plano de Hitler, e Leningrado passou a ser o objetivo nº 2, o que foi desastroso no inverno.

Capítulo XII

“O Minuto Perdido, nem a Eternidade o Devolve” (1942)

Os “Ouriços” Lutam e Conseguem Sobreviver

Hitler se reúne com os três comandantes dos grupos de exércitos na frente russa; com os doze comandantes de exército e com dezenas de comandantes de divisão, para incutir-lhes confiança de que a Vontade “é mais forte que os regimentos inimigos e capaz de superar as situações mais difíceis; a superioridade numérica do adversário não é decisiva... Na crise atual, é urgente olhar para a frente, e não para a retaguarda.”

O general Strauss, comandante do 9º Exército, sente-se doente, e Hitler o substitui pelo general Model, que salva a situação desesperadora no setor de Rzhev.

O marechal Von Bock se recupera e retorna ao serviço.

Nos ouriços, sacrificam cavalos para comer. A Luftwaffe perde centenas de aviões ao proteger suas tropas ou levar-lhes suprimentos.

As colunas de ataque soviéticas encontram livres grandes trechos da frente, entre um “ouriço” e outro, e se empolgam, penetrando na retaguarda. Às vezes capturam depósitos de víveres e se põem a comemorar, enquanto estendem demais suas linhas de comunicação (até 200 quilômetros), e muitas vezes acabam cercadas e aniquiladas, como ocorreu a oeste de Rzhev.

Hitler fala em 30 de janeiro: “Asseguro-lhes que não sei como este ano terminará. Não sei se a guerra chegará ao fim, mas jamais arrierei esta bandeira. Senhor! Dai-nos força para defender nossa liberdade contra o comunismo; para defendê-la para nós, para nossos filhos e os filhos de nossos filhos, e não apenas para o povo alemão, mas para toda a Europa e, em última análise, para toda a humanidade.”

Na prática, a batalha de inverno termina em 20 de fevereiro, pode-se dizer, num empate. Os exércitos siberianos se exauriram ou ficaram gravemente combalidos. Do lado alemão, nos oito meses que já durava a campanha da Rússia, as baixas eram as seguintes: 199.000 mortos; 708.000 feridos (incluindo 112.000 casos de congelamento) e 44.000 desaparecidos. Ao todo, 952.000 baixas.

Goebbels conversou com Hitler em março e anotou que a crise do inverno tinha deixado sinais visíveis de esgotamento em Hitler e que ele estava até com bem mais cabelos brancos. Apesar disso, mostrava-se animado. Relatou: “Como estivemos perto de enfrentar um inverno como o de Napoleão. Se tivéssemos fraquejado por um só momento, a frente teria desmoronado.” Ao mesmo tempo, queixava-se de que o Estado-Maior-General havia modificado o plano Barbarossa, que indicava Leningrado como o objetivo número um, e não Moscou.

No Quartel-General, perto da frente, Hitler acompanhava passo a passo todas as novidades (de manhã e à noite).

“Vamos deslocar um regimento da 306ª Divisão; depois colocamos a 17ª aqui, para substituir a 11ª.” Como às vezes algum oficial dizia a Hitler que ele tinha dado esta ou aquela ordem, e Hitler afirmava que não era verdade, contratou oito taquígrafos para anotar tudo o que era dito durante as análises da situação. Depois, provava a eles que sua memória não falhava.

Diante das frequentes discussões, o historiador Helmut Heiber diz que a relação entre o Estado-Maior-General e Hitler era como um casamento de conveniência entre dois cônjuges que sentiam muito pouco amor um pelo outro.[72]

Uma cópia das transcrições datilografadas (de tudo o que era dito no Quartel-General) encontra-se na Biblioteca da Universidade da Pensilvânia (Instituto de História).

Enquanto isso, na frente russa, os combates eram travados com extrema crueldade. Um comandante relatava que guerrilheiros comunistas

72 Conversaciones Militares de Hitler. — Helmut Heiber. — Ed. Burguera, Barcelona, 1967.

tomavam uma casa na retaguarda da frente e que nela havia mulheres e crianças. O que fazer? Atirar neles ou não?... Ali não vigorava o cavalheirismo militar, e Stalin não reconhecia os acordos da Convenção de Genebra. Nesses casos, aplicava-se a "legítima defesa"; "é preciso dar ao soldado respaldo absoluto", dizia Hitler.

Às vezes, Hitler ficava surpreso com a maneira como o comando soviético enviava uma onda de ataque após outra, sem nenhuma consideração pelas elevadas baixas que vinha sofrendo. Os "comissários políticos" eram totalmente insensíveis em relação às próprias tropas.

A Wehrmacht volta a Atacar

Em 8 de maio, o 11º Exército alemão, sob o comando do general Manstein, lançou um forte ataque na península da Crimeia e derrotou grande parte de três exércitos soviéticos. Retomou Kerch e Feodósia; fez 180.000 prisioneiros e destruiu ou capturou 1.300 canhões, 3.800 veículos e 16 navios.

Por sua vez, em 14 de maio, Stalin lançou três exércitos numa frente de 160 quilômetros, com o objetivo de cercar e destruir o 6º Exército alemão, que de fato se viu numa situação difícil. Mas o 1º Exército de Von Kleist correu em seu auxílio e, em 16 dias de combates, os três exércitos soviéticos foram praticamente destruídos. Foram feitos 239.000 prisioneiros e destruídos 2.000 tanques, 1.250 canhões e 540 aviões. Isso ocorreu na região de Izyum-Barvenkovo. Foi ali que fracassou o plano de Stalin de recuperar as ricas terras da Ucrânia.

Em 7 de junho, Von Manstein iniciou a batalha para destruir a fortaleza de Sebastopol, considerada a mais poderosa do mundo. Ela possuía um triplo cinturão defensivo, com defesas escavadas na rocha. O 11º Exército alemão disparou ali 182.000 granadas. Os comissários judeus lutaram com tanta determinação e fizeram suas tropas combater da mesma forma que a 132ª Divisão alemã sofreu baixas enormes e teve de ser

substituída por outra. Por fim, Sebastopol caiu e 90.000 soldados foram feitos prisioneiros. Os soviéticos tiveram 35.000 mortos.

Restabelecimento de seu Plano Barbarossa

Hitler tinha certeza de que, se seu plano de dar prioridade à tomada de Leningrado (ao norte), em vez de tentar tomar Moscou, tivesse sido respeitado, dois exércitos teriam ficado disponíveis para atacar posteriormente a capital soviética. O marechal Von Rundstedt e o general Guderian também consideravam que essa teria sido a melhor opção.

Pois bem, Hitler ordenou ao marechal Manstein que lançasse, com o 11º Exército, um ataque para tomar a cidade de Leningrado, que desde o ano anterior se encontrava parcialmente sitiada por dois exércitos alemães.

Stalin recebeu informações sobre essa manobra e, por sua vez, concentrou três exércitos a sudeste de Leningrado e lançou um poderoso ataque. Von Manstein teve de desviar suas tropas para recompor a frente.

Os finlandeses, que já tinham visto Hitler fracassar na conquista de Leningrado no ano anterior, não quiseram participar do novo ataque. Na prática, tornaram-se neutros.

Von Manstein viu-se envolvido numa luta contra três exércitos soviéticos e, embora estes tenham sofrido baixas muito elevadas, conseguiram desviar o ataque contra Leningrado. Além disso, seu 11º Exército já estava sendo requisitado no extremo sul da frente.

O que teria sido viável em agosto de 1941, segundo o plano Barbarossa, já não era em setembro de 1942.

Manstein comentou com tristeza — e Hitler admitiu — “que nem a eternidade devolve o minuto perdido.”

Por que Stalin estava tão bem informado sobre os planos de Hitler, como o ataque de Von Manstein a Leningrado que estava sendo planejado?... Saint-Paulien afirma que isso era possível graças a um

pequeno grupo de alemães. “Graças a esse pequeno grupo, a Segunda Guerra Mundial apresentou uma característica única: 1) o lado alemão desconhecia por completo as intenções do adversário ou recebia informações tendenciosas para ser induzido ao erro. 2) O lado oposto, sobretudo a URSS, tomava conhecimento, com poucas horas de diferença, dos planos exatos que eram preparados em Berlim.”[73]

Os “relatórios tendenciosos” eram desinformação. Por exemplo, entre janeiro e fevereiro, os submarinos alemães estavam afundando numerosos navios perto da costa dos Estados Unidos, quando Canaris informou que os Aliados preparavam um ataque contra a Noruega. A informação era falsa, mas levou à retirada de submarinos do Atlântico ocidental e ao seu envio para a Noruega, onde ficaram imobilizados por várias semanas, enquanto Roosevelt reforçava as defesas marítimas dos Estados Unidos.

Atritos com os Estados-Maiores

Em setembro, descobriu-se que um chefe de Estado-Maior do Ministério da Aeronáutica, Harro Schulz-Boysen, comandava uma rede que transmitia segredos militares a Moscou. O comunista Hans Coppi dispunha de transmissores pequenos, porém eficazes. O dr. Arvid Harnock, funcionário do Ministério da Economia, também estava envolvido. Harro Schulz-Boysen pretendia ser ministro da Defesa num futuro regime marxista.

Havia dezenas de conspiradores nesse grupo, e mais de dez ou quinze foram fuzilados. Mas não se tratava, de modo algum, do principal grupo que transmitia segredos a Stalin.

A esse respeito, Hitler culpava o Estado-Maior-General por não ter incutido em seus oficiais o espírito de lealdade e patriotismo. “Um especialista de Estado-Maior — disse — é um homem que me explica as razões pelas quais algo não pode ser feito, e nada mais.”

73 Por qué Perdí la Guerra.- Saint-Paulien. Caralt. Barcelona, 1970. La Oposición Bajo Hitler.- Schlabrendorff. Nova York, 1967.

Justamente naqueles dias, Hitler tinha travado fortes discussões com o general Halder, chefe do Estado-Maior-General, que contestou suas considerações sobre a Vontade, classificando-as como elucubrações metafísicas ou místicas; o que importava eram os números.

O marechal Manstein visitou o quartel-general de Hitler em Winniza, próximo à frente na Rússia, onde o general Halder “não escondeu nem um pouco sua discordância de Hitler.

Em seguida, Hitler chegou e lamentou o baixo desempenho da 72ª Divisão. Halder o contradisse, alegando que esse era o sentimento da infantaria, o que enfureceu Hitler, que questionou a experiência de Halder no assunto, já que ele não tinha ido para a frente de batalha durante a Primeira Guerra Mundial.

Constrangido com a situação, Manstein preferiu retirar-se do salão. Outra testemunha relatou que Hitler disse: “Herr Halder: durante a Grande Guerra, o senhor teve a mesma tendência a ficar sentado numa poltrona que tem nesta guerra. Acha que pode me ensinar alguma coisa sobre meus soldados? O senhor, justamente o senhor, que nem sequer usa no uniforme uma fita de ferido. E Hitler bateu com a mão na fita negra que trazia no peito.”[74]

Outros oficiais comentaram que Halder tinha dito que “seria do contra” em relação a tudo o que Hitler dissesse, a fim de levá-lo a se corrigir. Na verdade, ele já estava insatisfeito fazia muito tempo; tinha um temperamento muito instável e, nos dias bons, era otimista demais, enquanto nos ruins ficava visivelmente deprimido.

Em suma, Halder foi demitido e passou o restante da guerra em casa. Em 1939, numa situação parecida, o general Von Fritsch pediu o comando de um regimento, foi para a frente de batalha e morreu em combate.

O general Zeitzler substituiu Halder e comentou que havia encontrado no Estado-Maior uma atmosfera de desconfiança e raiva, na qual ninguém confiava nos próprios colegas e Hitler desconfiava de todos.

---

74 La Guerra de Hitler. Pág. 347. David Irving.

O historiador inglês Liddell Hart investigou essa situação e escreveu o seguinte: “A intuição estratégica de Hitler e a capacidade de cálculo do Estado-Maior-General formavam uma combinação capaz de conquistar tudo. Mas, em vez disso, surgiu uma cisão suicida que acabou sendo a salvação de seus inimigos.”

Diante de seus oficiais do Estado-Maior, Hitler sempre esteve em desvantagem: tinha aprendido muito com leituras especializadas e possuía ideias originais e acertadas, mas não tinha um diploma que o credenciasse, como todo oficial de Estado-Maior. Sua imagem de cabo era impossível de apagar para a maioria de seus generais.

A esse respeito, os famosos Schlieffen e Clausewitz afirmaram, no século XIX, que a qualidade de estrategista só podia ser adquirida de nascença. Assim explicavam por que os comandantes mais ilustres nunca haviam surgido entre oficiais enciclopedistas, quase eruditos, mas entre homens com aptidões inatas, mesmo que não conseguissem fundamentá-las numa grande soma de conhecimentos.

Generais de ampla formação acadêmica, como o marechal Keitel e o coronel-general Jodl, consideravam que esse era o caso de Hitler. Depois da guerra, Keitel disse: “Hitler estudava intensamente obras relacionadas ao Estado-Maior, sobre temas táticos, operacionais e estratégicos. Seus conhecimentos militares eram impressionantes. Isso nos levava a pensar que ele era um gênio.”

O general Alfred Jodl, chefe do Estado-Maior do Alto Comando, também declarou depois da guerra: “Graças a seus conhecimentos e à sua inteligência, à sua capacidade de argumentação e à sua força de vontade, ele conseguia sair vitorioso de qualquer discussão... O que mais me impressionou foi quando, graças à sua fé e à sua energia, conseguiu estabilizar a frente oriental no inverno de 1941–1942.”[75]

75 Hitler. Werner Maser. 1971.

Poucos Momentos de Vida Pessoal

Durante 1941 e 1942, Hitler praticamente não teve vida pessoal. Acompanhando a guerra antissoviética, ia de um quartel-general a outro, fosse para tratar da “prioridade” de Leningrado, da crise diante de Moscou ou das grandes batalhas no sul.

Eva Braun relata em suas anotações que ele se encontrava com ela em Berchtesgaden de tempos em tempos, e apenas por algumas horas. Uma ideia recorrente para ele era a invasão italiana da Grécia. Mussolini lhe havia dito que todos eram “jogadores”, ao que Hitler comentou: “De certo modo, mas isso não é exato; eu não sou um jogador; sou um organizador. A guerra com a Grécia era inútil... Além disso, amo os gregos e creio que fará pela Europa o que Péricles realizou pela pequena Grécia. Darei ao continente um novo século de Péricles.”

Outra anotação de Eva, de abril de 1942, diz: “Acabou de passar duas horas comigo. Só me disse: “eu só queria me ver em seus olhos fiéis”... Depois começou a falar da guerra... Quando fala do Leste, fica tão distante que mal o reconheço.”

Uma anotação do inverno de 1942: “Partimos sozinhos para Berchtesgaden. Eu nem sequer ouvi o disparo, mas era impossível não ver o buraco no para-brisa. Adolfo parou o carro tão bruscamente que ele quase capotou. Tirou o revólver do bolso e me ordenou: “Fique sentada”. Com um salto felino, desceu do carro enquanto tirava o casaco de couro para ter maior liberdade de movimento. Tudo com a rapidez de um raio... Adolfo voltou com um homenzinho bastante calvo e de óculos. Segurava-o pela gola do casaco e, de vez em quando, dava-lhe pontapés, enquanto gritava palavras desconexas que eu não conseguia entender. O homem apertava convulsivamente um revólver na mão. Naquele momento, poderia tê-lo usado... “Canalha!”, gritava Adolfo. “Você está sozinho?” O homem não respondeu, nem mesmo quando voltou a golpeá-lo. Por fim, Adolfo olhou para ele, balançou a cabeça, tirou-lhe a arma, obrigou-o a entrar no carro e a se sentar na frente. Passei para o banco de trás e peguei o

revólver do autor do atentado. Depois, ele foi entregue à polícia e se recusou a falar.”

A Esperança nas Armas Secretas

Hitler, e até mesmo o Estado-Maior-General, haviam calculado em 1941 que derrotariam a URSS em quatro meses. Esse cálculo não era tão fantasioso se a ofensiva tivesse começado cinco semanas antes e se Leningrado tivesse caído como objetivo número um. Mas a primeira condição não se concretizou devido à invasão italiana da Grécia, e a segunda tampouco, porque o Estado-Maior deixou a tomada de Leningrado em segundo lugar, quando já não seria mais possível realizá-la.

Em novembro de 1942, completavam-se 17 meses de campanha, e a vitória não chegava. Foi então que a esperança nas armas secretas começou a ganhar força. Somente algo novo, fora do comum, prometia resultados decisivos.

A Alemanha, por si só, não se encontrava numa guerra mundial entre dois lados equilibrados; era um alvo a ser derrotado por uma guerra mundial. O que havia de verdadeiramente mundial estava nas potências aliadas, não no Terceiro Reich.

Quanto às armas secretas, a Alemanha dispunha de uma vantagem considerável, embora ainda não explorada.

Três anos antes (27 de agosto de 1939), um avião He-178 voou com o primeiro motor a jato do mundo, sem hélice, e sua velocidade superaria tudo o que se conhecia até então. Tratava-se de uma invenção do dr. Hans Joachim Pabst von Ohain. Mas o comando da Luftwaffe não se interessou por seu aperfeiçoamento e sua produção, pois naquela época se acreditava que a guerra estava prestes a terminar. Na prática, até o fim de 1942, três anos haviam sido perdidos, enquanto os bombardeiros quadrimotores de Churchill já lançavam 30.000 toneladas de bombas sobre os bairros residenciais das cidades alemãs.

Por outro lado, em 1936, Hitler havia autorizado 300 milhões de marcos para criar, na ilha de Peenemünde (no mar Báltico), um centro de experimentação de armas para o Exército. O coronel **Walter Dornberger**, de 35 anos, foi nomeado comandante. Tinha uma excelente formação em balística. Dornberger recrutou **Von Braun**, pesquisador de foguetes, e **Walter Riedel**, especialista em oxigênio líquido. Juntamente com outros especialistas, eles trabalharam na construção de um foguete que, teoricamente, poderia alcançar 260 quilômetros.

Em 1939, foram realizados os primeiros experimentos, mas os trabalhos perderam ritmo durante um ano, porque se acreditava que a paz era iminente.

Ao perceberem que não era assim, foram construídos novos protótipos de um foguete que alcançou 5.000 metros de altitude a uma velocidade superior à do som. Em junho daquele mesmo ano, Hitler pediu que fossem produzidos mil desses foguetes por mês. Naquele momento, isso não era possível, mas eles seriam aperfeiçoados. Em dezembro, Hitler ordenou que a fábrica Zeppelin, de Friedrichshafen, também se dedicasse a esse aperfeiçoamento. Ao mesmo tempo, determinou que tudo fosse mantido sob o mais absoluto sigilo.

A realidade era outra, pois, já em 4 de novembro de 1939, Londres havia recebido uma mensagem com valiosos segredos de Peenemünde. Ela era assinada por “um alemão simpatizante”. Pouco depois, chegou outra mensagem com informações secretas sobre o foguete. Em Londres, foi criada uma comissão de especialistas para estudar o assunto, e eles concluíram que um foguete como o descrito era tecnicamente impossível. Quinze metros de comprimento e 14 toneladas? Que combustível usaria e como seria guiado?... Certamente se tratava de uma guerra de nervos. Por enquanto, Churchill se tranquilizou. Quem estava mais inquieto era o almirante Canaris.[76]

Por fim, Hitler depositava suas esperanças numa nova arma de retaliação contra Churchill, capaz de deter os bombardeios mortíferos sobre os bairros residenciais alemães.

---

76 Las Armas Secretas Alemanas. David Irving. Bruguera. 1964.

Preocupação nos Dois Lados

No fim de 1942, o moral na URSS tinha caído consideravelmente. Stálin tratou Churchill com rispidez porque ainda não havia uma nova frente contra a Alemanha que a obrigasse a retirar mais tropas da frente soviética. Churchill dizia que já tinha feito uma tentativa em Dieppe, com cinco mil homens, e que eles haviam sido completamente derrotados em poucas horas.

Roosevelt enviou a Moscou o general Follet Bradley, com uma carta pessoal para Stálin, a fim de tranquilizá-lo. Mais ajuda seria enviada todos os dias.

A URSS tinha perdido 1,5 milhão de quilômetros quadrados de sua região mais rica em indústrias e matérias-primas. Também tinha perdido 4,6 milhões de prisioneiros, 24.900 tanques e 28.000 aviões. Total de baixas: 10 milhões.

O historiador Liddell Hart afirma que, se naqueles dias Hitler tivesse conseguido lançar contra a Rússia parte dos contingentes que mantinha imobilizados no Ocidente, certamente a teria desequilibrado por completo.

Anotou Segredos e Fugiu para Entregá-los ao Inimigo

Hitler e o general Zeitzler (novo chefe do Estado-Maior-General) prepararam a “Operação Azul” para capturar os poços de petróleo do Cáucaso e a cidade industrial de Stalingrado, no extremo sul da frente. Hitler percebia que diversos segredos estavam chegando a Stalin, não se sabe como, e ordenou que apenas os comandantes de cada exército conhecessem os movimentos que seriam iniciados. Ninguém mais poderia saber de nada até o momento em que isso se tornasse indispensável. Era proibido fazer anotações.

No entanto, o general Von Boineburg pediu permissão a seu superior para fazer anotações, e o general Stumme permitiu, pois considerava exagerada a ordem de Hitler.

Horas depois, o tenente-coronel Reichel, oficial do Estado-Maior, teve acesso às anotações e aos mapas, pegou-os, embarcou num pequeno avião e fugiu em direção às linhas soviéticas para entregar informações tão valiosas.

O ocorrido foi plenamente confirmado, e os dois generais foram punidos, mas o estrago já estava feito.

Esse tipo de façanha, praticada por quem buscava provocar a derrota da Alemanha por dentro, quase não é mencionado pela maioria dos biógrafos. Kershaw faz apenas uma referência de quatro linhas.

Outro fato desfavorável à Operação Azul foi que o marechal Von Bock — que já havia modificado o plano Barbarossa no ano anterior — também alterou o Plano Azul e desviou duas divisões blindadas para Voronezh, em vez de cercar os soviéticos antes que recuassem em direção a Stalingrado. Von Bock foi destituído e passou o restante da guerra em casa.

O 6º Exército chegou até o centro de Stalingrado, onde ocorreram combates de rua, quarteirão por quarteirão. Enquanto isso, seis exércitos soviéticos de reserva romperam os flancos defendidos por romenos e italianos, avançaram profundamente e, em 24 de novembro, completaram o cerco ao 6º Exército.

Os contingentes reunidos pelo marechal Manstein não eram suficientes para salvar o exército cercado.

Quinze dias antes, os Aliados haviam desembarcado grandes contingentes no noroeste da África (Argel, Casablanca e Orã), que, com o tempo, representariam uma ameaça de invasão à Itália. A frente africana dizia respeito sobretudo a Mussolini. Hitler então enviou à África seu 5º Exército (190.000 homens e 400 aviões). Foi um gesto de apoio e lealdade ao amigo. Mas, se o tivesse deixado à própria sorte, o 5º Exército teria sido suficiente para que Manstein rompesse o cerco de Stalingrado.

Quando o 5º Exército partiu para a África, a situação em Stalingrado já era crítica. O Hitler que muitos biógrafos descrevem como um ditador monstruoso agia, naquele momento, com a sensibilidade afetuosa do jovem de 20 anos que sonhava ser pintor. Mistérios psicológicos!

Nada parecido jamais aconteceu com Churchill. A cada noite, ele intensificava os bombardeios contra a população civil alemã; não hesitou em ordenar que a frota francesa fosse afundada sem piedade, embora 1.200 marinheiros morressem; tampouco hesitou quando mandou atirar contra os aviões-ambulância alemães que resgatavam pilotos no mar, nem quando lançou seus bombardeiros contra submarinos alemães que socorriam náufragos ingleses. Considerava mais útil afundar um submarino do que salvar noventa náufragos, ainda que fossem ingleses.

Por isso, costuma-se considerar que a vitória justifica tudo.

O ano de 1942 terminava tragicamente para a Alemanha. A única notícia favorável era que haviam sido afundadas sete milhões e setecentas mil toneladas em navios, o equivalente a aproximadamente 1.925 embarcações, considerando-se uma média de 4.000 toneladas por navio.

Neles eram transportadas valiosas cargas de armas e matérias-primas para Stalin e Churchill.

Até então, a Batalha do Atlântico estava sendo vencida. Os Aliados perdiam mais navios do que conseguiam construir.

Ideias que Repetia com Frequência

Durante 1942, Hitler falou publicamente em seis ocasiões. Afirmava que a guerra imposta à Alemanha impedia novas realizações do nacional-socialismo; que a Alemanha não havia ofendido em nada a Inglaterra, a França e os Estados Unidos; que nunca lhes havia exigido coisa alguma e que eles sempre rejeitaram a mão que lhes estendeu; que o racismo alemão decorria do fato de o poder político judaico sempre ter sido inimigo da prosperidade do Reich; reconhecia o valor dos soldados franceses, belgas,

holandeses etc., vindos de toda a Europa, que lutavam nas Waffen-SS contra o bolchevismo; e também exaltava aqueles que, na Pátria, trabalhavam (muitas vezes até aos domingos) para apoiar os soldados na frente de batalha.

Também repetia outros pontos de sua doutrina:

— O Estado só é nacional se servir ao seu povo, e não a interesses internacionais de natureza política ou especulativa.

— Aqueles que desfrutam de uma boa condição econômica só são nacionalistas e socialistas se fizerem algum sacrifício em benefício de seus compatriotas.

— O trabalhador atenta contra a comunidade quando faz exigências exageradas, e o patrão, quando acumula milhões à custa do suor do trabalhador.

— O Estado pode restringir liberdades se o cidadão admitir que isso traz benefícios claros e diretos para toda a sociedade.

— Filmes, teatro e imprensa que, por meio da obscenidade e da libertinagem, buscam lucros maiores são um veneno inadmissível.

— A finalidade do nacionalismo é fazer algo pela nação. E a do socialismo, contribuir para a melhoria da sociedade.

— As Empresas-Modelo fazem isso de uma forma; a Obra de Socorro de Inverno, de outra. E não menos importante é a Frente do Trabalho, que coloca a força da juventude a serviço do campo. O campo é o alicerce da nação, pois fornece alimento às cidades e matérias-primas à indústria.

Melhorias nos Novos Tanques

Os generais Hoth e Von Geyr Schweppenburg confirmaram que as sugestões de Hitler na área da artilharia e dos novos tanques dos modelos III e IV se mostraram muito úteis na frente russa, onde o inimigo tinha superioridade em tanques pesados, como o T-35.

Hitler pediu que os canhões de 75 mm substituíssem os de 37 e 50 mm e que os tubos dos canhões dos novos tanques fossem mais longos.

A princípio, suas sugestões pareceram impertinentes aos especialistas em balística, mas depois eles reconheceram que davam resultado. Hitler se lembrava de experiências da Primeira Guerra Mundial e delas extraía novas ideias. Sua desvantagem diante dos especialistas continuava sendo o fato de que, naquela guerra, tinha sido apenas cabo.

Capítulo XIII

Só Armas fora do Comum seriam Decisivas (1943)

Mais um mês de Agonia para o 6º Exército

Nos primeiros dias de janeiro, ainda se acreditava que fosse possível resgatar o exército cercado, mas os relatórios de situação se tornavam cada vez mais desanimadores. O pão e a carne estavam acabando, e era indispensável racionar a munição.

Hitler sofria de insônia. Tentou tomar uma cerveja antes de se deitar, mas não adiantou. Em outras ocasiões, as sinfonias de Beethoven o acalmavam, mas dessa vez não. Também não adiantava pensar em arquitetura e em como tornaria Linz, Viena ou Berlim mais belas, pois sua imaginação voltava-se para Stalingrado, e ele visualizava a posição de cada uma das divisões do 6º Exército. Como ajudá-las?

Ordenou que lhes enviassem comida enlatada, que ocupava menos espaço nos aviões de transporte Heinkel. O mau tempo dificultava os voos. Quando a tempestade cessava, os pilotos chegavam a fazer até três voos por dia e, ao se aproximarem dos aeroportos, precisavam voar em baixa altitude, tornando-se alvos fáceis da artilharia soviética.

Ao mesmo tempo, Hitler estava preocupado com o risco de que três exércitos que operavam na península do Cáucaso também fossem cercados assim que o 6º Exército caísse, razão pela qual ordenou que realizassem uma difícil retirada de 700 quilômetros. Eram 700.000 soldados que, somados aos serviços de logística, chegavam a quase um milhão de homens. O terreno que precisavam atravessar era muito acidentado, os veículos eram insuficientes e ainda carregavam o peso de 25.000 feridos.

Hitler adormecia cada vez mais tarde. O dr. Morell lhe deu comprimidos tranquilizantes (Brom-Nervacit), depois um remédio para a digestão e, em seguida, um antigripal à base de quinina.

O biógrafo **Kershaw** não acredita que esses mal-estares se devessem ao sofrimento de Hitler diante do destino de seus soldados, pois ele “não tinha nenhum vestígio de humanidade. A vida humana e o sofrimento das pessoas eram irrelevantes para ele... O profundo desprezo que sentia pela existência humana se estendia a seu próprio povo... Para Hitler, as centenas de milhares de mortos e mutilados não passavam de uma abstração.”[77]

Toda biografia envolve certa dose de interpretação, mas será que os biógrafos de Hitler não costumam fazer julgamentos precipitados?

Na véspera do aniquilamento do 6º Exército, Hitler falou à nação. Entre outras coisas, disse: “No futuro, os historiadores reconhecerão que nunca antes as propostas pacifistas de um homem haviam sido recebidas com tanto ódio quanto as minhas... Deus Todo-Poderoso: sê o juiz imparcial. Mas nossa missão é cumprir o dever de tal maneira que possamos **nos apresentar diante** do Criador de todos os mundos, de acordo com suas leis que regem a luta pela existência... Uma nova vida brotará dos sacrifícios de nossos mortos e das ruínas de nossas cidades...” (31-1-1943)

No dia seguinte, consumada a tragédia do 6º Exército, Hitler disse a Goebbels que o público deveria ser informado de toda a verdade, “por mais brutal que seja; a verdade é mais fácil de suportar do que uma falsidade agradável.” E a imprensa retratou claramente o que havia ocorrido em Stalingrado, enquanto a Rádio transmitia ao vivo o estrondo das metralhadoras e dos canhões, antes que caísse o silêncio mortal.

Na Alemanha, as bandeiras foram mantidas a meio mastro e os sinos dos templos dobraram durante uma semana. Não houve tentativa de minimizar a derrota.

Os últimos disparos ocorreram em 1º de fevereiro, quatro meses e meio depois do início da batalha, incluindo 71 dias de resistência ao cerco. Dos 220.000 soldados, 51.000 haviam morrido, 62.000 feridos tinham sido resgatados e 107.000 — já sem munição — foram feitos prisioneiros, dos quais apenas 6.000 sobreviveram. Além disso, mil pilotos haviam morrido e 488 aviões foram perdidos.

77 “Hitler”. Ian Kershaw. Págs. 673 e 674. Tomo II. Ediciones Península, 1999.

Ao mesmo tempo, Hitler pressionou todos os órgãos oficiais a reduzir seu quadro de pessoal e destinar mais homens ao recrutamento e à produção de armas. Quem não o via havia três ou quatro meses se surpreendia ao encontrá-lo fisicamente debilitado, embora seu raciocínio continuasse claro e ele transmitisse a todos uma confiança renovada de que a situação de Stalingrado seria superada.

Já se trabalhava na formação de um novo 6º Exército. Nas Waffen S.S., as baixas eram repostas e, em pouco tempo, haveria quatro divisões com equipamento melhorado. E ocorria um fenômeno extraordinário: de todos os cantos da Europa surgiam jovens voluntários que pediam para ser admitidos nas Waffen S.S.

Na França, na Holanda e na Bélgica, muitos jovens não guardavam ressentimento pela derrota de 1940. Tinham a impressão, talvez provocada pela destruição do 6º Exército, de que o comunismo era, na verdade, um perigo continental que desejavam combater, justamente nas Waffen S.S. O mesmo começou a ocorrer na Noruega, na Finlândia, na Estônia, na Letônia, na Lituânia, na Hungria e na Romênia.

Goebbels observava que, nos momentos mais críticos, a personalidade de Hitler se agigantava, e sua força de vontade e sua confiança eram transmitidas a quem falava com ele. Algo semelhante ao que ocorreu com Napoleão nas batalhas de Arcole e Rivoli, quando esteve à beira de uma derrota total. Dimitri Merejkowsky relata: “Como quem passa água de um cântaro para outro, acendeu o coração de todos com o próprio, como quem acende uma vela em outra. Bastaria que, naquele momento, o menor traço de seu rosto tivesse se alterado para que todos fugissem; mas a expressão de Napoleão permanecia serena. Tão cheio de fé no absurdo quanto no racional, acreditando no milagre dentro da matemática que exclui o milagre. E os soldados, ao olharem para seu rosto, também acreditaram no milagre.”[78]

Embora a situação fosse pior que a do ano anterior, a produção de armas aumentou em 1943. Das fábricas saíram 12.700 tanques (3.300 a

78 La Vida de Napoleón. Págs. 63-64. Dimitri Merejkovsky. Espasa-Calpe, 1940.

mais que em 1942); 17.800 canhões (6.000 a mais que em 1942) e 17.800 aviões (3.000 a mais que no ano anterior).

Quase dois meses depois do desastre de Stalingrado, Hitler disse que havia indícios de que o Exército Vermelho preparava o ataque contra a Alemanha para julho ou agosto de 1941. “Vemos, com um estremecimento, onde teriam ido parar a Alemanha e todo o continente se o nacional-socialismo não tivesse existido... Os 542.000 soldados mortos até agora não caíram em vão. Continuarão vivendo eternamente em nossas fileiras como heróis imperecíveis e precursores de uma época melhor. Que o Todo-Poderoso, que nunca nos abandonou, também nos conceda no futuro sua ajuda para realizarmos o que temos de fazer até a vitória final.”

Arsenais de Stalin nos Estados Unidos

Roosevelt considerava que o regime de Stalin era “uma democracia” e colocou os arsenais americanos a seu serviço. Autorizou o envio de 12.000 tanques, 17.000 aviões, 400.000 caminhões, 8.000 canhões, 2,8 milhões de toneladas de aço, 3,7 milhões de toneladas de pneus, 2,6 milhões de toneladas de combustíveis, 340.000 toneladas de explosivos, 4,7 milhões de toneladas de mantimentos e até 15 milhões de pares de botas.

Hitler exigia que a Marinha e a Luftwaffe afundassem o maior número possível de navios que transportavam essa ajuda dos Estados Unidos até o porto soviético de Murmansk, de onde ela seguia para o interior da Rússia pelas ferrovias que passavam por Leningrado. Mais uma vez, aquele objetivo ao qual ele havia dado prioridade em seu plano Barbarossa! Um objetivo que não foi alcançado na ocasião e que jamais seria alcançado.

Às vezes, os comboios de Roosevelt sofriam perdas muito pesadas, mas, em outras ocasiões, conseguiam chegar quase ilesos ao destino.

Em 1º de janeiro, Hitler soube que um comboio seguia para Murmansk e que a Marinha alemã se preparava para interceptá-lo com uma flotilha de

dois cruzadores e seis contratorpedeiros. Os primeiros relatórios eram muito otimistas, e chegou-se a acreditar que o comboio havia sido destruído. Pouco depois, porém, Hitler soube pela rádio de Londres que o comboio havia chegado ileso a Murmansk.

Furioso, chamou o grande-almirante Raeder e o censurou, afirmando que toda a estratégia naval estava errada. Um submarino afundava mais navios do que as embarcações de superfície, às quais Raeder havia dado prioridade. E não era por falta de coragem dos marinheiros, mas porque as circunstâncias da Segunda Guerra Mundial já eram muito diferentes das da Primeira, da qual Raeder havia participado.

Além disso, Hitler ordenou que os navios de guerra fossem desmantelados e que seus canhões fossem aproveitados em outros lugares.

Raeder renunciou e foi substituído por Doenitz, que procurou tranquilizar Hitler e pediu — e conseguiu — que ele desse uma nova oportunidade à Frota. “Faça o que quiser — disse-lhe Hitler —, mas lembre-se do que já lhe disse: a era dos grandes navios acabou.” E, de fato, era assim.

Não há indícios de que Hitler tenha culpado a si mesmo por ter confirmado Raeder, nove anos antes, como ministro da Marinha. Talvez tenha se justificado pensando que Raeder era, em 1933, o oficial com mais tempo de serviço e experiência. Foi uma decisão que teve consequências fatais.

Seu lado Artístico voltou a Traí-lo

Quando, em novembro do ano anterior, começava a grande batalha de Stalingrado, Hitler correu em auxílio de Mussolini, enviando-lhe para a África seu 5º Exército, sob o comando do general Von Arnim e equipado com os tanques Tigre, o modelo mais recente.

A frente africana era tradicionalmente italiana, mas Mussolini não havia conseguido impor sua autoridade à Marinha para que ela lhe desse a devida atenção.

O 5º Exército alemão derrotou, no Passo de Kasserine, as tropas americanas que acabavam de desembarcar na Argélia, mas logo começou a ficar sem suprimentos. Em vez das 80.000 toneladas de que necessitava, recebia 25.000. Os navios de abastecimento eram afundados pela frota britânica, à qual o almirante italiano Maugeri comunicava as datas em que os carregamentos seriam enviados.

Mussolini dispunha de uma poderosa frota de guerra, com 140 navios, incluindo 7 encouraçados e 19 cruzadores, mas não se atrevia a usá-la para escoltar as embarcações que levavam suprimentos às tropas ítalo-alemãs na África. Já fazia dois anos que Hitler insistia, cordialmente, para que ele corrigisse essa falha.

O jornalista espanhol Ismael Herráiz comentou com um jornalista italiano que, se esses suprimentos não fossem enviados, o 5º Exército alemão e as divisões italianas que o acompanhavam seriam perdidos. E recebeu a seguinte resposta: “Prefiro que todos se percam, desde que as divisões alemãs também se percam.”

Herráiz explica isso dizendo que, na Itália, havia ciúmes da superioridade heroica e técnica das tropas alemãs e que, a partir daí, chegou-se “à inveja irrefreável e ao abandono de todos os deveres, contanto que se visse afundar um gigante que humilhava apenas com sua presença”.[79]

Por fim, sem suprimentos, o 5º Exército foi derrotado, e 100.000 alemães e 150.000 italianos foram feitos prisioneiros.

Em duas ocasiões, Mussolini recusou a oferta de Hitler de que marinheiros alemães “assessorassem” os seus.

Se o 5º Exército não tivesse sido enviado à frente italiana na África, poderia ter sido decisivo para evitar o desastre de Stalingrado.

---

79 Italia Fuera de Combate, pág. 142. I. Herráiz. Madri, 1944.

Hitler nunca condicionou sua ajuda a Mussolini ao cumprimento da parte que lhe cabia.

O piloto Hans Ulrich Rudel (que recebeu a mais alta condecoração da guerra) diz que Hitler era brando. “Brando no sentido de que, se tivesse sido apenas um centésimo tão duro quanto Stalin, teria vencido a guerra; mas era brando, brando demais.”[80]

Em parte, Rudel tem razão.

Com os ingleses em Dunquerque e, em várias ocasiões, com Mussolini, Hitler foi brando demais.

Vale lembrar que, durante os primeiros 25 anos de sua vida, Hitler viveu para a pintura, a música e a arquitetura. Era, em essência, um artista, que a emergência da guerra transformou em soldado e a derrota na guerra transformou em político.

A profunda veia artística que permanecia no fundo de seu “eu” às vezes o traiu, quando era necessária a dureza de um guerreiro.

Hitler levou sua amizade com Mussolini a um excesso de lealdade, sem ser correspondido. Quando, em 25 de julho, Mussolini se cansou da guerra e se deixou depor pelo rei Vítor Emanuel e pelo general Badoglio, mestre maçom, Hitler se apressou em resgatá-lo. Escolheu pessoalmente o coronel Otto Skorzeny para essa missão. Em setembro, levou-o são e salvo para a Alemanha e depois o reinstalou no governo da Itália.

Goebbels comentou que aquilo não trazia benefício algum à Alemanha. Mussolini e seu gabinete eram apenas um estorvo.

Em 1938, Mussolini não se opôs à anexação da Áustria ao Terceiro Reich por Hitler, e Hitler lhe escreveu: “Nunca poderei esquecer isso... Se algum dia precisar de qualquer ajuda ou estiver em perigo, pode ter certeza de que o apoiarei, aconteça o que acontecer.”

O cumprimento dessa promessa acabou sendo um fardo excessivamente oneroso. Na véspera de resgatar Mussolini, Hitler declarou publicamente: “Fui e sou feliz por poder me considerar amigo deste

80 Entrevista de Rudel na “Cedade”. Nov. 1982. Barcelona.

homem grandioso e leal... Não aprendi a mudar de opinião conforme as conveniências de cada situação. A lealdade tem um valor insubstituível.” (11-IX-43).

Quando Mussolini caiu, a frota italiana deixou suas bases para se render aos Aliados. Nessa ocasião, um avião da Luftwaffe estreou uma das primeiras armas secretas. Tratava-se de uma bomba guiada por ondas de diferentes comprimentos, com a qual afundou o encouraçado “Roma”, que levava a bordo o comandante-em-chefe da Marinha, almirante Bergamini. Essa nova arma também tirou de combate o encouraçado britânico “Warspite” e provocou o afundamento de navios que somavam 400.000 toneladas.

Onde era Possível matar Alemães

Churchill e Roosevelt se reuniram em Casablanca para alinhar suas posições. Primeiro, concordaram que não haveria armistício com a Alemanha, mas sim uma “rendição incondicional”. Depois, Churchill se opôs a que a aviação americana desse prioridade aos alvos militares alemães. Naquele momento, era possível causar mais baixas alemãs concentrando os bombardeios nas áreas residenciais das cidades.

Roosevelt concordou. Destruir áreas residenciais envolvia menos riscos do que bombardear alvos militares, além de causar graves problemas a Hitler com a população civil que ficaria sem teto. Ao mesmo tempo, isso tranquilizava Stalin, que continuava insistindo na abertura de outra frente, justamente no oeste da Europa.

Hitler tinha dito a Mussolini: “Eu o apoiarei, aconteça o que acontecer”. O cumprimento dessa promessa foi uma fraqueza que sustentava outra fraqueza.

Assim, em Hamburgo, morreram 50.000 adultos e 5.000 crianças. Metade das moradias foi arrasada. O fogo produzia redemoinhos de ar ardente que arrastavam as crianças que estavam nos braços das mães. Nos abrigos, centenas de pessoas morreram asfixiadas. Foram destruídos 24 hospitais, 58 templos e 277 escolas.

Depois viriam Berlim (49.000 mortos), Colônia (20.000) e dezenas de outras cidades. Em 1942, haviam sido lançadas 30.000 toneladas de bombas. Em 1943, o total subiu para 120.000 toneladas.[81]

Paradoxalmente, o historiador Kershaw — referindo-se ao bombardeio de Colônia — diz: “Hitler não sentiu remorso por isso.”

Churchill e Roosevelt estariam mesmo consternados? A cada vez, batiam novos recordes de matar mais civis em menos tempo.

81 Lluvia de Fuego Sobre Alemania. Estatísticas. H. Rumpf. Editorial Herrero, 1965.

Hitler certamente não teve “remorsos”, mas sofreu graves problemas intestinais. O dr. Morell lhe deu preparados de estricnina e atropina, mesmo correndo o risco dos “efeitos colaterais”. Morell achava que um período de descanso lhe faria mais bem, mas como?

Sobre a destruição de moradias, Hitler disse: “Se até agora o Reich foi capaz de realizar esforços e feitos tão grandiosos, também poderá construir dois ou três milhões de moradias quando a guerra terminar... Venha o que vier, nós o superaremos. No fim, a vitória será nossa.” (9 nov. 43).

Outra preocupação de Hitler era que os exércitos soviéticos vitoriosos em Stalingrado já haviam avançado sobre a bacia do rio Donets. As matérias-primas daquela região eram vitais para a Alemanha. Toda a Ucrânia estava em perigo.

Então lançou uma contraofensiva que conseguiu derrotar os vencedores de Stalingrado e fazê-los recuar várias centenas de quilômetros. Stalin se queixou de que seus aliados eram responsáveis pelo ocorrido, por não terem aberto a outra frente que ele pedia na costa da França, o que obrigaria a Alemanha a dispersar mais suas forças. Stalin já havia perdido 90% de seu petróleo e a maior parte de suas fontes de alumínio, manganês, ferro e carvão.

A melhora da situação na Rússia fez mais bem a Hitler do que os medicamentos de Morell.

Por recomendação do marechal romeno Antonescu, a nutricionista Marlene von Exner visitou o Führer e disse que ele estava subalimentado. Em seguida, preparou-lhe um novo cardápio, com sopa de espinafre, caviar com maionese, alguns legumes e bolo de nozes.

Os problemas surgiam por todos os lados. A invasão aliada do norte da África obrigou Hitler a enviar tropas para a costa sul da França, prevendo um desembarque. Ao mesmo tempo, enviou mais tropas para a Iugoslávia, porque as guerrilhas de “Tito” (que, na realidade, era o líder judeu Iosif Weis) e de Mihailovitch estavam crescendo.

O general russo Vlasov — que havia passado para o lado alemão — se oferecia para recrutar mais soldados, mas Hitler desconfiava, porque recentemente alguns grupos que fingiam ser germanófilos haviam retornado ao Exército Vermelho.

Em quem confiar?... Havia provas de que o primeiro-ministro da Hungria, Kallay, mantinha entendimentos com o inimigo. Hitler conversou sobre o assunto com o regente Horthy e lhe disse que, na Hungria, circulavam falsos rumores, derrotismo, sabotagens etc., porque ali ainda permaneciam livres 800.000 judeus. Horthy não acreditava que essa fosse a causa.

Até mesmo na Alemanha, grande parte da população judaica continuava livre, pois os campos de concentração não davam conta. Mais de cinco milhões de prisioneiros soviéticos haviam transtornado tudo. Goebbels queria que dezenas de milhares de judeus de Berlim fossem transferidos para outro lugar, enquanto Hitler dizia que os meios de transporte tinham prioridade para atender às necessidades da frente; que os judeus ficassem onde estavam — disse ele. Isso seria resolvido depois da guerra.

Eichmann havia apresentado um plano para levar judeus a Madagascar nos grandes navios do “Trabalho pela Alegria”, mas Hitler o rejeitou, dizendo que seriam alvos fáceis para os submarinos aliados.

Em Números, a Derrota Alemã já era Vísivel

O marechal Manstein e o general Zeitzler (chefe do Estado-Maior-General) elaboraram um plano para cercar e destruir um milhão de soldados soviéticos que Stalin mantinha concentrados no “saliente de Kursk”. Ali ocorreria a maior batalha de tanques de todos os tempos.

Nem o general Guderian — especialista em tanques — nem Hitler confiavam nessa operação. Mesmo assim, Hitler concordou em iniciá-la

em 5 de julho, mas Stalin conhecia todo o plano e suas tropas haviam adotado contramedidas para frustrá-lo.[82]

Depois de uma semana de avanços mínimos, Hitler perdeu o interesse naquele ataque e retirou duas poderosas divisões para enviá-las à Itália, onde os exércitos de Mussolini corriam o risco de desmoronar devido à invasão aliada da Sicília.

A frente alemã na Rússia passou à defensiva e assim permaneceria até o fim da guerra. Observando a situação em seu conjunto e avaliando-a matematicamente, a Alemanha já havia perdido a guerra. Em tanques e canhões, a proporção era de 1 para 12; em recursos humanos, de 1 para 20 em alguns setores, e essa desvantagem continuaria aumentando.

Até 1943, ainda conseguia resistir graças a certas invenções. Seu tanque "Pantera" era superior; suas novas metralhadoras disparavam 20 balas por segundo, e sua infantaria podia se defender dos tanques inimigos com o chamado "punho antitanque" ("Panzerfaust"), graças à descoberta da "carga oca", que praticamente transformava seus projéteis em foguetes.[83]

Mas isso não bastava. O tempo trabalhava contra a Alemanha, porque a superioridade numérica dos Aliados continuava aumentando.

Então, por que o nervosismo do grupo que vinha trabalhando para impedir que a Alemanha vencesse?

Nem a vitória em Stalingrado nem os bombardeios devastadores haviam convencido aquele grupo.

Seu nervosismo se devia ao fato de terem informações, embora incompletas, de que o plano das chamadas armas secretas avançava e poderia mudar o rumo da guerra.

Em Peenemünde, trabalhava-se numa bomba voadora, inventada pelos engenheiros Paul Schmidt e Robert Lusser.

---

82 Os generais Stieff e Thiele tinham acesso aos planos do Estado-Maior Geral e os comunicavam a Moscou. Nisso concordam o coronel Skorzeny, em seu livro "La Guerra Desconocida", e o historiador W. Goerlitz, em sua obra "El Estado Mayor General", pág. 438.

83 La Ciencia Alemana Durante la II Guerra Mundial. Gen. Erich Schneider, 1953.

Também havia grandes avanços no desenvolvimento de um enorme foguete (V-2), que já havia alcançado 80 quilômetros de altitude e tinha um alcance de 190 quilômetros. Media 14 metros de comprimento e pesava quase 13 toneladas.

Também se trabalhava num míssil (“Filha do Reno”), que seria guiado por rádio para destruir radares inimigos. O míssil “Fogo de Lily”, destinado a combater aviões inimigos, estava em fase de aperfeiçoamento.

Até mesmo no campo da guerra atômica havia novidades. Otto Kahn, descobridor da fissão nuclear, e o famoso físico Heisenberg (do “princípio da incerteza”) não quiseram incentivar a construção de uma bomba atômica por escrúpulos de consciência. Chegaram a pensar que a fissão nuclear poderia se expandir de forma incontrolável. Mas outro grupo de cientistas continuava trabalhando numa instalação na Turíngia, onde ficavam as minas de urânio alemãs.

O general Tomás Sánchez Hernández afirma (em “Historia del Armamento”) que a Alemanha chegou, de fato, a produzir uma pilha atômica em sua instalação de Haiderloch. Por outro lado, existe a versão de que, em “uma localidade experimental”, havia um edifício de ferro e concreto; e que, em 3 de agosto de 1943, “os cientistas alemães decidiram realizar o experimento, e uma explosão ofuscante como mil sóis foi tudo o que se pôde ver à distância; um turbilhão devastador destruiu o que não havia sido calcinado, e o ferro das estruturas quase se gaseificou.”[84]

Em suma, não se sabia se essa arma poderia ser desenvolvida a tempo.[85]

Em todas as áreas, pesquisadores e inventores alemães se empenhavam em alcançar resultados. O dr. Konrad Zuse, formado pela Universidade Técnica de Berlim, inventou em 1941 o primeiro computador do mundo, o Z3, mais tarde aperfeiçoado no Z4, que já podia ser usado para realizar cálculos complexos de aerodinâmica e balística.

84 La Teoría y la Energía Atómica. Pág. 109. Juan Luna Cárdenas. Secretaria de Educação Pública. México, 1963.

85 Eva Braun anotava: “Sempre deposito minha esperança na arma secreta de que Speer me falou. É evidente que tudo isso é estritamente secreto, mas trabalha-se com afinco e é possível que esteja pronta para o próximo inverno.”

Superava em todos os aspectos as melhores máquinas de calcular elétricas.[86]

Outra conquista notável foi o avião Me-262, o primeiro avião a jato do mundo. Em 1943, voou a 950 quilômetros por hora, ou seja, 300 a mais que os caças inimigos. Seria um veneno para os bombardeiros quadrimotores aliados. Hitler o viu, perguntou se poderia ser transformado em bombardeiro, disseram-lhe que sim e ele ordenou imediatamente a conversão. Mas isso — devido aos novos bombardeios contra a fábrica da Messerschmitt — foi adiado por tempo indeterminado. Foi uma decisão infeliz do Führer.

Enfim, a derrota da Alemanha com armas convencionais parecia certa, mas, se duas ou três das armas **secretas** se concretizassem, tudo poderia mudar.

Isso dava segurança a Hitler. Por esse motivo, o ministro Goebbels fez um apelo ao povo pela “guerra total”, na qual as mulheres de 17 a 50 anos seriam convocadas para reforçar a produção industrial. A multidão respondeu de forma ensurdecedora: “Sim... sim... sim!” Além disso, pequenos estabelecimentos comerciais seriam fechados para que sua mão de obra fosse empregada no esforço de guerra.

Hitler estabeleceu apenas um limite: que nada disso afetasse a natalidade.

Semanas depois, Goebbels se queixava dos altos funcionários: Frick, ministro do Interior, tirava muitas folgas; Goering (chefe da Luftwaffe) parecia letárgico em sua elegante mansão de Karinhall; Bouhler permanecia em sua casa de campo, enquanto Hitler se via sobrecarregado com inúmeras tarefas.

Enquanto isso, em Londres já havia preocupação com os relatórios cada vez mais detalhados sobre as armas secretas de Peenemünde. Von Braun e alguns químicos haviam resolvido, com oxigênio líquido, o problema de impulsionar o foguete V-2. Ele já era uma realidade.

---

86 El Padre de la Computadora. Por John Dornberger. “Readers Digest”.

Canaris estava tão preocupado que, em março, se arriscou a prender dois suspeitos de Peenemünde e também deteve Von Braun como suposto cúmplice. Depois, o general Dornberger interveio e Von Braun foi libertado, pois nada tinha a ver com os “suspeitos”, que aparentemente eram mesmo espiões. Canaris decidiu sacrificá-los, para ver se assim conseguia eliminar Von Braun.

A preocupação do grupo empenhado em impedir a vitória da Alemanha era tamanha que, em 13 de março, tentaram matar Hitler. Durante uma visita “combinada” à frente russa, o general Von Tresckow (chefe do Estado-Maior de um Grupo de Exércitos) colocou uma bomba em seu avião, disfarçada de garrafa de conhaque e preparada para explodir no voo de volta ao quartel-general. Mas a bomba não explodiu, embora Canaris tivesse fornecido um poderoso explosivo.

Assim, toda Façanha se torna Fácil

Convencido de que o caso de Peenemünde não era uma simples guerra de nervos, Churchill lançou um ataque com 460 bombardeiros contra Peenemünde na noite de 17 para 18 de agosto de 1943, além de outro ataque de “distração” contra Berlim, com aviões “Mosquito”. Por sua vez, a Luftwaffe concentrou 203 caças para proteger Berlim. Nada sabiam sobre o ataque a Peenemünde, porque o posto de detecção na Holanda não os havia alertado.

Nesse posto de detecção, o general Kammhuber estava furioso porque as transmissões falharam justamente quando ele tentava avisar aos caças que os bombardeiros se dirigiam a Peenemünde. Depois da guerra, oficiais britânicos revelaram a Kammhuber que dois funcionários da sala de operações de Arnhem, na Holanda, atuavam na verdade como agentes britânicos. A interrupção das comunicações não havia sido acidental.

Quando os caças que sobrevoavam Berlim avistaram o clarão dos incêndios em Peenemünde, tiveram de reabastecer e depois partiram em

perseguição aos bombardeiros, que já se retiravam. Quarenta e dois dos que ficaram para trás foram abatidos.

Peenemünde sofreu graves danos, e 700 pessoas morreram, entre elas o dr. Thiel e o dr. Walther. Este último trabalhava num míssil antiaéreo que, segundo o dr. Goebbels, transformaria as superfortalezas aliadas em caixões voadores.

Todo o processo de desenvolvimento das armas secretas sofreu um atraso considerável.

Três Forças do Mundo, Unidas

O fenômeno de haver, dentro do Reich, um grupo que trabalhava para que a Alemanha perdesse não ocorreu nos Estados Unidos, nem na Inglaterra, nem sequer na URSS (apesar do grande descontentamento da população sob o marxismo).

Isso se devia à existência de correntes ideológicas, políticas e econômicas fundidas numa única Entidade. Uma Entidade que tinha um braço direito (o grande capital hebraico), um braço esquerdo (o comunismo) e um terceiro braço (a Maçonaria internacional).

Eram três forças (aparentemente independentes) empenhadas em formar um Governo Mundial. Seu inimigo era o nacional-socialismo.

Por isso, essas forças convergiram contra o nacional-socialismo, inclusive dentro da Alemanha.

E não atuavam contra a América do Norte e a Inglaterra porque ali predominava o grande capital israelita. Tampouco agiam na URSS, porque nela imperava o comunismo.

As frequentes reuniões dos “Três Grandes” também demonstraram isso. Stalin estava impaciente em 1943 porque a invasão anglo-americana da Itália dispersava as forças alemãs, mas não tanto quanto ele precisava. Insistia na abertura de outra frente, maior, na costa ocidental da França.

De 28 de novembro a 1º de dezembro, Roosevelt e Churchill se reuniram com Stalin em Teerã (capital do Irã) para lhe garantir que a invasão que ele desejava no Ocidente ocorreria em 1944. A aliança dos "Três Grandes" era sólida. E com ela também cooperava o grupo afim que, de dentro da Alemanha, prestava uma ajuda tão sutil.

Esse grupo havia começado a atuar contra o nacional-socialismo antes mesmo da guerra. Era formado por pessoas fanáticas e implacáveis e, nos últimos tempos, vinha conseguindo atrair outras que não eram como elas, mas que **estavam preocupadas com as adversidades da guerra e acreditavam ser possível chegar a um armistício de paz honroso.**

Nos últimos quatro meses do ano, houve quatro tentativas de matar Hitler. O banqueiro Jakob Wallenberg pressionava insistentemente o dr. Goerdeler para que seu grupo eliminasse o Führer.

O capitão Axel von dem Bussche se ofereceu para se explodir perto de Hitler (como fazem os palestinos), mas, na última hora, Hitler mudou seu itinerário.

Em novembro, o general Rudolf von Gersdorff pretendia se sacrificar junto com Hitler, mas, no último minuto, não detonou a dinamite.

O general Stieff, que tinha acesso ao Quartel-General, recebeu uma bomba para colocá-la perto do Führer, mas achou que isso obviamente levantaria suspeitas sobre ele.

O coronel Stauffenberg não pertencia propriamente ao grupo dos anteriores, mas estava disposto a colocar uma bomba aos pés de Hitler na reunião de 26 de dezembro. Só que a reunião foi adiada. Teria de esperar mais sete meses.[87]

87 Shirer, historiador antinazista, relata seis tentativas de matar Hitler nesses quatro meses e afirma que os autores não foram descobertos porque contavam com protetores como o general Nebe (dentro da Gestapo) e Canaris.

Discussões com Vários de seus Generais

Hitler discutia com frequência com vários de seus generais, quase sempre com os da velha geração. Sobre esse ponto, fizeram-se generalizações distantes da realidade. Tinha grande estima por muitos deles e analisava seus pontos fortes e fracos. Sobre Kesselring, dizia que era um perfeito otimista e que isso o tornava eficaz até nas situações difíceis, “pois não se pode empreender nenhuma ação quando se começa pensando que ela pode fracassar”. Quanto a Von Manstein, “tem grande talento e triunfa quando dispõe de material de primeira classe, combustível e munição suficiente. Mas, se lhe falta alguma coisa, é um homem perdido...” “Em contrapartida, Model não desanima, sabe improvisar e tira o máximo proveito do que tem, apesar das carências.” “Em minha opinião —resumia—, o fator mais decisivo é o moral.”

É claro que Hitler não tinha atritos com todos os generais. Dava-se muito bem com os da nova geração, como Manteuffel, Blumentritt, Dietrich, Model, Schoerner e outros. O marechal Manstein dizia que Schoerner e Model eram generais “sob medida para Hitler”. Eva Braun fez uma anotação em Munique, na qual registra as seguintes palavras de Hitler: “Disse claramente aos generais o que penso. Não é exagero repetir que, para nós, a questão é vencer ou desaparecer. Eles não conseguem conceber isso e ainda pensam que o pior será evitado. Desta vez, deixei isso bem claro, com a máxima precisão. Se o povo alemão fosse incapaz de vencer a guerra, sofreria uma derrocada tamanha que os sobreviventes não encontrariam, em meio a essa catástrofe, a força necessária para reconstruir uma nova existência nacional. Sem dúvida, essa reconstrução levará mais de cem anos.”

De fato, muitos generais sequer imaginavam o tipo de paz que haveria a partir de 1945.

Avaliações Estranhas dos Biógrafos

É paradoxal que quase todos os biógrafos de Hitler o considerem pior que Stalin, a quem chegam a chamar de “tio Joe”, segundo a expressão do presidente Roosevelt. Stalin fuzilou todos os seus generais e a maior parte de seus coronéis, substituindo-os por outros que já não ousavam sequer erguer os olhos diante dele. O monstro Hitler não fuzilou nenhum general, nem mesmo os que chegaram a desobedecê-lo.

Além disso, manteve muitos generais inimigos como prisioneiros, e nenhum deles foi executado. Ao general francês Giraud, deu uma residência digna, sob palavra de honra, e Giraud aproveitou-se da confiança para fugir e continuar combatendo. Como simples “amostra”, cabe mencionar, entre outros, os seguintes:

POLONESES.- Generais Bor Komorowski, Roman Abraham, Franciszek Alter, Juliusz Drapella e Wladislaw Bortnowski.

FRANCESES.- Generais Augustin Marcelin Agliany, Oscar Augusto Roux, Georges Maurice Jean Blanchard, Jean Edouard Verneau, Charles Eugene Sancelme.

RUSSOS: Generais Pavel Ivanovich Abramidze, Iván Mikhailovich Antiufeev e outros.

INGLESES.- Generais Sir Charles Hamilton Boucher, George Talbot Burney, Sir Adrián de Wiart, John Frederick Boyce Combe, Sir Victor Mcrven Fortune, Michael Denman Gambier Parry, George Alfred Duncan Harvey, Sir George Frederick Johnson, Sir Philip Neame, Claude Nicholson, Reginald Gordon Ward, Nigel Fritz Roy Samerset, Edward W. Drumond Vaughan e o famoso Desmond Young.

GREGOS.- Marechal Aleksandros Papagos e general Konstantinos Bakopoulos.

Além disso, 7 generais belgas, 4 dinamarqueses, 4 holandeses e 3 noruegueses.

Entre os milhares de prisioneiros estadunidenses não havia nenhum general.

Capítulo XIV

“Retomaremos a Ofensiva e o Sol voltará a Brilhar” (1944)

“Ponto Crítico durante este Ano”

Hitler enviou uma mensagem às tropas no dia primeiro de janeiro. Anunciava que o período defensivo terminaria em breve. “O ano de 1944 imporá provas duras e graves a todos os alemães. O curso da guerra, com toda a sua atrocidade, chegará a um ponto crítico. Temos absoluta certeza de que conseguiremos superá-lo…”

Em 30 de janeiro, como fazia todos os anos, Hitler enviou uma mensagem à nação. Entre outras coisas, dizia: “Por mais que a tempestade ruja e golpeie nossa fortaleza, no fim ela se acalmará, como todas as tempestades, e, entre as nuvens negras, o sol voltará a brilhar sobre aqueles que, firmes e imperturbáveis, permaneceram fiéis à sua fé e cumpriram seus deveres. Quanto maiores forem hoje as preocupações, mais o Todo-Poderoso estimará, julgará e recompensará aqueles que, diante de um mundo de inimigos, continuarem empunhando a bandeira e avançando resolutamente com ela.”

Para superar os graves transtornos causados pelo bombardeio de Peenemünde, em agosto do ano anterior, Hitler ordenou que a Volkswagen e Friedrichhafen também participassem do programa de armas secretas e que fossem construídos “abrigos de concreto armado para instalar fábricas subterrâneas e protegê-las dos bombardeios”.

Enquanto isso, os quadrimotores de Roosevelt e Churchill estabeleciam um novo recorde na destruição de bairros residenciais. Em 1942, haviam lançado 30.000 toneladas de bombas; em 1943, 120.000 toneladas; e, no ano de 1944, o recorde chegaria a 650.000 toneladas.

Hamburgo foi destruída em 50%. Nurenberg, Munique e outras cidades também sofreram “bombardeios de saturação”. “Ao terminar a guerra —reiterou Hitler—, em dois ou três anos teremos construído todas

as moradias necessárias, por mais numerosas que tenham sido as destruídas.”

Enquanto isso, o Dr. Thiel trabalhava arduamente no aperfeiçoamento de um míssil “Cascata”, dotado de uma “cabeça rastreadora” de aviões inimigos por meio de raios infravermelhos. Alcançaria uma altitude de 18 quilômetros a 2.700 quilômetros por hora.

Outro míssil, chamado “Borboleta”, do Dr. Wagner, seria controlado por ondas de rádio até chegar às proximidades dos aviões atacantes. Um terceiro míssil, o X-4, do Dr. Max Kramer, estava sendo aperfeiçoado para se orientar pelo ruído dos motores das fortalezas americanas B-17. A conclusão de outro míssil guiado, o X-7, parecia próxima.[88]

Hitler confiava que, com aquele arsenal (que se encontrava em fase final de desenvolvimento), seria possível pôr fim aos bombardeios. A população civil sofria terrivelmente, mas suportava tudo de forma inacreditável. Seria o nacional-socialismo — que promovia a união de todos — que conseguia galvanizar dessa maneira a alma nacional?

Em 27 de janeiro, Hitler comunicou a cem chefes militares que novas armas estavam em desenvolvimento, como o submarino totalmente elétrico, que mudaria o curso da guerra no mar, e os aviões a jato Focke Wulff II e Heinkel 162, as bombas voadoras V-1 e o foguete estratosférico V-2. “Dos comandantes — disse — não exijo apenas lealdade, mas também apoio e fé na vitória. Os comandantes têm a obrigação de formar o círculo mais fechado possível em torno da bandeira.”

Desde o primeiro protótipo do foguete V-2, o general Dornberger e o inventor Von Braun haviam feito 65.000 modificações para aperfeiçoá-lo. As 22.000 peças que o compunham exigiam extraordinária precisão.

O ministro Speer mostrou a Hitler um filme em cores sobre o lançamento de uma V-2 (no campo de testes), cujas características Hitler já conhecia. Mas vê-la subir lentamente sobre um ofuscante jato de chamas e desaparecer nas alturas, para depois descrever uma curva e se lançar contra

88 Os Estados Unidos herdaram esse míssil e o chamaram de “TOW”. Na Rússia, ele é chamado de “At”. Ao fim da guerra, Washington confiscou 346.000 patentes alemãs e recrutou 523 cientistas. Foi necessário adotar 40.000 novos termos técnicos.

o alvo a uma velocidade superior à do som, era um espetáculo assombroso. Representava — sem que ninguém ainda soubesse — o futuro das viagens às estrelas.

Era fevereiro, e Von Braun disse a Hitler que a produção em série da V-2 estava prestes a começar e que havia 3.000 V-1 armazenadas em cavernas, às quais estavam sendo dados os retoques finais.

Esse novo arsenal poderia estar pronto em maio.

Enquanto isso, havia apreensão nos altos círculos de Londres. Por meio da Suíça, informantes "anônimos" lhes haviam feito chegar fotografias da V-1 e da V-2, que continuavam sendo construídas em instalações subterrâneas à prova de bombas. Churchill ordenou que se iniciasse a transferência de um número crescente de londrinos para regiões distantes. Além disso, preocupava-o a possibilidade de essas armas serem utilizadas contra as concentrações de tropas anglo-americanas no sul da Inglaterra, de modo que a invasão da Europa já não pudesse ser iniciada. Ou, ainda, que fossem usadas na primeira etapa da invasão e a fizessem fracassar.

Dos dois lados, era uma corrida contra o tempo. Os bombardeios aliados se intensificaram sobre as linhas de comunicação alemãs.

Quanto à bomba atômica, a Alemanha dispunha de uma base subterrânea na Turíngia, onde o famoso professor Von Ardenne obtinha os primeiros fusíveis infravermelhos e o urânio 238 e 235.[89]

Hitler mostrava-se seguro do Triunfo

Apesar de todos os aspectos desfavoráveis da situação, Hitler afirmava que ocorreria uma mudança decisiva. Depois de exortar os comandantes militares, falou durante uma hora com empresários e trabalhadores para lhes dar ânimo. Chegou até a falar de sociologia e

89 O historiador Rainer Karlsch publicou, em 2005, dados técnicos sobre o assunto, segundo os quais uma bomba atômica alemã esteve prestes a ser concluída. Milhares de documentos sobre o tema permanecem retidos nos arquivos secretos dos EUA.

história. “O Estado liberal — afirmou — sustenta que é bom tudo aquilo que seja útil e proveitoso para o indivíduo, mesmo correndo o risco de ser prejudicial à comunidade. O nacional-socialismo proclama o contrário... Conseguimos impedir as greves, mas isso só é possível quando o trabalhador está convencido de que é tratado como deve ser, de que recebe o que merece, de que com seu dinheiro pode comprar aquilo de que necessita e de que não é considerado um cidadão de segunda classe…

“Um financista me disse que teme que a Alemanha desmorone. Então eu lhe disse: Escute, meu caro senhor, o povo alemão existe há não sei quantos milhares de anos; desde que se tem conhecimento histórico, são cerca de dois mil anos. Esse povo sobreviveu aos romanos, à invasão dos hunos, à invasão dos ávaros, às guerras contra os mongóis; sobreviveu à Guerra dos Trinta Anos, quando a população de 18 milhões de habitantes foi reduzida a três milhões e seiscentas mil pessoas, e também sobreviveu à Primeira Guerra Mundial; sobreviverá a mim, tenham certeza... Ei! O senhor certamente não receberá uma cruz de cavaleiro, mas erga um pouco a cabeça, não seja tão fraco!”

Depois falou sobre novas armas, sem entrar em detalhes, e disse que era inconcebível pensar em capitulação. “A vitória nos compensará — disse — por tudo o que cada um teve de enfrentar em termos de esforços... Quando a vitória for alcançada, os sinos repicarão sobre a Alemanha mais gloriosa que jamais se conheceu na história de nosso país.”

Três Frentes, e outro já ameaçava

Enquanto isso, dois poderosos exércitos aliados atacavam na Itália e eram contidos em Monte Cassino pelos paraquedistas alemães, que resistiram ali durante quatro meses. Ao mesmo tempo, grandes contingentes guerrilheiros atuavam nos Bálcãs, abastecidos por via aérea pelos ingleses, e foi necessário reforçar essa frente com 22 divisões alemãs.

Depois ocorreu um desembarque de 70.000 soldados aliados em Anzio, perto de Roma, e Hitler foi obrigado a enviar 30.000 soldados para enfrentá-los. Prosseguia, assim, a dispersão das forças alemãs.

Na França, como preparação para o grande desembarque aliado, entraram em ação numerosos grupos guerrilheiros formados por comunistas, judeus e gaullistas, que cometiam diariamente mais de cem atos de sabotagem contra as comunicações alemãs. Ao mesmo tempo, dispunham de aparelhos portáteis de rádio e se comunicavam em código com Londres para informar a localização dos contingentes alemães próximos à costa.

Eva Braun preocupava-se com a tensão constante a que Hitler estava submetido; ele voltara a sofrer de distúrbios intestinais e insônia. O Dr. Morell já não queria lhe dar soníferos. Em várias ocasiões, Eva conseguiu fazer com que Hitler assistisse a filmes que ela mesma havia feito, como amadora, com cenas familiares de dias agradáveis.

Além disso, Eva providenciou para que, em 20 de abril, o 55º aniversário de Hitler fosse celebrado no Palácio da Ópera, na avenida Under den Linden, devidamente enfeitada. A Filarmônica de Berlim tocou a sinfonia “Heroica”, de Beethoven.

Quatro dias depois, Eva organizou uma reunião ao redor da lareira na casa de Berchtesgaden, durante a qual foram executadas “Tannhauser”, de Wagner, e “O Morcego”, de Johann Strauss.

Tudo isso foi mais eficaz do que os medicamentos.

A Invasão, Oportunidade para um Grande Triunfo

Desde março, já se sabia em todo o mundo que se aproximava uma gigantesca operação das potências ocidentais para abrir outra frente contra a Alemanha na costa ocidental da Europa (Bélgica e França). Em Londres, as embaixadas já não podiam utilizar a “mala diplomática”, nem seu pessoal tinha permissão para viajar ao exterior.

Todo tipo de precaução cercava os dois grandes segredos da invasão: o dia e o local exato.

O Alto-Comando alemão calculava que o período entre meados de maio e meados de junho seria o mais propício, dadas as condições climáticas da região.

Os frequentes atrasos das armas secretas preocupavam Hitler. Ao que parecia, nem os mísseis, nem a V-1 e a V-2 estariam disponíveis antes de meados de maio, quando seriam terrivelmente eficazes. Os contingentes aliados se concentravam no sul da Inglaterra. Se, naquele momento, as novas armas caíssem sobre eles, o efeito desestabilizador seria devastador. Depois de iniciada a invasão, mas não muitos dias mais tarde, sua eficácia ainda poderia ser decisiva.[90]

Quanto à invasão, era uma ameaça tremenda, mas, ao mesmo tempo, dava às forças alemãs a oportunidade de combater e derrotar o núcleo do poder inimigo. Ir buscar o inimigo na Inglaterra era impossível, mas, se ele viesse até a costa, já seria possível derrotá-lo.

E, se aquela poderosa concentração de tropas inglesas, norte-americanas, canadenses, neozelandesas, australianas e coloniais fosse vencida, vários exércitos alemães ficariam livres para ser transferidos para o leste e atacar os soviéticos.

A invasão tinha seus “contras”, mas também seus “prós”. Hitler estava certo de que a invasão seria derrotada. Durante os cinco primeiros meses do ano, os aliados realizaram bombardeios certeiros contra instalações industriais, centros de matérias-primas e vias de comunicação, o que atrasou consideravelmente a produção em série da V-1 e da V-2, bem como a dos mísseis antiaéreos.

90 Las Armas Secretas Alemanas. Pág. 164 e seguintes. David Irving. Ed. Bruguera, 1969.

Eva exibia filmes leves para Hitler. Procurava distraí-lo para que dormisse o necessário.

Apesar de Tudo, a Invasão podia ser Repelida

Do lado alemão, o coronel Skorzeny afirma que a invasão não era tão irresistível quanto geralmente se acredita. Do lado dos aliados, o historiador inglês Liddell Hart afirma o mesmo e acrescenta que “era uma aventura suprema”. Até o general Eisenhower (comandante em chefe) tinha dúvidas muito sérias antes de dar início à operação e escreveu um documento a respeito.

Os diversos aspectos do desenrolar da invasão podem ser resumidos assim:

1.- Determinar corretamente o local onde ocorreria o desembarque era decisivo. O marechal Von Rundstedt e os generais Von Salmuth e Jodl consideravam que seria no Pas-de-Calais. (Era a rota mais curta).

2.- Hitler dizia que o desembarque não ocorreria ali, mas 220 quilômetros a sudoeste, na Normandia. Para esse setor, nomeou como

comandante o marechal Rommel, que tinha fama de ser uma “raposa” e que já havia derrotado os ingleses na África.

3.- A invasão começou às 0h15 de 6 de junho. Rommel havia viajado na véspera para a Alemanha, a fim de visitar a esposa. Assim, o “alerta máximo” foi dado no Pas-de-Calais duas horas antes do que na Normandia, onde ficava o ponto de desembarque.

4.- O marechal Von Rundstedt dispunha, em Paris, de duas poderosas divisões de reserva, mas não as enviou à Normandia porque queria a autorização de Hitler, que o general Jodl não quis acordar porque acabara de adormecer. Hitler só soube da invasão sete horas depois de seu início.

5.- Os dois marechais e os dois generais mencionados anteriormente afirmavam que a operação na Normandia era uma “finta” e que o ataque principal ocorreria no Pas-de-Calais. Ali, o 15º Exército do general Salmuth ficou imobilizado por muito tempo.

Três semanas depois, o front alemão no litoral foi rompido, e os aliados iniciaram seu avanço pelo território francês.

Hitler culpou os comandantes por sua falta de convicção e de força de vontade. Em parte, tinha razão, pois os marechais Von Rundstedt e Rommel consideravam que a guerra já estava perdida antes mesmo do início da invasão. Tanto que Rommel participava de um plano para derrubar Hitler, acreditando que, assim, os aliados concederiam à Alemanha uma paz razoável. Manfred Rommel (filho do marechal) conta que seu pai acreditava que a Inglaterra e os Estados Unidos se aliariam à Alemanha para combater a URSS.[91] Impossível!

Merecedores de um Imenso Monumento

Enquanto os anglo-americanos avançavam pela França, Stalin lançou, em 22 de junho, uma ofensiva no setor central da frente russa. Dias antes, o Serviço de Inteligência Militar do Leste, chefiado por Reinhard Gehlen,

91 Memorias. Marechal Rommel. Pág. 511 e 512. Essa ideia lhe foi incutida pelo grupo que lutava para impedir a vitória da Alemanha. Ed. Caralt, 1959.

havia informado que o ataque não ocorreria no setor central, mas no setor sul. Por isso, o general Zeitzler havia concentrado suas reservas no sul. Isso provocou um desastre no setor central, com a perda de 28 divisões e 350.000 soldados. Ali, o general Vinzenz Müller ordenou a rendição de seu 12º Corpo de Exército e abriu uma ampla brecha em favor dos soviéticos.[92]

O general Zeitzler, chefe do Estado-Maior Geral, sofreu um colapso nervoso. Seus cálculos mais minuciosos eram frustrados por um fator "X" (desconhecido), que sempre favorecia o adversário. Esse fator era o grupo que —movido por juramentos secretos— vinha lutando para impedir que a Alemanha vencesse. O grupo era liderado por Canaris, pelos generais Oster, Stieff, Thiele, Fellgiebel e Von Tresckow; pelo Dr. Goerdeler; pelos jesuítas Alfredo Delp e Robert Leiber; pelos pastores protestantes Schoenfeld, Bonhoeffer, Niemoeller e Gerstenmaier; entre outros.

Os biógrafos de Hitler e, de modo geral, os historiadores omitem ou minimizam a enorme importância que esse grupo teve. Algumas ruas de cidades alemãs hoje levam seus nomes, mas os aliados não lhes ergueram o grandioso monumento que merecem. Talvez não se queira que isso diminua a glória dos exércitos vencedores.

A esse círculo (formado antes da guerra) foi se juntando certo número daqueles que perderam a fé na vitória e caíram no engano de acreditar que, eliminando Hitler, seria possível alcançar uma paz justa e **até mesmo a simpatia** dos aliados. O coronel Stauffenberg foi um deles e colocou uma bomba quase aos pés de Hitler em 20 de julho (1944). Houve uma explosão terrível, em consequência da qual morreram os generais Korten (chefe do Estado-Maior da *Luftwaffe*) e Schmund, bem como o coronel Brandt e o taquígrafo Berger.

Protegido pela grossa perna da mesa (em direção à qual havia sido empurrada a maleta de Stauffenberg com a bomba), Hitler sobreviveu. Um de seus tímpanos sangrava, sua visão oscilava (nistagmo), seus passos eram inseguros e dezenas de estilhaços foram retirados de várias partes de seu corpo.

---

92 Depois da guerra, estabeleceu-se na zona da Alemanha ocupada pelos comunistas e publicou um livro intitulado: "Encontré mi Verdadera Patria."

Os conspiradores haviam preparado uma matança para tomar o poder, mas tudo deu errado porque não conseguiram matar Hitler.

Pouco depois do atentado, Hitler enviou uma mensagem a Eva: “Estou vivo e a guerra continua”. Isso não a tranquilizou nem um pouco, e depois ela foi vê-lo no Quartel-General. Ao lado da secretária Christa Schroeder, chorava e insultava os traidores, mas, na presença de Hitler, mostrava-se carinhosa e confiante de que ele se recuperaria e de que a guerra seria vencida.

A secretária Schroeder contou a Eva que ficara estarrecida depois da explosão, e ainda mais ao ver Hitler tão sereno. Então ele lhe disse, textualmente: “Acredite em mim; este foi o momento em que o rumo dos acontecimentos mudou para a Alemanha. De agora em diante, tudo voltará a correr bem”.

Eva Braun guardou como lembrança o uniforme rasgado de Hitler: a túnica cinza e a calça preta chamuscada.

Antes do atentado, estava prevista a visita de Mussolini ao Führer, e assim aconteceu. O Duce estava muito abatido e aconselhava Hitler a fazer as pazes com Stalin. Como se houvesse alguma possibilidade disso! Hitler respondeu enumerando as novas armas que estavam prestes a entrar em operação e garantiu que a guerra não estava perdida e que em breve as coisas mudariam. Várias testemunhas relataram que Mussolini partiu visivelmente reconfortado.

A Frente Ocidental foi Restabelecida

Dez exércitos aliados, com efetivos de reposição, totalizavam três milhões de combatentes, com abundância de armamentos e a proteção de milhares de bombardeiros e caças. Durante cerca de seis meses, avançaram com dificuldade pela França e causaram 400.000 baixas aos alemães, até chegarem à fronteira franco-alemã.

Hitler pressionou o marechal Keitel e o Estado-Maior para que buscassem homens em todos os cantos do Reich e formassem 40 novas divisões (seiscentos mil combatentes), que restabeleceram a frente ocidental.

O general George C. Marshall, chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos, afirma que a resistência inimiga foi "formidável, e nossas divisões pagaram muito caro por cada palmo de terreno que arrancaram dos defensores fanáticos".[93]

O general Eisenhower estimou que, se os alemães tivessem a V-1 e a V-2 prontas seis meses antes, a invasão teria sido impossível.

O Inglês quis vencer sozinho e não conseguiu

O famoso general inglês Montgomery considerava que o general americano Eisenhower avançava devagar demais, apesar de as divisões alemãs estarem muito desfalcadas, e lançou uma ofensiva por conta própria através da Holanda, a fim de chegar rapidamente a Berlim. Pensou que faltava apenas "o tiro de misericórdia".

Mas as divisões "Frundsberg" e "Hohenstaufen", ambas das SS, saíram ao seu encontro, e as tropas inglesas e polonesas de Montgomery foram completamente derrotadas. (Set. 1944).

Essa vitória foi um grande alívio para Hitler, que concebeu um ataque temerário através das florestas das Ardenas, na Bélgica. Interveio pessoalmente em muitos detalhes: que os refletores iluminassem as nuvens para proporcionar alguma claridade durante a noite; que as cozinhas não soltassem fumaça; que os cascos dos cavalos fossem revestidos para não fazer barulho etc.

Em 16 de dezembro, teve início a ofensiva, que destroçou a frente do 8º Corpo de Exército americano. O objetivo imediato era capturar os depósitos de combustível do inimigo, pois os tanques alemães levavam

93 La Victoria en Europa. Gen. George C. Marshall. 1945.

combustível racionado. Avançaram cem quilômetros, mas esses depósitos não foram localizados, e o ataque fracassou.

O general Marshall, chefe do Estado-Maior dos Estados Unidos, afirma que foi necessário empregar todas as reservas para deter os atacantes.

O Grave Atraso das Novas Armas

Quanto à V-1 e à V-2, atrasaram-se tanto e chegaram em número tão reduzido que já não puderam decidir coisa alguma. O gigantesco esforço que exigiram seria aproveitado anos depois pelos Estados Unidos nos voos à Lua, a Marte e a Júpiter.

Outro caso semelhante foi o da V-3, concebida pelo Dr. Conders. Consistia em um canhão de 120 metros de comprimento. Seriam construídos 25 canhões iguais e instalados em cavernas escavadas em montanhas no noroeste da França, protegidos dos bombardeiros. Essa artilharia inovadora (também chamada de “bomba de alta pressão”) lançaria obuses com 130 quilos de explosivos cada um, que choveriam sobre Londres até obrigar Churchill a suspender seus ataques de terror contra as áreas residenciais das cidades alemãs.

O Dr. Conders dizia que o terror só podia ser combatido com terror. A chuva de obuses sobre Londres seria impossível de deter. As instalações da V-3 eram capazes de resistir às bombas mais destrutivas dos aliados.

Mas o primeiro teste da V-3 fracassou. Consultaram o professor Walchnerm, especialista em balística, que concluiu que a velocidade dos obuses era de mil metros por segundo, quando deveria ser de 1.500. Alcançar essa velocidade era viável, mas exigiria tempo — e tempo era justamente o que já não havia, pois os aliados se aproximavam das instalações da V-3.

Um por um não seria problema

Por ocasião do fim do ano, Hitler falou aos seus comandantes. Lembrou-lhes que, na batalha de Cannas, o Império Romano parecia perdido, abandonado pelos amigos, traído pelos aliados e com o inimigo às suas portas; no entanto, a tenacidade o salvou naquela ocasião.

“O mesmo aconteceu com Frederico II, que, contrariando todas as previsões humanas, também parecia perdido, pois eram 3,6 milhões de habitantes contra 52 milhões das potências aliadas e, apesar disso, venceu.

“Nosso exército —acrescentou— é o mais forte que existe na Terra. Imaginemos cada um de nossos inimigos isoladamente: a Rússia, a Inglaterra ou os Estados Unidos. Não há dúvida de que, se enfrentássemos qualquer um deles isoladamente, daríamos cabo dele num instante.”

Ali estavam apenas 4 comandantes de submarinos que haviam afundado 141 navios inimigos. (Kretschmer, Luth, Lassen e Schultze).

Também havia, como exemplo, apenas 4 pilotos que haviam abatido 1.195 aviões aliados. (Hartmann, Barkhom, Rall e Kittel).

E o tenente das SS Michael Wittmann, cujo tanque destruiu um total de 270 tanques inimigos.

E o piloto Hans Rudel, que, com seu Stuka, destruiu um total de 559 tanques soviéticos.

E o que dizer da infantaria, tantas vezes vitoriosa em combates de um contra três!

Nenhum dos inimigos podia apresentar algo que sequer remotamente se comparasse a isso.

Hitler planejava uma série de ataques concentrados contra divisões inimigas que estivessem relativamente isoladas ao longo da extensa frente ocidental.

Eva, por sua vez, insistia para que ele tirasse alguns dias de descanso. A sós com as secretárias, demonstrava preocupação, pois percebia que Hitler já não caminhava tão ereto. Desde o recente atentado, sua mão

esquerda tremia mais. Todos no Quartel-General percebiam isso, embora também observassem que, em termos de lucidez mental e força de vontade, Hitler continuava o mesmo.

O Dr. Otto Dietrich, que, como chefe da imprensa alemã, conviveu com o Führer durante 12 anos, escreveu: “Onde quer que Hitler estivesse, um ajudante devia ter sempre à mão o lápis de desenho e a caixa de compassos, fosse para projetar fachadas monumentais, colunas da vitória, teatros ou a reconstrução de cidades. Sua paixão juvenil pela arquitetura continuava viva nele. O mesmo ocorria com seu gosto pela música. A dureza da luta não havia atrofiado sua sensibilidade artística”.

Situação muito crítica; Onde estava a Falha?

Hitler chegou a se perguntar por que haviam chegado a uma situação tão crítica, se ele havia calculado tudo para alcançar a vitória em 1942. O que havia dado errado? E respondia a si mesmo:

“Analisando friamente os acontecimentos e deixando de lado todo sentimentalismo, tenho de admitir que minha firme amizade com a Itália e o Duce poderia ser acrescentada à lista de erros que cometi... A aliança com a Itália trouxe mais vantagens ao inimigo do que a nós... Se não vencêssemos, teria contribuído para nos fazer perder a guerra.

“Seria preferível que ela tivesse permanecido neutra. Sua entrada na guerra, em junho de 1940, complicou tudo para nós... Sem ela, poderíamos ter libertado os países muçulmanos dominados pela França. Isso teria repercutido no Egito e no Oriente Médio, escravizados pelos britânicos.”

“Os italianos tiveram a audácia de, sem nos pedir conselho nem sequer nos avisar, atacar inutilmente a Grécia. Isso nos obrigou a intervir nos Bálcãs, o que resultou no atraso catastrófico da ofensiva contra a Rússia. Poderíamos ter atacado a Rússia já em 15 de maio de 1941 e derrotá-la antes do inverno.

“Meu afeto pelo Duce não mudou, mas lamento não ter ouvido a voz da razão, que me impunha uma amizade brutal em relação à Itália. Errei por muito pouco, exatamente cinco semanas, e as perdi por causa da confiança que havia depositado em meu mais querido e admirado amigo, Mussolini”.[94]

Ou seja, Hitler não agiu como ditador diante de Mussolini. Foi “brando” e coerente; brando como o julgou o piloto mais condecorado da Alemanha, Hans Ulrich Rudel? Fraqueza da veia artística que trazia no subconsciente?

Goebbels também fez um balanço do que poderia ter sido feito e não foi. O Volkssturm (exército de velhos) poderia ter substituído milhares de soldados jovens imobilizados em guarnições, e isso desde 1943. Culpava a si mesmo e aos outros e terminava dizendo: “Não creio que existam fatos sem sentido; tudo está predestinado!”[95]

Inexplicável “Omissão” de Figuras Importantes

No século XXI, circula o dogma de que Hitler assassinou seis milhões de judeus. Como ele se expressava muito mal a respeito deles, grande parte da opinião pública acabou aceitando esse dogma.

Aqueles que não acreditam nisso ou têm dúvidas —o que já é crime na Alemanha e na França, e começa a sê-lo na Espanha e em outros países — argumentam que os tribunais que configuraram o holocausto foram “juiz e parte”, sem a participação de representantes neutros. Argumentam ainda que esses tribunais determinaram o pagamento de indenizações pelos supostos mortos, algo sem precedentes nas guerras. Marketing da morte?

Muitas perguntas ficaram sem resposta:

— Por que Roosevelt nunca falou do holocausto?

---

94 Versão inglesa das notas de Borman. (17-II-45). E. Cassell, Londres, 1961. Citado por J. W. Deakin em “La Brutal Amistad” (pág. 1017, tomo II. Grijalbo, 1965.

95 Depois da guerra, o coronel Skorzeny fez um exame minucioso dos fatos e afirma que, se a Alemanha tivesse se preparado desde 1933 para uma guerra mundial, teria vencido. Em vez de construir casas e cidades operárias, estádios, piscinas e rodovias, teria produzido mais submarinos e tanques, e teria vencido.
Até o fim de 1937 —quando a Alemanha estava sendo cercada—, Hitler propôs o rearmamento e enfrentou a oposição do Estado-Maior, que levou mais de um ano para subjugar.

— Por que Harry Salomón Truman, sucessor de Roosevelt, também não o fez? Ele já tinha em seu poder todos os arquivos alemães.

— Por que Churchill, que tanto odiava a Alemanha, não mencionou os 6 milhões em suas Memorias posteriores à guerra?

— Por que Stalin —que foi capaz de atribuir aos alemães os massacres que ele próprio havia cometido em Katyn— nunca denunciou os 6 milhões?

— Por que o papa Pio XII foi acusado pela comunidade judaica de não ter apoiado a versão de um crime tão grande?

— E o general Marshall, chefe do Estado-Maior americano, cujas tropas chegaram a todos os cantos da Alemanha, por que, em seu relatório detalhado, não faz referência a câmaras de gás nem aos “fornos de Hitler”? (La Victoria en Europa, edição da Secretaria de Guerra dos Estados Unidos.)

O historiador inglês David Irving afirma que os acusadores não conseguiram apresentar nenhuma prova. Acrescenta que “a solução final”, à qual Hitler chegou a fazer referência, consistia em enviar os judeus para Madagascar, cujo território é maior que toda a Alemanha.

De qualquer modo, pode-se dizer que era um projeto cruel, mas não passou de um projeto.

O engenheiro Fred A. Leuchter, especialista norte-americano em câmaras de gás, realizou um estudo físico-químico dos campos de Auschwitz, Birkenau e Majdanck e, em 192 páginas, apresenta dados segundo os quais jamais funcionaram câmaras de gás nesses lugares.

O francês Paul Rassinier —que esteve internado em Auschwitz—, o Dr. Benedikt, judeu, que também esteve ali, o historiador espanhol Joaquín Bochaca, o historiador francês Lombard e outros negam a versão dos milhões.

Que o povo judeu sofreu durante a guerra, ninguém discute. E isso faz lembrar as considerações teológicas do padre Julio Meinvielle, no sentido de que o judeu é um mistério da História, mistério que se resolverá de

forma jubilosa —para judeus e cristãos— no fim dos tempos, quando eles se reconciliarem com a divindade de Cristo Jesus.

Capítulo XV

Cinco neses ainda Lutando contra o Destino (De janeiro a abril) (1945)

Frederico, O Grande, e a Força de Vontade

Antigos amigos da Alemanha, como Finlândia, Hungria, Romênia, Bulgária e Itália, já haviam passado para o lado dos aliados. Em breve, a Turquia faria o mesmo, sob a pressão de Roosevelt, Churchill e Stalin. Por ocasião do ano-novo, Hitler dirigiu uma mensagem à nação:

"Os judeus internacionais estão por trás de tudo isso, e conhecemos muito bem o que pretendem: a deportação de milhões de alemães e o domínio sobre os demais... Senti-me infinitamente próximo de todas as cidades e aldeias que hoje são reduzidas a escombros, mas um dia as cidades alemãs se erguerão de suas montanhas de ruínas para se transformarem em novos centros de esplendor urbano... Nesta hora, quero fazer diante do Todo-Poderoso a solene promessa de que, também no novo ano, cumpriremos fiel e inabalavelmente o nosso dever..."

Precisamente no dia primeiro de janeiro, a Luftwaffe travava uma batalha desesperada. Os pilotos alemães haviam visto civis transformados em tochas humanas entre as ruínas dos bairros residenciais. Os bombardeiros quadrimotores aliados lançavam latas de fósforo líquido para alastrar os incêndios. Mulheres e crianças morriam queimadas ou asfixiadas nos abrigos. Aquilo já não era guerra —diziam os pilotos—, mas pura crueldade. Numa tentativa desesperada de defesa —e à revelia de seu comandante, Goering—, lançaram-se contra os aeródromos aliados, diretamente contra a artilharia antiaérea e os quadrimotores. Conseguiram destruir 500 aviões, ao custo de 200. Ali tombaram experientes pilotos alemães.

No entanto, a aviação aliada logo retomou o bombardeio das áreas residenciais. Em 1944, havia lançado uma média mensal de 54.000

toneladas de bombas. E, nos primeiros cinco meses de 1945, a média mensal foi de 100.000 toneladas.

O papa Pio XII havia exortado os combatentes a não atacarem a população civil. A Cruz Vermelha Internacional apoiou seu apelo e pediu que os aliados considerassem certas cidades como “cidades-hospital”, pois era muito elevado o número de civis feridos. Mas ambas as sugestões foram ignoradas.

Em contrapartida, a cidade de Dresden (desprovida de alvos militares), repleta de civis que fugiam dos soviéticos e chegavam a abarrotar as ruas, foi bombardeada durante 37 horas. Na Suíça, calculou-se que 250.000 civis haviam morrido. O fato provocou críticas até mesmo na Inglaterra, às quais o comandante Mr. Harris respondeu assim: “O tipo de sentimentalismo que o caso de Dresden está causando poderia ser facilmente explicado por qualquer psiquiatra. Está relacionado às bandas de música alemãs e aos pastores de Dresden. Pessoalmente, não me parece que todas as demais cidades alemãs valham os ossos de um granadeiro inglês”.[96]

Quando Hitler recebeu o relatório sobre o que havia acontecido em Dresden, cerrou os punhos, indignado, e Goebbels sugeriu que mandasse fuzilar milhares de prisioneiros aliados. Voltando-se para Von Below — oficial de ligação da Luftwaffe—, Hitler disse: “Não seria uma má ideia... mas fuzilar prisioneiros, não! Seria responder a uma canalhice com outra. Não somos da mesma laia que eles”.

Por sua vez, Goering informou que, perto de Sagan, estavam presos 10.000 oficiais das forças aéreas aliadas e que os soviéticos já se encontravam nas proximidades. Hitler ordenou que fossem evacuados, mas não havia trens suficientes. Assim, 1.500 desses oficiais decidiram seguir a pé, pois não queriam cair nas mãos de seus aliados soviéticos. Haviam visto como eles tratavam a população civil alemã, e alguns pediam fuzis para combater ao lado dos alemães.[97]

---

96 El Tercer Reich. M. Burleigh. 2005.- México, D.F. Dresden era famosa por suas bandas musicais, suas igrejas, seu zoológico e seus museus de pintura.

97 Conversaciones Militares de Hitler.- Pág. 302, 303. Ed. Bruguera, Barcelona, 1967.

Quanto a Dresden, nunca se soube qual foi o objetivo de um bombardeio tão desnecessário e encarniçado. Chegou-se até a dizer que teria sido um ritual secreto.

Seguindo os Passos de Frederico “O Grande”

Desde os 14 anos, ainda estudante, Hitler admirava Frederico II da Prússia, que, na Guerra dos Sete Anos, havia se mantido firme para além de qualquer possibilidade de vitória, até que a vitória chegou milagrosamente. Entre 1756 e 1763, o Império Alemão se encontrava isolado e ameaçado por todos os lados. Era atacado pela Rússia, França, Espanha, Saxônia, Áustria e Polônia. Depois de algumas vitórias iniciais, Frederico II sofreu as derrotas de Kolin, Kunersdorf e Holkirch. Em 1760, perdeu Berlim, mas continuou conclamando suas tropas e resistindo, até que, em 1762, morreu a imperatriz Isabel da Rússia. Os russos concordaram em fazer a paz, e Frederico II triunfou em 1763.

Hitler mantinha sempre em seu quartel-general um quadro com a efígie de Frederico “o Grande”. Além disso, não esquecia o que havia lido de Schopenhauer durante a Primeira Guerra Mundial: que a Vontade é a essência do homem; que os sentidos nos dão uma imagem do mundo ao nosso redor, mas que a Vontade tem o poder de modificar essa imagem.

Quatro meses antes, Hitler havia rejeitado categoricamente o conselho do marechal Von Kluge, que lhe sugerira aceitar a rendição. “Se os fatos são mais fortes que sua Vontade e seu gênio —dizia-lhe—, isso se deve à força do Destino.”

O ano de 1945 começava, para Hitler, como 1762 havia começado para Frederico II. O Terceiro Reich agora se encontrava cercado de inimigos e, além disso, chovia fogo do céu.

Quanto ao chefe dos serviços secretos militares do Leste, Gehlen, que elaborava relatórios sobre as concentrações inimigas, é curioso que o historiador Kershaw afirme, na página 1009, que eles eram exatos e, na página 866, os classifique como “fatalmente equivocados”. (Trata-se do

funcionário que, ao fim da guerra, recebeu um tratamento excelente dos altos comandantes americanos e israelenses).

Desde o início de janeiro, Hitler se instalou no bunker de Berlim, escavado dez metros abaixo do jardim da Chancelaria. Durante o dia, subia para tomar ar fresco e brincava com sua cadela Blondi e com o filhote "Lobo".

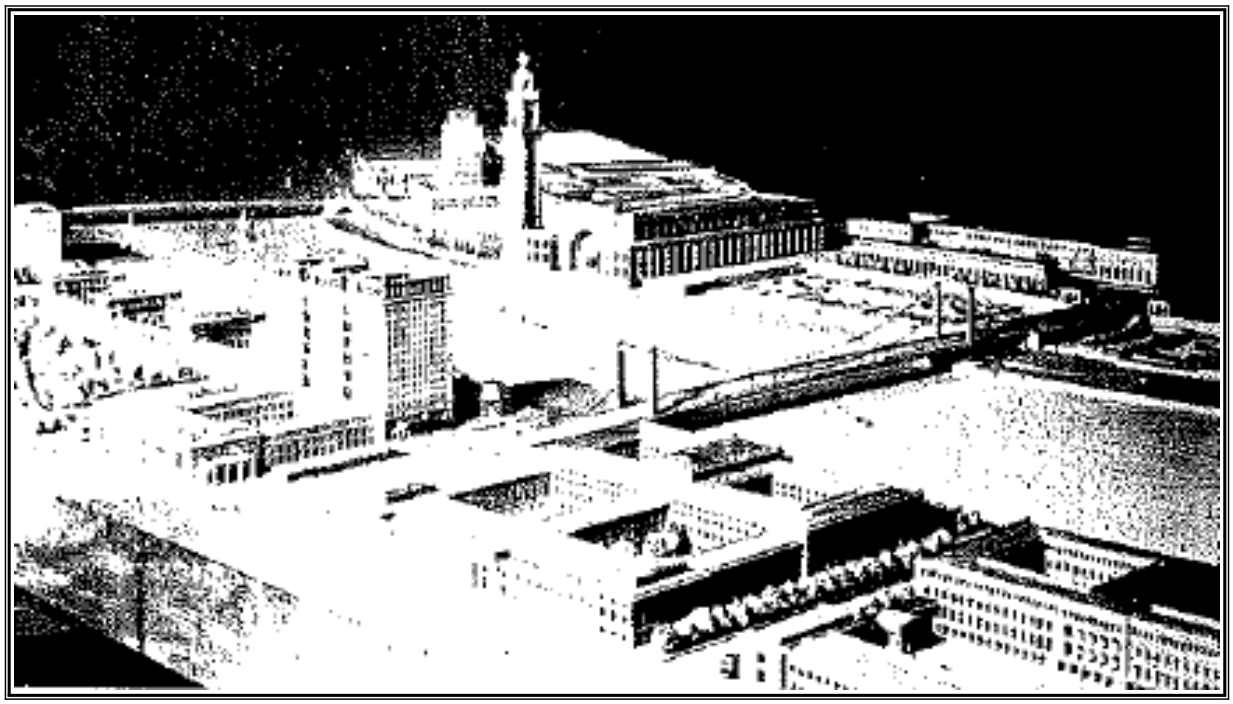
Quando não havia bombardeios, tomava chá com as secretárias em uma ala do magnífico edifício.

À noite, até altas horas da madrugada, examinava os relatórios das diversas frentes. Costumava se deitar às 5 horas da manhã e tomava um sedativo receitado pelo Dr. Morell.

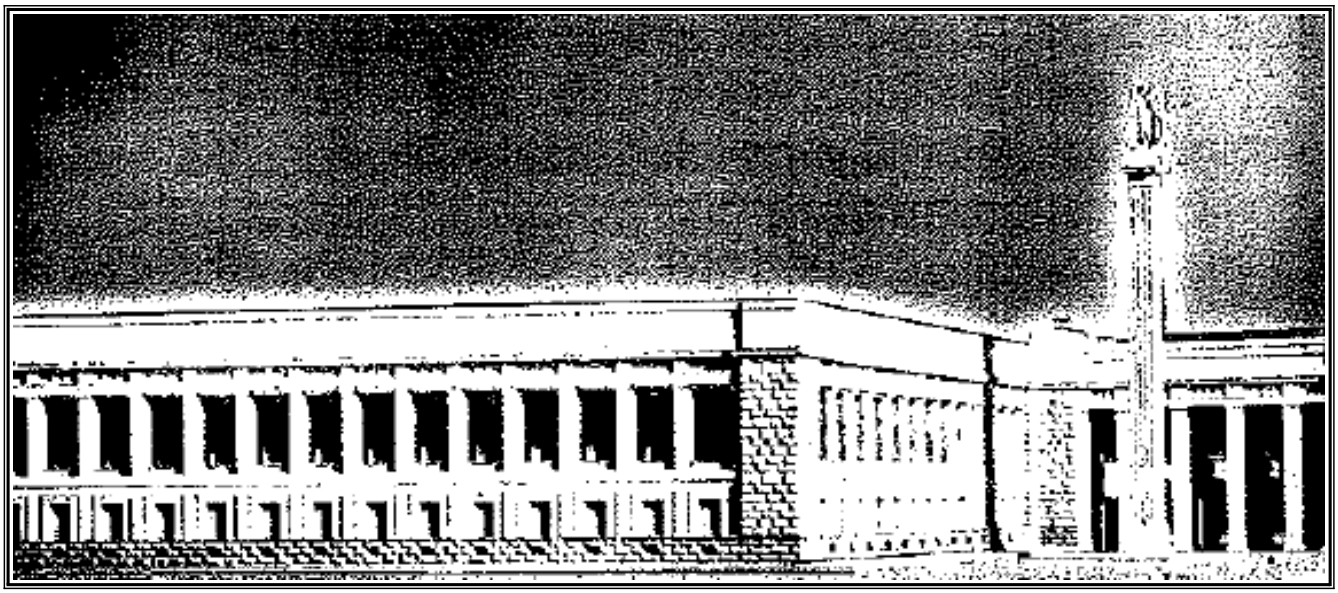
Semanas antes, havia encomendado ao arquiteto Hermann Giesler uma maquete das construções que pretendia realizar na cidade de Linz, onde havia passado parte da infância e da juventude. Depois de pronta, examinava a maquete em todos os seus detalhes, e isso o ajudava a adormecer.

Em 30 de janeiro, doze anos depois de ter sido nomeado chanceler pelo presidente Hindenburg, falou pelo rádio. Pediu "o maior dos sacrifícios diante do espectro do bolchevismo, que acabará sendo rechaçado, apesar da conspiração mundial da Internacional Judaica. Nada além da vitória será aceito... Espero que os camponeses forneçam pão aos soldados... Espero que todas as pessoas, até mesmo as debilitadas e enfermas, trabalhem até a última gota de suas energias... As democracias não serão capazes de se livrar dos espíritos malignos que elas próprias invocaram... A gravidade desta hora crítica será superada pela nossa vontade".

Por ocasião do Dia do Partido, voltou a falar. Referiu-se às "horripilantes" atrocidades que a maré marxista vinha cometendo no leste da Alemanha. "Os representantes obtusos das democracias —disse— acreditam que podem fazer um pacto com o diabo... Fizeram-nos conhecer coisas tão terríveis que já não existe horror maior..."



Linz, onde Hitler havia passado a infância, já estava em ruínas, mas ele examinava a maquete de como reconstruí-la.



Outro projeto para Linz.

Quanto ao Partido Nacional-Socialista, afirmou que ele “criou um povo livre de todo preconceito de classe ou casta e guiado pela convicção de que os valores eternos de um povo se encontram em seus melhores filhos, que, independentemente de nascimento ou ascendência, tal como um Deus bondoso os concedeu a nós, devem ser selecionados, educados e colocados no lugar que lhes cabe…

Em uma proclama ao Exército, afirmou que a URSS havia acumulado armas para se lançar sobre a Europa e que a teria devastado, não fossem as forças armadas alemãs. “Vocês, meus soldados do Leste, estão mais aptos do que ninguém a compreender a dimensão desse perigo... O Senhor do Universo ajuda apenas aqueles que estão decididos a ajudar a si mesmos... O remédio é claro: continuar resistindo e atacando…”

Oito dias depois, Roosevelt, Churchill e Stalin reuniram-se na cidade soviética de Yalta e decidiram como seriam divididas as diversas zonas de ocupação da Alemanha; os chefes do Reich seriam julgados como “criminosos”, e o Partido Nacional-Socialista seria proibido para sempre. Essa ideologia era totalmente abolida.

“Agora já sabemos em que situação nos encontramos”, comentou Goebbels.

Stalin consolida sua “Democracia”

Na época de suas maiores vitórias, o Exército alemão chegou a ocupar mais de um milhão e meio de quilômetros quadrados do território soviético. Depois, à medida que recuava, Hitler soube que Stalin mandava realizar batidas para prender habitantes acusados de ter colaborado com os alemães. O destino deles era trágico.

Hitler ordenou que fossem dadas condições para que esses habitantes recuassem junto com as tropas alemãs. Isso só pôde ser feito com grandes limitações.

O historiador Burleigh faz referência a essa etapa e afirma que o reaparecimento do Exército Vermelho e da NKVD nas áreas recém-“libertadas” tornou-se um pretexto para deportações em massa. Unidades da NKVD estupraram mulheres e assassinaram homens na Crimeia, acusados de colaboracionismo. Grande parte deles foi levada para os gulags... Dezenove mil oficiais da NKVD e da SMERSH caíram sobre Grozny, capital da Chechênia, e varreram as aldeias. Os habitantes que, devido à idade, não podiam trabalhar foram trancados em celeiros e

queimados. Ao fim de duas semanas, Beria informou Stalin de que meio milhão de pessoas haviam sido deportadas para o Cazaquistão... Ao fim de cinco anos, um quarto da população chechena havia morrido.[98]

Quando os soviéticos começaram a entrar em território alemão, os habitantes viveram meses infernais. No bunker de Hitler, foram recebidos, em primeiro de março, relatórios segundo os quais as tropas do Exército Vermelho recebiam vodca e a ordem de "humilhar a mulher alemã".

As forças alemãs lançaram contra-ataques desesperados e conseguiram recuperar algumas localidades. Ali tomaram conhecimento de crueldades assustadoras. Todas as mulheres de 8 a 70 anos haviam sido estupradas de forma massiva e repetida. Muitas meninas morriam torturadas dessa maneira.

Kershaw afirma que, nas primeiras semanas, ocorreram 1,4 milhão de estupros. O Ministério da Saúde, sob a direção do Dr. Conti, autorizou os médicos a praticarem abortos em todas as mulheres violentadas.

Os contingentes soviéticos que penetravam na Alemanha comportavam-se, em grande parte, como mongóis primitivos que bebiam água dos vasos sanitários, pois não os conheciam em seus locais de origem.

Prisioneiros anglo-americanos que fugiam da zona ocupada pelos soviéticos estavam indignados e aterrorizados com o que haviam presenciado. Quem tentasse acudir uma mulher atacada era automaticamente assassinado.

O embaixador húngaro Meczer relatou que as atrocidades "são tão horripilantes que gelam o sangue". Recorreu ao núncio do Vaticano em Berlim em busca de auxílio, mas este disse que nada podia ser feito. E, de fato, o que se podia fazer se Stalin contava com o apoio de Roosevelt e Churchill? E se o Exército alemão já não conseguia deter a maré vermelha? Muitas das mulheres estupradas haviam contraído doenças venéreas.

98 El Tercer Reich. Pág. 789. M. Burleigh.

Onze milhões e meio de alemães da região oriental foram deslocados para o oeste, e 2.280.000 morreram, segundo cálculos de Michael Burleigh.

Enquanto isso, Hitler encarrega o general Steiner de formar um novo 9º Exército. Trata-se de um general decidido e cheio de energia.

Ao mesmo tempo, exorta o comandante Hanke a resistir na cidade sitiada de Breslau. Isso é essencial para deter os soviéticos.

A praça-forte de Königsberg encontra-se na mesma situação. O comandante pretende capitular, e Hitler o destitui. O novo chefe reanima as tropas.

O general Schoerner deteve os soviéticos na Hungria, a sudeste da Alemanha, e vem lhes causando baixas muito pesadas. Em seu setor surgiram alguns desertores, que ele mandou enforcar e nos quais colocou a seguinte placa: “Sou um covarde que se recusou a proteger as mulheres e as crianças alemãs”. Quem combate pode morrer, mas quem não combate morre inevitavelmente. Hitler apresenta Schoerner como exemplo. Schoerner convida jornalistas neutros para que conheçam as atrocidades soviéticas.

Hitler visita a frente do rio Oder, no setor do 9º Exército, e felicita as tropas. Há possibilidades —diz a elas— de rechaçar o inimigo.

Ao voltar ao bunker, encontra o general Guderian (chefe do Estado-Maior Geral) deprimido e o manda descansar. Em seu lugar, nomeia o general Krebs e comenta que parte de seu tempo e de suas forças é consumida tentando animar seus colaboradores, “pondo-lhes barbatanas no espartilho; é uma tarefa de Hércules”.

A propósito, alguns biógrafos relatam que Hitler estava envelhecido, deprimido e com uma aparência péssima, enquanto outros afirmam o contrário. Paradoxalmente, ambas as versões têm muito de verdade. Eram apenas estados físicos que se alternavam, às vezes de uma hora para outra, quando ele sofria os efeitos colaterais dos medicamentos receitados pelo Dr. Morell. Devido à sua dieta de verduras —segundo parecer médico—, Hitler sofria de flatulência (gases no estômago ou nos intestinos). Para

isso, tomava um medicamento à base de estricnina e beladona. Isso provocava icterícia, câimbras e aversão à luz. O Dr. Brandt acusou Morell de negligência.

Outro medicamento usado com frequência até 1945 era um composto de cardiazol e coramina, que costuma provocar acessos de irritabilidade. A combinação do antiflatulento com um hipnótico também afetava o estado físico de Hitler. O Dr. Brandt criticou tudo isso, mas Hitler disse que tinha o direito de escolher seu médico e que ficaria com Morell.

No entanto, os efeitos colaterais dos medicamentos (de diferentes tipos, inerentes a qualquer remédio) costumavam passar rapidamente. A impressão que Hitler causava em um visitante dependia do momento em que o vissem. Contudo, o que permanecia inalterado eram sua Vontade e sua memória. O capitão Musmano afirma: “Hitler mantinha um ritmo de atividades que teria matado um rinoceronte”. O coronel Von Below relata que “uma reunião se seguia à outra, e assim foi até poucas horas antes de sua morte”.

Isso foi confirmado mais tarde pelas investigações do Serviço de Inteligência Britânico, pelo promotor americano Robert M. Jackson e por vários agentes da Broadcasting Corporation.

Em consequência da explosão da bomba que Stauffenberg havia colocado quase aos seus pés oito meses antes, Hitler sofria de distúrbios de equilíbrio, dificuldades em uma das pernas e tremor na mão esquerda. (Mais de cem estilhaços haviam sido retirados de seu corpo).

A Polônia chora sob os Sovietes

Por meio da agência de notícias Reuter, chegam informações dramáticas sobre a situação da Polônia. Por ordem de Stalin, a NKVD convidou 15 importantes líderes poloneses para negociar e, sem mais nem menos, fez com que desaparecessem. O povo polonês lamenta a perda dos

territórios que a URSS acaba de lhe tomar. Dez milhões de poloneses são deportados, e os que resistem são mortos na hora. Além disso, há fome.

Hitler comenta: “Se a Polônia tivesse aceitado minhas propostas benevolentes de 1939, não teria sofrido nem um arranhão”. Tampouco teria ocorrido a declaração de guerra da França e da Grã-Bretanha. Elas teriam de procurar outro pretexto. A Polônia sofre hoje por ter se deixado seduzir, em 1939, para servir como trincheira avançada da URSS.

Algumas Notícias ainda eram Favoráveis

Em 5 de março, alguns caças a jato Me-262 entraram em ação e derrubaram cinco quadrimotores. A proporção de perdas foi de 5 para 1, a favor dos Me-262. Em dois ou três meses, haverá mais de mil desses aviões no ar. A produção em série já está em andamento. Há hangares improvisados entre os bosques, com paredes de barro e telhados rudimentares. O general Kammhuber, chefe da aviação de caça noturna, e o general Peltz, da diurna, trabalham incansavelmente.

O motor desse avião foi inventado cerca de cinco anos antes, mas não foi desenvolvido de imediato devido a falhas de Goering e de seu Estado-Maior.

Ultimamente, o ministro Goebbels vinha insistindo que Goering era frívolo e ineficaz. Hitler falou com ele e o repreendeu porque, havia mais de um ano, nada avançara no projeto do avião 1.000 por 1.000 por 1.000. Tratava-se de obter um Focke Wulf que —voando a mil quilômetros por hora— tivesse alcance de mil quilômetros e transportasse mil quilos de bombas.

Goebbels estranha que Hitler não tenha demitido Goering. Certamente não consegue deixar de lado a lembrança de que Goering participava da luta desde 1920, de que conquistou a Prússia para o nacional-socialismo, de que obteve resultados brilhantes como responsável pelos primeiros quatro anos da produção de guerra e de que criou a Luftwaffe, que foi a

força aérea mais poderosa do mundo em 1939 e 1940. Mas começou a falhar no fim daquele ano de 1940. Hitler afirma que a segunda esposa exerce uma influência negativa sobre Goering. “Ela não fez outra coisa senão estimular sua inclinação à indolência e à sensualidade, em vez de contê-lo. Não era assim com sua primeira esposa, a jovem sueca Karin, que morreu. Como uma mulher pode influenciar!”

Em meio àquela situação terrível, ainda costumavam surgir algumas notícias favoráveis. A Marinha informou que, em fevereiro, os submarinos haviam afundado 41 navios, num total de 200.480 toneladas, que transportavam materiais de guerra para os exércitos anglo-americanos. E, além disso, que acabavam de ser lançados ao mar os três primeiros submarinos totalmente elétricos, indetectáveis, e que sua produção em série estava prestes a começar. Esses novos submarinos seriam capazes de interromper as comunicações navais do inimigo. Doenitz havia defendido essa invenção oito anos antes, mas o Grande Almirante Raeder não a considerara viável.

Em março, os acontecimentos se desenrolavam vertiginosamente, em cascata. A ofensiva aliada iniciada no dia 2 na região de Aquisgrano e Colônia estava sendo contida no dia 10 e, em alguns pontos, os contra-ataques eram bem-sucedidos.

Isso ocorria na frente ocidental, enquanto, na frente oriental, a praça-forte de Breslau se defendia tenazmente. Em Kolberg, os soviéticos sofriam baixas muito pesadas. Em Bielitz e Cosel, 239 de seus tanques foram destruídos. Em Striegau, o general Schoerner (promovido a marechal) mantém cercados mais de cinco mil soviéticos. Em Lauban, a Divisão SS Grossdeutschland destroçou uma coluna inimiga.

Os exércitos americanos sofreram 839.000 baixas entre mortos, feridos e prisioneiros. Os ingleses tiveram, ao todo, 1.043.000, segundo seus próprios relatórios. O ministro da Guerra dos Estados Unidos, Stimson, declarou que ainda não se podia falar em enfraquecimento da resistência alemã.

As tropas canadenses realizaram uma intensa preparação de artilharia e depois partiram para o ataque, mas foram repelidas. O marechal Kesselring, comandante da frente ocidental, conseguiu, de modo geral, manter a frente.

78.000 prisioneiros anglo-americanos são transferidos do Leste para o Oeste. Estão infestados de piolhos, e a maioria sofre de disenteria. Recorre-se à Cruz Vermelha de Genebra para lhes proporcionar condições de vida minimamente humanas. Tampouco eles queriam permanecer na zona prestes a ser ocupada pelos soviéticos.

Em fevereiro e março, houve muitos sinais favoráveis que levaram o general Krebs, novo chefe do Estado-Maior Geral, a pensar que seria possível mudar o rumo da guerra e que nem tudo estava perdido. Em fevereiro, haviam sido destruídos 4.600 tanques soviéticos, o dobro de sua produção. E, em março, outros 5.442 foram destruídos, inclusive muitos que os soviéticos haviam recebido dos Estados Unidos.

Em Breslau, o governador Karl Hanke travava uma batalha extraordinária, na qual causava pesadas baixas aos soviéticos. Foi condecorado com a mais alta honraria do Partido.

Era possível —segundo Krebs— que Stalin estivesse esgotando suas últimas reservas. Suas investidas eram repelidas em diversos pontos estratégicos: em Königsberg, em Breslau e nas fronteiras da Hungria e da Tchecoslováquia.

Hitler também estava otimista. Em Berlim, poderia ocorrer uma mudança decisiva. Sua secretária, Christa Schroeder, disse-lhe timidamente que não conseguia compreender como isso poderia acontecer, já que, no oeste, atacavam os americanos e os ingleses e, do outro lado, os soviéticos. Hitler respondeu que era uma questão de tempo. “Tempo, precisamos ganhar tempo!”

O número de Me-262 e de submarinos do tipo XXI aumentaria. Estes eram totalmente elétricos e capazes de navegar mais de 10.000 quilômetros sem emergir. Outras armas também seriam concluídas.

Vários jornais estrangeiros, como o “Catholic Herald”, publicavam que o nacional-socialismo era preferível ao comunismo. Até o bispo Galen, antes tão hostil ao regime, agora falava de outra maneira. Goebbels disse a Hitler que, por trás de tudo aquilo, devia estar a mão do Vaticano.

Churchill visita Cidades em Ruínas

A imprensa britânica informa que Churchill visitou as ruínas da pequena cidade alemã de Jülich e contemplou com expressão satisfeita o campo de escombros. Depois, foi a Aachen, na fronteira alemã próxima à Bélgica. Diz-se que ali demonstrava uma alegria sarcástica. Talvez porque tivesse constatado o bom trabalho de seus bombardeiros quadrimotores, pois nada restara dos bairros residenciais.

Hitler comentou: “A imagem viva de Nero”.

Por outro lado, sob pressão de Roosevelt, em fevereiro e março, Peru, Venezuela e Argentina declararam guerra à Alemanha. Na realidade, Roosevelt já obtinha matérias-primas de todo o continente americano e não precisava dessas declarações de guerra.

No início de abril, a situação se deteriorou em todas as frentes.

Eisenhower anuncia que, em Limburg (mais de cem quilômetros dentro da Alemanha), suas tropas foram recebidas com júbilo e flores por parte da população alemã. Hitler tem um acesso de indignação e grita que não vale a pena derramar uma única lágrima por esses alemães. A senhora Traudl Junge —que não era uma das secretárias devotadas a Hitler— fica impressionada e atribui um sentido geral à frase, que mais tarde serviria para a produção de livros e filmes sobre a monstruosidade do Führer.

As outras secretárias de Hitler, Gerda Christian e Christa Schroeder, não compartilharam a percepção da senhora Junge. Por sua vez, Goebbels diz a Hitler que não acredita em Eisenhower; que pode ser propaganda. Mais tarde, fica-se sabendo que os prefeitos Oppenhoff (de Mogúncia) e

Vogelsang (de Rheydt) se ofereceram para servir a Eisenhower, mas um ou alguns dos moradores os executaram.

As guarnições de Königsberg e Breslau resistem, mas não conseguiram impedir que dois exércitos soviéticos avancem profundamente em direção a Berlim.

Em 6 de abril, o Estado-Maior Geral apresenta a Hitler uma estimativa dos contingentes soviéticos que ameaçam a capital, e ele responde: “Estou sempre ouvindo números, mas nada ouço sobre a força interior. A fé move montanhas... Os soviéticos agora também estão nas últimas... Agora se trata apenas de ver quem, nesta luta final, consegue resistir por mais alguns minutos”.

Hitler levava em conta que os soviéticos estavam muito distantes de suas bases e que isso inevitavelmente teria de enfraquecê-los.

No dia 12, morreu o presidente Roosevelt. Hitler teve um lampejo de esperança. Não seria aquele um ponto de virada, como havia sido para Frederico, o Grande, a morte da imperatriz russa?... Os políticos americanos chamados de “isolacionistas” (adversários de Roosevelt) poderiam assumir o poder e iniciar negociações de paz. “Homens de pouca fé; teremos um inimigo a menos!”

Essa esperança ilusória logo se dissiparia.

Harry Salomón Truman seguia a mesma linha de Roosevelt.

De qualquer modo, Hitler dirigiu outra proclama ao Exército: “Pela última vez, o judeu bolchevique lançou uma ofensiva com suas massas... Vocês, soldados do Leste, conhecem perfeitamente o destino que ameaça os alemães, especialmente as mulheres, moças ou meninas... O bolchevique ainda está em tempo de experimentar o destino que tiveram os invasores da antiga Ásia... Todo aquele que der uma ordem de retirada sem ser conhecido por vocês deverá ser preso e, se necessário, morto no ato, sem levar em conta a patente que ostente... Berlim continua pertencendo aos alemães; Viena voltará a sê-lo mais uma vez, e a Europa nunca será soviética”.

“Nesta hora, toda a nação olha para vocês, meus soldados do Leste, confiante de que, com sua resistência, suas armas e seus comandantes, afogarão o assalto bolchevique em um mar de sangue”. (18-IV-45).

Cinco dias depois, Hitler enviou uma mensagem de encorajamento a Mussolini: “O espírito de tenaz resistência e de desprezo pela morte do povo alemão e de todos aqueles que possuem o mesmo espírito deterá esta investida, por mais difícil que possa ser a luta... Envio-lhe minhas cordiais saudações”.

Sem avisar, Eva Braun chega à Chancelaria

Em uma anotação sem data, Eva Braun transcreve uma carta de Hitler: “Meu amor: você quer uma resposta para cada uma de suas cartas, que chegam às minhas mãos quase todos os dias. Não seja tão impaciente nem tente me ameaçar; você diz que não me escreverá mais. Não penso apenas em você, mas em todo um povo, em todo um continente, talvez no mundo inteiro”.

De surpresa, Eva chegou ao bunker no dia 16, vinda de Munique. Foi uma surpresa visivelmente agradável para Hitler —segundo relataram o piloto Baur e outros—, mas ele logo lhe disse que Berlim estava sendo cercada e que ela deveria voltar para Munique. Eva respondeu que não; que ficaria ali até o fim, e o abraçou. Foi inútil ele insistir.

Eva queria que Hitler tivesse alguns momentos de descanso, pois ele continuava participando de reuniões pela manhã e à tarde e, às vezes, permanecia acordado até a madrugada, fosse traçando planos sobre um mapa com o general Krebs, fosse por causa da insônia.

Eva Braun considerou que a guerra estava perdida e voou de Munique a Berlim para acompanhar Hitler.

No dia 20, houve uma reunião, organizada por Eva, para comemorar o 56º aniversário de Hitler. Vários funcionários se reuniram à tarde para tomar chá. À noite, Eva, as secretárias Gerda Christian e Trudl Junge e a nutricionista Constanze Marzialy jantaram com Hitler.

Fora desses momentos, Hitler analisava a situação com o general Weidling, comandante da cidade de Berlim, em cujo 56º Corpo de Exército serviam soldados franceses, espanhóis, belgas, holandeses e de outras nacionalidades europeias, membros das Waffen-SS. Era um espetáculo insólito de solidariedade diante da maré bolchevique.

Ao lado do general Krebs, chefe do Estado-Maior Geral, Hitler ordenava que o general Steiner atacasse "por aqui", que o general Busse o fizesse "por ali", com o 9º Exército, e apontava diversos lugares no mapa. Mas Steiner já não tinha tanques, enquanto os soviéticos os tinham de sobra.

No dia 22 (de abril), Hitler pediu às suas secretárias e à cozinheira que acompanhassem Eva para que ela deixasse Berlim rumo a Munique. Eva repetiu, resolutamente, que não iria embora.

As secretárias e Eva improvisaram um baile usando um fonógrafo e a única música disponível, "As Rosas Vermelhas Trazem Felicidade". Até o corpulento Dr. Morell dançou; em breve, ele deixaria o bunker. Deixou para Hitler um sortimento de medicamentos, para que os tomasse conforme já sabia.

No dia seguinte, muitos de seus acompanhantes insistiram para que Hitler deixasse Berlim. "Sempre dei ordens às minhas tropas para que não recuassem; agora só me resta dar o exemplo... Lutarei enquanto tiver um único soldado. Quando o último soldado me abandonar, eu mesmo atirarei."

O marechal Keitel e outros altos comandantes já haviam deixado Berlim por ordem de Hitler. Ao se despedir de Von Ribbentrop, disse-lhe: "Meu espírito se levantará do túmulo e ficará provado que eu tinha razão".

No dia 22, Eva escreveu à amiga Herta Ostermayr: "Não consigo descrever o que estou sofrendo por causa do Führer". No dia seguinte,

mandou um recado à irmã Gretl, pedindo-lhe que envolvesse em plástico todas as cartas que Hitler lhe havia escrito e as enterrasse em um jardim.

Eva desabafava quando conversava com Guensche ou com o piloto Baur, chamando de “porcos” aqueles que já havia muito tempo traíam Hitler; mas, na presença dele, mostrava-se alegre e jovial.

Quatro dias depois, o general Ritter von Greim e a famosa aviadora Anna Reitsch desafiaram o fogo antiaéreo e chegaram ao bunker para terminar seus dias ao lado de Hitler. Inconcebível!... Hitler os convenceu a partir de volta. Argumentou que deveriam impedir Goering de consumar a rendição e, ao mesmo tempo, reunir aviões para apoiar o 12º Exército do general Wenck.

Pensava que, se aquele exército, que combatia os americanos, rompesse o contato com eles e se lançasse contra os soviéticos, seria um golpe de surpresa capaz de desequilibrá-los.

Nesse momento, chegou a notícia de que Mussolini havia sido assassinado junto com sua amiga Clara, quando tentavam ir para a Suíça. Ambos, pendurados pelos pés, eram ultrajados em uma rua de Milão.

“O 12º Exército já não existe”

Também chegou um comunicado do marechal Keitel: o chamado 12º Exército não passava dos restos de um exército; havia se empenhado em uma luta descomunal e já não existia. O plano do “golpe de surpresa” era impossível.

Quando Hitler soube disso, reconheceu pela primeira vez que toda a luta havia chegado ao fim. Deve ter sido um momento de profunda consternação. Sempre considerara impossível que a Alemanha fosse derrotada outra vez. Agora, em um instante, ficava claro para ele que esse impossível já era realidade.

Numerosos biógrafos afirmam que aquele momento foi devastador “porque Hitler estava doente de poder”. Em certo sentido, sim. Ele sempre

havia buscado o poder, embora um tipo de poder transcendente, isto é, destinado a proporcionar melhores condições de vida ao seu povo, promover a cultura, exaltar a arte e aproximar as diferentes classes sociais, para que não existisse um abismo tão grande entre ricos e pobres. Esse tipo de poder, transcendente, não era o do político que acumula dinheiro em contas bancárias, adquire casas e propriedades rurais, busca o poder pelo poder em si e o utiliza apenas em benefício próprio, enquanto seu povo continua vagando de crise em crise.[99]

Na juventude, Hitler havia conhecido uma Alemanha poderosa; depois, viu-a derrotada e mergulhada na dissolução do comunismo; propôs-se a reerguê-la (ele, que não era ninguém) e conseguiu fazê-lo por meio de vitórias vertiginosas. E, já no auge, tudo desmoronava diante dele até o mais negro dos abismos. O pior da história da Alemanha.

A alma de Hitler deve ter sido um vendaval de experiências atrozes.

Uma depressão devastadora que extinguia a energia vital. Todo corpo possui defesas para superar a doença física e também para preservar a vida, mas, quando elas se esgotam, o “Eu” busca a morte.

A tanatologia assinala que o doente terminal chega a um ponto em que se rende e, logo em seguida, a morte sobrevém. O mesmo acontece com o ser humano que tira a própria vida ao se ver aprisionado em uma psicose situacional.

O impulso de preservar a vida é o mais forte dos sentidos; quando fica paralisado, a própria existência perde seu sustentáculo, pois isso também afeta as percepções do intelecto e da consciência. É uma situação fora da normalidade.

Nesse caso, já não se trata de coragem ou covardia. É um estado psicológico completamente diferente de ambas as emoções. Segundo a psicopatologia, “sofre-se o tormento espiritual mais cruel já experimentado pelo ser humano. Percebe-se, vive-se, o próprio funeral”.

Os movimentos de uma pessoa nessa situação passam a ocorrer como em câmera lenta, e o rosto perde a expressividade.

99 Todos admitem que Hitler não roubou nem fez fortuna.

Ao chegar a esse limite, somente pela força de vontade Hitler conseguiu tomar duas decisões. Uma delas, casar-se com Eva. A outra, ditar seus testamentos.

Por que não havia se casado nos 12 anos anteriores?

Ele explicou isso em seu testamento. E já havia dado essa resposta ao seu piloto Bauer, que, ao vê-lo brincar com os filhos de Goebbels, perguntou-lhe por que não havia constituído uma família. Hitler respondeu que isso teria exigido tempo, muito tempo, para educar os filhos e dar a devida atenção à esposa.

O casamento ocorreu às 2 horas da madrugada de 29 de abril. Eva vestiu um traje preto de seda, que Hitler havia elogiado algum tempo antes.

Magda Goebbels conseguiu algumas flores no jardim para Eva, que gostava de começar a ser chamada de “Senhora Hitler”. O jantar de casamento consistiu em chucrute, salsichas ou sanduíches e uma garrafa de champanhe. Todos permaneceram pensativos à mesa. Hitler elogiou o ensopado de legumes preparado pela nutricionista Morlene.

É compreensível que Hitler se casasse com Eva. Também é compreensível que, perdida a guerra, buscasse a morte.

Mas Eva, aos 33 anos, bonita e completamente saudável, era um caso muito diferente.

No dia seguinte, todos se levantaram tarde. Os soviéticos atacavam a 400 metros da Chancelaria. As tropas do general Weidling os repeliam repetidas vezes, mas isso não poderia continuar por muito mais tempo.

Hitler, de braço dado com Eva, quis se despedir de todos os companheiros do bunker. Foi apertando a mão de cada um. Eva, com um vestido azul e enfeites brancos, disse à secretária Junge. “Se você chegar a Munique, leve meu amor à Baviera.”

Todos ficaram surpresos ao ver Eva, tão serena, entrar com Hitler no quarto de onde já não sairia com vida.

Depois de ouvir um disparo, Guensche entrou no quarto. Hitler estava morto, sentado em um sofá, e Eva havia tomado a cápsula mortal e jazia com a cabeça apoiada no ombro esquerdo dele.

Mistérios insondáveis do amor feminino!

Ilse Braun, irmã de Eva, declarou posteriormente: “Tenho certeza de que ambos rezaram juntos antes de dar o passo rumo ao Além”.[100]

O historiador Werner Maser diz que Hitler acreditava em Deus e dizia: “Devemos procurar compreender a Providência divina sem nos rebelarmos contra suas leis... Ela criou o mundo para dirigi-lo e governá-lo segundo seus próprios desígnios. Se alguma vez me assaltaram dúvidas sobre a tarefa que a Providência me confiou, elas já se dissiparam por completo.”[101]

O Testamento Pessoal

Horas antes de morrer, Hitler ditou o seguinte testamento pessoal: “Embora, durante os anos de luta, eu acreditasse que não deveria assumir a responsabilidade do casamento, agora, diante do fim da minha vida, decidi tomar por companheira de vida a mulher que, depois de muitos anos de verdadeira amizade, veio por vontade própria para esta cidade, já em grande parte sitiada, a fim de compartilhar meu destino. Ela irá comigo para a morte, por vontade própria e como minha esposa. Isso nos compensará pelo que ambos perdemos em razão do meu trabalho a serviço do meu povo.

“Meus bens, pelo que valem, pertencem ao Partido e, se ele já não existir, ao Estado. Se o Estado também for destruído, não há necessidade de novas instruções de minha parte. As pinturas das coleções que adquiri ao longo dos anos jamais foram reunidas para fins particulares, mas unicamente para a criação de uma galeria de pinturas em minha cidade natal.

---

100 Declarações de Ilse Braun, 24 de maio de 1971.
101 “Hitler”. W. Maser. Ed. Acervo, Barcelona, 1974.

“Designo como meu testamenteiro meu fidelíssimo camarada de Partido Martin Bormann... Fica autorizado a entregar a meus familiares tudo o que tenha valor como lembrança pessoal, especialmente à mãe de minha esposa e a meus fiéis companheiros de trabalho. Entre eles, as principais são minhas ex-secretárias.

Minha esposa e eu optamos por morrer para escapar à vergonha da deposição e da rendição. É nossa vontade que nossos cadáveres sejam incinerados imediatamente no local onde realizei a maior parte do meu trabalho diário durante os doze anos em que estive a serviço do meu povo.” A. Hitler.

Do Testamento sobre Política

“Já se passaram mais de 30 anos desde que dei minha modesta contribuição como voluntário durante a Guerra Mundial, que foi imposta ao Reich. Nessas três décadas, somente o amor e a lealdade ao meu povo me guiaram em todos os meus pensamentos, atos e em minha vida. Eles me deram forças para tomar as decisões mais difíceis que um mortal já teve de enfrentar.

“Além disso, jamais desejei que, depois da primeira e terrível Guerra Mundial, houvesse uma segunda guerra contra a Inglaterra ou os Estados Unidos.

“Os séculos passarão, mas das ruínas de nossas cidades e monumentos renascerá o ódio contra os responsáveis. Aqueles a quem devemos agradecer por tudo isso são: a judiaria internacional e seus auxiliares.

“Três dias antes do início da guerra germano-polonesa, propus ao embaixador britânico em Berlim uma solução para o problema germano-polonês, semelhante à adotada no caso do Sarre, sob supervisão internacional. Essa proposta também não poderá ser negada. Foi rejeitada unicamente porque o grupo político que governava a Inglaterra desejava a

guerra, em parte por razões comerciais e em parte porque estava sob a influência da propaganda promovida pela judiaria internacional.

"Também deixei muito claro que, se os povos da Europa voltassem a ser considerados meros peões no jogo da conspiração internacional do dinheiro e das finanças, então os judeus, raça que é a verdadeira culpada por esta luta sangrenta, assumiriam a responsabilidade por isso.

"Depois de seis anos de guerra, que, apesar de todos os reveses, um dia entrará para a história como a gloriosa e heroica manifestação da luta pela existência de uma nação, não posso abandonar a cidade que é a capital deste Estado. Como nossas forças são pequenas demais para resistir ao ataque inimigo contra este lugar e como nossa resistência será gradualmente consumida por homens que não passam de autômatos cegos, desejo compartilhar meu destino com o de milhões de outros.

"Por conseguinte, decidi permanecer em Berlim e escolher voluntariamente a morte no momento em que considerar que a posição do Caudilho e da Chancelaria já não poderá ser mantida.

"Morro de coração contente, ciente dos feitos e façanhas incomensuráveis de nossos soldados no fronte, de nossas mulheres na Pátria, das façanhas de nossos camponeses e trabalhadores e da contribuição, única na história, da juventude que leva meu nome. A todos eles expresso meus agradecimentos, que brotam do fundo do meu coração, uma gratidão tão inequívoca quanto meu desejo de que não abandonem a luta por motivo algum, mas que a prossigam onde quer que haja inimigos da Pátria, fiéis aos princípios da grande causa na qual, a partir do sacrifício de nossos soldados e de minha camaradagem com eles até a própria morte, foi semeada a semente que um dia dará frutos na História da Alemanha, para o glorioso renascimento do movimento nacional-socialista e, com ele, para o estabelecimento de uma nação verdadeiramente unida.

"Muitos homens e mulheres valentes decidiram unir suas vidas à minha até o fim. Pedi-lhes e, por fim, ordenei-lhes que não fizessem isso, mas continuassem participando da luta da nação. Peço aos comandantes do Exército, da Marinha e da Força Aérea que reforcem, por todos os meios

possíveis, o espírito de resistência de nossos soldados e sua fé nacional-socialista, dando especial atenção ao fato de que eu mesmo, como fundador e criador deste movimento, prefiro a morte à resignação covarde e à rendição. Espero que, no futuro, seja uma questão de honra para os oficiais alemães, como já é para nossa Marinha, que a rendição de um distrito ou de uma cidade jamais se concretize e que, acima de tudo, os comandantes deem um exemplo luminoso de fiel devoção ao dever até a morte.

"Embora alguns desses homens, como Martin Borman, o Dr. Goebbels etc., assim como suas esposas, tenham vindo até mim por vontade própria e não desejem abandonar a capital do Reich em circunstância alguma, preferindo morrer aqui comigo, devo pedir-lhes, no entanto, que compreendam meu pedido e que, neste caso, coloquem os interesses da nação acima de seus próprios sentimentos.

"Permanecerão tão próximos de mim depois de minha morte, por meio de seu trabalho e de sua lealdade como camaradas, quanto espero que meu espírito permaneça neles e os acompanhe sempre. Que sejam severos, mas jamais injustos. Que o medo jamais venha a influenciar seus atos e que coloquem a honra da nação acima de tudo o que existe na Terra. Enfim, que compreendam que nossa tarefa, o estabelecimento de um Estado nacional-socialista, representa um trabalho de séculos e obriga cada indivíduo a servir sempre ao interesse comum antes de buscar o benefício próprio."

Em seguida, nomeou como seu sucessor o almirante Karl Doenitz e pediu ao povo que permanecesse leal ao novo governo e que "se opusesse implacavelmente aos envenenadores de todas as nações: a judiaria internacional". (29 de abril de 1945 — A. Hitler).

Despedida às Forças Armadas

Em um terceiro documento, Hitler dirige-se às forças armadas. Elogia a bravura da Marinha e da Luftwaffe. Quanto ao Exército, faz uma

distinção: de um lado, a tropa, “que lutou heroicamente; do outro, os generais, que desperdiçaram a magnífica arma que tinham em mãos... O povo e as forças armadas deram tudo de si nesta longa e dura luta. O sacrifício foi imenso. Mas houve muitas pessoas que abusaram da minha confiança. A deslealdade e a traição minaram a resistência ao longo da guerra. O Estado-Maior Geral não pode ser comparado ao Estado-Maior da Primeira Guerra Mundial. Seu trabalho ficou muito aquém do desempenho dos homens que lutavam nas frentes de batalha. Os esforços e sacrifícios do povo alemão são tão grandes que não posso acreditar que tenham sido inúteis.”

Hitler conheceu dezenas de militares e civis que foram desleais porque perderam a fé e acreditaram que —sem Hitler— os Aliados negociariam com a Alemanha. No entanto, não chegou a saber que (ainda antes da guerra) houve conspiradores que procuraram impedir a vitória alemã. É o que revela sua frase de que “muitas pessoas abusaram da minha confiança”, presente na mensagem anterior à Wehrmacht.

A existência desses conspiradores só veio a ser conhecida depois do fim da guerra. Até mesmo Canaris e outros pareciam ser simples “derrotistas” e conspiradores de última hora.

Capítulo XVI

Desnazificação (1945–2006)

Cadáveres Nazistas não recebem Sepultura

Cento e sessenta litros de gasolina, queimando a céu aberto, não foram nem de longe suficientes para reduzir a cinzas os cadáveres de Hitler e Eva. Os soviéticos conseguiram identificá-los e, não satisfeitos, localizaram o dentista do Führer, obtiveram as radiografias e as compararam com as próteses dentárias do cadáver.

Apesar disso, o piloto de Hitler (Baur) foi submetido a repetidos interrogatórios: “Para onde levou Hitler?”...

Algo semelhante ocorreu com os tripulantes do submarino U-997, que chegou a Buenos Aires três meses e 18 dias após o fim da guerra. Junto com sua tripulação, o capitão Heinz foi levado aos Estados Unidos, onde, durante vários dias, todos foram assediados com a mesma pergunta: “Vocês tiraram Hitler de lá! Para onde o levaram?”

Nenhum historiador põe em dúvida que os soviéticos levaram os restos mortais de Hitler e Eva e que seu destino final é desconhecido. Circularam rumores de que Stalin mantinha o crânio de Hitler sobre sua escrivaninha e o usava como cinzeiro. Não há provas, embora se considere perfeitamente possível que isso tenha acontecido.

“Por outro lado, se no início de janeiro Magda Goebbels teve momentos em que não sabia para onde ir nem o que fazer, em meados de março suas dúvidas haviam desaparecido. A essa altura, já se conhecia a tragédia de meninas e mulheres adultas (de sete a setenta anos) que viviam na região que vinha sendo ocupada pelo Exército Vermelho, cujo comando ordenou às tropas —em grande número, mongóis asiáticos— que tomassem as mulheres alemãs como espólio.

Magda decidiu morrer, junto com o marido e os seis filhos, no bunker de Hitler. Helga, de 12 anos; Hilda, de 11; Helmut, de 9; Holde, de 7;

Helda, de 5; e Heide, de 2. O dr. Stumpfegger aplicou-lhes uma injeção de morfina para que dormissem tranquilamente e, depois, lhes rompeu a cápsula mortal, apertando-lhes as bochechas.

Magda escreveu a seu filho mais velho, o piloto Harald, preso na Inglaterra, dizendo que já não via futuro. “Por isso, meus filhos também estão aqui. Eles não merecem a vida que virá depois de nós, e um Deus misericordioso me compreenderá se eu mesma lhes der a liberdade.”

Em seu testamento, o ministro Goebbels escreveu: “Um dia, as mentiras cairão por seu próprio peso, e a verdade triunfará sobre elas. Chegará a hora em que nós estaremos, acima de tudo, limpos e sem mácula, como sempre foram nossa fé e nosso empenho.”

Depois de mortas as crianças, o casal Goebbels saiu para o jardim; ele deu um tiro em si mesmo, e ela tomou a cápsula de cianureto. Seu ajudante, o capitão Schwaegermann, não teve coragem de lhes dar o tiro de misericórdia e ordenou a um de seus soldados que o fizesse.

A família Goebbels também não tem túmulo.

Se o cadáver for nazista, deve desaparecer sem deixar vestígios.

Em 1º de maio, o almirante Doenitz —nomeado chanceler por Hitler — anunciou a morte do Führer, precedida pelos acordes da Quinta Sinfonia de Beethoven. (“Assim o Destino bate à porta”). “Nosso Führer, Adolfo Hitler, tombou. O povo alemão se curva com a mais profunda dor e respeito... Sua vida foi um serviço contínuo à Alemanha. Sua dedicação à luta contra a grande maré bolchevique também atendia aos interesses da Europa e de todo o mundo civilizado…”

Doze membros do gabinete de Hitler foram condenados à forca. Dois conseguiram se suicidar antes. Os Aliados tampouco revelaram o paradeiro de seus restos mortais.

A regra era que, se fossem dirigentes nazistas, não lhes seria concedida sepultura.

A imprensa informou que, assim, seria mais fácil evitar que se tornassem objeto de homenagens ou recordações.

O que significa a Rendição Incondicional?

Até então, sempre acontecera de um país derrotado perder alguma parte de seu território e ser obrigado a pagar determinadas indenizações econômicas, mas nunca era totalmente privado de sua existência como Estado. Conservava um governo, seus próprios tribunais e sua história.

O México foi o país que, em uma guerra, sofreu a maior perda territorial (mais da metade), mas o território restante continuou constituindo um Estado. Nada semelhante ocorreu na Alemanha.

Assim como não restava pedra sobre pedra em dezenas de milhares de edifícios, também foi eliminado todo e qualquer vestígio da autoridade alemã.

Para começar, a "desnazificação" consistiu em os tribunais ingleses, americanos e franceses enforcarem ou fuzilarem 316 funcionários civis ou comandantes militares.

Os soviéticos foram mais "justiceiros" e, em julgamentos sumários, executaram 185.000 pessoas.[102]

Outros 3.665 funcionários ou comandantes foram condenados a penas de prisão que variavam entre 10 e 20 anos ou prisão perpétua.

Segundo o general americano Lucius Clay, foram abertos processos contra treze milhões de alemães, depois que responderam a 132 perguntas, e diversas penas lhes foram impostas, de acordo com "seu grau de nazismo".

Em uma segunda etapa da desnazificação, uma faixa territorial do leste (incluindo a Prússia) foi dividida entre a Polônia e a URSS. Os 11,5 milhões de habitantes alemães dessa região foram obrigados a evacuá-la, abandonando terras e casas. Durante sua trágica jornada, morreram 2.280.000.[103]

Dos 4 milhões de alemães feitos prisioneiros (durante a guerra e depois de seu término), 2,8 milhões morreram ao longo de três anos.

102 La Guerra Desconocida. Otto Skorzeny. Págs. 513-514). Ediciones Madrid. 1976.
103 El Tercer Reich. Michael Burleigh. (Pág. 839). Taurus, 2005.

Quase um milhão deles morreu nos 32 campos cercados por arame farpado de Eisenhower, onde nem a Cruz Vermelha pôde socorrê-los, porque “Ike” disse que não mereciam ser tratados como prisioneiros, mas como “inimigos desarmados”.[104]

Outra onda de desnazificação atingiu milhões de crianças e jovens, do ensino fundamental ao ensino médio e à universidade. Todos tinham de aprender que haviam nascido ou crescido sob um Governo infame e que ninguém deveria se considerar filho ou neto de um herói.

Desnazificação em Âmbito Internacional

Desnazificar os alemães, interior ou exteriormente, era bastante fácil, pois os que resistiam ficavam sujeitos a diversos tipos de represálias severas.

Fazer com que o mundo fechasse suas portas e as de suas instituições de ensino (inclusive as universidades) à análise do nacional-socialismo exigiu mais tempo e o uso intensivo de todos os meios de comunicação de massa.

O que significa desnazificar?... Leva-se em conta que o termo “nazi” é uma forma abreviada composta por dois conceitos:

1.- O sentido nacionalista.

2.- O sentido original do termo “socialismo”, isto é, o progresso e o bem-estar da sociedade.

Essa ideologia foi oficialmente proibida pelos Aliados em 31 de maio de 1945.

Hitler havia dito que o nacional-socialismo —tal como ele o pôs em movimento— não era exportável, pois, ao chegar a outro país, adotaria automaticamente outro nacionalismo, e não o alemão. Quanto ao

104 “Eisenhower's Death Camps. The Last Dirty Secret of World War Two.” James Bacque. Dados e fotos do Arquivo do Exército Americano. “Saturday Night”, set. 1989. Toronto, Canadá.

socialismo, em cada país a sociedade tem suas próprias particularidades e deve criar seu próprio desenvolvimento.

Ora, ao triunfarem, as potências aliadas criaram a Organização das Nações Unidas (ONU), que começou a trabalhar para que, em todo o mundo, fosse adotado certo tipo de democracia, à qual, gradualmente, passou-se a atribuir o caráter de religião política, com seus respectivos dogmas.

O propósito desta Democracia é conduzir os povos à sua Globalização. Isso inclui dois postulados:

1.- O nacionalismo é um obstáculo à Globalização.

2.- O socialismo também é um obstáculo, em sua acepção real de elevar o nível material e moral da sociedade. (O "socialismo" marxista, braço esquerdo da própria Globalização, não é um obstáculo para ela).

O que o Globalismo impõe no lugar dos dois anseios humanos que Hitler fundiu no Nacional-Socialismo?

— Que a economia de cada nação seja administrada pelas finanças internacionais.

— Que os mercados nacionais sejam administrados pelos Tratados de Livre Comércio.

— Que os mercados consumidores sejam entregues aos produtores estadunidenses ou aos da ditadura chinesa.

— Que os preços das matérias-primas de cada país sejam fixados pelo centro globalizador.

— Que o Livre Comércio seja administrado pela Organização Mundial do Comércio.

— Que a "disciplina fiscal" não utilize as reservas cambiais para fins nacionais, mas como garantia dos interesses globalistas.

— Que o mercado de ações de cada país seja controlado pela cúpula globalizadora.

— Que, por meio do dogma da produtividade, salários e benefícios trabalhistas sejam mantidos sob restrição.

— Que o Terceiro Mundo entregue seus bens nacionais ao Governo Mundial, como minas, bancos, aeroportos, companhias aéreas, ferrovias, petróleo, usinas elétricas etc.

— Que a crescente pobreza da maioria e o aumento da riqueza de uma minoria sejam aceitos como o jogo natural da Ciência Econômica.

— Que a Igreja também aceite sua globalização por meio de um ecumenismo às avessas.

— Que o Estado e o princípio de autoridade sejam “enxugados”.

— Que a moral se dissolva no lamaçal do relativismo e das “diversas opções”.

— Que a “verdade oficial” seja acatada como verdade única e indiscutível. Se alguém se inclinar por alguma variante, incorrerá em “delito de opinião”. Isso já vigora na Europa, e há organismos encarregados de implantá-lo mundialmente.

Em suma, qualquer desvio em relação à “verdade oficial” é condenado como nazismo, uma maldição que ninguém pode enfrentar sem correr riscos, razão pela qual cada um deve impor a si mesmo a “autocensura de opinião”.

Mas, como os nacionalismos não se resignam a morrer por completo no mar da globalização, nem as sociedades a abrir mão para sempre de seu anseio por melhoria, esses dois impulsos são um Fantasma que incomoda o Governo Mundial, como se fosse o espírito que Hitler disse que se levantaria de seu túmulo e mostraria que ele tinha razão.

Biografias e filmes ainda não bastam para conjurar essa aparição.

De algum modo, isso a ajuda a permanecer viva.

Leituras Adicionais[105]

✠ - O Regime Nacional Socialista e a Igreja Católica - Federico Rivanera Carlés

✠ - Hitler e A Igreja - Mello Mourão

✠ - A Igreja Católica No “ Mein Kampf”, De Hitler - L. H. Lehman

✠ - Fatos e Mentiras Sobre Hitler - Franz Eher Nachfolger

✠ - As Falsas Lendas do “avô judeu” de Adolf Hitler - Carolyn Yeager

✠ - Desmistificando o Esoterismo no Nacional Socialismo

✠ - Hitler Era Católico? - Australian Christian Fascist

105 Todos esse livros estão disponíveis em: https://archive.org/details/@libro_mochestto

Bibliografia

El Tercer Reich.- Michael Burleigh.
Al Otro Lado de la Colina. (Los Grales. Alemanes Hablan).- Liddell Hart.
Hitler y el Universo Hitleriano.- Marlis Steinert.
Hitler.- Walter Görlitz.
Adolfo Hitler.- August Kubizek.
Hitler.- Ian Kershaw.
La Guerra de Hitler.- David Irving.
Adolf Hitler.- Hans Bernd Gisevius.
Auge y Caída del III Reich.- William L. Shirer.
El Tercer Reich.- H. S. Hegner.
Hitler.- Werner Maser.
Hitler.- E. Czech Jochberg.
Hitler.- León Degrelle.
Por qué Perdí la Guerra.- Saint Paulien.
Mi Lucha.- Adolf Hitler.
Socialismo Nacional.- Cesare Santoro
La Guerra Desconocida.- Cor. Otto Skorzeny.
El Estado Mayor Alemán.- Walter Goerlitz.
Memorias.- Hjalmar Schacht.
Operación Barbarroja.- Paul Carell.
Servicio Secreto.- Reinhard Gehlen.
Memorias.- Albert Speer.
Los Crímenes de los "Buenos".- Joaquín Bochaca.
Los Anglo-americanos y la Expulsión de los Alemanes.- Alfred M. Zayas.
El Cuarto Piso.- Earl E. T. Smith.
Victorias Frustradas.- Marechal Erich von Manstein.
Memorias.- Marechal Erwin Rommel.
Hitler no se Equivocó.- F. H. Hinsley.
El Dinero.- John Kenneth Galbraith.
Razón de Estado.- Friedrich Meinecke.
Diario.- Joseph Goebbels.

El Servicio Secreto Soviético.- E. H. Cookridge.
Alemania Despierta.- NSDAP. (Partido Nacional-Socialista)
El Judío en el Misterio de la Historia.- Padre Meinvielle.
Batallas Cruciales de la II Guerra Mundial.- S. Westphal e 6 comandantes.
Stalingrado.- Joachim Wieder.
Lluvia de Fuego Sobre Alemania.- Hans Rumpf.
Resistencia Contra Hitler.- Governo Federal Alemão.
La Oposición Bajo Hitler.- Fabián von Schlabrendorff.
Vendidos y Traicionados.- Lothar van Greelen.
Conversaciones Militares de Hitler. (Atas reunidas por H. Heiber).
En el Cuartel General de Hitler.- Walter Warlimont.
Reflexiones Sobre la II Guerra Mundial.- Marechal Albert Kesselring.
La Brutal Amistad.- F. W. Deakin.
El Suicidio de Europa.- Príncipe Michel Sturdza.
La Guerra se Ganó en Suiza.- Pierre Accoce e Pierre Quet.
Canaris.- André Brissaud.
La Campaña de Rusia.- Alan Clark.
Los Conspiradores.- Geoffrey Bailey.
Dora Informa.- Sándor Radó.
Las Armas Secretas Alemanas.- David Irving.
Juventud Hitleriana.- Edições Nothung. (Sete autores).
Lucha de Guerrillas.- General Dothar Rendulic.
Judíos y Cristianos.- Félix Vernet.
El Estado Mayor Alemán Visto por Halder.- Peter Bor.
La Defensa de Europa.- Liddell Hart.
El Tiempo de Stalin.- Anton Antonov-Ovseyenko
Estadístas y Diplomáticos con Hitler. (Entrevistas 1939-1941) Andreas Hillgruber.- (Atas).
Memorias.- Winston Churchill.
La Victoria en Europa.- Gen. George C. Marshall.
Entre Hitler y Stalin.- Dr. Peter Kleist.
La Ciencia Alemana Durante la II Guerra Mundial.
Italia Fuera de Combate.- Ismael Herraiz.

El Crimen de Nuremberg.- J. P. Veale.
Flash Point, Noche de Cristal.- Ingrid Weckert.
Los Sobrevivientes de Nuremberg.- Michel C. Vercel.
La Cara Oculta de la Historia Moderna.- Jean Lombard.
Hitler Estratega.- Jorge Mota.
Berlín a Vida o Muerte.- Miguel Esquerra.
Documentos Silenciados.- Erich Kern.
Encíclica Mit Brennender Sorge.- Pío XI. (Sobre o nacional-socialismo).
Divini Redemptoris.- ***El Comunismo Ateo.***- Pío XI.
Recuerdos de un Soldado.- General Heinz Guderian.
Guerra.- Mauricio Carlavilla.
Ayer y Mañana.- Dr. Gustavo Le Bon.
Medicina Psicosomática.- Dr. Franz Alexander.
Yo fui Piloto de Hitler.- Hans Baur.
Armas Secretas. Luftwaffe.- Dieter Herwig e Heinz Rode.
Discursos y Proclamas de Hitler.- De 1933 a 1945.